MEDITAÇÕES.

MEDITAÇÕES

PELO BACHAREL

FREDERICO JOSÉ CORRÊA.

MARANHÃO.

TYP. COMMERCIAL DE RAMOS D'ALMEIDA & C.ª

1874.

V
199.81
C824
M
1874

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 4727.
de ano de 1945

Esta obra comecei-a eu sem pôr-lhe titulo, e sem intenção de a publicar. Erão paginas soltas em que eu confiava ao papel os pensamentos que me vinhão sobre certos assumptos, muitas vezes contrariando ideias que me parecião erroneas e perniciosas, apezar de correrem mundo como boas e filhas das luzes do seculo.

Depois, ellas se forão multiplicando, até que por fim formavão um bom volume, e foi então que resolvi publica-las com o titulo de Meditações.

Bem sei o numero de contradictores e inimigos que vou contra mim levantar, porque desde menino de latim que conheço o apophthegma de Terencio; mas isto me não dissuade de dizer o que realmente sinto, sem a minima attenção á quem a minha rustica franqueza possa agradar ou desagradar. Entre tantos juizes suspeitos e apaixonados, tambem conto que os hei de ter generosos e rectos; e acostumado aos revezes da fortuna, não me pungem, á desesperar, as settas hervadas do mal querer dos homens.

Cordialmente pezaroso de ver o progresso

assustador que tem feito os vicios em um paiz tão novo como este, e a profunda corrupção que nelle lavra, não esteve em mim o deixar de tratar desta materia com aquella severidade que convinha, para preparar o correctivo, ja que não é possivel conseguil-o de prompto.

Comtudo, a ninguem expuz no pelourinho, indicando-o por seu nome e nem usando de allusões que o fizessem de todos conhecido: mas, se apezar disto, alguem se quizer dar por offendido, em razão de pertencer á esta ou aquella classe, á este ou aquelle partido, á esta ou aquella corporação, sobre os quaes recahisse a minha censura, previno-me em protestar contra semelhante injustiça, não pelo temor da represalia, mas unicamente para não incorrer na pecha de injusto e petulante, sendo a justiça e o respeito ás virtudes alheias sentimentos que muito prezo.

Não ha duvida que a invasão administrativa tem perturbado a harmonia dos poderes politicos, e não só perturbado a harmonia, como cerceado a liberdade dos outros; e por tal forma influe no desarranjo do machinismo constitucional, que tudo disto se resente, o individuo, a familia, o funccionario e o cidadão.

Certo é porem que deste diluvio moral conservão-se salvos muitos Noés.

Seria pois manifesta injustiça attribuir-se-me o pensamento de involver a todos, sem ter em conta a integros e honestissimos caracteres que fazem excepção á regra geral.

Assim, fallando eu dos dous partidos politicos, conservador e liberal, a ambos culpo e faço responsaveis pelo presente estado de cousas; mas isto sem quebra do grande respeito que tributo aos venerandos vultos d' um e d' outro lado; e tal é comtudo a minha imparcialidade, que, tendo eu pertencido á politica conservadora, é a respeito della que me mostro mais rigoroso, porque é a que mais tem empregado a corrupção para dominar, depois do nefasto gabinete de 16 de Julho.

E pelo que respeita ao novo partido republicano, ninguem me tenha por adverso á elle, que em verdade o não sou; pois, se duvido da probidade de muitos que se dizem republicanos, notorios factos á isso me autorizão; sem todavia d' aqui poder-se concluir que os não haja sinceros e respeitaveis, talvez mesmo em maior numero do que se pensa.

A manifestação formal deste partido, em uma epocha calamitosa, em que todos sentem a necessidade de grandes reformas, nada tem de extraordinario, e é antes muito natural, da parte daquelles que de boa fé se persuadem ser a monarchia a causa efficiente do desequilibrio e falseamento em que vivemos.

No que não estou de accôrdo com elles é neste ponto cardeal, e mais em crer que a republica tenha por si só a virtude de regenerar-nos, estando nós tão intimamente estragados! e sendo a moralidade dos povos a base indispensavel para a sua ventura e bom governo.

E que esta condição tanto se pode obter com a forma republicana como com a monarchica é cousa facil de provar-se com exemplos da actualidade.

D'aqui se pode concluir que nem sou exclusivamente monarchista, nem exclusivamente republicano, e que sou tanto uma como outra cousa, uma vez que o povo tenha a necessaria moralidade, para respeitar as suas instituições, a inviolavel autoridade das leis, os reciprocos direitos uns dos outros, e para que cada um se contente com o que é e licitamente pode ser; de modo que se obtenha a realidade pratica das theorias liberaes.

O meu partido é hoje o de todos os homens de bem, que sinceramente desejão a regeneração do paiz. Com elles estou prompto á fazer causa commum contra esses egoistas sem entranhas que tudo sacrificão á sua miseravel ambição, e cujo unico patriotismo consiste em prolongar o seu ominoso dominio por todos os meios de corrupção.

Á estes não se lhes dá que a patria gema, comtanto que elles folguem, porque não conhecem outra individualidade que não seja o seu Eu.

Ninguem veja no que digo calculos de ambição nem desabafo de resentimentos.

Na minha idade, flagellado de molestias, e tendo passado por todos os desenganos, a unica ambição que tenho é a de viver mais alguns annos, por amor de entes que me são caros.

Resentimentos tambem os não tenho, porque, da minha má fortuna, de ninguem teria que queixar-me senão de mim; e á trôco da minha independencia, dou-me por quite de tudo quanto me poderia vir da improbidade e da baixeza.

Relevem-me por fim os leitores, se, quando trato dos males da patria, uso de uma linguagem energica e frisante, porque só ella corresponde á indignação que suscita a enormidade de tantas culpas; e eu não posso adoçar os labios, quando soffre o coração.

MEDITAÇÃO I.

A supposta providencia que rege o mundo physico reduz-se á leis naturaes da materia, cuja existencia necessaria está mais ao alcance da nossa comprehensão do que um ser sem principio nem fim, existindo por si mesmo e tudo podendo, menos deixar de ser o que elle é e crear outro igual á elle: restricções contradictorias e incompativeis com a sua absoluta omnipotencia.

A supposição de uma causa primaria, universal, á cujo poder e vontade tudo se attribua, conduz o homem á um labyrintho inextricavel, d' onde elle não pode desenredar-se, por mais sahidas que lhe busque. Os absurdos se accumulão, as questões se complicão, por tal forma, que, ou elle ha de renunciar a essa causa primaria, ou abdicar a sua propria razão e intelligencia, até cahir na pequice, que é a melhor solução que achão os fracos e tolos á tudo quanto os embaraça ou contraria.

D' aqui nasceo a impostura religiosa ou a au-

dacia com que os padres inventarão o peccado original, para justificarem os males da vida, a vida futura, o ceo e o inferno e as prescripções absurdas que elles converterão em preceitos divinos.

Ao que é que se chama providencia na ordem physica? a certas leis immutaveis, conservadoras e eternas, que se observão na natureza? Essas são tão fataes e necessarias como a mesma materia, d'onde procedem. O nada é um estado negativo, que ninguem concebe; e portanto força é concluir a existencia necessaria de tudo quanto existe.

Outro absurdo tambem é o chaos, isto é, essa confusão desordenada em que tudo existia antes da creaçao; confusão opposta á força activa e conservadora da materia, sem o que nada poderia existir.

A materia, necessaria, não podia deixar de ter todas as propriedades que se lhe conhecem, como, a extensão, a divisibilidade, a inercia, a attracção, o movimento, o calor, a elasticidade, a electricidade etc.. Estas propriedades naturaes necessariamente havião de ter a sua acção e produzir certos e determinados effeitos, que, por isso mesmo que são fataes, não podem deixar de ser immutaveis e eternamente os mesmos.

Nesta constante operação, as causas produzem mil effeitos e os effeitos outras tantas mil causas; e assim infinitamente. São estas leis a que chamão providencia, em razão do seu caracter conservador e regulador, porque as at-

tribuem ao pensamento e vontade de Deos, supposta causa originaria de tudo, quando, em verdade, não são ellas mais do que o resultado fatal de causas necessarias.

Estas leis podem variar, mas não ser transtornadas na sua constituição normal. A causa A, por exemplo, obrando independente de outra, produz necessaria e infallivelmente o effeito B; mas, se nesta operação influir tambem a causa C, o resultado, em vez de B, será D. Todas as vezes porem que isso acontecer, isto é, que a causa A obrar por si só, sem o concurso de outra, e que as causas A e C obrarem combinadas, os resultados serão sempre B e D, tão justos e conformes, como as horas marcadas pela sombra diurna.

Um som produzido nesta parte occasiona um echo admiravel; mas este bellissimo effeito desapparece, partindo o mesmo som da parte opposta.

A explosão de uma arma de fogo, nas alturas do Monte Branco, produz um fragor medonho, que faz desabar montanhas de gelo.

Para quem soubesse como estas leis se fazem em sua origem, como ellas se filião, se combinão e operão, desapparecerião todos os phenomenos e maravilhas, porque tudo se explicaria tão naturalmente, como a mais simples verdade especulativa.

Assim, se poderia dar a razão de todos os milagres e de todas as cousas impropriamente chamadas sobrenaturaes, porque cousa al-

guma é superior á natureza e nada se pode fazer contrario á ella. Muitas cousas que d'antes parecião milagrosas são hoje factos naturaes muito conhecidos; e salvo a credulidade, filha da ignorancia, ninguem mais hoje acredita em milagres, porque elles se oppõem á necessidade e efficiencia das leis naturaes, unico poder real que conhece a razão.

Na fatalidade e immutabilidade destas leis é que está o poder regulador e conservador que se observa na ordem do mundo, porque as cousas dão-se como justamente devêrão dar-se, sendo ellas o effeito de causas necessarias; d'onde resulta essa harmonia constante a que chamão providencia divina.

Deste modo se explicão concludentemente as mudanças que se notão na natureza e que accidentalmente perturbão a ordem natural, como quando, as estações se alterão, o frio e o calor se tornão intensos, os ventos deixão de soprar regularmente e em tempo etc.: o que de ordinario acontece com a apparição de algum cometa no systema da terra, porque a enormidade do seu tamanho e a estupenda rapidez da sua marcha não podem deixar de alterar as condições normaes do nosso globo.

Se as cousas fossem reguladas por uma causa externa e intelligente, cujo poder e sabedoria não tivessem limites, estas desordens e perturbações se não poderião dar, senão por indifferença ou descuido da mesma causa; o que destruiria a sua vigilancia e providencia.

Logo que lhe não fosse possivel preveni-las e evita-las, a sua omnipotencia se desmentiria, e ella teria de ceder á alguma cousa superior á sua vontade.

Quem sensatamente poderá acreditar que os desarranjos e males causados pela perturbação da ordem natural, como, a peste, a fome, as pragas e outras calamidades, fossem julgados necessarios por Deos na obra da creação? De tal força é este argumento, que só se lhe responde com a ridicula fabula do peccado original, que é completamente refutada pelo argumento da presciencia.

Constituido o mundo como elle é, inevitavel é tudo quanto nelle occorre, por ser esta a consequencia forçosa das leis que o regem, tanto na ordem physica, como na moral. A evaporação constante das materias inflammadas no centro da terra necessariamente havia de produzir os terramotos e os volcões; a irregularidade das estações havia de produzir os temporaes, as sêccas e as inundações; e o homem, considerado na sua natureza, necessariamente havia de soffrer a dor physica e moral; havia de carecer do trabalho para viver e gozar, e por fim havia de pagar o seu tributo á morte. Fora disto, tudo é erro e impostura.

Á nós não nos cumpre examinar esta questão senão com relação ao globo que habitamos, e não ao todo do universo, á cada uma de cujas partes podem por ventura ser applicaveis as mesmas leis. A impossibilidade do

nada e do chaos não admittia outra hypothese senão a de ser o espaço occupado e povoado por corpos dotados de qualidades necessarias para proverem a sua propria e reciproca conservação, sem o que elles não existirião.

O movimento da materia, sobre ser uma consequencia da sua actividade, é tambem outra lei conservadora e providencial, nascida da necessidade da mesma materia. Era impossivel que, contendo esta em si propriedades activas, como o calor, a atracção, a elasticidade e a electricidade, deixasse de manifesta-las pela sua acção principal, que é o movimento. Tirassem á terra o seu movimento de rotação, que ella se não equilibraria no espaço, e isto mesmo aconteceria, se lhe diminuissem um terço da rapidez com que ella gyra. O movimento é a vida da materia inorganica, assim como a circulação a de todos os seres animados.

Dada a existencia necessaria da materia, com todas as suas propriedades e infinitas combinações, a creação é outra lei tão natural e necessaria, como a actividade e o movimento. A necessidade da materia inorganica ja em si é o principal facto da creação; e sendo ella dotada de qualidades geradoras, como são todas as propriedades activas, a geração dos seres organicos vem á ser o facto secundario na ordem da mesma creação.

A prova disto collige-a todos os dias o observador, no estudo da natureza.

A historia da creação, referida pelo Genesis,

é tão contraria á razão e á verdade, quanto fôra absurdo que Deos, creando o universo, tivesse por principal fim o homem, miseravel incola deste pequeno globo, e que para elle creasse tudo o mais; de modo que, entre tantos milhões de corpos que occupão o espaço, só este merecesse ser habitado por um ente privilegiado, para cuja felicidade e bem estar Deos fizesse accessorios da têrra, o sol, a lua, as estrellas, os cometas e tudo quanto possa cogitar a nossa pueril vaidade: o que bem revela a obra e invenção do homem.

E como poderia a vontade creadora de Deos deter-se por tanto tempo, antes d'elle crear o mundo? Pois Deos, eterno, levou á resolver a creação até cerca de seis mil annos á esta parte? Isto é manifestamente absurdo e até paradoxal, porque não é possivel admittir-se que um ser eterno e omnipotente deixasse de ser essencial e eternamente creador.

Prescindo de contestar a historia da creação com os dados que hoje offerece a geologia. É com argumentos de outra ordem e que estão ao alcance de todos que me proponho á provar que é a propria materia a causa necessaria de todas os seres creados.

Se a creação fosse a obra de uma causa primaria intelligente, todos os habitantes do globo gozarião das mesmas vantagens naturaes, e não serião uns mais beneficiados do que outros, porque o contrario accusaria desigualdade no amor de Deos para com o homem. En-

tretanto, a desigualdade de condição existe, comparando-se a escassez e incommodos dos paizes frios e gelidos com a opulencia e commodos dos paizes quentes e temperados; mas, como fôra absurdo attribuir este facto á essa causa primaria-intelligente, segue-se ser elle a consequencia necessaria de causas puramente materiaes, e estas são o maior ou menor grao de calor e humidade.

Não é preciso sabedoria para que cada um possa convencer-se, pela simples observação, de que, o fogo, elemento primitivo do periodo cosmico, a agua e o ar, forão e são os tres grandes e principaes agentes da creação, assim como o calor e a humidade as causas da geração.

Tal é a conclusão que nos offerece a constante e inesgotavel proficiencia das regiões equatoriaes. Ao passo que, ainda nos paizes temperados, o reino animal e vegetal é todo conhecido e classificado, por isso que ja ahi elle é pobre e escasso, nem todos os naturalistas do mundo, quando outra cousa não fizessem, serião capazes de dar conta da infinita e prodigiosa variedade de generos e especies que naquelles dous reinos offerece o norte do Brasil, onde, quer o queira quer não, o homem necessariamente ha de convencer-se de que a terra tem em si a capacidade creadora; tão grande é a evidencia da espontaneidade da natureza!

Neste paiz incomparavel, o homem nasce e morre, vendo todos os dias productos desconhecidos; e por mais que queira familiarizar-se

com o espectaculo destas novidades, não pode consegui-lo, em vista de tão repetidos e admiraveis factos!

Em duas epochas vi eu apparecerem no mesmo lugar duas especies d'aves, inteiramente desconhecidas, que, nem antes, nem depois, mais ahi se virão; o que destroe a hypothese de serem ellas de arribação.

Outra vez, apparecerão no mesmo lugar umas borboletas, tambem desconhecidas, que tornarão-se uma verdadeira praga, tanto pela sua espantosa quantidade, como porque as suas escamas inflammavão e produzião uma comichão insupportavel; de sorte que foi preciso empregar o recurso das fogueiras, aonde ellas á noite ião cahir aos bandos e aos milhares.

Basta que as chuvas sejão interc aladas de soes ardentes, para desinvolver-se nas searas uma praga de lagartas e de insectos que devorão as plantas.

As aguas, depositadas, corrompem-se facilmente, e dellas origina-se uma alluvião de insectos importunos que muito incommodão a gente.

Finalmente, neste paiz de prodigios, tenho visto quebrarem-se pedras e paos e acharem-se no ôco do amago animaes vivos, de especies conhecidas, como, sapos e outros reptis, sem que se possa saber como elles ahi forão gerados nem creados.

Quando eu era menino, só se conhecião tres especies de rosas, a chamada de Alexandria,

a franceza e a ingleza; mas hoje são tantas as especies diversas, que se contão por centenas.

Ora, não sendo possivel harmonisar-se a producção destas novas especies com a creação primaria e universal, attribuida á Deos, porque o seu illimitado poder e infinita sabedoria excluem a hypothese de uma obra incompleta, que carecesse de ser ampliada e modificada, e não sendo tambem possivel explicar-se a existencia daquelles seres onde não podião ser gerados pela especie, inevitavel é concluir-se que todos estes factos pertencem á ordem da creação geral e são a consequencia necessaria de causas fataes e permanentes, verdadeiras potencias naturaes, que operão com a mesma cegueira com que funcciona a peça de uma machina, por isso que nellas não ha intelligencia nem vontade, e são portanto forçosas e infalliveis.

É assim que se pode explicar a creação de tantos animaes damninhos, importunos e peçonhentos, que, sem serem de utilidade alguma, só servem para tornar a vida mais incommoda e penosa. Só no genero de insectos e animalculos picantes e sanguinarios ha nos paizes quentes tão grande quantidade de especies, que espanta. Parece que ahi a força creadora da materia sobretudo se ostenta na producção desses seres caprichosos.

Os maniacos da providencia, partindo de um principio arbitrario e opposto á evidencia dos factos, á saber, que Deos nada creou inutil e

sem causa, ainda nisto achão a prova da munificencia divina. E assim nada ha que se não explique de um modo favoravel á sua mania.

Mas o philosopho, que investiga as cousas como ellas realmente se lhe offerecem á razão, recusa estes argumentos como contrarios á mesma razão, e discorre diversamente.

Se esses animaes fossem necessarios á ordem do mundo e destinados á prestarem alguma utilidade ao homem, tanto os haveria, na mesma quantidade, n' uma zona, como n' outra; mas entretanto ja na zona temperada elles são raros e escassos.

Desses mesmos que havia ja a culta e povoada Europa tem quasi conseguido libertar-se, diminuindo-lhes consideravelmente as especies e o numero. No Reino-Unido, por exemplo, ja não ha mais lobos nem raposas. Os leões e as hydras desapparecerão. E nem por isso elles fizerão falta alguma aos habitantes desse continente. Eis pois a obra do homem destruindo o plano do Creador, sem que d'ahi resultasse senão bem ao mesmo homem.

Passo agora á outra ordem de considerações, que confirmão a philosophia exposta.

É facto incontroverso que os seres que hoje povoão a terra e que se referem ao periodo historico não são os mesmos que os do periodo geologico. Os deste periodo, cujas ossadas e esqueletos tem sido achados, em estado de fosseis, nas diversas camadas terrosas do globo, forão, pode-se dizer que o esbo-

ço dos que hoje existem; d'onde se conclue que elles se forão successivamente aperfeiçoando, até chegarem ao estado em que hoje se conhecem. Assim, o elephante é o descendente aperfeiçoado do dinotherium, do mastodonte, do mammouth ou behemoth; o crocodilo e o jacaré do ichthyosauro e do plesiosauro, o genero vespertilio do pterodactylo etc..

Chame-se a isto aperfeiçoamento ou variedade, pouco importa.

No primeiro caso, haveria reproducção e successão das especies; no segundo caso, extincção de umas e creação de outras. Mas a primeira hypothese accusaria a creação de imperfeita, e a segunda de uma acção constante e variavel; e ambas ellas a imperfeição do seu autor; o que exclue a existencia de uma causa primaria, absoluta e omnipotente.

Todas estas difficuldades porem desapparecem, attribuindo-se tudo á causas fataes e necessarias, que obrão ás cegas, sem intelligencia nem vontade.

Para outro estudo deixo o tratar por fim do pensamento e do senso moral, que distinguem o homem de todos os seres creados, e são por ventura o mais formidavel argumento dos espiritualistas.

MEDITAÇÃO II.

A intelligencia é uma funcção tão essencial á vida animal, como o senso moral o é á razão e a razão á mesma intelligencia. Logo pois que a materia, por força das suas propriedades activas, podesse crear a vida animal, de necessidade havia de se manifestar nella a intelligencia, mais ou menos perfectivel, conforme a organisação e o temperamento do individuo.

É isto o que prova a intelligencia imperfeita dos irracionaes, a que se chama instincto, e a intelligencia perfectivel da raça humana, a que se chama razão.

Se esta faculdade fosse a obra de uma causa intelligente, e tivesse, no homem, de preencher outros fins que não fosse prover simplesmente as necessidades da vida, ella seria igual em todos. Mas, alem de não ser isto assim, como se observa de raça á raça e de individuo á individuo, esta mesma desigualdade é aggravada pela fallencia total daquella facul-

dade em uns, como nos idiotas, nos mentecaptos e sandeus; pelo desarranjo em outros, como nos doudos, e pelo infraquecimento em outros, como nos caducos e decrepitos.

Vida sem intelligencia, que determine a vontade e os actos do individuo, é cousa que não concebo. Se esta qualidade, essencial ao homem, tivesse a origem que se lhe attribue e fosse um dom espiritual, nem estaria sugeita á aquellas vicissitudes, nem dependeria dos sentidos para manifestar-se e aperfeiçoar-se, e ainda menos do temperamento de cada um. Seria antes um dom absoluto e independente, que nada fosse capaz de alterar nem de modificar.

Se me perguntarem como é que pôde a materia, pela combinação das suas propriedades, produzir um ser intelligente, respondo que o ignoro, assim como tambem ignoro como ella produz uma planta e uma madrepora; mas esta minha ignorancia não justifica que eu deixe o positivo e o real, que até certo ponto concebo, para ir cahir no phantastico e imaginario, que eu de todo não comprehendo e que me leva ao absurdo.

As transformações por que passão certos animaes, para chegarem á sua constituição definitiva, como as rans e os insectos, denotão falta de intelligencia e de poder illimitado da causa creadora, pois que carece de uma complicada metamorphose, para chegar ao seu fim.

Se fosse possivel sorprender a natureza

no mesmo ponto em que a natureza bruta começasse á animar-se, e conhecer por que meios ella procede nesta operação maravilhosa, descobrir-se-ia o segredo da creação, e o homem gritaria—Eureka!

Entretanto, o que se pode saber e o que todos sabem é que o homem procede immediatamente da materia bruta, pela lei fatal da successão, como procedem todos os seres organicos. Ir alem disto é fazer o papel de um sonhador ou d'um rustico, que, não podendo comprehender as cousas, resolve a difficuldade, attribuindo-as á agentes sobrenaturaes.

A razão, de que os metaphysicos querem fazer uma faculdade especial e um attributo exclusivamente d'alma, não é mais do que a mesma intelligencia aperfeiçoada pelo uso dos sentidos e pelo habito de pensar. Todas as outras faculdades intellectuaes estão para ella como os raios devergentes para o foco luminoso; são applicações diversas da mesma potencia. Nella se comprehendem todas as faculdades, preceptivas, representativas e modificativas, em que se divide a faculdade mãi, segundo o fim á que é applicada. O homem que nascesse privado de todos os sentidos em tempo algum seria capaz de formar uma só ideia, porque não haveria nelle percepção externa nem interna, e tudo se reduziria á vida organica.

Razão pura ou intuitiva, faculdade supposta, á que se attribue a noção de certas verda-

des, ditas, necessarias, universaes e absolutas, é um puro devaneio da philosophia idealista.

Quaesquer que sejão as nossas ideias, necessarias ou contingentes, simplices ou compostas, abstractas ou concretas, individuaes ou geraes, todas ellas nos vêm do conhecimento experimental das cousas.

E se o homem é essencialmente dotado da faculdade de pensar, necessariamente havia de sentir o que nelle se passa e poder julgar do bem e do mal; sem o que a vida se limitaria á sensações physicas, ou, por outra, á passividade corporal, sem a actividade mental; o que seria o mesmo que excluir a intelligencia e a razão do nosso organismo.

Se no senso moral houvesse uma lei conservadora, obra de uma causa intelligente, que assim o disposesse, para praticarmos o bem e abstermo-nos do mal, ella seria um dom absoluto e invariavel, em todos os homens e em todos os tempos; e assim não aconteceria que a moral dos povos fosse tão diversa e contraria, e que, debaixo das mesmissimas condições, de tempo, de raça, de nacionalidade, de usos e costumes, uns achem bom e justo aquillo que outros achão mao e injusto.

Isto prova que não ha noção fixa do que seja obrigação moral; e se os juizos varião na apreciação do bem e do mal, não pode haver na consciencia sancção ou penalidade para a transgressão de um dever cujo sentimento não

é absoluto, e alem disto depende da crença em Deos e na vida futura.

Philippe II e Catherina de Medicis julgão praticar uma acção boa e agradavel á Deos em serem intolerantes, ferozes e sanguinarios, com todos os que professão o judaismo, o mahometismo e a religião reformada. Mouravieff julga cumprir um dever para com a patria e o seu soberano em ser o algoz dos infelizes Polacos. Marco Aurelio tambem se julga obrigado á perseguir os christãos. O patrio poder, entre os Romanos, foi á principio tão barbaro, que elles podião castigar os filhos impunemente, até mata-los, bem como vende-los; e com os escravos exercião elles descricionariamente o direito de vida e de morte, á ponto que, se um escravo tentava contra a vida do senhor, todos os outros do mesmo dono erão condemnados á morte, embora innocentes. As nações europeas que colonisarão a America introduzirão nella a escravidão, que ainda hoje dura no Brasil. O brutal Gaucho argentino, ao voltar das suas excursões, assassina de sangue frio, o pai, o filho ou o irmão, que forão gravemente feridos, julgando com isto praticar um acto de piedade e caridade.

Em vista destes factos, que adduzo para exemplo, pergunto eu, onde está aqui o verdadeiro conhecimento do bem e do mal, onde a efficacia da consciencia moral e onde o remorso? O que vem á ser um dom, absoluto ou impessoal, que falha em tão grande escala e de

um modo tão assignaladamente contrario aos seus fins?

Eis como razoavelmente se pode explicar a creação no seu todo e em cada uma de suas partes, sem cahir no absurdo aonde vão parar os espiritualistas, attribuindo as cousas á um ser eterno e intelligente, de cujo começo, modo de existir, e tudo obrar pelo seu simples querer a mais sublime intelligencia não é capaz de fazer a minima ideia; e cujos attributos são incompativeis e inconciliaveis, taes como, a sua existencia necessaria com a sua omnipotencia, e a sua omnipotencia com a limitação da liberdade moral, porque, em verdade, não se pode conceber como um ente summamente perfeito e essencialmente bom possa ter a liberdade de opção entre o bem e o mal, sendo elle o mesmo bem por excellencia e, como tal, o principio de todo o bem.

Demais, quem pode em consciencia acreditar que, sendo Deos omnipotente e necessariamente bom, e tendo em mente fazer a felicidade do homem, fizesse-o moralmente tão imperfeito e physicamente tão miseravel ? Que importa que, para illudir esta triste verdade, venha a impostura theocratica dizer-nos que não é nesta vida transitoria, onde tudo é precario, que o homem deve buscar o seu destino e felicidade, mas sim na vida futura e eterna, promettida á alma? Quem não vê nisto uma solução contraria ao que nos dicta a razão e a consciencia? Pois Deos, omnipotente, carece

de meios indirectos para fazer o nosso bem, de modo que o homem só na outra vida possa alcançar a ventura desejada, depois de ter aqui soffrido por tempo indeterminado males inauditos? E, ainda obtida a felicidade futura, quem o livra da terrivel realidade do passado?

Falla-se muito da sabedoria divina e da perfeição de suas obras; mas a ideia de perfeição presuppõe o conhecimento absoluto della, e ao conhecimento absoluto de uma cousa só se pode chegar pelo exame comparativo della com outras. Portanto, para que o homem possa convencer-se da perfeição das obras da natureza, fôra preciso que elle conhecesse, o menos perfeito, o mais perfeito e o summamente perfeito; e por onde chegar á este resultado, se elle, alem do mundo objectivo, nada mais conhece pelos sentidos, origem de todo o seu saber e de todas as suas ideias? Tambem o selvagem admira a perfeição da sua industria, porque, fóra della, nada conhece mais perfeito.

Ha certamente muito que admirar nas obras da creação, mas todo este engenho é o resultado fatal da materia conservadora e reguladora, reproduzindo-se conforme a combinação primitiva de suas propriedades; e tanto não ha nisto uma providencia intelligente, que, apezar dessa perfeição tão admirada, notão-se naquellas obras defeitos e imperfeições, que muito as deprecião.

Que sanguinolento espectaculo não offerece,

por exemplo, o reino animal, cujos seres carecem, para viver, de se andarem devorando uns aos outros! Pois é possivel que Deos, summamente bom, se aprazesse em crear seres sensiveis, para elles se victimarem atrozmente?

Uns nascem cegos, outros surdos e mudos, outros idiotas, outros aleijados, outros verdadeiros monstros e abortos; e não se pode dizer que nestas aberrações da ordem natural ha cousa alguma que admirar, pois, ao contrario, o que dellas se deve concluir é que houve ahi fallencia e excepção á efficacia das leis naturaes, o que indica falta de uma causa primaria intelligente e providencial.

Que perfeição ha n'uma obra em que as desordens e calamidades são tão frequentes e destroem ás vezes em menos de uma hora o fructo e o progresso de tantas gerações, como acontece com os tremores de terra e as inundações?

E se physicamente se explica a existencia e a ordem das cousas, tambem moralmente ficão ellas explicadas, pelo mesmo mechanismo de causas e effeitos necessarios, com a unica differença que, na ordem physica, as causas operão directa e immediatamente, e na moral indirecta e mediatamente. Os successos e acontecimentos se achão fatal e eternamente encadeados, ainda que não predispostos. As revoluções sociaes operão-se todas por principios reguladores, e produzem, no seu genero, sempre os mesmos resultados, mais prom-

ptos ou mais lentos, conforme a maior ou menor actividade das causas determinantes.

Se o homem fosse mais intelligente e menos vaidoso, veria as cousas como ellas em verdade são; conformar-se-ia com o que é real e positivo, e não recorreria á fabula e ao absurdo, para attribuir á si uma origem tão excelsa e um fim tão magnifico.

Á principio, foi a bestial theogonia dos povos, gerada pela crassa ignorança e o temor; depois, foi o paganismo sensualista, e finalmente, as crenças hoje dominantes, entre as quaes se distingue o christianismo, de todas as religiões, inquestionavelmente a melhor, por sua excellente e incomparavel moral, sem embargo das abominações e horrores á que elle tem servido de causa, por mera culpa dos homens.

Ainda hoje a credulidade dos rusticos proclama magicos e feiticeiros aquelles á quem vêem fazer certas experiencias de physica e optica, á exemplo dos selvagens, que, vendo funccionar uma bella caixa de musica, suppõem-na uma cousa sobrenatural ou uma divindade, por isso que não comprehendem que esses sons deliciosos e essa agradavel harmonia possão ser o effeito de causas naturaes; assim como os Indios da America, que, quando ouvirão a explosão das armas de fogo, de que usavão os Europeos, e vião o seu mortifero effeito, atiravão-se ao chão, pedindo misericordia aos homens de fogo, que jogavão contra elles o trovão e a morte.

Esta rudez era nos primeiros tempos commum á todos, porque não havia sciencia adquirida; mas o homem foi pouco á pouco estudando a natureza e enthesourando o fructo de suas experiencias, até chegar ao presente estado de cousas.

Qualquer que seja a distancia que medeia ainda entre o sabido e o que está por saber, o certo é que, tanto mais avança a intelligencia, quanto mais recua a credulidade; e tempo virá talvez em que o homem se approxime tanto da verdade, que desapparecerá todo o mysterio, e ninguem fallará mais de sobrenatural nem de maravilhoso, porque tudo se explicará pela acção das leis naturaes.

Assim se desvanece o sentimento do maravilhoso, quando penetramos em um paiz desconhecido, á respeito do qual ouvimos contar patranhas e maravilhas; e o mesmo quando buscamos a origem de um grande rio. A' proporção que nos vamos avisinhando della, vai desapparecendo tudo quanto a imaginação sonhou e exagerou; até que por fim o gigante acaba em pygmeo. As solidões medonhas, povoadas de monstros nunca vistos, os abysmos sem fundo, os prodigios suppostos, tudo isto se desvanece; e o curioso que esperou ver todas estas cousas contenta-se por ultimo com a simples realidade, despida de todos os atavios da fabula.

Um dos mais vulgares argumentos dos espiritualistas sobre a existencia de Deos é a

ideia que delle tem todos os povos, ainda os mais rudes e incultos.

Primeiro que tudo, não é isto verdade, como se pode provar com o que se sabe dos Hunnos, dos Boschimans e d'outras tribus africanas; mas, ainda que assim fosse, basta o grao de intelligencia humana, que leva o homem ao raciocinio, para explicar naturalmente nelle a investigação da origem das cousas, e nesta investigação não podia elle deixar de ir parar na supposição de uma causa primaria, maravilhosa e superior á tudo. Esta inducção porem não importa o mesmo que o sentimento da Divindade.

Se este sentimento existisse, não só todos o terião, qualquer que fosse o estado de civilisação dos povos, como tambem não se faria de Deos uma ideia tão varia e opposta, como o inculca o modo diverso pelo qual os homens o representão e lhe rendem culto, alguns até por meios atrozes e infames.

A immortalidade da alma é outra ficção, contraria á tudo quanto razoavelmente se pode pensar.

Certamente, o que é que no homem revela essa obra privilegiada que elle se suppõe, para dizer-se o rei da creação e dotar-se com um espirito immortal, que ha de sobreviver ao corpo? A intelligencia, com que elle tanto se ufana? Não ha duvida que é um dom admiravel, que muito o distingue dos outros animaes. Entretanto, qual o proveito real, qual

o bem absoluto que d'ahi lhe resulta? Applicada ao conhecimento das cousas, ella só lhe permitte chegar ao limbo da sciencia; no sanctuario ninguem penetra; e o mais sabio, depois de ter consumido a vida em improbo estudo, retira-se della, dizendo comsigo, humilhado: *Felix qui potest causas cognoscere rerum!* Convertida em razão, á cada passo fraquea diante da paixão e da brutalidade.

Com effeito, é bem triste para o orgulhoso dominador da terra dizer: *Video meliora proboque, deteriora sequor.* Pois o possuidor deste dom da Divindade renuncia a elle, para nivelar-se com o bruto na sanha e na noxa?

Se é em razão da nobreza desta faculdade que se suppõe o homem destinado para fins mais elevados do que a triste vida terrena, logicamente se deve concluir que esta graça só elle a merece no estado civilisado, em que o desenvolvimento da sua intelligencia é o fructo da sciencia adquirida por seus pais; pois, considerado no estado primitivo, como permitte julga-lo o estado selvagem, pouco se distinguiria elle de um bruto; e assim haveria, ainda hoje, homens dignos da immortalidade e homens indignos della, como são, por exemplo, os indigenas da Nova Galles do Sul, bipede horrendo e monstruoso, que mais parece um orangotango do que um ser pertencente á especie humana.

O que revela a antropophagia, senão que o homem é naturalmente um animal carniceiro,

como o é a onça e o jacaré? E quem acredita que, se elle tivesse um fim espiritual, vivesse algum dia á laia dos brutos, como por tantos seculos viveo, antes de associar-se?

MEDITAÇÃO III.

Para quem quer a verdade e procura acha-la no estudo da geologia, a historia do homem é esta.

Em tres grandes periodos se divide a historia do mundo, o cosmico, o geologico e o historico. Os dous primeiros comprehendem um numero de seculos que se não pode calcular. O ultimo marca a epocha do apparecimento do homem, e delle data a historia da creação, geralmente crida e acceita, antes de vir a sciencia e a critica denuncia-la de falsa.

Que a terra, antes de ser habitada pelos seres que hoje a povoão, o foi successivamente por outros que de todo desapparecerão, cujos esqueletos tem sido em abundancia encontrados nos diversos terrenos que compõem a casca terrosa do globo, é cousa que hoje se não discute.

D'aqui se conclue que a natureza tem sido uma constante creação, e pelo que se observa desses esqueletos, que ella tende sempre á aperfeiçoar os seres, substituindo-os por ou-

tros mais perfeitos. Não ha cousa que mais se assemelhe do que o craneo de todos os animaes. Ver o d'um peixe, d'uma ave, d'um quadrupede e d'um homem, é ver a mesma obra na sua forma generica; o mais são modificações.

É d'aqui que procede a perfeita semelhança que se nota em certas physionomias humanas com as de certos animaes; e quando isto acontece, observa-se que os homens tem sempre as mesmas tendencias que os animaes com que se parecem.

Em vista de todos estes factos e observações, pode-se pois concluir, sem cahir no devaneio, que o homem não é mais do que um animal aperfeiçoado, que em sua origem foi talvez um ente da raça simia, apenas distincto pela perfectibilidade de sua intelligencia; assim como nos irracionaes existentes se notão uns mais intelligentes do que outros.

Este aperfeiçoamento operou-se com o tempo, de um modo mais ou menos notavel, conforme a influencia das causas locaes; assim como a mesma influencia opera a diversidade das raças.

Plinio dá como verdadeira a existencia de varias especies d'homens, verdadeiros monstros, que apoião esta conjectura, taes como, os Troglodytas, os Cynocephalos, os Blemyos, os Sciopodes, os Arimaspos, os Androginos, os Coromandos, os Himantopodes etc.: raças cujo desapparecimento é mais uma pro-

va de que o homem é na terra um ser transitorio, que á final ha de desapparecer, como desapparecerão outras especies, e nos nossos dias o dronte.

Tal é o ente cheio de si, que, por ser apenas um pouco mais intelligente do que os outros, diz que Deos o fez á sua imagem, que tem uma alma immortal, que, depois deste mundo, ha de ir viver eternamente no ceo, gozando prazeres e venturas sem fim (como se possa haver vida sem dor e prazer!), e finalmente que tudo mais quanto existe foi feito para elle!

E o que é a sciencia humana? Uma collecção de miseraveis observações e de preceitos, inçados de erros, que nada valem. Tudo são hypotheses e frioleiras; e o mais sabio não deixa de ser um grande ignorante. Os maiores philosophos tem dito sandices que fazem rir. Platão, por exemplo, imaginou ideias modelos, segundo as quaes o seu Demiurgo formou os seres, de parceria com a materia eterna, que nesta operação servio de materia prima. Leibnitz, os seus monades, atmos incorporeos ou forças simpleces, dotadas de movimento e sensibilidade, pelas quaes se pode chegar da materia bruta ao irracional e deste ao ser intelligente, que tem consciencia de si mesmo. Epicuro a forma convexa e o movimento obliquo dos atmos, para que elles se podessem agarrar uns aos outros. E assim, como estas, outras ficções ridiculas.

Considera-se o progresso social como o resultado da providencia, que dirige o espirito humano, não na sua acção individual, mas na sua acção collectiva. Assim, dizem que a guerra, consequencia necessaria de todas as revoluções politicas, apezar de produzir immediatamente damnosos effeitos, é, nada obstante, um grande elemento civilisador e uma das grandes leis que regulão o mundo moral. Mas eu não penso assim.

Ha no homem uma especie de servilismo, que consiste em tudo querer explicar por effeito da vontade e acção divina; e tal é a sua cegueira, que até cahe no absurdo de dizer que nada se faz no mundo sem a vontade de Deos; de modo que, julgando elle com isto magnificar o autor da natureza, o amesquinha á ponto de faze-lo o unico responsavel por tudo quanto se passa na ordem do mundo: reservando elle homem para si o papel de automato e instrumento passivo, apezar do livre arbitrio, de que se julga dotado, e da sua crença de penas e recompensas futuras.

O homem, dotado de uma intelligencia perfectivel, do desejo de ser feliz e do estimulo da gloria, tem em si mesmo todas as condições necessarias para progredir e vencer todos os obstaculos que se opponhão ao seu aperfeiçoamento. Se estes obstaculos são creados pelo mesmo homem, dá-se a luta social, d'onde nascem as revoluções politicas e a guerra. Quasi sempre, nestas lides, disputa-se a

primazia de uma ideia; e embora não poucas vezes se perca a causa julgada melhor, o triumpho della vem á ser depois certo, porque é a consequencia natural e necessaria dos principios que regulão a marcha do espirito humano.

E' por isto que aquelles dous factos sociaes, embora apparentemente maos e destruidores, produzem o bem em maior escala do que o mal que delles resulta: mal que aliás desapparece ao cabo de alguns annos, tambem por effeito da acção natural do homem, sem ser preciso recorrer-se ao soccorro e intervenção de um agente superior.

A guerra destroe e desorganiza; mas, como o homem carece de ordem para viver no estado normal, restabelecida a paz, necessariamente elle trata de restabelecer as condições estaveis da vida; e sempre o faz para melhor, porque tambem é isto da ordem das cousas.

A tremenda revolução de 1789 abalou fundamentalmente toda a Europa, até 1815. Á excepção da Grecia e da Turquia, não houve uma só nação naquelle continente aonde não chegasse o incendio da guerra, ateado pelo facho revolucionario. Á principio, foi o leão popular desenfreado contra os seus odiosos oppressores; depois, forão os reis do direito divino á quererem demolir a obra da soberania nacional, sustentada por um rei de facto, eleito e consagrado pelo voto livre da França.

De tão grande e porfiada lucta parece que

devêra resultar uma tal desordem, que tudo destruisse; e de feito, muito soffrerão na sua economia todos os paizes que nella tomarão parte. Entretanto, passados poucos annos, estava tudo restabelecido, e o espirito humano caminhava desassombrado na larga via que elle abrira ao seu melhoramento.

D' ahi para ca data a imprensa livre e o emprego dos dous grandes agentes, o vapor e a electricidade, que permittem andar-se mais hoje em dez annos do que d' antes em cem ou duzentos. Mas porque isto assim succedeo? Porque a guerra se fizera em nome da civilisação e da humanidade, e por ella operou-se a maior reforma social, depois do christianismo.

O contrario porem se observa nas guerras da barbaria contra a civilisação. Destruido o imperio romano pela invasão dos Barbaros do Norte, a Europa tornou á sua antiga rudez e grosseria; e nesse estado permaneceo, até que da civilisação desses mesmos Barbaros nascesse uma nova ordem de cousas. Mas, em quanto esta revolução se não operou, o espirito humano como que soffreo uma longa hybernação.

Eis aqui pois a supposta providencia nos destinos da humanidade, manifestada pelos effeitos da guerra, soffrendo uma excepção bem notavel: excepção que desapparece e toma o caracter de consequencia natural dos factos, segundo a ordem das cousas.

Vou agora apresentar alguns quadros da vida humana, em que o homem corre parelhas com o bruto mais desprezivel, feroz e sanguinario.

Aqui está uma maloca de selvagens, tão horrendos de si mesmos, que mette espanto vel-os. Esta feiura natural elles a aggravão com enormes rodellas que lhes pendem do labio inferior e das orelhas. São tão immundos, que até comem o proprio excremento. Ouvi-los fallar é ouvir grunhir a porcos.

Acabão de chegar de uma expedição á que estão affeitos; e como forão bem succedidos, fazem todo este barulho que se ouve, em demonstração de alegria. Alli estão uns poucos de cadaveres, uns frechados, outros com os craneos esmagados. São os tropheos de um ataque de sorpresa de outra tribu, só com o fim de buscarem pasto. Estes cadaveres vão todos ser devorados por semelhantes cannibaes, que os comem com tanta satisfação como se forão hyenas.

Estes miseraveis são os famosos Botocudos ou Aymorés, de cuja ferocidade e bruteza só pode fazer ideia quem os tiver visto. São tão intrataveis, que não tem sido possivel domestica-los, nem mesmo sendo pegados pequenos. Resistem aos attractivos da civilisação, como verdadeiros brutos, e por fim se matão.

Este quadro exactissimo é um protesto contra a verdade do que diz Chateaubriand: O tigre dilacera a sua presa e dorme; o homem assassina e vela.

Aqui estão outros selvagens, que habitão o medio e alto Purús, quasi todos elles antropophagos. Estes comem os pais e parentes, depois de mortos; aquelles comem os da propria tribu, que ja não tem parentes ou protectores; e para este regalo de Thyestes, primeiro os engordão, depois os matão e assão.

Estes dous quadros fazem descer o homem ainda abaixo do bruto. Nem o leão, nem o lobo, nem a onça, nem o urso, atacão o seu semelhante e o matão para comer.

Um Sarraceno precipita-se, de espada em punho, sobre um troço de Godos que, depois da derrota de Valente, apparecêra sob os muros de Constantinopla, e collando a boca ás goelas do inimigo, que elle matara, delicia-se em chupar-lhe o sangue, com geral espanto dos espectadores.

Conheci a um preso, condemnado por crime de morte, e cuja physionomia era igual á de um cão ou de um lobo, que, por insignificante motivo, talvez por simples prazer, assassinou a um dos seus companheiros, e fez com elle o mesmo que fez o Sarraceno com o Scandinavo.

Haverá cerca de quinze annos que uma moça assassinou a mãi, com quem morava, e cortando o cadaver em pedaços, enterrou-o mesmo em casa. Descoberto o crime, e sendo ella interrogada sobre as razões que a levarão á pratica-lo, declarou que só o fizera para ver-se livre dos incommodos que lhe dava a mãi.

Ainda não ha um anno que outra moça, não podendo vingar-se do marido, com quem acabava de ter rixas amorosas, deixou-o sahir, e indo ao berço onde dormia um filhinho de tenra idade, o estrangula, e sendo depois presa, não se mostra arrependida.

Como estes, muitos outros factos que todos os dias são referidos pela imprensa periodica de todos os paizes, como, por exemplo, a hecatombe de Pantin; mas não é minha intenção cita-los senão tanto quanto baste para dar do homem uma ideia exacta.

Em vista destes quadros, que comprehendem todos os estados da vida humana, é licito perguntar se aquelles selvagens tambem tem alma; se são responsaveis pelos seus actos e se tambem são dignos da immortalidade.

No caso affirmativo, pergunto, e porque não gozarão dos mesmos bens, um macaco, um urso, um elephante? No caso negativo, concluo então que ha homens mais e menos privilegiados, na vontade do Creador, e que a alma e a sua immortalidade dependem do aperfeiçoamento da intelligencia e só são uma prerogativa dos povos civilisados.

Entrão agora em scena outros quadros nos quaes as desgraças humanas tomão um caracter tão grave e geral, que evidentemente se mostra não haver providencia alguma superior que vele sobre a sua sorte.

Um terrivel conquistador, tão adverso á es-

pecie humana, que parecia não pertencer á ella, devastou, por quarenta annos, incolume, e sempre bem succedido, uma vasta extensão do Velho Mundo. Estas excursões mongolicas assignalava-as elle sempre pelo ferro e o fogo. Cobrio o Indostão de sangue e de ruinas; assolou a Russia, cuja capital é fama ter elle incendiado; e em Bagdad erigio um trophéo, até ahi desconhecido, e só proprio d' um monstro, que foi uma torre com os craneos de milhares de cabeças, de proposito cortadas para esse fim.

Nada resistio aos seus furores bellicos, e elle marchava para a conquista da China, quando uma febre maligna livrou a humanidade deste insigne destruidor, ja n' uma idade avançada.

Avalião-se por milhões o numero de suas victimas. Nem ha nisto cousa que admirar, porque nesta carreira d' exterminio, elle não fez mais do que ser o continuador de uma obra necessaria e fatal, em que outros tambem lhe succederão.

Eis aqui um novo barbaro, vassallo de um despota, em cujo nome elle praticava o que se vai ver.

Ao anoitecer de 7 para 8 de Setembro de 1831, um canhonheio espantoso fazia tremer a terra nos arredores de Varsovia. Era o princide de Erivan, que, assistido de cento e dezoito mil machinas de guerra, semoventes, fulminava, com tresentas e cincoenta boccas

de fogo, a misera capital da Polonia, que ousara insurgir-se, para reconquistar a sua autonomia, brutalmente estrangulada, havia trinta e sete annos, no incendio e morticinio de Praga, cuja população, de quarenta mil almas que era, ficou reduzida á tres mil que hoje tem.

Uma explosão horrivel, occasionada pelas bombas moscovitas, e o furioso incendio que dellas resulta tornão inutil toda a resistencia. Historiar os novos martyrios por que teve de passar este illustre povo, é um encargo que, por doloroso, omitto. Deixo á cada um imagina-lo, e só referirei a inaudita atrocidade de se querer desnacionaliza-lo, deslocando-o, em levas e por familias, do solo onde nascera, para i-lo situar nas fraguras do Caucaso e nas charnecas da Siberia, aonde os infelizes ja chegavão dizimados pelas fadigas de tão longa e penosa jornada.

D'ahi em diante, Varsovia começou á gozar dessa paz de morte, conhecida por paz de Varsovia (*solitudinem faciunt et pacem appellant*).

Agora, aquí está um grande funccionario do celeste imperio. É o celebre Yé, que foi governador de Cantão, e commissario inperial, em 1854, encarregado de combater a rebellião nas provincias do Sul. Esta fronte naturalmente enrugada, este nariz curto e grosso, esta boca, que apenas nota uma commissura, sem labios, este ventre bojudo, descrevendo uma curva perfeita, tudo isto revela o que elle

realmente foi, isto é, um dos monstros mais sanguinarios que tem produzido a especie humana! Quando os Inglezes o fizerão prisioneiro, ja elle havia mandado cortar a cabeça á mais de setenta mil pessoas e feito expirar outras tantas nas torturas e horrores dos carceres, durante os quatro annos do seu vice-reinado; e tal era a sua sêde de sangue, que declarou não ter disso o menor arrependimento, dizendo que o unico pezar que lhe restava era não ter colhido ás mãos todos os rebeldes, para lhes fazer outro tanto.

Ora, em vista destes ultimos quadros, pergunto: Será possivel que todas estas cousas se passem no mundo, tendo o homem uma providencia bemfazeja que sobre elle vele?

Onde está nestes casos a consciencia do dever, que é preterida em tão vasta escala, e é incapaz de produzir o arrependimento e o remorso?

Que penas serão bastantes para punir estas monstruosidades, praticadas pelo mesmo individuo?

E quando as houvesse, de que serviria a punição d'alem tumulo para remedio de tantos males soffridos na vida?

E Deos, omnipotente, que tudo podia prevenir, dando á todos o natural bem inclinado com que nascem tantos, prefere consentir nestes horrores, para punir o mal, depois de feito, e punir n'um só o mal feito á centenas e milhares!

Tal é o fructo das minhas meditações sobre a origem e ordem das cousas. É isto o que me dicta a razão e o estudo de muitos annos. O que aqui digo não o aprendi com ninguem, aprendio-o comigo mesmo. Se erro, a culpa não é minha, porque digo o que justamente penso e o que justamente sinto.

MEDITAÇAO IV.

Vejo-me confundido com o teu ousado naturalismo, pelo qual explicas a existencia e a ordem das cousas.

Para não admittires uma causa primaria, intelligente, como origem de tudo, vês-te forçado á imaginar um mundo de hypotheses, qual dellas mais gratuita e temeraria! Assim, imaginas a materia necessaria e eterna, porque dizes que não concebes o nada; assim, a fazes capaz de prover a sua ordem e conservação, porque sem isso ella não poderia existir; e finalmente obrando, *in infinitum*, por leis fataes e espontaneas, e deste modo creando todos os seres.

Segundo o exposto, a natureza é pois uma cousa que ninguem comprehende. Tanto é causa multipla primaria, como causa multipla efficiente, e effeito multiplo destas duas causas, para depois converter-se em novas causas e effeitos.

Tanto é potencia creadora, como a propria

cousa creada; tanto força activa e providente, como fatalidade inevitavel. Tal é a theologia naturalista ou pantheista.

Mas porque dizes que o nada era impossivel ? Impossivel só é aquillo á que oppõe-se uma ordem de cousas preestabelecida, e esta ordem de cousas presuppõe uma causa superior á que ella se attribua.

Eis aqui pois ja destruida pela base a tua theoria, e assim todos os outros systemas materialistas, os quaes são comparaveis á estatua do sonho de Nabuchodonosor, cujos pés de barro não podião sustentar o edificio metalico do corpo.

Deixemos de parte a cosmogonia do mundo e de querer explicar a obra da creação pelo que alcança o nosso pobre entendimento. Deixemos tambem de querer comprehender a alma pelas suas qualidades e attributos. Os homens sabem de menos, quando querem saber de mais. Aquelle que quizer investigar estas questões perde-se n'um dedalo, d'onde não é capaz de sahir, tanto para explicar as cousas como obra de um principio eterno e intelligente, como para explica-las existindo de si mesmas, por effeito da eternidade da materia.

Consideras a materia necessaria e reproduzindo-se n'uma infinidade de seres, pela combinação das suas mesmas propriedades. Mas, se achas mais facil conceber a materia eterna do que o nada, tambem não achas mais racionavel attribuir a creação á uma causa intelligente do que á fatalidade?

A terra á produzir seres animados, por virtude propria e espontanea, é certamente um invento que desbanca a tudo! salvo o grande vacuo de senso e de ideias, que o denuncia de absurdo. Com esta proficiencia e engenho explica a ignorancia e a incredulidade tudo quanto a confunde no estudo da natureza.

Quizera saber como produziria a terra o primeiro homem ou o primeiro par, e como se operaria a sua geração? Sahiria elle inteiro ou por partes, criança ou ja adulto? De minha parte, qualquer hypothese que imagine, fóra dos livros santos, provoca-me o riso. E como se explicaria o pensamento e a vontade na materia creadora, em vista da dualidade dos sexos? Finalmente, e porque não produz ella mais hoje, um homem, um boi, um elephante, uma balea, uma aguia etc.? Não tem ella ainda as mesmas propriedades?

Alem disto, na hypothese supposta, has de convir que a faculdade creadora da materia não se estenderia á mais do que á producção e reproducção de seres semelhantes, dotados das mesmas qualidades physicas. Assim, o trigo produziria o trigo, o carvalho o carvalho, o corvo o corvo, a ostra a ostra, o rouxinol o rouxinol etc.; e o instincto que transmittisse á prole limitar-se-ia ao da simples conservação desta, e nada mais.

Sendo porem isto assim, não me dirás quem ensinou e inspirou aos animaes o sublime amor da maternidade? Que admiravel provi-

dencia não se nota nesta grande lei da natureza! Na especie humana, Deos o deo tanto á mãi como ao pai, por isso que o homem foi feito para a sociedade e a familia, e foi destinado para fins mais nobres; nos animaes elle só o deo á mãi, porque só ella conhece a filiação; e só a deo por tanto tempo quanto baste para a criação da prole. Preenchida esta necessidade, a mãi solta e desapega-se do filho e não o conhece mais.

Como poderia a materia transmittir providencialmente ao homem faculdades que ella não possue nem é capaz de possuir, como, a sensibilidade, a intelligencia e a vontade, com todas as suas applicações, como, a percepção, a razão, a consciencia moral, a concepção, a imaginação, a memoria, a attenção, a comparação, a abstracção, a generalisação, o raciocinio, os desejos etc..?

Imaginas uma providencia fatal e necessaria, tambem nascida da materia, para por ella explicar-se a ordem que se observa na natureza; mas a providencia presuppõe pensamento e vontade antecipada: o que não se harmoniza com a tua cosmogonia.

Só uma tal providencia, dizes, pode explicar as desordens frequentes da natureza, que destroem a supposta providencia de Deos. Mas aqui confundes a perturbação das leis que regulão a ordem natural com a perturbação da mesma ordem. Por exemplo.

O que foi providenciado, no que toca á ge-

ração dos seres animaes, é que haja dous sexos differentes, um para conceber, outro para fecundar; que os dous sexos se procurem pelo attractivo do prazer sensual, e que do coito de ambos possa resultar a reproducção de seres perfeitos da mesma especie. E estas leis se cumprem, no maximo numero de casos, e preenchem perfeitamente o seu fim, que é assegurar a propagação da especie, sem embargo de soffrerem excepções, porque estas em nada prejudicão o resultado final, considerado no seu todo.

Ha mulheres estereis, que, apezar de serem dotadas do orgão da geração, nunca concebem; outras que só gerão de certa idade em diante; e outras que não concebem de todo e qualquer homem.

Uma mãi que pare agora um eleijão, pare depois nove seres perfeitos. Assim, a causa que perturbou a acção da natureza na concepção do seu primeiro parto foi toda excepcional e accidental, por isso que não influio nos outros, e a natureza seguio depois o seu curso regular.

Dizes que, dada a existencia necessaria da materia, tambem necessaria é a sua providencia, sem o que ella não poderia reproduzir-se nem perpetuar-se.

D' aqui se deve concluir que a tua providencia não é mais do que uma funcção organica, que cada especie exerce em si, para satisfazer a necessidade da sua existencia e reproducção.

Mas então ella não passaria de especie á especie, e não se manifestaria n' outra ordem de cousas, onde a reproducção não é possivel; e neste caso, como explicarem-se as leis geraes conservadoras, que regem o mundo, e ainda mais, as que regem o universo, as quaes revelão uma vontade preexistente, e um plano tão sabiamente combinado que assombra e confunde a nossa fraca intelligencia?

Seria, por exemplo, a materia que imprimio o movimento á terra e aos outros planetas? Seria ella que creou as admiraveis leis da attracção e repulsão, a força centrifuga e centripeta, e mil outras leis secundarias, de que depende a conservação das pârtes deste todo universal?

Como explicar-se a existencia desse immenso brazeiro fixo, chamado sol, de cujo tamanho não podemos fazer ideia pela representação e a comparação? Como explicar-se o seu benefico e multiplo destino? Como explicar-se que a terra fosse collocada á tão justa distancia deste astro fecundo, que delle receba toda a sua vida e riqueza?

Finalmente, dás á materia bruta o condão mais maravilhoso que podia ideiar um estro oriental, isto é, o de crear seres organicos e animaes, infinitamente mais admiraveis e perfeitos do que ella, entre os quaes se conta o homem, dotado de intelligencia e do sentimento moral.

Entre os paradoxos e impossiveis, não co-

nheço outro superior á este; e seja-me licito duvidar que haja quem assim pense, em pleno gozo da razão. De modo que o homem, servindo-se da materia, seria incapaz de fazer, se o quizesse, o mais tosco e miseravel ser organico, e a materia bruta seria capaz de produzir o homem!

Argumentas com uma ordem de seres anterior á existente. Dizes que a natureza é uma creação constante, á aperfeiçoar umas obras e á produzir outras novas; que o homem é um destes seres aperfeiçoados, que, em sua origem, foi talvez um bruto; e finalmente que a inutilidade e o caracter damninho de grande numero de animaes prova a falta de intelligencia e vontade da causa creadora.

A Escriptura não deixou dados chronologicos que assignem á creação uma epocha certa e determinada: o que ha á este respeito são calculos humanos, cuja fallibilidade se revela pela grande devirgencia delles. Tão pouco se podem contar por dias de vinte e quatro horas os seis em que diz o Genesis que foi feita a creação. E nestes dous pontos é tão accorde a opinião dos homens doutos, que não é possivel recusa-la, para fazer-se cabedal de falsos argumentos contra a historia biblica da creação.

Nem vejo necessidade de contestar-te que a natureza se revele por novos actos de creação ou pela variedade de novas especies. E fôra possivel que Deos, principio essencial-

mente fecundo e creador, limitasse a creação ao que elle uma vez concebesse e executasse? Entretanto não se pode chamar a isto corrigir e aperfeiçoar, porque para Deos tudo é original, nada modelo. Esta variedade é mais uma prova da munificiencia divina e o mais bello ornamento da natureza, quando ella se manifesta, nas aves, nas flores, nos insectos e nos perfumes.

Dizes que o homem foi em sua origem um bruto mais intelligente do que os outros; o qual, passando por necessarios melhoramentos, quer physicos quer intellectuaes, chegou ao seu actual estado. Mas eu não concebo que um irracional se possa converter em racional, porque entre o instincto e a intelligencia não ha um meio termo que torne realizavel semelhante conversão.

Porque é que o bruto não é capaz de aprender cousa alguma pelo aperfeiçoamento do seu instincto? porque este não é susceptivel de aperfeiçoar-se. O bruto nasce, sabendo tudo quanto pode saber em sua vida: alem d'ahi não passa. É uma machina semovente, á quem a natureza deo apenas o instincto necessario para preencher o seu fim. O homem nasce sem saber cousa alguma; mas pela sensação chega á experiencia, pela experiencia ao pensamento, pelo pensamento á inducção e ao raciocinio, e por este doto sublime á resultados estupendos.

Suppões ter dito uma grande cousa, obser-

vando que o homem, esse ente privilegiado, que faz a admiração dos espiritualistas, é, nada obstante, gerado da materia bruta. Mas a vossa causa é tão má, que, ainda quando julgais defende-la, não prestais senão armas contra ella.

O homem é, sim, gerado da materia inorganica, mas não foi creado por ella, e nem o podia ser, como ja mostrei. A geração é o acto complementar da creação, porque, sem ella esta se extinguiria. Foi pois por esse novo mysterio que Deos perpetuou as suas obras. Mas que prodigio incomprehensivel nesta capacidade dada á materia!

Por ella se transmitte aos seres gerados todas as qualidades e propriedades da especie geradora, o matiz e o perfume nas flores, o gorgeio nas aves, o instincto nos animaes, a intelligencia e a alma no homem. Fóra da terra, a semente não germinaria; fóra da madre, o sperma não fecundaria; e a pouca de materia bruta d'onde podia resultar um santo ou um sabio liquesceria.

Apresentaste varios quadros em que o homem figura ainda abaixo do bruto, pelo seu instincto feroz e sanguinario; mas não ha onça ou panthera mais ou menos feroz do que outra, porque no bruto tudo é instincto natural, immodificavel, instincto que elle exerce sem vontade nem censura. O homem pode, sim, por excesso das paixões, praticar crueldades inauditas, porque é na liberdade de fa-

zer o bem ou o mal que está o seu mais nobre predicado; mas, para cohibir-se e arrepender-se, tem elle em si um guia e um tribunal que não falsea; e aquelle mesmo que hoje obra mal pratica amanhan uma acção meritoria e virtuosa, que o faz digno do amor de Deos e dos homens.

Se no estado selvagem, elle offerece ás vezes espectaculos de verdadeira brutalidade, é porque ainda se não aperfeiçoou bastante para conhecer os seus deveres e comprehender a sua sublime missão social. Neste estado, elle obedece mais aos desejos naturaes do que á razão, porque não ha ainda opinião publica formada, para conte-lo, impondo-lhe a observancia dos principios da ethica universal. O estado selvagem está para a sociedade no mesmo caso em que está a criança para o homem.

Um mysterio impenetravel nos occulta os designios da Providencia sobre a vida terrena, a sua incomprehensivel justiça, e as relações desta com a outra vida. Mas, nestes assumptos, quando a razão me esclarece até certo ponto e eu não posso ir avante, prefiro crer ao negar.

Se perguntares ao silencio das campas qual é a alma de um Botocudo, sabe-lo-as tanto como se lhe perguntares se ao inventor da mechanica celeste nada sobreviveo que o distinga d'um animal.

A humanidade é o eterno caminheiro da lenda hebraica. As gerações se succedem rapidas, e todas ellas, ao cabo d'alguns annos,

desapparecem tragadas pela voragem do tempo, sem que nenhuma va mais adiante do que outra, na sua interminavel jornada.

Como as fileiras do batalhão sagrado, immolado em Cheronéa, umas tomão o lugar de outras, impellidas pela mão invisivel que as tirou do nada. Mas ao que tende esta massa de seres que sentem, que pensão, que desejão? Á destruição e ao nada, depois de terem obrado tantas maravilhas e erigido templos ao autor da natureza?

Agora vais ver o reverso dos teus quadros.

Não acreditas certamente na divindade de Jesus Christo. Pois bem, eis aqui um homem, nascido da mesma especie de que procedem os Aymorés, compendiando todas as virtudes que se poderião exigir n'um deos: brandura, tolerancia, paciencia, justiça, abnegação de si, desapego á todas as temporalidades, amor illimitado do proximo, virtude illibada e nunca desmentida, pureza de costumes sem exemplo, amor ao bem, aversão ao mal, fonte inesgotavel de indulgencia e perdão para todos os arrependidos.

Este homem, pregando uma moral nova e desconhecida, mas tão excellente, que apresenta o caracter de absoluta, funda uma religião de que elle se faz o chefe, e por meio della opera a mais fundamental e estupenda revolução por que ja passou a humanidade.

Nada mais simples do que a sua doutrina, que se resume nestes dous preceitos: « Não

faças á outro o que não quizeres que elle te faça.—Ama a teu proximo como a ti mesmo.» Não é á posse dos bens terrenos que elle exhorta e aconselha, é a dos bens celestes, á que só pode aspirar a alma, por meio das virtudes obradas na vida.

Esta moral sublime, seguida do exemplo do mestre, com quem a aprendeo elle? Com os homens, não, porque ella era muito superior ás ideias então conhecidas, e ainda hoje o são praticamente. Força é pois concluir que ella lhe brotou n'alma por inspiração propria, offerecendo um mysterio que só assim se pode explicar.

Entretanto, este homem inspirou tal fé e confiança aos seus discipulos, pelo que lhe ouvião pregar e vião obrar, que elles se espalharão pelo mundo á ensinar em seu nome a nova doutrina, e assim foi fundado o christianismo, que regenerou o mundo pagão.

Á elle se deve a emancipação da mulher, a eximia e incomparavel virtude da caridade, que faz de todos os homens uma só familia de irmãos, e a liberdade de que gozão os povos, baseada no principio da igualdade natural.

Este unico quadro basta para reverso de todos os teus; e agora dize-me: O que pensas á respeito de um homem destes? Não vês nelle a summa perfeição intellectual e moral? E crês que esta podesse ser obra da materia?

Não ha delirio á que a rebellião do homem não tenha chegado, para dispensar-se de ser

agradecido ao Creador. Ja um grande escritor do seculo passado havia dito que o homem nascera para andar de quatro pés!

Como podes dizer que ha seres inuteis na natureza, se não podes conhecer o plano do Creador? Um rustico vê trabalhar uma machina complicada; a sua attenção emprega-se toda no movimento das peças principaes; tudo mais lhe parece desnecessario, e entretanto a falta da minima dellas desarranjaria todo o machinismo.

Quando ouço um individuo censurar a obra de Deos, quizera poder dar-lhe a faculdade de organizar um pequeno mundo, para elle o dirigir. Oh! que obra espantosa não sahiria de tão engenhoso artifice! Nem Icaro lhe ganharia e nem Phaetonte a dirigira melhor!

Um homem fóra do commum, pela intelligencia, á custa de muito estudo e trabalho, inventa agora um engenho, destinado á tal fim. Dezenas de annos depois, ainda se lhe fazem melhoramentos, sem nunca chegar-se á ultima perfeição; e sempre os que succedem no aperfeiçoamento desta obra estupenda riem-se dos que os precederão.

E se tantas maravilhas do mundo visivel attestão a existencia de Deos, maiores ainda se admirão no mundo moral. Mas neste templo augusto, onde Deos á cada passo se revela pelo mysterio das suas obras, não é dado penetrar ao vulgo, senão ás intelligencias privilegiadas e fóra do commum. É ahi que o sa-

bio se extasia, indo descobrir os arcanos secretos da Providencia.

Tenho lido os corypheos do materialismo, e por mais que medite nelle, não lhe posso achar sahida. Perco-me no meio de termos vagos, de hypotheses arbitrarias, de atmos e mais atmos; e, como succede n'um labyrintho, torno sempre ao mesmo ponto d'onde parti.

Ora considerais a natureza o proprio Deos, ou Deos absorvido nella; ora suppondes a existencia de elementos eternos, indivisiveis e indestructiveis, que, animados de um movimento essencial, se agitavão livremente no vacuo, e ahi formarão, por effeito do puro acaso, todas as combinações que se vêem no mundo. Assim, jogais á vontade com o eterno e o contingente; mas, apezar de todos os modos e de todas as formas que imaginais, para resolverdes o problema do mundo, não sahis do vosso eterno *idem per idem*.

Admitti porem uma causa eterna, á cuja infinita sabedoria se possa attribuir a creação, e tudo ficará resolvido. Recusais admitti-la, porque não comprehendeis como ella possa existir sem principio nem fim; mas não vêdes que recusais á Deos espirito aquillo que concedeis á Deos cousa, isto é, o attributo da eternidade, e o que é mais, o da illimitada sabedoria e providencia!

Sois bem orgulhosos e inconsequentes! Não acreditais em Deos, porque o não comprehendeis. Pois pela mesma razão devêreis ne-

gar que se possão descobrir novas verdades, porque tambem as não conheceis *a priori*. E o que dirieis, se um rustico Patagão recusasse acreditar nas verdades mais comesinhas da sciencia adquirida? Quereis comprehender a eternidade e o infinito, vós que viveis meia duzia de dias neste pobre globo, e cuja razão é tão fraca, que não pode explicar-vos a cousa mais insignificante em sua origem!

Pensas tu que as cousas succederião, como succedem, unicamente por virtude do livre arbitrio, se as desordens que delle resultão não fossem sabiamente corrigidas pela acção benefica da Providencia?

Julgas que as linguas forão em seu começo o effeito da convenção dos homens? Não, certamente, porque o homem no estado natural, e mesmo no estado selvagem, não podia assentar em combinações desta ordem. O mesmo succede quanto ás regras grammaticaes; e comtudo a uniformidade em ambas as cousas revela uma sabedoria que não pode ter sido obra do homem.

As linguas, nascem, crescem, vivem e morrem, como um ser organico. Ou ellas se conservem em sua pureza primitiva, ou se corrompão pela influencia de outras, nota-se em todas ellas um ponto de contacto que não pode deixar de ter sido a obra de um mesmo e unico pensamento.

Porque as revoluções politicas e a guerra sejão por via de regra um instrumento de pro-

gresso, não se segue que isto sempre aconteça. A Providencia, que vela na conservação do mundo, não exercita a sua acção, no que pertence ao moral, por actos directos e exclusivamente seus, porque assim destruiria a liberdade do homem; serve-se dos proprios actos humanos, quando elles offerecem elementos que possão ser aproveitados, sem transtorno da ordem natural.

Fôra portanto um erro imaginar-se que as revoluções politicas e as guerras sejão factos della, quando o são do livre arbitrio do homem. Entretanto, ellas provão o movimento progressivo do espirito humano e a sua tendencia para melhorar de condição, e é nisto que está a providencia.

Se as revoluções e as guerras se encaminhão á esse fim, os seus resultados são bons, e as leis que regulão a marcha do espirito humano se cumprem; do contrario, os resultados são maos, e por uma consequencia natural, não podem deixar de perturbar e retardar o cumprimento das mesmas leis.

MEDITAÇÃO V.

O homem é no seu physico um prodigio de maravilhas, e no moral um abysmo, que só Deos pode sondar. Uma serie de factos e causas incomprehensiveis constituem a sua dupla natureza. A primeira cousa que o impressiona, ao nascer, é a luz, a cousa mais bella do mundo visivel, que n'outra idade lhe ha de fazer admirar o universo e cada uma de suas partes.

Neste estado de primeira infancia, aquelle que ha de vir á ser o rei da creação, nem ao menos recebeo da natureza o instincto necessario para procurar o ubere materno, e morreria de fome, se não fosse o cuidado daquella que lhe deo o ser.

Mas, com os dias, os sentidos se lhe vão aperfeiçoando e a razão desinvolvendo. Ja as cores lhe agradão e attrahem a vista; ja os sons despertão a sua attenção; e, como por instincto, elle começa á rir-se para aquella que está acostumado á ver e de quem recebe constantes caricias.

No cabo de um anno, ja quer andar e principia á tentar os passos vacillantes. Tambem ja quer exprimir-se por palavras, e o primeiro nome que ensaia é o de mãi.

Vem a puericia, idade das impressões faceis e passageiras, que constituem, no futuro, um esboço do passado, que a memoria debuxa confusamente, deixando-nos muitas vezes em duvida da sua realidade; vem a puericia, e ahi ja vão apparecendo as inclinações e começa á revelar-se o genio de cada um.

Nesta idade, de tão gratas recordações! ja elle dá os primeiros passos para o seu futuro, sem ter comtudo consciencia desta vocação. É um ponto magnetico que o attrahe, uma estrella miraculosa que elle entrevê luzir no horizonte, como a que servio de guia aos tres Magos.

O que mais lhe agrada é o estar em constante agitação e movimento, porque exubera-lhe a seiva da vida, e o que elle vê diante de si é um vortice de puerilidades e doudices que o electrisão. Gosta de tudo quanto é maravilhoso; ama os contos boçaes, que o fazem á noite tremer de medo; foge dos velhos pedintes, que elle acredita comer meninos, e revela quasi sempre um instincto malfazejo, porque falta-lhe ainda a educação, para adoçar-lhe a indole.

Chega a puberdade, estado em que acaba o menino e começa o homem. Os seus prazeres ja são outros. Gosta dos exercicios arriscados, como, a caça, a equitação, a gymnastica; mede-

se com os mais altos; experimenta forças; mostra á todos o buço que lhe vem nascendo; ja olha para a mulher com perturbação e enleio; quer sentir o amor, mas ainda é cedo; sente uma cousa meio ideial e meio carnal, que ainda não é paixão, mas é o começo della.

Vem a juventude, a idade de ouro da vida. O homem acha-se completo no seu physico, mas falta-lhe a experiencia para lhe amadurecer a razão. É a idade dos prazeres vehementes, em que as illusões são tão naturaes e espontaneas! A mulher é o seu primeiro pensamento e a obra mais bella da natureza, ou antes, a obra em que tudo quanto é bello se resume, porque entre o homem e a mulher ha um prisma, que se chama amor, e nesse prisma encantado os dous sexos se representão reciprocamente, como representavão as aguas a venefica imagem do insensato mancebo a quem o amor de si mesmo consumio.

Nesta quadra, toda a vida do homem é um culto á mulher. A ella só tem presente durante o dia; com ella sonha e com ella acorda no pensamento. Na mãi que adora, elle vê a igual daquella a quem ama; em Deos, que venera, elle vê o sublime autor da obra que mais o encanta.

Não sente ainda a ambição, que impelle o homem á grandes glorias ou á grandes crimes; mas sente o desejo de distinguir-se por certos dotes, para agradar á mulher. Satisfazer pela realidade os seus sonhos de amor é tu-

do ao que elle aspira; e não ha perder a quadra, porque a juventude é o ultimo marco da vida aprazivel. Um passo alem delle, ja o homem tem mudado e não pode tornar atraz *(fugaces labuntur anni)*.

Mas nestas lidas amorosas, deo elle á final um passo de graves consequencias, que o faz tributario da grande familia social; quero dizer que se casou; e o casamento é a porta onde o mancebo dèpõe os seus tropheos de solteiro, para vestir o cilicio de marido e pai: encargos tremendos, que elle toma sem pensar, porque a paixão lh'o não consente.

Ja lhe não é permittido ser mais inconsiderado nem extravagante, porque a familia ahi está, para fallar-lhe na sua dignidade e no seu futuro, e a severa opinião publica para julgar todos os seus actos.

Aqui começa a vida real e positiva. Cada dia a experiencia lhe arranca uma illusão e vai-o convencendo de que o seu fim é preencher na vida uma missão grave e seria, como base do seu futuro destino. Aqui nasce a ambição ou o amor das cousas grandes. Então o homem, lançando fora o ramalhete murcho dos prazeres frivolos, consulta o seu genio e aprôa para onde elle o dirige.

Agora lhe é preciso resolução e coragem, paciencia e constancia, porque vai commetter um mar tormentoso e aparcellado, sem outra bussola que não seja o seu tino e prudencia. Que trabalhos! que luctas! aqui surgem, meu

Deos! occasionadas pela rivalidade, pela inveja, pelo orgulho, pela contrariedade de interesses, e por todas as más paixões que d'ahi nascem!

Oh! se o homem, nesta quadra, não fosse impellido por uma força irresistivel, que o obriga á ir avante, certo que recuara e preferira a vida tranquilla, sem ambições; mas os mesmos obstaculos o irritão e fazem-no dobrar de ardor. Aquelles mesmos que succumbem cumprem o seu destino, porque, na ordem social, não ha um só facto que se esperdice: tal é a sabedoria da Providencia!

Desta porfia da intelligencia e do genio, alimentada pelo amor da celebridade e da gloria, movel secreto de todos os sacrificios da vida publica, é que nascem os grandes homens, dedicados ao bem da humanidade, taes como, Confucio, Alexandre, Socrates, Platão, Archimedes, Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, Christovão Colombo, Mungo Park, Doumont d'Urville, Newton, Volta, Franklin, Leverrier, Lavoisier, Cuvier, James Watt, Wheatstone, Vicente de Paula, Francisco d'Assis e um semnumero d'outros.

Ás vezes o homem cede á uma força ainda mais poderosa e activa, e é quando elle serve de instrumento immediato aos designios da Providencia, ou seja para destruir e regenerar, ou seja para encaminhar as cousas, quando ellas se achão perturbadas pelo delirio das paixões humanas.

Assim figurão, na historia, entre os primeiros, esses homens, meio heroes e meio monstros, conhecidos com os nomes de, Sylla, Mario, Attila, Alarico, Gengiskhan, Tamerlão, Mahomet, Shah Nadir, e entre os segundos, Cesar, Cromwell e o popular heroe dos nossos dias.

Vem depois a idade madura, em que o homem se sente disposto para a meditação, e propõe á si mesmo o lugubre problema: *Quis sum? unde venio? quo eo?*

Collocado entre o passado e o futuro, ou entre a mocidade e a velhice, semelha ao caminheiro, que, no fim do dia, sentado, pensativo, á beira da estrada, lembra-se do que deixou e sente-se incerto do que vai achar. Começa então a vida intima, isto é, a vida em que elle se vê fronte á fronte comsigo mesmo e com Deos, que lhe falla na consciencia *(maximus intra me Deus est)*.

Lançando uma vista sobre o passado, de quantas culpas elle se não accusa! E olhando para a eternidade, que temores o assaltão, pensando na vida d'alem tumulo! Até ahi elle vivêra só para si, fóra das leis divinas e humanas; agora conhece que o fim do homem no mundo é muito diverso do que elle pensara, e que cada individuo é um elo da infinita cadeia da humanidade, destinada á formar uma familia universal, de que Deos é o pai commum.

Saciado do mundo, e vendo que o mundo não foi feito para a alma, vai buscar refugio

no ceo, como fez o grande ambicioso que, depois de ter perturbado por tantos annos a paz da Europa, vestio o burel do monge e foi encerrar-se no mosteiro de São Justo. Nesta vida d'expiação o sorprende a velhice e á velhice succede a decrepitude, em que o homem acaba por sandeu e é um ente importuno e inutil, de que os outros desejão desapressar-se.

Mas que phenomenos admiraveis na vida deste ente privilegiado, que com o seu genio assombra a si mesmo! O bruto se rebella, e elle o doma; os elementos se conjurão, e elle os vence; a natureza esconde os seus segredos, e elle os descobre; o ceo quer subtrahir-se ao seu conhecimento, e elle ousa medir-lhe as distancias, calcular os tamanhos, acompanhar a marcha dos corpos, alcançar aquelles que lhe estão fóra da vista, e conhecer a harmonia de todo o universo. (*)

O mundo é vasto; offerece-lhe gozos de toda a especie: o mando, a gloria, a riqueza, o amor e mil outros prazeres. E todavia, na posse de todos elles, o homem se entristece, aspirando á novos bens que elle não sabe definir, mas que o senso intimo lhe diz não pertencerem á este mundo. A taça dos da terra, elle a saboreou até á ultima gota; mas no fim havia borra, que lhe estragou todo o sabor das primicias, e a alma gemeo-lhe, como a humani-

(*) Creio ter lido em algum dos grandes escritores modernos, talvez em Chateaubriand, esta pintura que faço do poder do homem, senão no todo, ao menos em parte, textual ou paraphrasticamente. Se assim for, sirva esta declaração de livrar-me da pecha de plagiario.

dade de Jesus, ao fazerem tragar-lhe o calix d'amargura!

Qual seja esse bem, a razão o não sabe, mas a alma o presente e tem delle intuição; e tanto basta para concluir a sua realidade e futura posse. (*)

O pensamento pode conceber o erro; mas o espirito, que abrange o infinito, não pode ter intuição do que não existe e nem desejar uma chimera. Quando o conselho de Salamanca zombava do sublime *visionario* genovez, via este no longinquo horizonte dos mares a terra cuja existencia Deos lhe revelara pelo sentimento. E assim todas as vezes que o homem procede na descoberta de uma grande verdade que se lhe occulta.

O homem, sem a immortalidade, fôra um ser incompleto, que só serviria para attestar a imperfeição do seu autor; seria uma victima, em vez de uma creatura destinada para ser feliz. As maravilhas do universo não passarião de uma fatalidade ou de uma impostura, e o segredo que ellas occultão não seria mais que um enigma igual ao da esphinge, proposto por escarneo á nossa fraca intelligencia.

(*) Lendo Descartes, depois de ter escrito esta meditação, vi que elle servia-se do mesmo argumento para demonstrar a immortalidade da alma.

MEDITAÇÃO VI.

Bosques sombrios, tacitas florestas, como influis docemente em minh'alma! Tudo em mim mudarão os annos, que dão em resultado a fatal sciencia das cousas. A rosa peregrina do amor emmurcheceo para sempre; os louros virentes da gloria seccarão; a embriaguez das festas converteo-se em tedio. Só tu me ficaste, amor das solidões nemorosas, tão puro e illeso, como em outros dias, quando, travesso menino, eu ia ao rustico casal de meus pais, situado em matas, onde tudo era agreste e selvatico.

Que delirio então de mim se apoderava, esperando ancioso a noite da partida! Não havia ventura imaginavel pela qual eu trocasse a minha, quando o canto frequente do gallo me annunciava ter chegado a hora desejada. E vós, bosques amenos, ereis a origem magica destes innocentes jubilos.

Emvão tem querido a adversidade, por cumulo de rigor, desmerecer na minha aprecia-

ção esse prazer sem igual, que me inunda a alma, quando vos vejo e contemplo. Uma divindade amiga m'o tem preservado da sorte dos outros, e eu cadavez o sinto mais intimo e profundo.

Não ha ficção humana que se não prenda ao encanto dos bosques.

Era ahi que o doce e pacifico Numa ia aconselhar-se com a nympha tutelar que lhe inspirava os sabios preceitos que elle depois convertia em leis, para cimentar a futura grandeza dos Romanos.

Era ahi que se exercitava a imaginação desse povo de poetas que creou o Olympo e produzio Homero. Não havia em toda a Grecia um bosque, uma fonte, que não tivesse a sua mythologia.

Era no retiro das selvas, longe das vistas profanas, que os druidas celebravão os ritos e mysterios de Teutates. Era ahi que Velleda ia inspirar-se para communicar aos Germanos o fogo sagrado do patriotismo contra a dominação romana: Velleda, o typo modelo das prophetisas barbaras, virgens sem constrangimento nem sacrificio, porque houverão de Deos o sentimento da sua predestinação.

Era ahi que, na idade da fé, se recolhião os homens santos, abrazados do puro amor de Deos e do ceo, para se entregarem á contemplação, sem que os ruidos mundanos os fossem perturbar nos seus austeros exercicios.

Foi á sombra dos bosques que se passou a

infancia dos povos e que elles se forão constituindo, para chegarem á ser o que hoje são.... raça ousada de Titan, que ameaça devassar todos os arcanos da natureza, e para quem o mundo ja parece prisão indigna.

Foi debaixo do docel de arvores coevas dos tempos primitivos que os descobridores do Novo Mundo plantarão a primeira cruz, o estandarte civilisador á quem deve a America os seus prodigiosos triumphos na lide incruenta da intelligencia.

E os filhos da natureza, attrahidos pela novidade, acodião, estupefactos, á verem os advenas, que lhes vinhão trazer a escravidão e a morte, avidos de ouro e de riquezas.

É no seio mais recondito dos bosques que a imaginação se compraz em ir buscar a origem mysteriosa dos grandes rios, como a do Danubio, na Floresta Negra, e as dos rios mares da America, em solidões impenetraveis.

Sem bosques não haveria fontes nem rios; desapparecerião os verdores, que tanto deleitão a vista e encantão a alma com a sua frescura; não haveria flores nem perfumes. O mundo se converteria n'um deserto, porque a vida fôra impossivel; e a mãi commum dos homens e das cousas viria mirrarem-se-lhe as entranhas.

Sem fontes e verdores, o que seria o paraiso terreal, de que fez Deos o berço da humanidade? Onde acharia o primeiro par encantos, que lhe fizessem logo amar a vida,

comprehender a bondade do Creador e agradecer-lhe os seus dons? Adão dormia somno profundo, quando o Senhor fez a mulher e lh'a deo por companheira; e d'onde lhe viria esse somno delicioso senão da sombra e amenidade dos bosques, do canto das aves, da fragrancia das flores e do murmurio das aguas?

Como se me expande a alma á vista das florestas! e como me sinto outro, quando, possuido de certa timidez que gera a solidão, penetro nos seus dominios silenciosos! Parece-me estar em communicação com Deos; que o tenho presente; que o vejo; que ouço a sua voz; que recebo delle o conforto para não esmorecer na peregrinação da vida; e lembra-me o seu apparecimento á Moysés no Horeb e no Sinai.

Sinto-me purificado das fezes terrenas, como o enfermo que communga, ou o penitente que se reconcilia com o ceo. Não ha no meu coração nem odio, nem azedume, nem queixas. Tudo são doces affectos, que me enchem de alegria, como aquelle que tem consciencia de agradar á Deos.

Mas de todos os espectaculos que offerecem as matas, nenhum é comparavel ao das aves, varias nas cores e no canto, que vagueão por esses mares de verdura, semelhando a navegantes. Aqui se balança, equilibrado nas azas, colhendo o nectar delicioso das flores, um beijaflor esmeraldino, á quem Iris inveja os cambiantes matizes. Alli modula, pousado, um

sabiá, á derramar torrentes de querulo gorgeio. Aqui passa uma harpya destruidora, de olhar feroz e sanguinario, Nero destes invios errores, onde o mais forte exerce impunemente a sua tyrannia. Alli ouve-se uma araponga, de voz retumbante, que se estende e propaga pelo ermo.

Em vista de todas estas maravilhas, o poeta sente e extasia-se; o homem da sciencia estuda e collige; o philosopho medita, e todos elevão o pensamento ao Pan mysterioso que tudo creou e á tudo estende a sua paternal solicitude.

Não sei como haja homens tão duros e insensiveis á doce influencia do espectaculo das selvas, que as busquem para theatro de seus crimes! Diz a Escritura que Caim matou Abel, achando-se á sos com elle, no campo, para onde o chamara; mas certamente ahi não havia bosques nem arvores; do contrario o impio houvera renunciado ao seu damnado intento, e teria cahido supplicante aos pés do irmão innocente cuja morte meditara.

Praza á Deos que a mudança de fortuna me permitta trocar a vida das cidades pela campestre, para que eu possa fazer do meu retiro uma Arcadia e ahi tornar aos gozos singelos dos meus primeiros annos.

MEDITAÇÃO VII.

Ha no Velho Mundo uma peninsula, separada do continente por uma vasta cordilheira, cujas quebradas, desfiladeiros, picos e abysmos, mais parecem separar dous mundos do que dous povos; e isto assim o fez a natureza para mais sensivelmente distinguir os seus habitantes do resto da communhão á que elles geographicamente pertencem, permittindo-lhes viver como em casa, inteiramente livres da publicidade internacional.

Olhando á esquerda a Africa, á direita a Europa e em frente o Atlantico, não ha situação no globo que se lhe possa comparar em vantagem. Ahi tudo é fora das condições communs: magnificos portos sobre dous mares; clima de todas as latitudes; frios hyperboreos nas serras; ardores lybicos nos plainos; deliciosa frescura nas veigas; um solo que se presta á todas as culturas, desde a vinha e o trigo até á cana do assucar e á bananeira; um povo orgulhoso da sua nacionalidade, poden-

do comtudo formar dez povos diversos, por sensiveis differenças que os separão.

Este paiz chamou-se na antiguidade Hesperia, em razão de estar situado no extremo occidente, depois Hispania e hoje Hespanha, e foi sempre cobiçado de todos os conquistadores, como uma terra de maravilhas e riquezas. Possuirão-no, Carthaginezes, Romanos, Vandalos, Suevos, Alanos, Godos e Arabes, em cujo poder constituio os dous grandes califados de Damasco e de Cordova, e depois varios principados independentes, no meio dos quaes sustentava-se e fortalecia-se, nas montanhas da Cantabria, o pequeno reino christão, salvo por Pelagio, dito, á principio, das Asturias, depois d'Oviedo, e finalmente de Leão: até que, por morte de Fernando o catholico, a Hespanha fundio-se em um só estado, qual hoje vê-se, no reinado de Amadeo I, da casa de Saboya, que a nação escolheo para seu chefe, depois de ter privado do throno a Isabel II e seus descendentes.

Ainda que este povo ja representasse na scena do mundo um papel importantissimo, quando formou o grande imperio de Carlos Quinto, o mais vasto que ja se vio no mundo, como que se sente não ter elle ainda preenchido o seu fim e estar em via de melhoramentos e progressos, para poder la chegar. Não penso porem eu assim. A Hespanha ja deo, politicamente fallando, o que tinha de dar; e quando ella perder o resto das suas ricas co-

lonias, decahirá á ponto de retrogradar á todos os respeitos.

Hoje aspira ella á democracia pura, electrisada pela eloquencia do seu grande tribuno; mas eu duvido que seja possivel aclimatar a republica entre os descendentes do duque d' Alba, de Cortez e Torquemada. Á par dos bandos republicanos, tambem se apresentão os carlistas, á sombra de um manifesto cujas ideias se reportão á mais de um seculo atraz; e comtudo o fanatismo dos seus defensores faz honra á Hespanha do tempo de Philippe II.

Os povos nascem e formão-se com tendencias naturaes, que nunca os homens serão capazes de mudar, porque é isto a obra da Providencia. Não ha ensino, não ha exemplo, não ha instituição, que possa fazer dos Hespanhoes um povo, pacifico, tolerante, ordeiro e incruento, qual o requer a forma republicana. Se elle fosse capaz de ser republicano, á guisa das generosas ideias de Emilio Castellar, tambem seria capaz de renunciar a esse espectaculo barbaro, chamado *toureadas*, que faz as delicias de toda a Hespanha; mas aquelle que se atrevesse á propor a abolição de tão vergonhoso passatempo, seria promptamente immolado á vindicta de toda a naçã), porque este sanguinario costume pertence tanto á indole hespanhola, quanto pertence á Hespanha o Guadalquivir e o Guadarrama.

Não ha povo tão bem caracterizado pela natureza, como este. Quereis conhece-lo pelo

seu lado ridiculo? Lêde o Gil Braz de Santilhana e o Dom Quichote de la Mancha. Quereis conhece-lo pelo seu lado grandioso? Lêde a historia do descobrimento e conquista da America. Em jactancia e hyperbole, ninguem lhe ganha. A esquadra que expede Philippe II para a conquista d'Inglaterra tem o nome de Invencible Armada, e nella contão-se naos chamadas la Santissima Trindad e Medio Mundo. De um famoso espadachim que o cholera fulminara nas ruas de Madrid, diz, ao ve-lo, um transeunte que só á traição a morte seria capaz de o matar. A celebre basilica do Escurial, edificada em forma de grelha, originalidade e devoção essencialmente ibero-philippina, é chamada a oitava maravilha do mundo, para inveja dos outros povos.

O seu fanatismo justifica a inquisição, os autos de fé e as atrocidades praticadas nos Paizes Baixos pelo sanguinario Fernando Alvares de Toledo. O seu patriotismo seria digno de inveja, se não degenerasse em ferocidade, e não fosse em grande parte inspirado pelo orgulho nacional. Entretanto, cumpre dizer que, postos de parte os excessos praticados, os Hespanhoes, desprevenidos e baldos de exercitos regulares, cobrirão-se de gloria em repellir a invasão franceza, só com as suas guerrilhas. Os nomes de Palafox e Saragoça serão eternos monumentos erguidos ao patriotismo peninsular.

Foi a Hespanha a primeira que abalou o

colossal poder do grande capitão que avassalava a Europa. Debalde mandou elle, para subjuga-la, tres exercitos successivos e os seus melhores cabos de guerra, indo a final elle mesmo em pessoa, á ver se com a sua presença vencia tão obstinada resistencia; mas a nação em peso se havia levantado contra o dominio estrangeiro, e a aguia imperial teve de repassar os Pyreneos, de cujos pincaros medira com os olhos a cobiçada presa.

Em geral se pensa que a exageração distinctiva do genio hespanhol houverão-na elles dos Arabes e Mouros, com quem conviverão durante tres seculos. Ha porem nisto erro e falsa apreciação das cousas, pois ja no tempo dos Carthaginezes e Romanos o caracter nacional era o mesmo que hoje, como eloquentemente o provão os memoraveis cercos de Sagunto e Numancia. Se o dominio sarraceno nas Hespanhas houvesse operado essa influencia na índole nacional, o mesmo aconteceria com os Portuguezes; e entretanto não ha dous povos mais naturalmente dessemelhantes.

A idade d'ouro da Hespanha não foi o tempo em que ella dispunha das minas do Perú e do Mexico, mas sim o do dominio musulmano, em que ella chegou á contar trinta e tres milhões d'habitantes, e em que tanto prosperarão, a lavoura, a industria e as bellas artes, como o attestão as obras hydraulicas de Ronda, o alcazar de Sevilha, a cathedral de Cordova, a Alhambra, o Generalif e outras obras.

Sem embargo de tudo quanto se possa dizer do atrazo e vicios deste povo, não ha negar que é elle o mais bellamente original que se conhece. Se gostais do ideial, lêde os seus poetas, ouvide as suas xacaras, os contos populares, as serenatas ao som da guitarra, e achareis em tudo isto um sentimento local, que nos agrada mais do que em outra qualquer parte. Se gostais de amores, relanceai um rosto andaluz ou granadino, que se occulta sob a mantilha, e como Alfredo de Musset, jurareis por todos os santos de Castella serdes capaz de quebrar por elle os ossos de todos os alcaides de Sevilha e Guadalete. Se gostais de dança, ide ver dançar as suas majas o bolero ou o fandango, e dentro em pouco vos poreis tambem, sem o quererdes, em cadente movimento, acompanhando os requebros dessas mulheres provocantes.

Mas tambem, se gostais de musica, aconselho-vos que tapeis os ouvidos, para não ouvirdes essa monotona toada ou seguidilha, chamada musica hespanhola, que series capaz de dormir, como os sete dormentes.

Hespanha, paiz da cavallaria e dos amores; gleba africana, que o arrojo oceanico incorporou á mundo alheio, porque ha de a insensatez dos teus filhos querer roubar-te ao teu providencial destino, fazendo de ti um foco permanente de revoluções politicas e uma arena de lutas homicidas, quando fadou-te Deos para seres a terra dos prazeres d'alma, das

delicias tranquillas e dos sonhos dourados, dormidos á sombra dos teus cedros olentes, respirando-se o nenuphar dos teus lagos e só pensando-se em amores?!

Possão elles conhecer o seu erro, arrependerem-se e restituirem-te á paz, para seres a nova terra afortunada, que todos invejem e procurem!

MEDITAÇÃO VIII.

O governo brasileiro acaba de praticar um acto de solemne justiça, cuja tardança ja o ia compromettendo aos olhos das nações civilisadas. Por esse acto decretou elle que da sua data em diante ninguem mais nasceria escravo no Brasil; dando por esta forma um golpe decisivo na escravidão, que dentro em vinte e cinco annos ficará de todo extincta no vasto imperio americano.

Á quem compete a melhor parte nesta grande revolução por que acaba de passar o paiz? Ao Snr. D. Pedro II, digamo-lo em consciencia. É certo que a ideia da necessidade e conveniencia da emancipação servil ja era propriedade de grande numero de Brasileiros; mas tambem não o é menos que, sem a poderosa iniciativa do monarcha e a firme resolução em que elle estava, de realisar aquelle grandioso pensamento no seu reinado, nem o governo teria tido a necessaria força moral para propor ja a medida, nem o corpo legislativo o

necessario estimulo e independencia para a adoptar, sem fazer cabedal da opposição dos ricos proprietarios de escravos, ou, para sermos mais francos, das duas grandes forças, combinadas, o commercio e a lavoura, que vião a sua propriedade e interesses ameaçados, e sobretudo receavão um acto violento e de chofre.

Como quer que seja, a emancipação foi madura e sabiamente decretada; o mais pertence á iniciativa particular e ao tempo; e honra se faça á todos: a philantropia individual e de associação se tem desinvolvido de um modo espantoso, desde que a opinião publica se convenceo da necessidade daquella medida. Se o beneficio se estendesse logo á todos, nascidos e por nascer, seria um mal, tanto para o paiz, como para os proprios libertados, a quem não haveria tempo de preparar, para moralisa-los e faze-los laboriosos.

Será uma gloria para este seculo o acabar com a escravidão em todos os paizes civilisados, assim como o é para a Convenção o ter sido ella a primeira que inaugurou esta magnifica obra, decretando a liberdade dos escravos em todas as colonias francezas.

Se se considerarem os esforços heroicos que, nestes ultimos quatro seculos, almas piedosas tem empregado em favor da liberdade dos captivos, e que, apezar delles, ainda hoje existe o flagello da escravidão, não se pode deixar de lamentar a marcha lenta do espirito-huma-

no na reforma dos mais odiosos abusos. Tanto tempo para conseguir-se a restituição do direito mais sagrado e inviolavel que Deos deo á creatura, e de que esta privou a uma grande parte dos seus semelhantes! Isto é contristrador, e faz descrer de um futuro em que os direitos do homem sejão plenamente garantidos contra os abusos de facto do mesmo homem.

Não sou um utopista. Igualdade absoluta sei que nunca a ha de haver. Para isto fôra preciso que a condição de todos fosse a mesma, isto é, que desapparecesse a desigualdade de fortuna que hoje se nota, como o querem, não sei se de boa fé, os communistas e socialistas: delirio irrisorio, se elle ja não houvesse feito chorar a tanta gente, e não ameaçasse destruir a sociedade e a ordem. Mas ao menos desappareça d'entre os povos que se dizem civilisados e livres essa desigualdade monstruosa que resulta da escravidão, e que infelizmente tem sido consentida e autorizada pelos governos mais livres e cultos.

Meditando sobre a origem da escravidão, pode-se concluir com certeza ter sido ella a consequencia da guerra e do abuso do vencedor. Em condições normaes, não era possivel que o homem cogitasse em escravisar o seu semelhante. Só o orgulho da victoria e da conquista podia suggerir-lhe esse pensamento infernal. A escravidão foi pois a consequencia da guerra, como a guerra era a manifestação da for-

ça, é a força o unico direito conhecido no estado natural.

O uso geral, no estado barbaro, de fazerem os vencedores escravos os vencidos, e até de os transportarem para fora de seus paizes, prova esta verdade de um modo que não é possivel recusa-la; e é mais esta uma consequencia do detestavel abuso da guerra.

Entre os benemeritos da humanidade occupão o primeiro lugar aquelles que, como o virtuoso bispo de Chiapa, Guilherme Penn e Wilberforce, combaterão a escravidão e forão os intrepidos defensores da liberdade individual; e se ja hoje os seus nomes são venerados, muito mais o serão no futuro, quando a historia da escravidão pertencer ao passado, como hoje a do feudalismo.

Como apparecem collossaes os vultos destes tres campeões da humanidade ! São destas glorias para as quaes não ha monumentos condignos senão o nome e a historia. O marmore e o bronze serião mesquinhos para perpetua-las.

Custa á crer que, ainda ha quarenta e um annos atraz, um pequeno estado barbaresco, situado ás portas da Europa, exercesse livre e impunemente a pirataria e o trafico da escravatura branca, até que a França, aproveitando-se de uma questão de honra nacional, fosse libertar o commercio e a humanidade, destruindo esse covil de piratas e conquistando o paiz para a civilisação, de cujo gremio elle vivia separado !

Contraste notavel! Foi para colonisar a America, este maravilhoso paiz do Novo Mundo, e haurir as suas fabulosas riquezas, que a civilisada Europa fez reviver a escravidão em toda a sua antiga barbaria. Por um requinte de iniquidade, que não se pode exprimir, forão os pobres indigenas os primeiros que pagarão o tributo á cupidez dos seus ferozes conquistadores. Tres seculos se passarão durante os quaes esta terra, destinada para regenerar a sociedade europea, foi regada pelas lagrimas e o suor dos miseros captivos; mas tambem é ahi que a escravidão expira e dá o seu ultimo arranco, para nunca mais reviver!

E tu, ó meu paiz, em cujo porvir immenso o mundo inteiro tem os olhos, sem pode-lo calcular; abençoada terra da Vera Cruz, não foste debalde assim chamada, pois é no teu solo que se opera esta nova redempção e expira o captiveiro. E visto que a Providencia escolheo-te para tão sagrada missão, sê o depositario zeloso do santo Labaro da Liberdade. Se o orgulhoso estrangeiro ousar algum dia tocar-lhe com mãos impias, defende-o como Leonidas, para que o Brasil seja o refugio de todos os homens livres que nelle vierem buscar asylo.

MEDITAÇÃO IX.

O homem não pode deixar de ter tido uma origem igual á dos outros animaes, isto é, uma origem local, sobre a qual influissem as condições naturaes do clima, do solo, da atmosphera e outras causas secundarias, que escapão ao nosso conhecimento e apreciação, como se pode colligir de todas as considerações que passo á fazer.

Se o genero humano procedesse de um só tronco, as diversas raças não apresentarião differenças tão notaveis, ou por outra, não degenerarião tanto do typo e condições primitivas, á ponto de só ficar o absolutamente necessario para conservar a unidade do genero. Não ha duvida que uma raça deslocada das condições naturaes degenera ao cabo de algumas gerações; mas esta degeneração apenas consiste em ligeiras modificações, de cor, de physionomia, de estatura, de conformação, de indole etc..

Colloque-se, por exemplo, a um germano ou

a um escossez, de raça pura, de cor lactea, de louros cabellos, de olhos azues, nos torrados sertões da Africa; e vice-versa, a um natural do Congo sob a atmosphera gelida e brumosa do Labrador ou da Islandia, que o filho do negro sahirá eternamente negro, de cabello encarapinhado e de nariz chato; e o filho do germano ou do escossez eternamente branco, de olhos azues e de cabellos louros, sem embargo de soffrerem um e outro certas modificações.

Outra consequencia da unidade de origem seria que, devendo o homem conservar-se em estado de familia, de tribu ou de nação, quando se dispersou, e devendo elle então fallar uma só lingua, ter o mesmo grao de civilisação, os mesmos usos e costumes, devêra tambem haver uma só lingua universal, apenas modificada e enriquecida com novos termos, mas sempre a mesma, no que fosse substancial; em todos se devêra notar o mesmo desinvolvimento; e todos devêrão ter os mesmos usos e costumes.

O contrario porem disto foi o que se vio e o que se vê. Emquanto os Egypcios, os Gregos e os Romanos ostentavão as maravilhas da sua civilisação, todos os outros povos ou erão barbaros ou selvagens; e ainda hoje tal é o estado comparativo que nos offerece a anthropologia e a ethnographia.

As linguas que fallavão os povos quando começarão á sêr conhecidos, nenhuma affinida-

de offerecião, á excepção daquellas que fallavão os povos da mesma raça e procedencia, como se notou em varias nações americanas e ainda hoje nos povos de raça latina.

Ainda no estado selvagem, em que os povos estão mais proximos da primeira idade, acharão-se no mesmo continente innumeras linguas, sem a menor affinidade, que fizesse crer n'uma origem commum.

Admittindo-se que a nomenclatura da supposta lingua mãi podesse com o volver dos evos variar á ponto de offerecer uma completa mudança, seria mais difficil que esta se operasse no mechanismo da sua construcção grammatical, que devêra permanecer a mesma, entretanto que só nas linguas cultas se dá a uniformidade das regras geraes da syntaxe.

O mesmo se observa á respeito dos usos e costumes, e mais que tudo, nas crenças e praticas religiosas. Emquanto uns nenhuma ideia tinhão do Ser Supremo, como o Boschiman, outros o adoravão e personificavão em seres extravagantes, em horridos idolos, em animaes, na materia bruta, no fogo, no sol etc.; e no modo de lhe tributarem as suas adorações, usavão de praticas tão varias, quanto detestaveis e brutaes, desde as orgias e a prostituição até os sacrificios humanos.

Toda esta variedade revela com evidencia a pluralidade de origem da raça humana e que esta não é coeva em todo o mundo, antecipando-se umas ás outras, segundo a pri-

oridade de formação e existencia das diversas partes do globo.

De outro modo, não era possivel explicar-se a emigração dos continentes para ilhas remotas, em tempos em que a nautica ainda era desconhecida, pois só nos nossos dias pôde o homem, auxiliado por ella, commetter os mares.

Para quem observa a natureza e medita no que vê não escapa o perfeito accôrdo, a intima relação que ha entre todos os outros seres animaes e as condições locaes dos paizes e regiões d'onde elles são oriundos. Assim, o sobrio camello e o paciente dromedario, que podem passar muitos dias sem comer nem beber, estão em perfeita relação com a aridez e seccura dos desertos d'Africa e da Arabia. A mesma relação se nota, entre o rangifer e a Laponia; entre o condor e os Andes; entre o fero leão e a Africa ardente.

Esta mesma conformidade existe entre as diversas raças humanas e os paizes que ellas habitão. É na Africa abrazadora e bronca que se acha o negro queimado dos ardores do sol e dos areaes movediços, onde impera o simun; e é tambem ahi que se encontrão as tribus mais barbaras e pobres de intelligencia.

Na Asia e na America ja a cor das raças indigenas approxima-se mais do branco; ja o homem é mais bonito, mais intelligente e menos rude; porque, embora ambos os continentes tambem soffrão o sol do equador, ahi mes-

mo as condições locaes já são mais favoraveis e não se sentem os ardores libycos.

Na Europa, inteiramente situada fora do equador, tudo se combina para ser ella a patria da raça branca, de todas a mais bella, intelligente e perfectivel, que tende á dominar e á absorver as outras.

O amor que o homem tem ao torrão natal, por mais pobre e ingrato que elle seja, a nostalgia que o persegue, quando delle o arrancão, é mais uma prova de que cada um tem a sua patria local, cujas condições actuão poderosamente no seu bem estar. Nem é só nos povos selvagens que isto se observa. Os Chinezes, principalmente, transplantados para a America, suicidão-se ás duzias, ao mesmo tempo, e de combinação, porque só na patria achão as condições necessarias para viverem felizes e contentes.

MEDITAÇÃO X.

Recusas acreditar que o homem tivesse a sua origem, como o refere o Genesis, e sempre possuido da ideia de que elle é um animal como qualquer outro, imaginas que cada um tem a sua origem local, de conformidade com as condições naturaes que influirão na sua formação. Mas eu não posso capacitar-me de semelhante impiedade, que tende á materializar o mundo, e não vejo nos teus raciocinios senão erros deploraveis.

Argumentas com a variedade das raças e a grande differença que nellas se nota, para negares que ellas tivessem uma só procedencia, apezar das modificações por que podesse passar o homem sob a influencia de novas condições locaes, que nunca chegarião á ponto de fazer com que do branco nascesse o negro e do negro o branco.

Mas, se admittes que a influencia local podesse produzir em sua origem cada uma das raças em que se divide o genero humano,

como negar que essa mesma influencia podesse modificar profundamente o homem, á ponto de motivar essa mesma variedade de raças? Se dizes que a cor da raça ethiopica é uma consequencia natural dos ardores d'Africa, porque não admittes que a mesma causa podesse modificar por tal forma a raça caucasia ou aryanna, que, no fim de muitas gerações, a cor branca fosse ahi substituida pela negra?

Para julgar-se do que pode a influencia local sobre a constituição humana e o accidente das cores, attende ás considerações que passo á fazer.

Sabe-se que, depois da morte d'Attila, occorrida em meados do seculo V, o resto desses famosos barbaros de quem Ammiano Marcellino e Jornandes nos deixarão tão horrida pintura, estabeleceo-se e ficou permanecendo na Hungria, que dizem ter recebido delles o nome.

Ainda na idade media, os descendentes dos Hunnos ahi existião, com o nome de Oigours, taes quaes os havião descrito aquelles historiadores, conservando perfeitamente o typo da familia ouralica ou finneza.

Este povo, que viera d'Asia fundir-se com os Hunnos, fez varias excursões no occidente da Europa, e excedeo em barbaria os seus ferozes antepassados. Procurem-se porem hoje na Hungria os descendentes dos Hunnos e dos Oigours; procure-se nelles esse

typo tão distincto da raça tartara, que ainda hoje conservão os Kalmucos em toda a sua pureza. Apenas se achão vestigios della nos habitantes da grande e pequena Cumania e da Iazygia.

Eis aqui pois como esses homens horrendos e medonhos, que causarão espanto aos proprios Barbaros, transplantados da Asia para a Europa, ao cabo d'alguns seculos mudarão á ponto de serem hoje difficilmente conhecidos. Até a cor quasi negra perderão *(species pavenda nigredine)*.

Entre as innumeras tribus d' Indios que povoão o valle do Amazonas, algumas se achão brancas ou quasi brancas, á par de outras cor de cobre; e os Albinos ou pretos-brancos é mais uma prova da poderosa influencia das causas externas sobre o organismo e a cor dos homens.

E esta influencia não se limita só ao physico do individuo; tambem se estende ao moral e intellectual. Os usos e costumes de um povo estão sempre em relação com as causas externas; e estas são ás vezes tão imperceptiveis que se não conhecem, apezar de operarem tão activamente, que produzem espantosas differenças. Sirva de exemplo o que se observa na peninsula iberica.

Que profunda differença entre os dous povos que a occupão! Tão grande é ella, que não conheço outra maior entre nações, ainda de raça differente. Parece que a natureza,

para mais assegura-la, separou os dous povos por uma invencivel antipathia e até pela lingua, de cuja differença ninguem é capaz nem ao menos de conceber a causa. E comtudo ambos elles procedem da mesma raça; passarão pelas mesmas vicissitudes, e estão sugeitos apparentemente ás mesmas condições locaes.

Quasi igual differença se nota entre as diversas provincias da mesma Hespanha, embora formem ellas uma só nação. É com effeito impossivel achar relações de conformidade, quaes se devem suppor no mesmo povo, entre o Vasco e o Andaluz, o Catalão e o Aragonez, o Asturiano e o Gallego, o Granadino e o Castelhano. Os Vascongados até fallão lingua diversa e regem-se por foros, que fazem uma especie de legislação á parte.

Esta influencia dá tambem a razão porque, dispersando-se o genero humano, não era possivel que elle conservasse o mesmo grao de desinvolvimento e de civilisação, por isso que esta depende da maior ou menor aptidão de cada povo, e nós ja vimos como as condições locaes influem e modificão o homem, tanto no physico, como no moral e intellectual. É esta a razão porque não é o mesmo o intellecto das diversas raças, e porque a européa é de todas a mais intelligente e perfectivel, e a africana a mais bronca e retardataria. E é esta tambem a razão porque se vêem no mesmo povo uns mais aptos pa-

ra isto, outros para aquillo, uns mais atrazados, outros mais adiantados.

Fallas de uma lingua universal, como a consequencia necessaria de ser o homem estirpe do mesmo tronco. Assim dá a falsa sciencia o valor que lhe parece aos seus sophismas e desvarios.

Pois pensas que o homem, ser tão ephemero na terra, possa deixar nella cousa alguma estavel ou eterna? Só os poetas dizem, por estolida vaidade, que as suas obras nunca morrerão, ainda que elles mesmos o não crêem. Não ha obra nem instituição humana que escape á lei da caducidade e da morte (*mortalia facta peribunt*).

Uma lingua universal e perduravel presupporia uma nação tambem universal e perduravel: o que é de facto contrario aos designios da Providencia, que, dividindo o genero humano em varias raças, tambem dividio a estas em varias nações, e fez das linguas o principio mais forte das nacionalidades. Não vês como o grego e o latim deixarão de ser linguas vivas, logo que os dous imperios tambem deixarão de existir? Que lingua fallão hoje os Romanos e os Gregos? Se Virgilio resuscitasse não entenderia os modernos descendentes de Quirino, porque os Barbaros não destruirão só o famoso imperio, tambem matarão a lingua em que erão escritos os decretos do senado, que do Capitolio regia o mundo.

Dizes emfim que o apêgo ao solo patrio é mais uma prova de que os povos tiverão uma origem singular e local; mas tanto não é isto exacto, que, deslocada uma criança da terra natal, sendo ella criada e educada n'outra, é esta e não aquella que vem á prender o seu amor. Não é o simples nascimento que nos faz amar a patria; são principalmente as doces recordações de tudo quanto respeita aos nossos primeiros annos, quadra deliciosa, cujas impressões nunca mais esquecem e são sempre lembradas com intima saudade!

Para responder-te á questão da impossibilidade de emigração dos continentes para ilhas remotas, em tempos em que o homem não tinha meios para commetter longas viagens por mar, á meu turno te pergunto, e se o homem teve a sua origem local, como dizes, como é que diversas ilhas e archipelagos forão achados desertos, taes como, os Açores, as ilhas de Cabo-Verde, as, de João Fernandes, da Madeira, da Ascenção e outras? Não é porem exacto que o homem, no estado selvagem, não se atrevesse á tentar os mares, embora desconhecesse ainda os recursos da nautica; e ahi está o testemunho de todos os navegadores para saber-se que, tanto na America como na Oceania, ja os selvagens se communicavão de umas ilhas para outras, aventurando-se aos mares nas suas frageis pirogas.

MEDITAÇÃO XI.

Na opinião commum dos homens, o amor da prole passa por ser o mais sublime sentimento, a mais cega dedicação do coração humano. Não admittirá porem este juizo alguns reparos e modificações? Será realmente aquella especie de amor mais admiravel, mais capaz de extremos, mais sublime, emfim, do que o amor do sexo? O paralello que vamos fazer entre ambos, tomando por base o coração da mulher, decidirá esta questão.

O amor da prole é certamente um sentimento tão natural, tão espontaneo, tão indefectivel, tão divino, emfim, que bem se poderá considera-lo um sacramento.

Quando Deos impoz á mãi o doce encargo de amar o fructo de suas entranhas, concebido no mais voluptuoso delirio dos sentidos, recolhendo-se em si mesmo, santificou este mandamento com a sua benção. Mas, quando elle disse ao homem que, pela mulher á quem elle se ligasse, deixaria pai e mãi, coôu-lhe

no coração um philtro abrazador, e fez sentir á mulher um mundo de prodigios, de delicias desconhecidas, que lhe inundavão a alma de sensual beatitude. Borbulhava-lhe o sangue nas veias; pulsava-lhe trepido o coração; devaneava-lhe o pensamento; seus olhos, languidos, cerravão-se á embriaguez da volupia, e os labios, errantes, articulavão sons, que, em qualquer lingua em que fossem traduzidos, dirião « Amor!». E Deos, como se houvera obrado mal, quasi que se arreceiou do que fizera.

Não ha sentimento em que o bemquerer seja mais santo, mais desinteressado, mais constante, do que no amor de mãi. Nem as más qualidades, nem os vicios, nem a ingratidão, nem os desgostos, que lhes causão os filhos, são capazes de o entibiar. Antes, ao contrario, tanto mais as fazem soffrer, quanto mais elle se acrisola.

Tão poderoso é o amor da maternidade, que, em falta de filho proprio, a mulher se affeiçôa ao adoptivo, como se fôra seu, e ama-o com igual disvello e solicitude.

Assim não succede com o amor sexual, unicamente alimentado pelo interesse do gozo, embora este interesse, fundado na mais poderosa lei da natureza, nada tenha de vil nem de indigno. Não ha amante, por mais apaixonado que seja, que não esfriasse, logo que soubesse que havia um impedimento irremediavel para satisfazer o seu ardor; assim como

tambem o não ha a quem a saciedade não mude.

Infelizmente, nos homens, são tantos os casos de aborrecerem as mulheres que mais amarão, depois de roto o veo da illusão, atravez do qual as adoravão, e, em ambos os sexos, os de se esquecerem mutuamente, com a ausencia, o tempo e novas distracções, que não pouco abalada se acha a fé d'outr'ora nesses amores dramaticos, como o de D. Pedro por D. Ignez de Castro.

Mas a prova de que o amor do sexo é mais forte e violento do que o da prole, e por isso mais capaz de sublimes extremos, é que só elle é susceptivel de ciume, esse pez incendiario, essa helepole do coração, esse sustenido do desejo, esse Rembrandt da imaginação, esse delirio do egoismo: vortice que traga, furacão que devasta, caligem que cega, relampago que offusca, inferno que tortura, e no fim, ceo que se nos abre.

Quereis saber o que podem os dous amores? Vede-o no paralello que nos offerece a Rachel do Propheta e a Dido do epico latino.

Rachel enche os ares de gritos e lamentos, que se ouvem até Rhama, e recusa qualquer consolação, porque seus filhos erão mortos! Mas Rachel pôde soffrer a sua desgraça, até que, com o tempo, o seu desespero converteo-se em deliciosa saudade. No auge da sua dor, não lhe veio á mente a ideia do suicidio, desatino sublime do soffrimento, mais elo-

quente que as lagrimas, os gemidos e os soluços, que só occorre ao infeliz, quando de todo lhe falha a esperança e a vida se lhe torna insupportavel.

A infeliz rainha, depois de esgotadas as lagrimas e supplicas, vendo que não podera commover o ingrato amante, e nem dissuadi-lo de a deixar, não podendo mais supportar a vida, que se lhe torna odiosa, resolve logo pôr termo á ella, dando-se a morte, como unico remedio á seus males, com um heroismo só proprio do fanatismo amoroso.

Deste sublime sacrificio todos os dias nos estão dando novos exemplos as *lorettes* e *grisettes* de Paris, apezar de ja terem perdido a virgindade d'alma e do amor. De quantas dellas, em iguaes circunstancias, não tem sido o Sena o leito mortuario, quando não preferem matar-se asphyxiadas pelo fumo do carvão de pedra, muitas vezes de companhia com os seus amantes!

Verdade seja que tambem se tem visto mãis, por excesso de amor, matarem-se a si, depois de haverem matado os filhos, para os livrarem de um grande mal que a sua ternura não pôde arrostar com coragem nem resignação. Mas estes exemplos são raros, e mais se podem considerar uma aberração das leis da natureza e um horroroso sacrilegio á santidade do amor materno, do que casos de sublime loucura, que a razão condemma, mas que a admiração absolve.

É natural que, por excesso de amor ou de ciume, um amante malafortunado se mate a si ou tente contra a vida do objecto amado, que o despreza ou atraiçoa. A um semelhante acto de loucura não se louva, porque é sempre condemnavel; mas admira-se com certo enthusiasmo, que parece approva-lo, e não ha ninguem que, constituido juiz, o não absolva.

O mesmo porem se não pode dizer da mãi desnaturada que ousa levantar a mão sacrilega contra o fructo das suas entranhas, para quem ella só devêra ter affectos e caricias. A maternidade é um templo, cujo deos é o filho e religião a ternura, estreme de toda a crueza: lyrio candido e puro, que só pode recolher no seu calice mimoso as lagrimas da piedade e do amor, orvalho benefico que o alimenta e vivifica.

Eu admiraria mais a heroica mãi do conde de Chalais, se, em vez de ir assistir ao supplicio do filho, se fosse encerrar em um convento, onde levasse o resto da vida á chorar e á orar.

Uma mãi não foi feita, nem para taes actos, nem para taes espectaculos, que mais accusão insensibilidade do que amor.

Ha no amor de mãi certa vaidade e amor proprio que lhe profana occultamente a santidade. A mãi ama o filho, não só por amor delle, mas tambem de si propria. É a vaidade, o vicio imperioso do sexo, que lh'o faz parecer mais bello e mais perfeito que os ou-

tros; e assim o imaginão, porque cada uma dellas se suppõe a mais formosa, a mais perfeita e a mais digna de ser admirada. D'ahi resulta a fusão de dous amores em um só, fusão que os confunde, como se confundem dois rios que se encontrão.

Os disvelos, as caricias, os extremos, que a mãi prodigalisa ao filho, são os mesmos á que ella se julga com direito, e que é a primeira á render á sua feitura, como homenagem devida á si mesma.

O filho é para a mulher a realização do seu mais bello sonho; o espelho magico que a retrata qual ella se imagina; o echo que lhe repete em sons melodiosos o cantico de amor que ella entôa á si mesma.

N'uma palavra, a mãi é o Pygmalião da *Fabula*, enlouquecido pela sua obra; o Nabuchodonosor da Escritura, decretando, por vaidade, que todos rendão culto á sua imagem.

E nisto houve grande sabedoria da parte de Deos, que fez de um defeito um instrumento de perfeição, como da vaccina fez Jenner um preservativo salutar.

Nada porem disto no amor que consagra a mulher ao homem que a captiva. Nelle não entra um só atmo de amor proprio ou de vaidade. Tudo é esquecimento absoluto de si. Uma loucura divina lhe tira a razão, para faze-la completamente feliz. E neste estado de suprema ventura, o homem é para ella, o deos do seu coração, a religião da sua vida,

a fonte unica do seu prazer, o unico objecto dos seus desejos e esperanças, o El-Dorado de todas as suas ambições: miragem sublime! que lhe faz sentir todos os jubilos e estremecimentos de um'alma profundamente apaixonada. E neste estado de suprema ventura, ella ja não ama mais; adora com fanatismo; obedece, como uma escrava; resigna-se, como uma victima; deixa de viver para si, para só viver para outro. Se lhe dessem um imperio, ella ó iria depor aos pés do seu amante; se a fizessem rainha, ella o fizera rei; se deosa, ella o preferira aos deoses; se lhe dessem a immortalidade, ella a recusára, para não sobreviver ao seu amante; se este a despreza, ella não quererá mais viver, e receberá este golpe profundo sem resentimento, sem odio nem desejo de vingança, porque para elle só ha doces queixas, indulgencia e perdão.

E são por ventura comparaveis os prazeres da maternidade ás voluptuosas dilicias do amor do sexo? Haverá na terra uma potencia tão forte, como esta, e cousa que tanto se resinta da sua origem celeste?

Finalmente, o amor do sexo é o templo d'Amathonta, onde se inicia a maternidade nos doces mysterios do coração; os jardins de Paphos, por onde passa a risonha juventude, para entrar no caminho da vida reflectida e espinhosa.

Sendo pois elle a *alma parens* da natureza,

e a maternidade filha delle, decretemos-lhe a palma que Paris outr' ora conferio á mãi do mesmo amor.

MEDITAÇÃO XII.

Vive entre os homens um ente, filho dos homens, mas que delles só tem a forma e as fraquezas inherentes á humanidade. Em tudo o mais é um ser excepcional, fóra do commum dos outros, em todas as suas manifestações, quer moraes, quer intellectuaes.

Chamarão-no outr'ora vate, porque elle é um dos illuminados la de cima, e vaticina, como propheta, o que ainda está por vir. Hoje o chamão poeta, nome de equivoco apreço, de que uns zombão, como o d'um miseravel e d'um louco, e que poucos respeitão, como o de um eleito e assignalado de Deos.

Desde os primeiros annos que este ente se annuncia aos homens por suas excentricidades. Quando os outros brincão e saltão em ruidosos exercicios, elle conserva-se retirado, meditativo e possuido de uma melancolia precoce, que insensivelmente o leva á lugares invios, onde elle se extasia á sós,

entregue á comtemplação da natureza, cujos encantos elle prefere á tudo quanto pode enlevar a imaginação de um menino.

D'onde lhe vem esta indole estranha? Do temperamento, não; que esse é commum á muitos outros, de indole diversa. Só Deos, que tem a chave e a sciencia das suas obras, o poderia dizer. O certo é que esta alma sobrehumana e phenomenal é a origem de inauditos jubilos e penas; e se por um lado ella se eleva á cathegoria dos seres privilegiados, por outro abaixa-se ao nivel de todas as intelligencias elevadas que soffrem certos desarranjos deploraveis, por excesso de imaginação e sentimentalismo.

A missão destes homens é toda civilisadora e de paz. Onde está o poeta está a civilisação desbastando a rudez e a barbaria. Os tyrannos tremem de lhe tocarem na fronte augusta, ou de incorrerem no seu anathema, porque ficão execrados para todo sempre.

Quando elle empunha a lyra, é para cantar a virtude, as acções magnanimas, os feitos egregios, ou para deleitar os profanos com os seus deliciosos sonhos e devaneios.

Nos tempos em que proteger os talentos e as lettras era um titulo de gloria, os grandes e poderosos fazião ostentação de os terem em seus dominios e castellos, como fazendo parte da sua côrte senhorial. Nesses tempos chamavão-se elles, menestreis, bardos, trovadores, e erão cantores errantes, que cumprião

um voto natural, isto é, o de civilisarem os povos rudes, vindos das charnecas do Norte, em ondas que se succedião umas ás outras, e estanciavão de passagem nas regiões do Meiodia, até que outra onda os vinha d'ahi expellir.

Foi neste commercio que os leudes e senhores das conquistas barbaras aprenderão á trocar a concupiscencia pela sublimidade do amor, á admirar a mulher, á render-lhe cultos e á fazer della a sua dama, á quem juravão preito e homenagem, dando-lhe lugar na sua trina divisa.

Alimentão-lhe o genio o espectaculo e o sentimento de tudo quanto é bello, o mundo externo e o mundo intimo. Mas é principalmente neste que elle haure o fogo sagrado que o anima e as suas mais ricas concepções. Ninguem mais pobre nem mais opulento. Se lhe escasseão os bens que o vulgo tanto cobiça, abundão-lhe os que ao vulgo fallecem, taes são, independencia, nobre orgulho, amor da gloria, uma alma apaixonada e sensivel, imaginação prodigiosa, e mais que tudo, o incomparavel condão de ser elle o preferido da belleza, porque, se a mulher foi feita para o homem, a belleza foi particularmente feita para o poeta.

Tal é a parte que na obra da civilisação tem este ente que os homens positivos julgão inutil, porque falla uma linguagem superior á comprehensão delles. Entretanto, quereis sa-

ber a sorte, na terra, destes paladins do genero humano; destes defensores impavidos do direito e da justiça; destes legionarios do progresso, que não voltão cara aos que se lhe oppõem? A face mais lisongeira, são os louvores e applausos com que o publico os acolhe, quando elles o enthusiasmão, os estereis monumentos que lhes ergue a remota posteridade, o laureato, com que lisongeião a sua vaidade, fazendo-os uns reis d' espectaculo, como fizerão a Jesus. A outra face, oh! meu Deos, como é triste e lamentavel!

Que vida tempestuosa! que lutas comsigo mesmo! que contrariedades! que decepções! que desgostos! que desanimo! que tristeza desesperadora, quando elles conhecem a realidade das cousas e se convencem de que os seus sonhos não tem objecto correspondente na vida!

Nesta situação de espirito, elles descrêem de tudo, até de Deos. Não ha mais prazeres que os prendão á vida. Sua alma é um barathro, onde só mora o scepticismo, á dilacera-los com as suas garras de abutre, como no peito de Ticyon morava o monstro que lhe não dava repouso ás entranhas renascentes.

Vêdes este cego, pensativo, cujos niveos cabellos fluctuão ao vento? É o cantor do *Paraiso Perdido*, que morreo quasi na indigencia, e nem ao menos gozou em vida da justa admiração que lhe era devida.

Vêdes este outro cego, tambem velho, que

de porta em porta esmola o pão de cada dia? É o divino. . . . ia dizer-lhe o nome, mas seria isso uma irreverencia. Basta dizer que é o pai da poesia, aquelle cujo nome evoca todas as glorias da antiga Grecia.

Vêdes mais este joven cego, que tambem viveo e morreo na indigencia? Que alma nobre e que grande amigo da humanidade! Á este nem se quer a posteridade foi reconhecida, pois bem poucos o conhecem! É o inimitavel Lachambeaudie, cuja original simplicidade o colloca acima de todos os fabulistas.

Vêdes estes miseraveis grabatos, que revelão a pobreza das casas de caridade? Pois foi nelles que expirarão, o autor dos *Lusiadas*, o mimoso autor do *Myosotis* e Gilbert, a quem o desespero enlouqueceo.

Agora eis aqui duas crianças, a primeira das quaes (pobre Rowley!) envenenou-se aos dezesete annos, faminto e roido de miseria! Depois foi que os seus compatriotas souberão dar-lhe valor. A segunda tambem poz termo aos seus dias, por uma nova especie de suicidio, tendo apenas vinte e um annos de idade. Descrente de tudo, horrorizado de ter conhecido o mundo, encerrou-se em si, abandonando-se ao desanimo, e morreo, depois de ter sentido a fome e a miseria, no meio da mais esplendida e ruidosa cidade dos tempos modernos, aonde elle viera buscar fortuna. Chamava-se Ymbert Galloix.

Londres e Paris forão os assassinos destes

dous infelizes e devem carregar com a responsabilidade de suas mortes, que accusão todo o egoismo e indifferença dos homens civilisados.

Este velho venerando, cujas faces enrugadas e pendentes são menos a obra dos annos do que a dos pezares e desgostos de todo o genero, é o autor da *Divina Commedia*, trilogia sublime que elle compoz no desterro. Foi um guerreiro, um estadista, um diplomata e principalmente um grande poeta; e comtudo os seus compatriotas o banirão e condemnarão á ser queimado vivo. Lutando com a miseria e vagando de cidade em cidade, veio por fim á morrer em Ravenna.

Este outro, tambem italiano, éo grande Torquato Tasso, autor da *Jerusalem Libertada*, que foi a victima das tyrannias de um duque soberano, porque ousara levantar os olhos sobre Leonor d'Este. Sete annos esteve encarcerado, como doudo, na prisão solitaria de um convento, e só d'ahi sahio (em verdadeiro estado de demencia), para ir morrer n'outro convento, em Roma, vespera do dia marcado para a sua coroação burlesca, elle a quem Deos sagrara verdadeiro rei do genio!

Desisto de querer esboçar ao menos o quadro tocante das miserias e desgraças deste grande homem, que a inveja sacrificou aos seus infernaes odios e rancores.

Este mancebo a quem conduzem n'um car-

ro, rodeado de caras sinistras e ameaçadoras. . . . Oh! afastemos os olhos do que se vai passar! é uma scena de sangue, que faz estremecer de horror! . . . André de Chenier! . . . este nome diz tudo.

Paremos aqui, para não irmos avante. A minha sensibilidade sente-se cançada e receia familiarisar-se com o espectaculo dos soffrimentos humanos.

MEDITAÇÃO XIII.

Ha dous mil, seiscentos e vinte e cinco annos que nas margens do Albula formou-se um povo cuja origem e historia primitiva anda involta em tanta fabula, que não se pode distinguir a verdade da ficção e do maravilhoso.

Não contentes de o fazerem oriundo de um principe troiano, os insaciaveis inventores de contos derão-lhe depois por tronco mais proximo o parto gemeo de um deos e de uma vestal, o qual, sendo exposto nas aguas do Tibre, ellas o levarão á salvo e deposerão em sêcco, aonde uma loba veio dar-lhe o primeiro leite, até que um pastor do rei, achando os innocentes, levou-os, e deo-os á criar á sua mulher.

Chegados á idade viril, os dous gemeos lançarão os fundamentos de uma cidade no mesmo lugar em que elles havião sido achados expostos, e se é acreditavel a data precisa deste facto, teve elle lugar aos vinte de Abril de 753, antes da era christan, no mes-

mo dia em que, não longe da recente cidade, nascia o seu futuro legislador.

Tal foi a origem de Roma, cujo nome é por si só a historia do mundo antigo e moderno: cidade sem igual, quer na magnificencia dos seus edificios, quer na celebridade dos seus filhos, quer no immenso poder de que dispoz para sugeitar as outras gentes ao seu dominio civilisador. Quando algum magistrado, em paiz estrangeiro, ousava levantar a mão sobre um Romano, o *civis romanus sum*, dito de sobre o hombro, paralysava a mão ousada do estrangeiro, porque para um cidadão romano só havia as leis de Roma.

Sugeito á principio ao regime monarchico, não pôde o povo-rei soffre-lo por muito tempo, e a affronta feita á honra de uma romana foi causa da expulsão do primeiro tyranno e da extincção da realeza. Debalde colligou-se Tarquinio com os Etruscos, seus auxiliares, para reconquistar o throno perdido. A batalha d'Arsia, ganha por Publicola, decidio da sorte do tyranno.

Aqui começa o periodo mais glorioso da historia deste povo dominador. Á autoridade dos reis succedêra a dos consules; mas a constante luta entre as duas ordens e os vigorosos ataques dos inimigos externos poserão em risco a existencia da joven republica. Vierão os Gaulezes, commandados por Brenno; Roma foi vencida na fatal jornada d'Allia, tomada, saqueada e reduzida á cinzas, me-

nos o Capitolio, destinado á ser a cabeça e o coração de Roma. Os gansos e Manlio o salvarão, e os bandos gaulezes forão batidos e dispersos.

Sobreveio depois a guerra samnitica, na qual tomarão parte varios estados da Italia e um principe estrangeiro, vindo em soccorro de Tarento, de cujo exercito fazião parte monstros semoventes, até ahi nunca vistos dos Romanos, e as batalhas d'Heracléa e d'Asculum terião sido fataes á estes, se Pyrrho não fosse um ambicioso, corredor d'aventuras. No fim da lucta, tinhão desapparecido, pela conquista, os inimigos de Roma na Italia, e a pujante republica, desvanecida dos seus triumphos, lançou as vistas á mais largos horizontes, e quiz saber o que fóra do Lacio se passava sem o seu consentimento.

Soube que havia n'Africa um povo, descendente dos Tyrios e Sidonios, dado á navegação e ao commercio, que conseguira avassalar a Sicilia, a Sardenha e a Hespanha. Mas a existencia de Carthago, pode-se dizer que ás portas de Roma, era incompativel com a existencia desta. As duas rivaes se medirão, como se medem a bóa e o tigre. D'aqui seguio-se uma guerra d'exterminio, duas vezes recomeçada, em que Roma teria succumbido, se a sua fortuna a não houvesse salvo. Scipião e Annibal, Zama e Cannas, resumem a historia desta lucta tremenda. Tanit não pô-

de defender Carthago contra Marte, padroeiro procere de Roma, e Byrsa cedeo ao Capitolio.

D'aqui em diante a ambição romana não conheceo mais limites. Nem a patria d'Alexandre, nem a veneranda Grecia, forão isentas de pagar o seu tributo á insasiabilidade dos novos conquistadores. Os nomes de dous consules, para sua vergonha e a de Roma, se achão ligados á esta especie de latrocinio, que a historia ennobrece com o nome de conquista, mas que ella mesma infama com a anedocta referida á Lucio Mummio.

Agora aqui se ergue no extremo occidente um pequeno estado e um pastor que humilharão por vezes a altivez romana. Viriato e Numancia dizem tudo. Nomes immortaes! que a liberdade burilou com lettras adamantinas na historia de todas as conquistas, como um protesto solemne contra a violação da autonomia dos povos. O primeiro delles será uma gloria immorredora para a Lusitania e um opprobrio eterno para Roma.

Havia n'Asia uma monarchia illustre, fundada por um dos companheiros d'armas do immortal filho de Philippe, e esta monarchia tambem foi presa dos Romanos.

Havia, alem dos Alpes, um povo barbaro e guerreiro, formando grande numero de confederações, sob a autoridade de chefes chamados *bren*, e este povo tambem foi devassado nos mysterios da sua vida intima pela

curiosidade civilisadora dos Romanos, que ahi estabelecerão, com o nome de Provincia, um posto avançado para as suas futuras conquistas.

Surge n'Africa um novo competidor, verdadeiro leão do Atlas, heroe indomavel, como só a Africa os sabe produzir. Roma fez-lhe a guerra, como alliada dos filhos de Micipsa, a quem o barbaro africano despojara da vida, para reinar só. Á final de contas, aconteceo o que sempre sôe acontecer com a alliança e protecção dos poderosos: Jugurtha, vencido, foi morrer de fome na prisão mamertina; mas a alliada pagou-se dos seus serviços, adjudicando á si grande parte do reino de Numidia.

Aqui os vicios introduzidos na constituição normal da republica começão á produzir o seu funesto effeito. Os pingues despojos dos paizes conquistados havião gerado o amor do luxo e das riquezas. Contavão-se em Roma fortunas fabulosas, adquiridas no governo das Provincias. Os pretores vinhão dellas repletos de ouro, á ponto de dizer-se de um delles, que havia ido pobre para a Syria rica e sahido rico da Syria pobre. E isto se consentia e tolerava, para que todos participassem da mesma vantagem (*hanc veniam petimusque damusque vicissim*). Os mesmos sabios e philosophos amavão o fausto e exercião a usura. O luxo da mesa chegara á tal auge, que se tornara embrutecedor e infame.

A venalidade exercia-se de publico e em tudo, como cousa licita e boa, e o pudor das mulheres degenerara em descaramento.

No meio desta corrupção ameaçadora, apparecem dous irmãos, linhagem do mais nobre tronco, que tomão á peito restabelecer as virtudes antigas, oppondo-se abertamente aos vicios e abusos introduzidos. Forão dous verdadeiros homens de bem, á cujas rectas intenções não faz a historia franca e inteira justiça, qualificando-os de sediciosos e anarchistas. Mas os Gracchos não sabião que os povos só se regenerão, passando por uma completa transformação, sob a mó do tempo, mysterioso agente da Providencia.

Dignos mancebos! ardentes patriotas! victimas da tyrannia dos patricios! não ereis homens para a epocha em que vivestes, assim como, seculos depois, o não foi Rienzi. A virtude sempre ha de ser a victima do crime, mas o crime nunca conseguirá desmerecer a virtude. Entre vós e os vossos algozes ha um intermediario, que é a posteridade, e a opinião da posteridade é o juizo de Deos que se reflecte na terra.

MEDITAÇÃO XIV.

O livre arbitrio não existe, e é demais incompativel com a presciencia divina: questão sobre a qual os metaphysicos e theologos tem fraqueado á ponto de quasi se confessarem vencidos, refugiando-se, em ultimo caso, na sua costumada taboa de salvação, que é a fraqueza da nossa intelligencia para resolver questões tão elevadas.

O homem só teria justa liberdade dos seus actos, se tudo quanto nelle pode influir para o bem ou o mal dependesse da sua livre vontade e escolha, pōrque só assim lhe seria razoavelmente imputado aquillo que elle fizesse isento de coacção; mas esta faculdade não lhe foi dada, e elle vive sugeito á condições fataes que não está em seu poder evitar nem remover; taes são, a indole, o genio, as paixões e as circunstancias, nas quaes se comprehende tudo quanto pode accidentalmente influir no seu animo, assim como, a

educação que teve, a epocha em que vive, as ideias que o preocuppão e um semnumero de causas externas.

Certamente, como dizer-se que tem inteira liberdade de seus actos, qual seria preciso para constituir o merito e demerito delles, o ente fragil que se vê dominado de tantos e tão poderosos agentes, que o podem transviar? Dizem que, para combate-los, foi qüe Deos lhe deo a razão; mas, se isto fosse assim, não só o discernimento seria em todos o mesmo, e a razão devêra ser um dom impessoal, como diz Cousin, sem o que haveria desigualdade, na sua distribuição, da parte do Creador, senão tambem seria ella immodificavel e o homem a possuiria illesa e plena durante toda vida.

A prova porem do contrario é manifesta, porque, ou seja a razão a mesma intelligencia, ou uma faculdade distincta, o certo é que ella não é em todos igual e é susceptivel de soffrer grandes modificações, em consequencia da idade, da educação, das molestias e do estado de civilisação da epocha em que vivemos.

D'aqui se deve concluir que a razão e o discernimento são uma dependencia do temperamento e organismo de cada um: o que destroe completamente o seu supposto destino moral, e tira-lhe o caracter de norma e principio, para só deixar-lhe o de effeito e de modo.

Na verdade, a experiencia dos factos convence de que ella nada pode contra um natural irresistivel e o imperio das paixões, em certos temperamentos; e ainda admittindo-se que possão dar-se excepções em contrario, é incontestavel a pluraridade dos casos que firmão a regra, e isto basta para provar a insufficiencia de um meio de defesa que no maximo numero de vezes nos deixa á mercê do inimigo. E será crivel que, ao passo que Deos nos fizesse responsavel pelos nossos actos, nos sugeitasse á uma lucta perpetua em que quasi sempre tivessemos de succumbir, pela fraqueza e imperfeição do unico meio que elle deo para nos preservarmos do mal?

Foi no reconhecido predominio dos temperamentos que o critico latino fundou o seu preceito:

Format enim natura prius nos intus ad omnem Fortunarum habitum. . . . . .

E o que diz o mantuano á respeito da paixão do amor *(Quid non mortalia pectora cogis?)* é tambem applicavel á todas as outras paixões violentas.

Portanto, não sei qual foi a culpa de Commodo e Nero em terem sido tão depravados e perversos, apezar da esmerada educação que recebeo o segundo dos philosophos Burrho e Seneca; o que o não impedio de ceder aos pessimos instinctos com que nascera, á ponto de empunhar o chicote do auriga e pôr a mascara do histrião. Assim co-

mo tambem não sei qual foi o merecimento dos actos de philantropia e caridade, de Monthyon, de John Howard, de Guilherme Penn, de Wilberforce, que nascerão tão naturalmente inclinados ao bem, como aquelles dous ao mal: d'onde se segue que tanto sacrificio terião de fazer os primeiros para serem bons, como os segundos para serem maos. Uns e outros obedecerão á influencias irresistiveis, ou, antes, forão os instrumentos passivos da indole com que nascerão.

Por outro lado, que segurança offerece a razão no seu discernimento, emquanto ella não tem amadurecido, como nos meninos e adolescentes; quando ella enferma, como nos doudos, maniacos, fanaticos e hypocondricos, e quando se gasta e enfraquece, como nos velhos e nos doentes de certas enfermidades que affectão essencialmente o cerebro?

Como é digna de lamentar-se a sorte daquelle, que, dominado, de uma paixão violenta, caminha ao mal e á sua perda, como o condemnado ao supplicio, não voluntariamente, mas arrastado por uma força e tentação irresistivel! E o que faz neste caso a razão? Abandona-o, como o companheiro cobarde, que foge, ao surgir o perigo; entretanto que lhe faz conhecer o mal e soffrer antecipadamente as consequencias delle.

Finalmente, um homem dotado de todas as qualidades moraes para ser um bom cidadão, depois de ter esgotado inutilmente os

meios de viver em paz com a sociedade, commette um furto ou um roubo, porque é obrigado á prover a subsistencia de mulher e filhos e vê-se ás preses com a fome e a miseria; outro levanta a mão contra um rico insolente que insultou a sua pobreza; outro desaggrava-se pela força de uma injuria feita á honra de sua familia, por quem não teme a justiça, porque tem muito dinheiro e poderosos amigos.

Nestes casos gritão aquelles que não se virão nas mesmas circunstancias: Ladrão! malvado! assassino! mas o philosopho e o moralista, que não vê as cousas como o vulgo, abafando um suspiro de dor, la diz comsigo: Infeliz humanidade!

Demonstrada a inefficacia da razão, para preservar-nos do mal, como o attestão cem exemplos em que ella fraqueia, contra um em que ella triumpha, é irrecusavel consequencia que não podemos ser responsaveis pelos maos actos que praticamos, impellidos por estimulos superiores.

MEDITAÇÃO XV.

Negas o livre arbitrio, e comtudo, ou faças o bem ou o mal, és senhor absoluto das tuas acções, pois nada ha em ti que te obrigue á fazer o que não queres; e eu não concebo que possa haver um indicio mais significativo da liberdade moral do que este.

Dizes que o homem só teria a livre escolha dos seus actos, se dependesse de sua vontade tudo quanto nelle pode influir para o bem ou o mal. Mas, quando os homens querem corrigir a obra de Deos, não dizem senão absurdos e inepcias.

Esta tua proposição é tal, que traduz-se nest' outra: O homem só teria o livre arbitrio, se não podesse ter o livre arbitrio; porque davas-lhe a faculdade de constituir-se bom, e tiravas-lhe a liberdade de se-lo ou deixar de se-lo: liberdade que só se daria na escolha entre o bem e o mal, effectivamente manifestados no individuo pela razão e as paixões.

É mania nossa querermos achar defeitos na

obra do Creador, sendo o homem o principal objecto desta critica sediça e insensata. Porque é que as outras creaturas se não queixão? Porque lhes falta esse dom sublime que só ao homem foi dado, quero dizer, a intelligencia, que, junta á razão e á consciencia, forma uma trindade tão mysteriosa e impenetravel, como a Trindade theologica, mas cujos predicamentos e attributos se revelão bastante, para nos convencermos da sua origem divina: d'onde vem dizer-se que Deos nos fez á sua imagem. E achas que um ente tão privilegiadamente dotado sobre todos os outros tenha o direito de queixar-se, descobrindo defeitos, onde só existem primores, que attestão a infinita sabedoria e a summa bondade do seu autor? Como somos ingratos! e Deos, o nosso verdadeiro e unico bemfeitor, nem por isso nos retira os seus beneficios, nem por isso deixa de prover eternamente a nossa felicidade!

Achas defeituosa a constituição humana, no resultado das suas relações espirituaes com o corpo, e eu, ao contrario, acho-a tão perfeita e admiravel, que não posso imaginar que ella fosse senão assim. O homem compõe-se de dous principios heterogeneos, um o animal, em que reside o entendimento e a vontade, outro o corporal, á que pertencem os sentidos. Da combinação incomprehensivel destes dous elementos, em que a philosophia primaria tanto se tem enredado, é que resulta a vida,

pela qual se manifesta a alma no nosso physico.

Nesta obra maravilhosa funccionão pois, combinados, dous principios oppostos, á saber, a materia, communicando á alma as impressões que recebe, e o espirito, exercendo a soberania da intelligencia e do querer. Mas, como á alma é que pertencem as paixões, e estas podem induzi-la á mal obrar, quiz o Supremo Artifice dar-nos um guia mais seguro do que a simples intelligencia, e deo-nos a razão ou o senso moral, faculdade tão sublime que alguns philosophos a considerão o proprio Deos, assistindo-nos com a sua presença.

Não fallemos do caso em que o homem obra sem discernimento, porque então não é elle mais responsavel do que aquelle que fizesse o mal sem querer. Tratemos unicamente de quando elle obra com sciencia e consciencia do que faz.

Neste caso, não o justificão, nem o temperamento, nem as paixões, nem as circunstancias (exceptuada unicamente a coacção), porque, ainda debaixo da influencia destes poderosos agentes, ahi está a razão para denunciar-lhe o mal e fazer-lhe conhecer que delinque. Por isso, antes d'elle deliberar-se á faze-lo *(deteriora sequor)*, diz primeiro comsigo: *Video meliora proboque.*

Com o mesmo exemplo de Nero vou provar-te que o homem, ainda nascendo mao, pode corrigir-se, se nisso poser interesse.

Pois ignoras que Nero nos primeiros tempos do seu governo portou-se admiravelmente e fez conceber as mais bellas esperanças de um feliz reinado? Se elle pôde ser bom por algum tempo, bem podia se-lo sempre. Logo, se deixou de se-lo, foi porque não quiz e preferio comprazer com a sua indole e paixões ao fazer o sacrificio dellas.

Queres saber o que pode a vontade e o proposito, quando queremos sinceramente emendarnos? Conheci a dous moços, que forão meus collegas nos estudos, ambos tão irritaveis e geniosos, que havia perigo em tratar com elles, pois por qualquer cousa ião aos extremos; mas, como esta pessima qualidade lhes trouxesse alguns desgostos e delles fugissem os outros estudantes, conhecerão elles a necessidade de se corrigirem, e de feito, por tal forma modificarão o seu natural, que tornarão-se depois tão brandos e amaveis, que parecião outros.

Mas dizes: Porque fez Deos os temperamentos e indoles diversas, de modo que uns possão ser bons sem sacrificio, ao passo que outros, para se-lo, carecem de sustentar uma lucta constante com as paixões, na qual o mais certo é fraquearem?

Não sei porque tambem não te queixas de que Deos não nos désse azas. Seria tão bom que podessemos voar, como as aves!

Primeiro que tudo, erras em pensar que alguem possa ser bom ou praticar sempre o

bem sem sacrificio. Para isto fôra preciso que elle não tivesse paixões más, caso em que cessaria o livre arbitrio e o homem cederia á fatalidade: o que tiraria aos seus actos todo o merecimento moral no juizo de Deos. Mas semelhante hypothese é tão falsa, que não ha homem nenhum isento de culpa, e se o houvesse, fôra nesta parte igual á Deos.

Só os idiotas e os caducos deixão de fazer o mal, porque nelles as paixões quasi que não existem, por isso mesmo tambem não fazem o bem. Os seus actos perdem o caracter de voluntarios e livres, e não são mais do que instinctivos.

Entendes que Deos devêra dotar a todos do mesmo temperamento e que este fosse inclinado ao bem, para que todos podessem ser bons e não houvesse desigualdade na distribuição dos predicados naturaes; e como, de todos os temperamentos, seja o pituitoso ou lymphatico o menos apaixonado e o mais indolente, devo concluir que querias que todos fossem phlegmaticos.

Não consideraste porem que, se assim fosse, os progressos que até aqui tem feito a humanidade estarião ainda no berço e recuados á alguns mil annos atraz (se fosse possivel que algum dia chegassemos aonde temos chegado), porquanto, sendo as inclinações para os diversos misteres da vida uma dependencia do temperamento, todos terião uma só e a mesma vocação, e por conseguin-

te todos professarião uma só sciencia, uma só arte ou um só officio.

Em verdade, deves estar extasiado da tua obra! e é pena que Deos se não lembrasse de fazer-te primeiro, para depois aconselhar-se comtigo sobre a creação!

MEDITAÇÃO XVI.

Deosa da solidão; eterna socia deste globo, cujas noites amenisas com a tua luz suave; bella forasteira das campinas azues-celeste, sempre bem vinda e festejada; silenciosa amiga, ó lua, quantas vezes me não tens adoçado acerbas penas e trazido o consolo á minha alma angustiada!

A lua convida á todos os doces prazeres, e nelles tambem parece tomar parte. Ao vê-la, bate palmas a turba dos meninos, ensaiando-se para os seus innocentes brincos, que na idade madura lhes hão de lembrar com intima saudade. As moças recitão-lhe versos que aprenderão, e gracejando, lhe pedem uma parte da sua immortal belleza. Os velhos, sentados ao fresco, e rodeados dos netinhos, lhes contão historias de lindas mouras e princezas encantadas, que elles escutão em religioso silencio. E chegada a hora de dormir, todos se recolhem pezarosos, lan-

çando um olhar de despedida á autora de todos estes jubilos.

Que caprichosas e variantes bellezas não apresenta a lua na mobil superficie das aguas! E' um pyrilampo que doudeja e illude aquelle que o segue; uma lampada á balançar-se da celeste abobada; uma ondina travessa e buliçosa, que se não cança de admirar a sua imagem no espelho que a retrata.

E como ella brinca com a ramagem dos bosques, insinuando-se por entre as folhas agitadas ao sopro das brisas e abraçando-se com os galhos e troncos, como se fôra uma serpe phosphorica! Deo-te Deos um espirito pavido e inclinado ao amor das cousas sobrenaturaes? Busca as matas n'uma noite de argentino luar, e na primeira clareira que encontrares a imaginação achará pasto fecundo á seus terrores e extravagancias, na combinação da luz, dos ramos e das sombras; e se á tudo isto se juntarem certos sons lugubres, como o de uma proxima fonte queixosa, e o canto d'alguma ave nocturna, os cabellos se te irriçarão, e irás depois contar cousas, como se viesses do outro mundo.

A lua recorda-me sempre um dos quadros mais sentimentaes e poeticos que a alma terna dos filhos das musas tem produzido, e que eu li no *Thesouro de meninos*, preciosa collecção de contos moraes, cujo benefico effeito ainda hoje me dura. É o delicioso idylio de Gesner, intitulado *Myrtilo*.

Esse velho venerando, adormecido ao relento, fora da cabana, cujo rosto tranquillo, alumiado pelo luar, respira a doçura e a innocencia da virtude; esse moço, digno filho de um tal pai, que ao voltar da sua aprazivel excursão ao lago propinquo, extasia-se de amor, contemplando o rosto sereno do velho, e de braços cruzados, ahi exprime os mais doces affectos que póde sentir a ternura filial: meu Deos! como tudo isto é bello e tocante! Salomão Gesner, eu te proclamo o rei dos poetas bucolicos!

A lua lembrará sempre aos filhos dilectos d'Euterpe a immortal producção de Bellini, a quem ella fez tão popular, tão conhecido e tão amado sobre todos os eleitos da harmonia. A Norma, meu Deos! como póde a alma de um homem elevar-se tanto pelo sentimento! como póde ella achar notas para exprimir tão fielmente o que sentia!

Eis que chega a sacerdotiza, com os cabellos soltos, em desordem, como convem aos inspirados. Traz na fronte prophetica uma corôa de verbena, e na mão uma delicada foice de ouro, em forma de crescente; chega-se ao tronco de um carvalho; colhe o visgo sagrado, e dirigindo os olhos á casta Diva, que surge, então esse hymno que eu só ouso qualificar, dizendo que, quando o autor o compoz, tinha o dedo de Deos pousado sobre a sua cabeça.

Quem ouve a Norma, esquece-se da terra,

paira nas regiões supernas, e lembra-se confusamente de que ouvio uma musica ineffavel, não sabe onde. . . . talvez no ceo, em companhia dos anjos e de Deos.

A lua era, em outros tempos, o nume das feiticeiras, invocada com o nome d' Hecate. Era ella que protegia os sortilegios e evocações de Canidia, quando a magica ia á deshoras ao Esquilinio exercer o seu diabolico officio, em vista dos corpos dos condemnados, expostos n' esse lugar infame. E tanto ha nella o quer que seja de sobrenatural, que é, quando a vêem, que os cães e os lobos mais uivão nas encruzilhadas.

Não ha espectaculo na natureza que me disponha tanto para os terrores do mundo phantastico, como o pôr da lua, á horas mortas, em noite pura e serena! Cessarão os rumores, ou só algum se ouve, indicando que o homem vai repousar por aquella noite e deixar que tambem repousem os pobres animaes que elle escravisou ao seu genio. Começão os ladros dos cães á se fazerem frequentes e geraes. La passa uma ave nocturna á perseguir a sua presa. As sombras vão se estendendo, porque a lua vai lentamente se approximando do occaso e ja não está longe delle. As nuvens vão-se ahi accumulando, como para fazerem ao astro da noite um leito de plumas em que descance, ou para fazerem mysterioso o seu ultimo desapparecimento.

Em vista de tudo isto, a imaginação se me

inflamma e arrebata. Quero domina-la, mas ella triumpha e faz-me o joguete dos seus espantalhos, como se eu fôra uma criança. E estes pueris temores deleitão o espirito, como á ave que está presa agrada o chamado daquella que passa livre.

A noite sem lua é para o pensamento o mesmo que um mundo sem atmosphera. Vêem-se milhões de astros e luzeiros; mas o homem interroga-os e elles nada dizem. A lua, sim, essa amavel companheira da terra, unicamente feita para as delicias do homem, rasga as cortinas do espaço, e ao clarão da sua luz divina, revela-nos tanta cousa! que não é possivel deixar de ver a verdade e de agradecer á Deos o seu infinito amor.

MEDITAÇÃO XVII.

Erão quatro horas de uma longa e fria noite de inverno, e eu ainda velava, porque o soffrimento me não consentia dormir. Pareceo-me ouvir ao longe os sons agudos do clarim, sobresahindo á um surdo rumor. Julguei ser illusão minha, talvez devida ao ardor com que eu desejava que amanhecesse, para que o movimento dos transeuntes me viesse suavisar as amarguras da dor. Mas os sons que eu ouvira ao longe se ião aproximando e fazendo mais sensiveis, á semelhança da tempestade que se avisinha. Não havia mais que duvidar: era uma musica militar, á cujos bellicos sons se ouvia a marcha regular e cadente do soldado.

Este estrepito, esta novidade, despertou a todos, como era natural; e eu vim logo á saber que esses miseros homens partião para a guerra! d'onde talvez não voltassem, porque a guerra é uma voragem de vidas e fortunas!

Talvez não haja no vocabulario humano

uma palavra tão tremenda! porque nenhuma outra exprime um complexo de ideias tão tristes e terriveis! nem mesmo a peste!

Mal sôa o clangor da tuba, annunciando aos povos que a guerra está declarada, sente-se logo a perturbação em todos os negocios da vida. É o temor que se apodera dos animos, antevendo as cousas; os estremecimentos do commercio e da lavoura; a baixa dos fundos; a carestia dos generos alimenticios; a desconfiança geral; o recrutamento forçado, com todas as suas violencias; o abandono de tantas mãis e irmans, que vivião do trabalho do filho e do irmão, a quem barbaros agentes constrangerão á deixa-las; depois. . . . o quadro é tão medonho, que faz estremecer de horror!

Aproximão-se os exercitos, e por onde elles passão, a mão brutal do soldado e o seu costumado despotismo deixão vestigios lamentaveis, principalmente se a guerra é alimentada por inveterados odios.

Trava-se a peleja; e essas machinas de carne, que combatem por um mesquinho soldo, sem lhes ser permittido moralisar a causa que defendem, investem-se cegamente, para se matarem, muitas vezes sem odio nem resentimento. No fim da lucta ahi está um montão de cadaveres desfigurados, tanto de homens como de brutos; milhares de feridos, que nem sempre são respeitados, ou tratados com a caridade merecida; os prisioneiros hu-

milhados e abatidos, e muitas vezes cobardemente sacrificados á furia do vencedor; a terra ensopada de sangue e coberta de destroços!

O resultado de toda esta scena barbara é dizerem-se, uns vencidos e outros vencedores. Depois vem, as ordens do dia, os boletins, as proclamações, em que sempre se procura, por um falso colorido, excitar os animos para novas atrocidades. Falla-se do campo da honra e da gloria, dos bravos que se immortalisarão, da patria agradecida, de recompensas e distincções. Mas os crimes inuteis praticados com os vencidos e a população inerme por onde passarão, esses ficão impunes, porque nem ha vontade nem força moral para os fazer punir.

Que o soldado seja obediente á voz que o manda estar firme, fazer meia volta á direita, formar quadrado, tomar este posto, escalar aquella muralha, tudo mais se lhe dispensa, quando está em campanha. Quere-lo conter e fazer delle um homem temente a Deos e as leis, um bom cidadão, respeitador dos direitos alheios, piedoso, humano e compassivo, seria desnatura-lo e faze-lo um poltrão diante do inimigo. Esta licença é pois necessaria para manter-lhe o valor e o heroismo, no exercicio da sua rude vida.

Sem a esperança da rapina e da pilhagem, do estupro, das lautas mesas e dos colchões macios; sem esse regabofe, emfim, que cons-

titue a vida do soldado, em campanha, fóra do serviço e da forma, quando occupa uma cidade do inimigo ou a toma á viva força, fôra impossivel fazer-lhe supportar as fadigas e privações das marchas, dos acampamentos, dos cercos e dos combates. Por mais disciplina que queirão manter os superiores, a legenda do soldado ha de ser sempre: *Jura neget sibi nata; nil non arroget armis.*

Dividem-se os exercitos, propaga-se a guerra e formão-se os cercos. Noite e dia só se ouve o troar dos canhões e dos obuzes, que ameação aniquilar a misera cidade. Milhares de grossas balas a varejão; inflammadas bombas pairão sobre as cabeças. Aqui arde um museu; alli uma biblioteca; aqui é truncado um monumento venerando, que os seculos respeitarão; alli desapparece um primor d'arte, que a posteridade ha de chorar, praguejando dos vandalos que o destruirão.

Ja lavra dentro a tremenda fome; mas a resistencia se prolonga e o tempo urge. É inevitavel o assalto; cahe o baluarte em poder do inimigo. . . . agora imagine cada um o que se segue, não nos nefandos tempos da barbaria e do *væ victis*! mas hoje mesmo que os costumes tanto se tem domesticado.

Finalmente, depois de uma luta furiosa e prolongada, que ás vezes dura uma geração, cançados os animos e exhaustos os recursos, ajusta-se a paz, quasi sempre onerosissima para os vencidos, sobre quem pesão as des-

pesas da guerra, taxadas pelo vencedor: no que ha de ordinario um abuso, á que bem se pode dar o nome de roubo ou de extorsão.

Lançando agora os olhos para o desgraçado paiz que foi o theatro da guerra, não se vê senão miseria, estragos e ruinas! a nação empobrecida e onerada com uma divida enorme; o povo á morrer de fome e acabrunhado d'impostos; um numero espantoso de orphãos e viuvas; familias honestas cahidas na prostituição; por toda a parte vestigios d'incendio; os campos talados; as fabricas abandonadas; as pontes destruidas; as estradas intransitaveis; as igrejas e os tumulos profanados. E para corôar toda esta obra de destruição, vem á final a peste, que quasi nunca falha, trazendo no halito mephitico um toxico subtil, que se espalha como a luz e mata como o raio. Em vão se arma contra ella a palavrosa sciencia dos homens; o monstro é um flagello de Deos, como se dizia o barbaro da antiguidade; e os homens nada podem para domar-lhe a sanha.

As gerações se succedem rapidas; e cincoenta annos depois poucos são aquelles que restão para darem testemunho do que virão; mas o olho penetrante do observador e a razão esclarecida do economista ahi estão para verem a costura da chaga e a cicatriz do golpe onde outros só vêem o novo e o bonito.

A guerra é muitas vezes uma necessidade

indeclinavel, para operar-se uma revolução social, de uteis consequencias para a civilisação e a humanidade, assim como o caustico, a amputação e o cauterio se fazem outras tantas necessarios para operar-se a cura do doente; e neste caso todos os males que ella produz são amplamente compensados. Mas, quando ella só tem por fomento, o capricho, o orgulho e ambições illegitimas, anathema e maldição eterna sobre aquelle que a provoca!

Os que a considerão uma lei providencial e um instrumento civilisador devem distinguir a guerra justa, emprehendida para um fim de geral interesse, em que se observem, quanto for possivel, as leis da humanidade, e só se destrua para vencer um obstaculo, da guerra iniqua, sem justo fim, atroz e destruidora, que tende á embrutecer o homem pela pratica e o exemplo da matança, do saque, do estupro e do incendio. Os que fazem guerras destas são verdadeiros salteadores, que exercem o latrocinio em vasta escala, e desafião o rigor das leis divinas e humanas.

O homem acostumado á guerra é um cidadão perdido para a paz, e o paiz em que ella se torna frequente necessariamente retrograda, ou, quando menos, conserva-se estacionario. Se fosse possivel representar em um quadro todos os episodios e dramas intimos da guerra, que escapão á historia, e só podem ser apreciados por quem os vio ou

por quem os ouve narrar, a mais breve e humana dellas faria estremecer de horror !

E comtudo estou persuadido que poucos lugares da terra haverá que não tenhão sido o theatro deste flagello destruidor. Onde é hoje uma cidade florescente foi em remotos tempos um campo de batalha, e onde é hoje um deserto foi outr'ora uma cidade opulenta, sobre a qual pesou a vingança de um vencedor deshumano. Este portico em ruinas, estes fragmentos de estatuas e columnas, pertencerão em outros tempos á magnifica villa de Adriano; estes destroços informes, que mal se conhecem, forão outr'ora os sumptuosos jardins de Sallustio; mas vierão os barbaros, conduzidos por Genserico, Odoacro e Vitiges; vierão depois as hostes barbaras de Henrique IV e os bandos aventureiros do condestavel de Bourbon, e as obras d'arte tiverão que pagar um oneroso tributo á brutalidade do soldado, que parece aprazer-se de preferencia em destruir o que é bello e admirado.

E tudo aquillo que desapparece na voragem da guerra ninguem mais sabe que fim levou. Vem Xerxes e despoja Athenas de todas as riquezas artisticas que elle pôde conduzir. O mesmo fez o consul Lucio Mummio com Corintho; Chosroes com Alexandria e Scipião Emiliano com Carthago. Mas, algum tempo depois destes successos, ninguem sabia o que era feito de todas essas prodigiosas riquezas em marmores e bronze.

Ó vós, almas condoidas, vinde fazer côro comigo, e choremos juntos os soffrimentos e horrores inauditos por que passarão essas populações afflictas, de cidades levadas de assalto, que com a sua resistencia desafiarão a colera do vencedor! Por mais que fizesses, ó Tito, para deixar um nome caro aos vindouros, quando, no exercicio da realeza, mereceste ser chamado as *Delicias do genero humano*, nunca te serão perdoados os rigores e excessos da tomada de Jerusalem! E tu, barbaro Sowarow, possa o clamor eterno das infelizes victimas de Praga e Ismailow, fazer-te execrado de todas as gerações!

Existe hoje no exilio, victima das machinações e dos crimes dos communistas francezes, um grande homem, que por muitos annos dirigio, com gloria e sabedoria, não só os destinos da França, mas os da Europa, de quem foi, até certo tempo, o verdadeiro arbitro, emquanto o deixarão governar desassombrado.

Este homem, a quem aquelles anarchistas pretendem desacreditar por todos os meios possiveis, é o alvo constante das mais indignas calumnias e aleivosias, que elle se não mostra impaciente em contradizer nem em refutar, porque conta com a justiça dos homens, logo que se esclareção os successos que motivarão a sua queda.

Á custa de talento e de irrecusaveis provas das suas intenções rectas e mode-

radas, pôde elle vencer a antipathia que lhe manifestarão as outras côrtes da Europa, quando o virão subir ao throno imperial: antipathia devida ao odio que todas ellas tinhão á memoria do illustre chefe da sua dynastia.

A adversidade, o estudo, os annos e a pratica de governar imprimirão na sua physionomia um ar de immobilidade, que mais parece ser ella uma mascara de gesso, do que um rosto humano; mas debaixo dessa impassibilidade apparente labora o pensamento fecundo de um grande estadista.

Ja se vê que o governo de um tal homem não podia agradar aos energumenos que occasionarão a sua queda, porque Deos que os governasse incorreria igualmente no seu odio.

« O communismo não se discute, metralha-se: » dizia elle; e o homem que isto disse contrahira um debito irremissivel para com os soldados do facho e do petroleo, os quaes, usando de todos os disfarces que medita a traição e o rancor, conseguirão fazer parte do conselho imperial e involver na sua infernal vingança o inimigo e a patria, que sacrificarão com a maior infamia e desamor!

Fossem quaes fossem os erros politicos deste homem, o certo é que elle representou por vinte annos um papel glorioso na politica do mundo, e fez representar a França o primeiro papel entre as grandes potencias europeas, e

isto não pela violencia e a força, não pela astucia e a fraude, mas por uma politica franca, grandiosa e honesta, em que elle principalmente olhava ao bem da humanidade.

Entre os innumeros beneficios que lhe deve a civilisação moderna, poderia enumerar-se mais um, que elle teve em mente realizar, e que seria a primeira joia da sua corôa de gloria, se elle o houvesse conseguido. Não lh'o permittio a rivalidade de outros governos, cuja acquiescencia e cooperação lhe era necessaria; mas, ainda assim, sempre lhe resta a gloria do pensamento e da intenção, que não podia ser mais bella, mais nobre nem mais grandiosa.

Fallo da ideia que elle teve de reunir um congresso geral das nações europeas, para o fim de resolverem-se amigavelmente, por meio da diplomacia, todas as questões politicas previstas, que podessem occasionar a guerra no futuro: pensamento sublime, generoso e humanitario! que faz do seu autor o *benemerito da Paz*.

Este homem de quem fallo é Napoleão III, o homem de Sedan, como hoje o chamão os incendiarios de Paris, mas que a opinião publica sensata chamará antes o *Christo do communismo!*

MEDITAÇÃO XVIII.

Achava-me eu nas peores disposições de espirito, prostrado de enfermidades e desgostos, quando me chega uma nova fatal, que eu julgei ser o ultimo golpe da fortuna inimiga! Quiz reagir, por um ultimo esforço, com uma explosão de desabafo. Desejei que esse ser phantastico a que chamão fortuna fosse uma entidade real, em quem eu podesse vingar-me de todos os meus infortunios; mas toda esta energia se me quebrou, como a do louco furioso, que se vê encerrado entre quatro paredes. Veio-me então o desalento, e eu emmudeci, porque é esta a natural expansão das grandes dores.

Depois de ja ter perdido cinco filhos, acabava a morte de roubar-me mais um, de nome Leopoldino, bello e intelligente mancebo, que estudava na capital do imperio, onde succumbio á uma febre violenta, ás cinco horas da tarde do dia doze de Maio de 1871, com dezenove annos incompletos.

No final da ultima carta que elle me escre

vera, datada do hospital militar, em 30 de Abril, dizia-me assim: «Mandai-me solicitar quatro meses de licença, para eu ir goza-los nessa saudosa provincia.

Ja estou cançado de escrever, porque estou muito nervoso.

Adeos, bom pai! Lembranças á minha cara mãi.»

Era elle um menino de impressões vivas e de uma inconstancia de genio, como eu nunca vira; exageradamente sensivel e dotado de um coração por de mais franco e generoso. A quem elle via pela primeira vez e lhe sorria julgava logo um amigo, para o qual não havia mais reserva nem ceremonia.

Era nelle que eu havia posto a principal esperança de me ver reproduzido; e essa esperança, como todas as da minha vida, acabava de trahir-me, deixando no lugar della um caixão mortuario, onde a imaginação me mostrava as faces lividas do meu filho inanimado, morto longe dos seus, sem ter uma mão amiga que lhe cerrasse os olhos!

Meu Deos! ou as dores da vida nada valem, e vós só sabeis o segredo porque sois inflexivel ás supplicas humanas, ou eu não posso comprehender a vossa bondade, e o homem deve curvar-se ao soffrimento, como uma machina, á quem só cumpre ceder e funccionar.

Oh! quanto custa o ser pai! Desde a infancia, em que o filho o faz rir, ja o inquieta o

seu futuro, por mais auspicioso que seja o presente. É um Calvario cuja ascenção nunca acaba e cujo termo é sempre uma cruz.

Dar-nos Deos um objecto de tanto amor, e fazer-nos impotente para o defender e assegurar a sua felicidade, é um caso que irreflectidamente nos faz revoltar contra os decretos da Sabedoria Eterna, em quem deveramos ter cega confiança.

E quem sabe se a morte precoce do meu filho não foi para elle um bem, e se Deos assim o não determinou, para prevenir-lhe amargas decepções e desgostos com que para o diante o ameaçava a sua demasiada franqueza e confiança?

Quantas vezes eu o não chamava á sós, para aconselha-lo sobre a vida pratica e advirti-lo dos riscos á que elle se expunha, por ser tão facil em confiar e acreditar nos outros!

Mas eu perdia o meu tempo, porque elle não podia capacitar-se de que os homens podessem ser falsos, interesseiros, ingratos e perversos; e com esta ingenua disposição para crer no bem, impossivel era que a experiencia, ainda tarde, viesse á produzir nelle os seus salutares effeitos.

A experiencia só serve para aquelles que nascerão meio conhecedores do mundo e trouxerão no coração a presciencia do mal, e não para aquellas creaturas excepcionaes que, por sua infelicidade, nascerão com o riso nos labios para todos. Para estes nunca ha pas-

sado na sciencia da vida; só ha presente, com todos os seus enganos e illusões.

Je suis homme, et tout homme est un ami pour moi: tal é a bella maxima que elles trazem gravada no coração, maxima sem duvida de uma moral sublime, como muitas outras, mas que na pratica deve soffrer as suas restricções e executar-se com prudencia.

Entretanto, esta mesma insensatez, se pode dizer, m'o fazia amar ternamente, tanto porque previa que elle viria á ser victima desta exagerada benevolencia, como porque a virtude mais recommendavel que para mim pode ter o homem é um bom coração. Com este predicado, fica elle absolvido de todos os seus vicios e defeitos; e pode dizer de si como o critico latino, nos seus preceitos sobre a poesia: *Non ego paucis offendar maculis.*

Pobre criança, que tão pouco viveste neste mundo de agras provações, e todavia tão apreciado daquelles que por sua dita o não conhecem, repousa em paz, filho querido! Acerba foi a dor que causou-me a tua morte, e tão acerba, que eu lamento viver ainda para chora-la! Nada pode suavisar-me as saudades da tua eterna separação! Debalde appello para a philosophia dos homens e o pasto espiritual da Igreja: minha alma é gasta para o pensamento e a crença! Recorro por fim á uma trivialidade, e quero esquecer-me de ti, lembrando-me de que ainda me restão tres filhos á quem dedicar-

me; mas esses que assim pensão não sabem o que dizem! O amor de um pai completa em cada filho uma unidade indivisivel, que não soffre substituição. Tanto ama elle a dez, como a cada um de dez; e a dor que lhe causa a morte de um não pode achar compensação na sobrevivencia de nove.

Descança em paz, filho querido! que se alguma cousa pode adoçar a minha magoa é a ideia de que repousas na eternidade, livre para sempre das penas do mundo!

MEDITAÇÃO XIX.

Talvez seja ainda cedo para poder-se julgar com animo recto e desprevenido do governo de Napoleão III, que, tendo tido tantos admiradores e apologistas, nos tempos da sua prosperidade e grandeza, quando elle era reconhecido e proclamado o arbitro dos destinos da Europa, foi depois, na adversidade, coberto de baldões e opprobrios por muitos daquelles mesmos que, no auge da sua gloria, lhe cantarão hosannas: triste condição dos governantes, quando elles contrarião os interesses de muitos, e são por fim trahidos da fortuna, que os amparava contra o odio cego dos partidos!

Suas cinzas ainda tepidas e o clamor dos seus inimigos atimorão a consciencia dos que o querem julgar ja e quasi que os forçao ao silencio, impedindo-os de dizerem o que sentem. Serão porem os vindouros mais competentes do que os contemporaneos para fazer justiça? Em que se fundão os primeiros, para

escrever a historia do passado, senão no vario juizo dos que forão presentes aos factos? Se é verdade que os posteros escrevem sem odio nem affeição, por serem alheios ás paixões que agitarão os preteritos, tambem é verdade que elles se arriscão á ser mal guiados por juizos menos conformes á verdade. Por isto, e porque o caracter de Americano, que nada tem que ver de proprio com a politica europea, como que me neutraliza, para julgar dos negocios da França, não hesito em faze-lo, á respeito do proscripto de Camden-House, com a consciencia de dizer o que sinto.

Napoleão III é um nome que assusta o escritor imparcial que delle vai tratar, para ser lido de affectos e contrarios. Quem isto em prehende sente o mesmo temor que surge n' alma á aquelle que lê o *Per me si va nella città dolente,* do Florentino. O escritor duvida da sua propria consciencia e pergunta á si mesmo se o que elle sente é real, tão altos são os clamores dos que o accusão e tão implacaveis os odios! Nada porem disto me demoverá de dizer o que sinceramente penso. Toda a questão está em ja não existir o individuo que vai ser julgado.

Duas epochas distinctas comprehende a vida deste homem celebre, a de pretendente e a de imperador. A primeira é conhecida pelas abortadas tentativas de Strasbourg e de Bouogne, e os factos que se lhe seguirão, até a sua

evasão do castello d'Ham. Os homens, que em geral julgão das cousas pelo seu bom ou mao exito, considerarão-no um louco ou um maniaco, e a isto deveo elle o não ser punido pela primeira. Mas o louco não abandonou a sua ideia de algum dia governar a França, e tirando partido da experiencia, esperou que os acontecimentos lhe proporcionassem occasião segura, entretanto que, na eschola da adversidade, elle se preparava melhor para os altos destinos que lhe erão reservados.

A revolução de fevereiro de 1848 abrio caminho aos seus desejos: o rei cidadão fôra expulso do throno e proclamada a republica. Eleito presidente, ou porque fosse contrario á esta forma de governo, ou porque não confiasse na sua estabilidade, elle preparou com admiravel tino o restabelecimento da obra do thio, esse imperio passageiro, mas esplendente de glorias, de cuja historia erão inseparaveis os maiores feitos militares do grande capitão.

O golpe de estado de 2 de Dezembro de 1851 mudou em uma noite a face politica da França. A republica fôra sorprendida á dormir, e quando quiz resistir, ao acordar, sentio o peso dos ferros que lhe algemavão os pulsos, e força lhe foi ceder sem resistencia. Ao divulgar-se a grande nova, as outras nações do mesmo continente estremecerão e mostrarão-se inquietas, ainda que fossem contrarias á forma do governo decahido. A Fran-

ça, dominada por um Bonaparte, imperador, era uma ameaça formal ao resto da Europa. Ahi vinha o aventureiro agitar os animos dos Francezes com a ideia de novas glorias, de desforra e de vingança. A Inglaterra e a Russia desdenhão reconhece-lo e zombão do seu titulo de Napoleão III, por ser contrario ao acto de abdicação de 4 de Abril de 1814 e ao tratado de 11 do mesmo mez e anno. E os Inglezes, apezar de flegmaticos, derão por essa occasião o espectaculo de verdadeiros Quichotes, preparando-se, por diversas vezes, á toda a pressa, para a defesa, e dando repetidos rebates pelos jornaes.

O novo imperador, sem fazer programma da sua politica, parecia não preoccupar-se com isto, esperando que os factos desvanecessem essa injusta prevenção, que de algum modo lhe convinha, entretendo os Francezes com a esperança de uma guerra popular. Assignalão os primeiros annos do seu reinado o attentado de Orsini e de Pietri, e a visita que lhe vem fazer á Cherbourg a sua boa amiga, a rainha da Gram-Bretanha, que, tempos antes, se mostrara enfadada, vendo-o na opera, n'um camarote proximo ao della.

As ousadas pretenções da Russia no Oriente e a insolente embaixada Menschikoff dão azo ao revelar-se o grande homem. Quando acabou a campanha da Criméa, Napoleão III era incontestavelmente o primeiro homem politico do seu tempo e o arbitro supremo dos destinos da Europa.

Aqui deixo a narração dos factos, para entrar na apreciação.

O que foi este homem, como politico e chefe de estado? Se fossemos á ouvir um republicano francez, não haveria outro, nem mais indigno, nem mais incapaz, nem mais perverso, nem mais fatal. Seria o optimismo do pessimo. Cuidão porem os que assim se exprimem, tão apaixonadamente, encobrir a verdadeira causa deste odio irreconciliavel, sendo ella aliás tão conhecida e patente! Se a familia Bonaparte tivesse em França e fóra de França o mesmo prestigio que tem os outros pretendentes, os republicanos serião mais justos e generosos com ella. O que pois os enfurece é verem nos Bonapartes um serio obstaculo ao triumpho do communismo, pelo prestigio que dá o seu nome ao principio monarchico em França; é verem nesse nome um talisman irresistivel, que por muito tempo ha de dominar a imaginação dos Francezes e contrariar tudo quanto se opponha ás gloriosas tradições do chefe da sua dynastia.

Os inimigos de Napoleão III jamais lhe perdoarão o ter elle apunhalado a republica e instituido o imperio. Esta questão porem eu a encaro d'outro modo.

Era a republica naquelle tempo capaz de manter-se? era um governo realizavel, capaz de assegurar a felicidade da França? Era-o tanto como o é ainda hoje, apezar das amargas lições da experiencia! Quem diria que o povo

que tanto se queixa de Luiz Napoleão e tanto soffreo com as loucuras da communa de Paris, depois de ter conseguido fundar a republica conservadora, pelos esforços patrioticos de um grande homem, hoje se mostre disposto á transigir em favor de Henrique V! Recusão um cesar, oriundo do povo e consagrado pelo suffragio universal, e acceitão um rei do direito divino e das lizes, um Chambord emfim! Não, este grande povo delira, mostra-se inconsequente, incontentavel, desacredita-se aos olhos dos outros povos, e dá provas de ser ingovernavel!

Onde está a força e a probidade do partido republicano, que se não levanta contra este pensamento? Ainda ha pouco, um homem distincto nas lettras propunha uma infamia, que era o assassinato do principe imperial, como meio mais efficaz e expedito de preservar a republica das tentativas bonapartistas, e esse mesmo homem e os seus confrades emmudecem agora, quando se trata de um orleans!

A republica ainda não foi até hoje em França senão um estado provisorio e transitorio. Nunca ella ha de inspirar confiança aos amigos da paz e da ordem, porque a republica ordeira não tem partido entre os Francezes. Se fosse possivel desengana-los ja dos seus sonhos de communismo e socialismo, a ideia republicana desappareceria logo, por estar ella alli encarnada nesta monstruosa utopia.

Quereis saber o que é a republica em França? Di-lo eloquentemente este insensato pensamento de um dos seus campeões: «É preciso que o povo tambem coma morangos em Dezembro.» E quem os cultivaria, para os vender ao povo, se este para os comer, nesse tempo, carecesse de paga-los por alto preço?

Nenhuma outra nação europea era capaz de fazer o que fez a França em 1789; só o seu patriotismo e energia era capaz de levantar essa onda popular que tragou o feudalismo e proclamou a igualdade legal do homem. Mas, operada esta grande revolução, tudo mais é alli de sobejo para alargar e assegurar a liberdade dos povos. Ja não é mais a realidade que querem, é o dilirio que pretendem realizar sobre as ruinas fumegantes e sanguentas de tudo quanto pertence ao presente e ao passado.

Paris, a grande capital da França, contêm em si uma população enferma, que, para não contaminar a outra e deixa-la viver em paz, carece de uma larga sangria, quando lhe chega o accesso pernicioso. Na epocha á que nos referimos, foi isto o que fez um grande republicano, o honrado general Cavaignac, metralhando sem piedade a essa população enferma e vertiginosa, que ameaçava devorar a republica.

Nestas circunstancias, não é de admirar que um homem, como Napoleão, á quem se não

pode negar o mais acrisolado patriotismo, qualidade eminentemente distinctiva da familia Bonaparte, cuidasse em consolidar o governo do seu paiz, que nenhuma estabilidade offerecia, e era por isso mal visto do resto da Europa. Só assim poderia elle realizar as suas grandes ideias e fazer representar á França o papel que lhe competia, no aperfeiçoamento do espirito humano.

Se quando soôu o extraordinario acontecimento do dia 2 de Dezembro, as grandes potencias se mostrarão inquietas, não foi porque não applaudissem a queda da republica, senão porque se temião da politica do novo imperador, cujo nome de familia lhes era suspeito.

Para apreciar-se este acto ousado, resta unicamente saber, se a França foi menos feliz com o imperio do que o teria sido com a republica, si esta continuasse á ser o governo legitimo da nação. Mas quem pode julgar do conhecido para o desconhecido, do facto para a hypothese e do real para o possivel? Quem sabe porque calamidades teria ella passado, se a agitação popular continuasse á domina-la? Entretanto vamos ver se de outro modo podemos resolver esta questão.

De que accusavão o imperio, antes da catastrophe que lhe poz termo? De opprimir as liberdades publicas, concentrando todo o poder na pessoa do imperador. Mas esta é a linguagem vaga de todos os anarchistas,

quando atacão a ordem, que lhes não convem.

De que liberdades privou Napoleão os Franceses? Da de votar e ser votado, elle que estabeleceo o suffragio universal? é falso porque o imperio fundou-se sobre o principio da representação nacional. Das que respeitão ao cidadão e ao domicilio? tambem é falso, salvas as restricções constitucionaes. Da de imprensa? tiverão-na bastante para cada um defender os seus direitos e os dos outros contra o abuso da autoridade. Se alguma restricção houve, foi contra a licença e o desenfreamento; e nada obstante, nos ultimos tempos, circularão gazetas as mais incendiarias que era possivel imaginar-se!

Os factos desmentem esta arguição sediça da polemica jornalistica.

Em uma mensagem do imperador ao corpo legislativo, dizia elle que um só compromettido politico não existia nas prisões do estado; resposta eloquente á garrulice dos demagogos, que comparavão o seu governo ao de Tiberio e ao de Luiz XI.

Se os compromettidos politicos erão condemnados pelos tribunaes, nunca elle deixou de os indultar, e se algum se conservava expatriado era por querer.

Quando mais o accusavão de opprimir a liberdade de imprensa, li eu jornaes de Paris que davão testemunho do contrario, pois erão tão livres que peccavão por demasia.

Mesmo na capital do imperio, erão eleitos homens que lhe fazião opposição, como Thiers, Pelletan, Olivier, Julio Favre e outros.

É verdade que o seu governo estava sempre prevenido e armado de certas medidas para refrear os excessos e combater a anarchia; mas que governo bem constituido não tem o direito de vigiar e prevenir, sendo elle o responsavel?

Um homem de bem não pode deixar de applaudir o que ha pouco disse o duque de Broglie ao illustre Victor Hugo, quando este se interessava em favor de Rochefort. Um scelerado ou um louco perturba a ordem publica, por meio de doutrinas subversivas e incendiarias, e faz a desgraça de milhares de familias. Levanta-se sobre a sua cabeça o gladio da justiça; mas gritão logo os ultraliberaes: Despotismo! perseguição! a liberdade periga! e para tornarem a justiça odiosa e difficultarem-lhe a acção, inventão indignas calumnias aos sacerdotes da lei, á quem incumbe o duro dever de punir.

Estes homens não são liberaes e nem procedem de boa fé, como revela a sua incoherencia. Pois amão a liberdade, e não querem a ordem? Amão a ordem, e não querem a repressão dos crimes? A sociedade, escarmentada, ja não dá peso á essas oucas declamações *(res non verba)*.

A historia cita como o mais honroso facto da vida politica de Cicero a energia e cora-

gem com que elle punio os cumplices de Catilina; mas se fôra isto hoje, á que queixas e furores não daria margem aquelle acto patriotico do grande cidadão!

Depois que os povos se libertarão da barbaria e do despotismo, e que leis brandas e humanitarias assignalarão o crime, asseguran-do á defesa a mais ampla liberdade, ninguem tem mais direito de queixar-se de ser punido com justiça. Do contrario, haveria rebellião contra o direito, a propriedade e a ordem, e o homem voltaria ao estado primitivo.

Ora, o imperador, filho do povo e da revolução, educado na escola do infortunio, cheio de patriotismo e de amor á humanidade, não podia ser contrario ás boas ideias do seu tempo. O que elle combateo não forão os principios conservadores, forão os principios subversivos da ordem social, foi a anarchia, e mais que a anarchia, o socialismo e o communismo.

Reconheço no povo o direito de insurgir-se, para proclamar e defender os inauferiveis direitos de sua soberania, quando lh' os negão ou contra elles attentão os governantes; mas não lhe reconheço o de perturbar e destruir o bem estar commum, á pretexto de absurdos melhoramentos. Neste caso, o *salus populi suprema lex* deve ser o grito de guerra contra esses loucos furiosos, como o fez a recente republica á respeito dos communistas.

Desenganem-se os povos, de uma vez por

todas, que os seus maiores inimigos são esses que invocão a liberdade para proteger suas ambições criminosas, porque, se triumphão, são os primeiros á trahirem o povo, para gozarem em paz dos despojos adquiridos, e se são mal succedidos, cada revez que soffrem é uma restricção por que passa a liberdade.

Pois não está ahi o exemplo da revolução mais sinceramente republicana e liberal? Quantos desses furibundos patriotas, que se elevarão em nome do povo, não forão depois duques e principes, rompendo de todo com o seu passado, porque ja erão nobres e ricos? Quantos delles não forão depois servos humilissimos da restauração?

Napoleão foi um despota, porque preveniose de meios para combater a anarchia, refreando a licença. E qual era melhor, prevenir, ou ter depois de punir, sem ja poder dar remedio aos males immensos que della resultassem? Entretanto, seria a maior calumnia accusa-lo de sanguinario. E porque foi Napoleão um tyranno, e não o foi Cavaignac? condemnar o primeiro é condemnar o segundo, e absolver o segundo é absolver o primeiro. E por isso bem disse o imperador, no seu exilio, que a republica o estava justificando, quando via os rigores do governo de Thiers contra os communistas.

Accusão-no de ambicioso e de tudo ter feito por interesse seu e de familia; mas ambi-

ciosos são todos os grandes homens, e nem sei como abstrahirem da sua individualidade, quando obrão no caracter de homens publicos. O proprio Washington não teve menos em vista a gloria e admiração da posteridade, quando recusou a corôa que lhe offerecerão os seus concidadãos, do que Cesar, quando afastou da sua fronte a insignia imperatoria com que a querião cingir, e do que Cromwell, quando preferio o titulo de Protector ao de rei.

O odio sempre raciocina mal, e quando accusa, mostra-se vulneravel por todos os lados.

O certo é que nunca a França foi tão grande, nunca ostentou tanto poder e prosperidade, como no primeiro periodo do imperio, emquanto o deixarão obrar livremente, imprimindo ao governo a vigorosa iniciativa do seu genio profundamente politico, reflectido e perseverante.

Forão as suas grandes qualidades, a franqueza, rectidão e generosidade da sua politica, que tão cedo o popularisarão em França e o acreditarão fóra della.

Se a prevenção não encarasse sempre as cousas pelo lado mao, esses que o accusão verião mais nelle um homem providencial do que um filho da fortuna. O imperio de Napoleão, sanccionado pelo voto directo do povo, no meio do seculo dezenove, foi a ultima pedra lançada no grandioso edificio da soberania nacional. Depois delle e dos factos que

se lhe seguirão, como corolarios, não é mais possivel tornar atraz. Ou os reis hão de conformar-se com serem delegados do povo, e por isso obrigados á bem cumprirem o seu mandato, ou a realeza deixará de existir entre os povos livres.

Foi para mais fortificar este dogma politico, filho da mesma revolução que elevara ao throno o fundador da sua dynastia, que elle advogou e protegeo o principio das nacionalidades, querendo chamar os povos ao seu centro natural de união e de familia: politica tão justa, quanto generosa, á que deve a Italia a sua unificação e liberdade, proclamada em Solferino e Magenta.

Napoleão não foi talvez bem comprehendido dos seus contemporaneos. Vendo-o cingir o diadema dos cesares, julgarão-no identificado com a causa dos reis, quando elle se não fez cesar pelo plebiscito, senão para fazer o povo rei.

A autoridade lhe não veio como aos imperadores depostos e acclamados pelos soldados amotinados nos acampamentos; veio-lhe das curias e comicios, do voto livre dos Francezes, no exercicio pleno da sua soberania. Desde então, ninguem foi investido de poderes mais legitimamente delegados, e por isso bem podia elle considerar-se imperador dos Francezes.

Negar os grandes serviços que, no desempenho deste augusto mandato, elle fez á civi-

lisação e á humanidade, é uma injustiça que em poucos annos lhe ha de ser plenamente reparada. Apenas havia elle deixado de existir, ja a linguagem da imprensa republicana era outra, e um dos jornaes de Paris não deixou para mais tarde reconhecer o quanto lhe devia a classe operaria e desvalida, pelo muito que elle protegeo a industria e as instituições de caridade.

Deixo de enumerar os grandes actos do seu governo, porque propuz-me á ser juiz e não panegyrista. A consciencia publica que os julgue como merecem. Ja me tarda chegar ao segundo periodo do imperio.

Aqui parece que o grande estadista, a grande cabeça que o mundo admirava, abusou da fortuna, quando emprehendeo a guerra do Mexico, com o designio formado de converter a republica em imperio, dispondo da soberania nacional, como se fôra uma propriedade do vencedor.

Quaesquer que fossem as razões que tivesse o seu governo para fazer a guerra á aquelle paiz, que se tornara ingovernavel, pela anarchia, e era um exemplo perigoso aos outros povos, nunca elle o devêra fazer no caracter de conquistador, resolvendo com reprehensivel leviandade uma empresa tão grave e temeraria, que o expunha á mais justa censura e á um rompimento com a poderosa republica norte-americana, que certamente não consenteria nesse attentado.

Acredita-se neste acto impolitico e manchego por se ter passado em nossos dias e não ser possivel recusa-lo.

O restabelecimento do imperio de Montezuma, que custou a vida ao novo imperador, corresponde ao acto insensato do thio, quando, á titulo de alliado da Hespanha, converteo a alliança em occupação e conquista, para dispor da corôa em favor do irmão: ambição e deslealdade digna do castigo que teve!

O descredito que d'aqui lhe resultou os seus inimigos o aproveitarão para lhe minarem a queda. A opposição, até então esteril e pessoal, assumio o caracter de verdadeiro partido nacional. Republicanos e monarchistas se confundirão e a revolução o ameaçava. Nesta melindrosa situação, pareceo-lhe que o melhor partido era transigir, chamando aos seus conselhos homens duplamente suspeitos, que jamais concorrerião para sustenta-lo; e este estado de cousas acompanhou os funeraes do imperio.

Napoleão fraqueou e fraqueou por um sentimento de egoismo de familia. Cavour lhe tinha conhecido esta fraqueza. Elle tudo faria para assegurar o throno á seu filho, e isto fez-lhe commetter erros, cada qual mais deploravel.

Como pôde um homem tão perspicaz e tão profundamente conhecedor das cousas illudir-se com a esperança de neutralizar os animos, transigindo dentro e fora do imperio

com os seus inimigos e os da França, deixando de oppor-se á politica ambiciosa de Bismark e ao movimento revolucionario da Allemanha, que inevitavelmente e tão de proximo o ameaçava? Como pôde elle esperar que esta politica dubia e falsa lhe garantisse a paz e merecesse as boas graças da sua arrogante visinha?

Mas o imperador, em vez de aproveitar-se habilmente de tão azada opportunidade para restabelecer o seu poder, interessando a França e a Europa n'uma questão de tão grande e commum interesse, cruza os braços e colloca-se na situação da rã que assiste ao combate dos touros.

Logo que a politica bellicosa e invasora da Prussia se fez conhecida, devêra elle ter prevenido a guerra com a Austria, alliando-se francamente com esta e prevenindo a alliança da Italia com a primeira, mediante um accôrdo favoravel com a segunda em favor da terceira.

Isto posto, o que teria feito Bismark, assim prevenido e isolado? Provavelmente se teria contido, e se commettesse a imprudencia de aventurar-se, rompendo com a França, todas as probabilidades serião contra elle, estando a França e a sua alliada devidamente apercebidas. Mas as cousas se passarão ao contrario, e a cegueira do imperador occasionou os successos que se sabem.

Ainda depois do desastre de Sadowa, era

talvez tempo de reparar os erros commettidos, se a França se preparasse, como devêra, para quaesquer eventualidades, da parte da Allemanha. Não é muito crivel que, nestas circunstancias, a Prussia se abalançasse á justar com ella, pondo em risco as suas recentes conquistas, maiormente não havendo um fim politico para a guerra. E eu me convenço de que tal guerra se não teria dado, se a França a não declarasse á final, com tanta imprudencia, quanto sem motivo plausivel.

Qual seja o grao de responsabilidade do imperador no desfecho desta guerra desastrosa, que custou á França, alem de enormes sacrificios de vidas e fortunas, a perda de duas provincias fronteiras, a tomada da sua capital, o dezar das suas armas, compromettidas em Metz e Sedan, a occupação de parte de seu territorio e uma contribuição de guerra de que não ha exemplo, é cousa difficil de saber-se.

Todavia pode-se dizer com segurança que, nesta estrondosa catastrophe, cabe-lhe a principal parte, á elle que declarou a guerra sem justa causa e que a declarou á uma grande potencia militar, desvanecida com as suas recentes victorias, estando a França totalmente desprevenida. Nem lhe pode servir de attenuante considera-lo impellido pelo pronunciamento nacional, se o houve. Os governantes não podem nem devem condescender com as manifestações irreflectidas das turbas; e quan-

do o fizerem, por ambição ou fraqueza, a opinião publica tem direito á tomar-lhes severas contas.

Mas tambem não é justo que só elle responda pelas consequencias de uma ordem de factos em que outros tiverão igual parte ou ainda maior que a sua. Porque forão absolvidos de plano os ministros que então o cercavão, e mais que todos, o chefe do gabinete, seu inimigo, e o ministro da guerra, não sei se amigo ou inimigo, que tão reprehensivelmente illudio a nação e o seu soberano, quando, interpellado no corpo legislativo, respondeo que a França estava completamente prevenida e preparada, sendo isto aliás, ou uma jactancia de inepto, ou uma indigna traição? Entretanto foi unicamente sobre a augusta cabeça que pesarão todas as pragas e maldições, porque nellas havia mais odio do que justa razão de queixa!

Ainda está por explicar-se um facto significativo e que muito dá que entender. O que é feito d'Olivier? Aonde foi elle esconder-se? Porque abandonou a vida publica, quando a patria mais que nunca carecia dos seus talentos? Foi por desgosto ou remorsos? Á elle cumpre explicar-se e justificar-se, porque a voz universal o interroga e o silencio o condemna.

Agora acaba elle de fazer ao imperador os elogios mais honrosos que se podem fazer á um soberano; d'onde lhe resultou não ser

admittido na Academia Franceza. Haveria nisto expressão de verdadeiro apreço e amizade, ou expiação de culpas que lh' exprobe a consciencia? Cada qual que o julgue. Pelo que me toca, só desejo ve-lo justificado ou contricto, rezando publicamente o *Pœnitet me peccati.*

Hoje está o marechal Bazaine respondendo á um apparatoso conselho de guerra, em consequencia da entrega de Metz; e se é certa a acusação contra elle articulada, ja grande baixa devem soffrer as culpas improvisadas ao imperador. Mas eu receio que o marechal não esteja soffrendo injustamente pela mesma causa. Não seja o bonapartismo, de que elle é suspeito, o seu verdadeiro crime. Cumpre attender á explicação que dão á sua supposta criminalidade, attribuindo-se-lhe o estar de intelligencia com o inimigo, para pôrem no throno o principe imperial, sendo elle o regente, durante a minoridade.

Mas os que não são Francezes tem o direito de perguntar á estes, porque processão ao marechal Bazaine, e não fazem o mesmo ao marechal Lebœuf, que, todo agaloado, assiste ao julgamento do seu collega? Miseria das paixões humanas!

Para não deixar de ser o povo mais versatil e inconsequente que se conhece, os Francezes odeião hoje de morte os Bonapartes, porque ja os amarão muito, e vão se mostrando affeiçoados aos Orlens, porque estes são contrarios aos Bonapartes.

Em breve preferirão o schah da Persia á Thiers, porque o autocrata asiatico é hoje a ultima moda de Paris.

Dous Napoleões elevarão a França á imperio e fizerão-na representar um grande papel aos olhos das nações. Ambos os imperios cahirão com um fracasso estrondoso, e ambos os fundadores forão objecto de grandes odios e affeições.

Napoleão III foi a victima das ideias do seu tempo. Os sucessos estavão preparados de modo que difficilmente se poderião evitar. Rochefort e Bismark, Allemanha e communismo, são quatro nomes que figurão fatalmente na historia do seu reinado.

Por maior porem que fosse a sua culpa, seria mais digno de um grande povo tomar cada um a sua parte na responsabilidade geral, e não lança-la toda, cobarde e aleivosamente, á conta de um só, porque a sua elevada posição o faz mais visto e exposto.

Tantas injurias! tantas calumnias! tantas imprecações! tantos rancores! contra um homem a quem antes havião cortejado e admirado é uma selvageria só propria de Abyssinios!

Uns dizem que elle possue milhões e milhões nestes e naquelles bancos, por haver convertido em favor do seu bolsinho sommas enormes, votadas para o ministerio da guerra; sendo esta a causa porque a França estava desprevenida de exercitos e armamento. Mas o seu secretario desmente esta ac-

cusação, e sendo tão facil sustenta-la e prova-la, se ella fosse verdadeira, os calumniadores nada respondem, e ao contrario, representão-no depois reduzido á necessidade de vender a roupa branca da sua casa, só com o fim de o humilharem e abaterem.

Outros dizem que a imperatriz, antes de ser sua esposa, fôra mulher publica em Bruxellas.

Outros revelão que elle estivera de accôrdo com o governo prussiano para absorver a Belgica, sendo este o premio da sua neutralidade nos negocios da Allemanha.

Outros figurão-no apedrejado na Suissa pela indignação popular e difficilmente escapo de acabar ás mãos do povo.

E como estas, outras calumnias não menos indignas, que, em vez de ferirem a victima á que se destinão, a elevão e ennobrecem.

Um homem, dotado das qualidades de Napoleão III, jamais descêra á ser um miseravel ladrão. Os que adorão a riqueza e o ouro trazem os olhos fitos na terra, e elle os tinha fitos no futuro da humanidade.

Finalmente, soube-se que a fortuna do novo Creso não passava de cento e trinta mil libras esterlinas!

O parallelo que vou fazer dá uma justa ideia das leviandades e inconsequencias do genio francez, povo aliás admiravel, por outras grandes qualidades que o distinguem, apezar de ser hoje moda vitupera-lo e deprimi-

lo na adversidade: justo castigo dos excessos referidos!

Um despota, sem dotes alguns recommendaveis, apezar do seu titulo de *Pai das Lettras*, que a lisonja lhe dera e a historia lhe conserva, mais por orgulho e rivalidade do que por outra cousa, declara a guerra á outro despota, não menos orgulhoso, e n'uma campanha de D. Quichote, em que não soffreo senão derrotas, é feito prisioneiro, e como tal, levado para Madrid, d'onde só póde sahir á custa de um tratado oneroso. Mas, como n'uma carta escrita á sua mãi, elle dissera que *Tout était perdu, fors l' honneur!* patacoada propria do gosto francez, ficou o despota sendo chamado o *Rei cortez* e *cavalleiro*; e á troco destas frioleiras, não lhe tomarão conta de tres campanhas desastrosas e não o chamarão o *homem de Pavia*.

Agora, porque um homem, justamente celebre por suas eminentes qualidades e pelos muitos beneficios que legou á humanidade, em parte, por erros seus e de outros, e em parte por força das circunstancias e do tempo, presidio a uma grande catastrophe nacional, de que foi elle a primeira victima, é atrozmente insultado, calumniado e chamão-no, por desprezo, o *homem de Sedan*.

Para soffrer tão grande infortunio, só uma alma temperada no heroismo da fé, e Napoleão a tinha, tanto em religião, como em politica. De ninguem se queixa, á ninguem

accusa, não se mostra impaciente nem offendido, e só espera a sua defesa do tempo, que tudo explica e esclarece.

Sob o peso destas humilhações e dissabores, em que os males da patria o affligião mais do que os proprios, Deos que lhe lê na consciencia e é mais justo do que os homens, perdoa-lhe os erros e o fortifica contra o juizo iniquo dos seus compatriotas.

Um grande povo, aonde elle fôra buscar asylo e amparo, recebe-o com aquellas demonstrações de sympathia e respeito á que tem jus a desgraça; e a opinião publica deste povo, aliás insuspeito de affeição aos Bonapartes, vale mais do que a de todos os outros povos, pelo seu reconhecido bom senso, justiça e independencia.

Com esta hospitalidade, os Inglezes lhe pagavão um elevado serviço que tambem lhe devião, e foi, o ter elle reconciliado as duas grandes nações europeas, até ahi divididas por frivolas rivalidades, porque os grandes estadistas não tem odios nem prevenções e tudo sacrificão ao dever que lhes incumbe, de promoverem o bem commum.

No dia nove de Janeiro, deixou de existir este homem celebre, que occupou por vinte annos a attenção dos seus contemporaneos, e á cujo reinado se ligão os acontecimentos mais extraordinarios deste seculo. A epocha em que lhe coube dirigir os destinos da França e da Europa ja foi talvez algum tanto sero-

dia, porque hoje os successos quasi que se antecipão. Vinte annos antes, as cousas se terião passado de outro modo.

Como quer que seja, não se lhe podem negar, grandes talentos, ideias generosas, amor á causa dos povos e ao bem geral da humanidade, como altamente o attesta essa carta, cheia de nobres sentimentos, por elle dirigida ao czar, sobre o que se passava na Polonia, e que poz termo ás atrocidades da ultima pacificação.

Ainda nenhum soberano, morto no exilio, recebeo dos seus hospedes tão honrosas demonstrações de apreço e sentimento. Sessenta mil pessoas de todas as classes forão presentes aos seus funeraes, e a colossal metropole da riqueza e do commercio encerrou-se por tres dias.

Entre as commissões presentes, duas sobretudo muito o honrarão, e forão, a que representava o exercito italiano, em testemunho do reconhecimento nacional, pelo muito que lhe devia a Italia, e a dos operarios francezes, que lhe depositou sobre o ataude uma corôa de perpetuas.

Tal foi o homem contra quem tanto se tem dito e escrito nestes ultimos tempos, e á favor de quem ouso levantar este timido protesto, havendo a coragem para isso necessaria na voz da consciencia.

Possa este desautorizado exemplo de um escritor obscuro servir de signal de redem-

pção e justiça para quem tanto carece d'uma como d'outra.!

MEDITAÇÃO XX.

É um erro attribuir-se á Deos a fortuna que nos vem na vida. Deos certamente provê ao bem de todos, mas por outros meios, que não pela protecção particular á este ou á aquelle, salvo o caso de graça, que não respeita aos bens mundanos. Do contrario, seria elle injusto, protegendo a uns e esquecendo a outros, e seguir-se-ia mais que a sua protecção se estenderia á muitos homens indignos della, que vivem na prosperidade e na grandeza, emquanto outros, mais merecedores, definhão em condições oppostas.

Mas os homens, naturalmente inclinados ao servilismo e á baixesa, tem-se feito os cortezãos de Deos, imputando á elle todos os factos que lisongeão os seus desejos e miserias, como se a lisonja e a adulação podessem ter o menor valor para com Deos!

Assim, este á quem as cousas correm bem diz dever tudo á Deos que o ajuda (e muitas vezes é elle um homem mao e até um malva-

do!). Assim, aquelle á cujo inimigo succede um mal diz que foi Deos que o castigou. Assim, aquell' outro, á quem um filhinho foi morto por uma desgraça, diz, resignado, que lhe cumpre respeitar a vontade de Deos: de modo que tudo quanto occorre no mundo, bom, mau e monstruoso, é tudo obra de Deos!

Outra loucura dos homens é crerem, na fortuna, na sorte, no destino, aos quaes attribuem todas as suas venturas e infortunios, fazendo delles agentes sobrenaturaes, de cuja vontade dependem os bons e maus successos da vida: creações phantasticas, só proprias de povos rudes e idolatras; especie de fetichismo ou de manicheismo, que a razão esclarecida não pode admittir.

Se houvesse boa e ma fortuna, não podendo ellas ser a obra de Deos, necessariamente serião a obra de outro ou outros agentes sobrenaturaes, dotados da vontade e do poder. Entretanto, ou estes genios obrassem independentes da vontade de Deos, ou por sua influencia e consentimento, serião sempre entidades absurdas e incompativeis com a justa ideia que fazemos do Ser Supremo: no primeiro caso, porque destruirião o dogma do monotheismo, admittindo-se que houvesse cousa alguma independente de Deos, o que seria o mesmo que elle deixar de ser omnipotente, e no segundo caso, porque destruirião o attributo da sua essencial e ne-

cessaria bondade, admittindo-se que elle concorresse para que uns fossem felizes e outros infelizes, por mera vontade de caprichosas influencias.

Oppõe-se de mais á esta absurda theologia a providencia, que tão benefica e solicitamente vela sobre todas as cousas; o que exclue a intervenção de outros poderes na obra do Creador.

Entretanto, dão-se frequentemente na vida exemplos taes que tentão ou induzem naturalmente á crer na fatalidade, e apresentão uma ordem de factos favoraveis e contrarios, tão bem encadeados, que eu renuncio á quere-los explicar, porque, em consciencia o não poderia fazer.

Comtudo, seguro das ideias que professo em theologia, não duvido crer que todos estes factos uns são mero effeito do accaso, outros a consequencia moral do genio e indole de cada um.

Não ha ninguem que em sua vida não seja testemunha de mais de um exemplo admiravel do accaso, produzido á sua vista, e por tal forma, que fôra impossivel consegui-lo por effeito da vontade. E se isto assim acontece á respeito de um só facto, mais facil e frequentemente acontecerá pela casual combinação ou coincidencia de muitos, procedentes de causas diversas.

Todos os factos que se dão no mundo eu os considero eternamente encadeados, ainda

que não predispostos, e é por isto que adopto o accaso para explica-los, e regeito o fatalismo.

O mais pertence ao genio e caracter do individuo, com os quaes quasi sempre estão de accordo os factos da vida, embora elles pareção estranhos e só devidos ao capricho da supposta fortuna.

Por via de regra os homens mais capazes de viverem contentes e satisfeitos são os dotados de um genio alegre e expansivo ou de um caracter energico e resistente. Se á qualquer destes sobrevem uma contrariedade ou infortunio, elles não se abalão com isso, esperando sempre melhor fortuna; e como os bens e os males andão misturados ao acaso, nesta loteria, ganhão hoje o que perderão hontem, e encontrão ás vezes lances tão afortunados, que fazem a inveja dos outros.

O contrario succede á aquelles a quem a natureza dotou de exagerada sensibilidade e imaginação. O menor mal os abate e elles fraqueão sem resistir. Tornão-se hypocondricos e arredios e facilmente se persuadem que o destino os persegue. Uma das victimas destas prevenções, que succumbio aos vinte e um annos de idade, lastimava-se comsigo, dizendo: *Qu' ils sont malheureux ceux qui sont nés malheureux!*

A vida é uma acção continua de passividade e resistencia. Sem esta, ella se desequilibra e o homem fica reduzido á mero pacien-

te, á quem tudo vai mal. É por isto que la diz o adagio: *Faze por ti, que o ceo te ajudará.*

O melhor argumento contra o fatalismo é que elle seria a condemnação de Deos, e um argumento desta ordem faz desapparecer todas as hypotheses que podessem conduzir á semelhante conclusão.

Os que crêem no fatalismo fazem desta crença um ponto de fé, tanto pela necessidade de o accommodarem logicamente á religião, como principalmente para acharem nelle o consolo espiritual á seus males, removendo de si a responsabilidade de que os provocassem ou para elles concorressem, e lançando-os á conta do Regulador Supremo, cujos designios ninguem pode penetrar.

E o caso é que, não sendo o fatalismo um erro damnoso, por não offender essencialmente as grandes verdades theologicas, pode-se considera-lo um erro salutar e benefico, fazendo-nos acceitar, como inevitaveis, todos os infortunios que nos sobrevem na vida, e alliviando-nos dos cuidados que nos traz o pensar no futuro.

Ha uma especie de fatalistas que só attribuem á fortuna o que lhes vem de mao e arrogão a si o que lhes vem de bom: presumpção sacrilega e ridicula, que faz de Deos o principio do mal e delles os agentes do bem.

Lafontaine, fallando desta seita de fatalistas, critica-os, com a sua costumada philosophia, nestes dous versos:

Le bien nous le faisons; le mal c'est la fortune
On a toujours raison; le destin toujours tort.

O homem erra e desvia-se do que lhe dicta a razão e a consciencia, em querer achar nos bens e males da vida o complemento final do seu destino. Deos vela sobre o bem de todos, por leis tão sabias e justamente combinadas, que revelão a universalidade do seu amor; mas o bem real, o bem definitivo, o bem eterno, que elle collocou fóra das contingencias da vida, esse não o devemos buscar aqui, porque elle o não destinou para a terra.

MEDITAÇÃO XXI.

Não se opera na natureza phenomeno tão espantoso nem que mais aterre o homem do que a morte, funebre reverso da illusoria pagina da vida, onde os que ficão vêem desvanecerem-se os que vão, involtos n'um lençol ou n'uma mortalha, deixando resolvidos em nada todos os seus sonhos de ventura e de grandeza! E ainda que a impressão deste pavoroso espectaculo seja, no commum dos homens, passageiro, por causa do vicio excitante e incuravel do orgulho e da vaidade, nem por isso deixa de sentir-se sempre, em vista de outros novos espectaculos. *(Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.)*

Achava-me eu em certa noite n'um theatro de curiosos, onde ja outras vezes havia passado horas bem aprazíveis, vendo representar as melhores peças do repertorio moderno, tanto nacionaes como estrangeiras. Representava-se n'esse dia a *Redempção*, maravilhoso drama, fructo do fecundo talento de Octavio

Feuillet. Ergueo-se o pano, e como apparecesse, fazendo o papel de . . . uma nova actriz, em vez da legitima proprietaria delle, bem prendada joven, que tantas vezes o representara com raro engenho, perante o mesmo auditorio, que, enthusiasmado, a applaudia, moveo-me isto á saber a causa da sua ausencia.

Meu Deos! ella estava á expirar! foi a fatal noticia que me derão. Accommettida, na vespera, de uma forte congestão cerebral, nunca mais recobrara os sentidos; e era alli substituida, quasi que de improviso, por uma actriz secundaria, por não ter sido possivel adiar-se o espectaculo.

Não tinha por essa moça mais do que aquella affeição e sympathia que inspira tudo quanto é bello e excellente, particularmente n'uma mulher; e comtudo foi tão intimo o pezar que causou-me a triste nova, que não pude continuar á assistir á opera. O estar presente á um acto de distracção e prazer seria n' esse caso um desacato ao solemne sentimento que me dominava. Só os egoistas e as almas baixas tem o direito de se mostrarem indifferentes ás desgraças alheias; mas esses miseraveis tambem não achão quem se dôa dos seus infortunios, e todos olhão-nos com o desprezo que merecem.

A minha imaginação, propensa ás orgias do horror e habituada á quebrar o sello inviolavel das campas, para sorprender o segredo dos mortos, arrojou logo alli em scena o ca-

daver inanimado da insigne artista, no meio dos seus companheiros de hontem, parâ ter o horrivel gosto de comparar esse corpo rigido, inerte e desfigurado pela morte, de que agora todos fugirião, com essa creatura toda vida, toda graças e sentimento, cujo corpo airoso e flexivel se prestava ás mais encantadoras posturas, cuja physionomia era tão animada e expressiva! cuja voz era tão pura como a da harpa! e cujos olhos erão tudo quanto se podia desejar delles!

E todavia eu era talvez o unico que ahi estava com o pensamento occupado della, ou ao menos tão penalisado do seu prematuro passamento! Assim é o mundo, e felizmente assim Deos o fez! Não pude mais conservar-me ahi, onde tudo o que se passava só servia para aggravar a minha indisposição d'espirito.

Nunca a morte produz tão lamentavel effeito nos animos, como quando alça a mão niveladora sobre as cabeças elevadas pela fortuna ou pelo genio, porque a morte é o nada, a fortuna é tudo aos olhos do vulgo, e o genio é a gloria, a immortalidade aos olhos dos poucos que se distinguem do vulgo. O loureiro e o cypreste não podem prosperar no mesmo terreno, e por mais virente que seja o primeiro, cresta-o o ar pestilento das necropoles.

Que novos mundos, que novas galas e opulencias se manifestarão á alma no seu transito deste ingrato globo para o mundo incogni-

to á que ella aqui aspira, por maior ventura de que goze o homem! Qual não será a sua sorpresa e inconcebivel jubilo ao ver de perto todo esse infinito de maravilhas que surgirão do nada, ao simples querer do Omnipotente, cujo espirito era levado sobre as aguas!

E se ella isto presente, porque havemos de temer a morte e lamentar tão amargamente os que nos precedem nessa feliz transmigração? Nesta parte acho mais rasoaveis alguns povos barbaros, que, em vez de carpirem, festejão a morte dos que lhes são caros. Mas este horror á morte se explica como uma lei providencial: do contrario, seria uma especie de revolta e uma offensiva ingratidão para com Deos, que, se nos deo esta vida á que tanto nos apegamos, e depois nos priva della, é certamente para nos fazer gozar bens superiores.

Logo ao amanhecer, os dobres dos sinos me annunciavão que se realisara o infausto passamento. E quem sabe para quantos esse dia não raiou festivo! Uuns folgão e outros gemem; uns nascem e outros desapparecem: tal é o constante espectaculo desta vasta camera optica cujo fim e machinismo só Deos comprehende.

Fui acompanhar os restos mortaes da finada ao cemiterio, e quando se abrio o caixão, para aspergir o corpo e cobri-lo de flores, segundo o costume do lugar, relanceei umas faces violaceas, uns labios entr'abertos, uns

olhos afundados. Não pude mais resistir ao horror que me assaltara, e retirei-me, mil vezes arrependido da imprudente curiosidade que ahi me levara.

Pobre moça! que nem ao menos teve a fortuna de ser apreciada em um theatro mais digno dos seus talentos, e finou-se sem deixar um nome que a posteridade soubesse e repetisse. Assim acabão muitos; e comtudo ha mais que invejar na sua sorte, do que na daquelles que, embora deixem um nome celebre, tiverão que ganha-lo á custa de inauditas humilhações e soffrimentos. Para estes infelizes a vida não tem sonhos; só tem realidade, e espinhos; e a justiça que lhes fazem os posteros ja nada mais vale para remi-los do que soffrerão.

Pobre Cecilia! foste uma rosa ceifada logo ao abrir. Mas quem sabe qual seria o teu futuro, para chorar-te o presente? Deos, só Deos pode saber o que ha de vir; e elle que levou-te agora, quem sabe porque o fez?

MEDITAÇÃO XXII.

Muito se preoccupa a actualidade com o poder sempre crescente do imperio moscovita no futuro, que em geral se olha como uma ameaça á independencia e liberdade da Europa occidental, onde reside a civilisação e o progresso. E quando isto se discute, o remedio que de ordinario suggere á todos é o restabelecimento do reino da Polonia, que sirva de baluarte aos impetos czarinos.

A resurreição deste heroico povo é, no estado da politica contemporanea, uma utopia irrealizavel, porque, para conseguil-a, seria preciso fazer a guerra aos tres formidaveis poderes que a repartirão entre si, e isto seria o mesmo que armar as outras duas grandes potencias em favor da Russia, e por conseguinte impossibilitar a confederação de que carece o occidente para impedir que o urso polar venha nelle exercer os seus estragos.

Demais, não é possivel contrariar os factos na ordem em que elles se succedem; o desap-

parecimento da autonomia polaca foi um caso mais natural do que se pensa. Desde sempre esteve ella ameaçada pelas invasões successivas que soffreo da parte das nações barbaras que da Asia passavão á Europa, á cujas portas a encontravão. Enfraquecerão-na depois os seus proprios vicios, e á tanto havia chegado a degeneração deste inclyto povo, que foi entre os seus nobres e palatinos que Cathérina achou sempre os melhores agentes da sua politica oppressora contra a famosa rival do seu imperio.

Permaneça pois a Polonia na sua vida expiatoria, até que praza á Providencia remi-la do captiveiro, depois que ella se houver regenerado.

Mas, emquanto isto não acontecer (e largos annos se passarão ainda), cumpre indagar se ha justa causa para esse receio que inspira o prodigioso imperio do Norte, cujos limites vão do Baltico ao mar Negro e d'ahi se estendem ao grande Oceano Boreal.

Será caso virgem a existencia de um grande imperio, á par de nações menos poderosas, que se possão considerar por elle ameadas? Os quatro grandes imperios da antiguidade e os outros que, em epochas posteriores, fundarão conquistadores barbaros, resolvem esta questão pela negativa; e se tambem parece resolverem pela affirmativa a questão do justo receio, ha neste ponto falsa apreciação das circunstancias relativas.

Os quatro grandes imperios da antiguidade formarão-se pela superioridade da sua civilisação, com respeito aos demais povos que elles subjugarão. Os outros que se formarão na epocha do movimento da barbaria deverão os seus triumphos á superioridade dos seus habitos guerreiros e rudes, com relação á povos decadentes, minados pelos vicios da sua propria grandeza e civilisação.

Não são porem as mesmas as relações em que hoje está a Russia com o resto da sociedade europea. Se o occidente perdeo a heroica Sarmacia, para oppor-lhe, ganhou o grande imperio germanico, que é o poder mais colossal que hoje se conhece, e atravez do qual terião de passar as hostes do Norte, para irem alem.

A Allemanha, impellida pelo genio de Bismark, não é mais hoje o que era cerca de vinte annos atraz, um povo celebre nas artes e sciencias, a que talvez nenhum outro igualasse; mas um povo de ideologos e sonhadores, como que indifferente ao movimento politico social e incapaz de emprehender cousa alguma em materia de reformas da mesma ordem.

Presentemente, a vida e actividade desse povo está na proporção inversa do seu longo e profundo lethargo no passado. Emquanto outros vivião e deliravão, elle sonhava e meditava, até que chegou o tempo de acordar e pôr em pratica o fructo das suas meditações.

Ou eu me engano ou este povo está destinado á operar grandes e fundamentaes reformas na vida e constituição dos estados. Karl Max é talvez um utopista e um reformador perigoso; mas a sua doutrina é eminentemente generosa e humanitaria.

Fazer do genero humano um só povo de irmãos e federa-lo pela communhão de ideias e interesses é crear um evangelho internacional, fundado nas maximas do evangelho christão.

Até onde poderá chegar a actividade intellectual deste grande povo na sua nova vida politica é cousa que ninguem pode calcular. Deixem-no cumprir a sua missão providencial e esperemos do tempo o resultado della.

A Allemanha é pois um baluarte invencivel para o dominio moscovita do lado da Europa occidental, e do lado oriental, tambem o é a Austria. Toda a combinação da politica dos despotas, que até pouco tempo fraternizou, a Russia, a Prussia e a casa d'Hapsbourg, cessa diante da collisão de raças e interesses; e os tres amigos no passado se olhão hoje como inimigos no presente, receiosos de ferir a luta que cada um delles parece meditar.

Nunca mais ha de ver a Europa invocarem os despotas a brutalidade dos Cosacos contra os pronunciamentos populares, fundados na razão e na justiça, como em 1849 aconteceo com a Hungria; porque os mesmos despotas não tem podido resistir á influencia

das ideias democraticas; de modo que, se despotismo ainda existe, elle vai cedendo todos os dias terreno á liberdade, e por tal forma que são os factos que fazem depois o direito, em tudo quanto é assumpto de liberdades publicas.

Examinando-se a questão por outro aspecto, tambem não se pode fallar hoje da Russia, como della se fallava ha vinte e tantos annos atraz. Ella tambem tem acompanhado o carro do progresso, e taes avanços tem dado, que até ja se apresenta revolucionaria. A servidão pessoal ja não existe; os moujiks ja tem direitos; o soldado ja vai perdendo o caracter de machina; a barbaria asiatica ja vai tomando a feição da civilisação europea; ja não se falla do knout; as artes e sciencias tem adquirido um desenvolvimento espantoso; os caminhos de ferro e melhoramentos de toda a ordem se tem multiplicado; e finalmente, ja o gão duque, herdeiro do throno, na sua viagem instructiva, visita de preferencia os Estados Uuidos.

Uma nação destas ja não se pode chamar barbara, e nem as suas aspirações podem mais ser as mesmas que as dos tempos da sua rudez proverbial. Se Catherina e Nicolao não poderão cumprir o celebre testamento de Pedro o Grande, nenhum dos seus successores mais o cumprirá.

Presentemente a politica russiana só se conserva invasora do lado da Asia, para cuja ci-

vilisação parece estar a Russia destinada, como consequencia natural do muito que soffreo em outros tempos com as repetidas invasões dos Tartaros. Só ella, por ser a unica grande potencia meio europea e meio asiatica, poderá penetrar nos centros invios desse grande continente; emquanto a parte maritima, forçada pela diplomacia europea e norte americana, franquea os seus portos á introducção de novos elementos que operem a sua transformação politica e moral.

Depois, ha de acontecer á Russia o mesmo que aconteceo ao imperio romano, e á todos os grandes imperios que ja não existem. Cumprida a sua missão civilisadora, ella cederá ao peso da sua propria grandeza, e cada nacionalidade seguirá o seu curso, porque as raças não se confundem, e tendem sempre á constituir-se á parte, abrindo caminho atravez da communhão universal, como os veeiros metalicos e as fontes subterraneas.

Existem heje tres grandes imperios, cadaqual delles mais forte e vigoroso, á que todos os outros povos estão naturalmente subordinados: o primeiro, a grande republica norte-americana, destinada á dominar a America; o segundo, a Russia, destinada á dominar a Asia, e o terceiro a Allemanha, destinada á dominar a Europa.

Talvez pareça duvidoso o dominio do grande imperio germanico, em vista do estado de revolução permanente em que labora a Euro-

pa, ameaçada de um verdadeiro cataclisma social, por essa hydra popular, chamada d'antes democracia, e hoje communa e internacional; que traz em sobresalto a propriedade e a ordem, o altar e os thronos, como pensão os que della se arreceião.

Não sei se ha nisto justiça ou exageração: mas, como quer que seja, ahi está a acção da Providencia, que vela sobre a conservação dos estados, e que dos proprios elementos de desordem tira uma nova ordem de cousas, como do chaos ella fez surgir a creação. Sejão quaes forem os abalos por que tenha de passar o presente, em consequencia das reformas tentadas e por tentar, a Allemanha, qual ella hoje se apresenta no areopago deste grande movimento social, é a unica das grandes potencias europeas que tem os necessarios elementos para encaminhar e salvar a boa causa: meditação profunda, experiencia adquirida com a adversidade alheia, uma só raça, credito intacto, plena confiança na sua força e recursos e inteira fé no seu destino.

Para organisar esta grande machina politica, dar-lhe impulso e po-la em movimento, só faltava uma grande cabeça, maior que a de Carlos Magno. Se o primeiro imperio constituio-se pela espada de um famoso guerreiro, este constitue-se pelo pensamento de um famoso estadista, até certo tempo mal comprehendido e julgado, mas para quem hoje se voltão todas as esperanças decahidas. A raça

tudesca, civilisada pela raça latina, ha de pagar á esta a mesma divida que pagarão os outros povos á Roma, que foi, succederem-lhe na sua missão civilisadora, distribuindo pelos menos cultos todo o bem que della houverão.

MEDITAÇÃO XXIII.

A morte violenta dos dous tribunos do povo, devida ao odio dos patricios, é prova do desiquilibrio dos dous poderes e indicio certo de que a republica marchava para um proximo termo desastroso, em consequencia da lucta de morte que ia travar-se entre os dous poderes oppostos.

Importantes successos, sobrevindos, fazem uma diversão na tendencia politica dos animos. Os Romanos, senhores crueis e rigorosos, havião irritado a paciencia dos escravos, que por duas vezes se levantarão e obtiverão assignalados triumphos. Uma nuvem de barbaros, vindos, a maior parte, do Chersoneso cimbrico, ameaça tirar vingança da odiosa conquistadora dos povos. Salvou-a então um grande ambicioso, para depois apunhala-la sem piedade, em competencia com outro grande ambicioso. Vencido este perigo, outro, maior ainda, se levanta, na pessoa de Mithridates, o mais formidavel inimigo de Roma,

depois de Annibal. Forão quatorze annos de uma lucta tenaz, em que a fortuna mostrou-se varia para ambos os contendores, até que a final decidio-se pelos Romanos. Fecha este periodo a guerra marsia ou social, motivada pela improbidade do senado, em não cumprir as promessas feitas aos alliados d'Italia.

Não havendo mais inimigos externos, reatea-se a nefanda e devastadora guerra civil. Dous grandes homens, e não menos dous grandes criminosos, se disputão o supremo mando, um em nome do povo, outro do senado. Roma é successivamente a presa de um e outro, e este inglorio triumpho assignala-o sempre a proscripção e a morte dos contrarios; até que, morto Mario, fica só imperando o terrivel Sylla.

Nenhum homem celebre produz tanta duvida e incerteza no animo dos julgadores, como este homem que eu não sei qualificar, em razão do seu caracter tenebroso e incomprehensivel. Quer-se ve-lo á clara luz da critica, e elle esconde-se na penumbra da sua singularidade. Não se sabe o que o impellio á tanto, se foi o patriotismo ou se a sua ambição e crueldade. O heroe d'Orchomene converte-se no sanguinario salteador da Attica, e o vencedor de Mithridates e de Fimbria no frio algoz dos seus concidadãos.

A historia não offerece o exemplo de outra epocha tão calamitosa, como quando o feliz proconsul entra em Roma, vindo triumphante

da Asia. Que rigor! que exterminio! que monstruosidades praticadas contra as sagradas leis da natureza e os inviolaveis laços do sangue! Os filhos punidos de morte, por não denunciarem dos pais e vice-versa! Os mesmos mortos proscritos, e os que ainda estavão por nascer! Primeiro exemplo de tão espantosas immoralidades!

Ainda hoje o nacional ou o estrangeiro que visita Roma e chega ao Circo estremece de horror e parece-lhe ouvir os gritos e lamentos dos seis mil prisioneiros ahi immolados pelos sicarios do vencedor, cujo semblante entretanto não trahio o mais leve constrangimento no acto de praticar-se tão barbara carnificina! Que homem! que alma! que entranhas!

Não faltará quem pense que este homem foi um flagello que a justiça divina suscitou d'entre os proprios Romanos, para castigo da oppressão de tantos povos; porque é mania dos homens fazerem de Deos o que elles são: com o que entendem honra-lo e glorifica-lo; mas eu não posso crer que, sendo Deos tão justo, clemente e exoravel, seja capaz de exercer a sua justiça de um modo tão indistincto e atroz!

Saciado de crimes e de sangue, este homem singularissimo, que parecia não poder viver senão para mandar e opprimir, abdica a dictadura, como que affrontando o odio dos seus inimigos; recolhe-se á vida privada, sem

temer que o inquietem, e morre depois desfazendo-se em podridão.

Exemplo unico! Um tyranno detestado, que derramara o sangue em jorros e desacatara todas as leis divinas e humanas, abdicar voluntariamente o poder discrecionario que lhe assegurava a impunidade! Mas Sylla, á força de terror e atrocidades, havia desnaturado os homens e envilecido os animos á ponto de extinguir nelles todo o principio de resistencia á sua tyrannia. Não havia no fundo desse caracter excepcional dissimulação nem refolho; havia o odio patente, o desprezo insultuoso que os grandes tyrannos tem aos Deoses e á humanidade: desprezo que, para ser mais pungente, elle o exercia pela ironia fina.

Assim, depois de ter feito de Athenas um açougue de carne humana, elle retira-se e permitte-lhe que ella se reja pelas suas leis. Assim, depois de ter roubado os thesouros dos templos d'Epidauro, de Delphos e d'Olympia, elle consagra as rendas da ametade da Beocia á Appollo Pythio e á Jupiter Olympio. Assim, finalmente, depois de ter exercido, por autoridade propria, a mais cruenta dictadura, elle regeita a dictadura legal que lhe offerece o senado.

Este ultimo facto revela em si um grande mysterio dessa alma incomprehensivel. Nem os Deoses, nem os homens, erão mais dignos do seu odio e desprezo.

Se elle não houvesse tido a Mario por com-

petidor, teria sido um patricio rebellado, convertido em tribuno, e teria feito em nome do povo aquillo que fez pelo senado.

Os grandes ambiciosos não tem convicções nem ideias fixas. Esposão sempre a causa contraria á daquelles que lhes fazem sombra. A actividade e o rigor que empregão em defender o seu partido, é tudo obra do orgulho e do odio pessoal; e por isso, em essencia, são todos elles a mesma cousa, isto é, os homens mais contrarios ao bem da humanidade.

Paremos aqui, e corramos um veo sobre a vida deste homem unico. Quanto mais o estudo, menos o comprehendo. Por vezes tenho querido admira-lo, e outras tantas tenho recuado espavorido.

Estes excessos e desordens forão o começo da longa agonia da republica, e a impunidade dos seus autores, prova da fraqueza em que cahira a autoridade legal, claramente indicava que tão odiosa tyrannia era o prenuncio da instituição imperatoria.

A dictadura usurpada por Sylla abrira franco accesso á todas as ambições criminosas, e Catilina, malogrado em suas pretenções consulares, jura vingar-se, destruindo Roma pelo ferro e o fogo. Um grande cidadão a salvou pela sua eloquencia e energia em perseguir os conjurados. Agora surge um novo systema de conciliar as ambições e forma-se o primeiro triumvirato entre, Cesar, Pom-

peo e Crasso; mas Cesar não era homem que nascesse para gozar da fortuna tranquillamente em Roma. Sua alma, verdadeiramente grande e generosa, aspirava á immortalidade por meio de grandes acções. As Gallias e a Bretanha, ainda barbaras, desafiavão a sua sede de gloria, e deixando os dous collegas em Roma, elle parte para a conquista daquelles paizes, em que gastou dez annos de lidas e combates; e taes forão as suas façanhas e serviços, que ainda hoje os Francezes se glorião de terem sido civilisados por Cesar.

A rivalidade de Pompeo em não consentir que se lhe prolongasse o governo das Gallias foi causa do rompimento dos dous triumviros. Cesar passa os Alpes e os limites da sua provincia, entra em Roma, sem encontrar a menor resistencia, e faz-se nomear dictador.

MEDITAÇÃO XXIV.

Sahir o homem da eternidade pela porta da vida, para tornar á ella pela porta da morte! que horrivel pensamento! que ideia aterradora! Mas, neste caso, o que seria a vida? Ou uma triste fatalidade, occasionada por leis desconhecidas, ou um beneficio incompleto, que mais valera nunca ter passado pela mente do Creador.

Beneficio, não, um verdadeiro tormento, aggravado pelo desejo de bens que nunca se realizarião e que surgem de contino no coração do homem, para fazer-lhe o mal mais acerbo.

Portanto, ou puro materialismo em tudo, ou uma creação caprichosa e tyrannica, emanada de um poder sem limites, que só creou por vangloria, e tudo fez imperfeito e perecivel, por um sentimento de egoismo e d'inveja, que só quer o bem para si e doe-se de o fazer á outros.

E é este o Deos, á quem se reude tanta ho-

menagem e a quem se chama infinitamente bom? Bom, porque é um tyranno, cheio de poder, e nós maos e peccadores, porque somos as miseras victimas!

Fóra desta hypothese, para explicar a vida e o aniquilamento do homem pela morte, só fica o naturalismo, ja gasto e absurdo, em que ninguem crê.

Mas, se tudo isto, que é preciso imaginar-se á respeito de Deos, como consequencia dos males da vida e do aniquilamento do homem pela morte, é uma serie, não de absurdos, mas de cogitações insensatas, de diabolicos delirios e de blasphemias sem nome, deve concluir-se e ter-se como certo que o homem não sahio do nada, para tornar ao nada, mas sim para chegar á immortalidade.

Em Deos, todos os attributos são essenciaes e necessarios, apezar da sua omnipotencia. Assim, é elle essensialmente, eterno e perfeito, infinitamente sabio e poderoso, essencialmente creador e providente, infinitamente bom e justo etc.. É esta necessidade e coexistencia de todos os seus attributos que constituem a sua verdadeira grandeza; é por isto que elle é o Ser Supremo, o Ser Eterno e immutavel, o Ser que tudo pode, menos deixar de ser o que elle é.

Contra a força e evidencia desta verdade só se pode rebellar o impio inconfesso, para o qual não ha razão, não ha raciocinio, nem senso moral, senão proposito malevolo em ne-

gar e condemnar tudo quanto é verdadeiro e bom.

Querer pois explicar a vida e o destino do homem por um capricho e tyrannia da Divinde, ja não é ser impio, é ser um insensato, de quem Deos é o primeiro á compadecer-se. E tal é a sua infinita bondade e misericordia, que ainda á respeito desses não diminue o seu amor de pai, nem escasseão os beneficios da sua inexhaurivel providencia.

Para fazermos uma fraca ideia do amor de Deos para comnosco, não é preciso mais do que considerarmos nas infinitas magnificencias da creação, todas ellas destinadas á fazerem as delicias da existencia, porque o homem é tudo no mundo e foi o principal pensamento de Deos, quando concebeo a obra estupenda em que levamos toda a vida á pensar, sem lhe acharmos razão satisfatoria senão nelle.

Somos exagerados e ingratos em nos queixarmos tanto dos males que affligem a vida, quando certamente tambem gozamos de uma infinidade de prazeres que bem compensão o lado doloroso della. Os males são tão inherentes e necessarios ás condições physicas e moraes do homem, que sem elles a vida e o prazer seria impossivel. É a dor que nos faz o bem mais sensivel e precioso. Sem ella o prazer se embotaria pela continuidade e a imaginação não teria estimulos para crear as suas deliciosas ficções, que fazem a realidade dos nossos maiores jubilos.

Accresce que, na ordem dos males da vida, a maior parte delles ou é obra do acaso ou da perversidade dos homens, e imputa-los á Deos fôra uma audaciosa aleivosia. Da-se em um caminho de ferro uma catastrophe horrivel; a impericia de um commandante occasiona um naufragio, de que são victimas centenas de pessoas; a explosão de um deposito de polvora ou das caldeiras de um vapor faz voar pelos ares a um grande numero d'infelizes; no incendio d'uma igreja perecem de tres á quatro mil assistentes. Nada disto aconteceo por uma consequencia inevitavel da natureza humana: tudo foi devido ao acaso.

Um conquistador barbaro permitte que sejão esmagadas pela sua cavallaria quatro mil virgens que a população consternada de uma cidade mandara á implorar a sua clemencia; este mesmo barbaro manda assassinar a cem mil prisioneiros que o embaraçavão; esta cidade tomada de assalto soffre todos os horrores da conquista; a guerra civil traz á um povo toda a especie de calamidades; a crueldade, a ambição, o odio e a inveja, são uma fonte perenne de milhares d'infortunios; e todos estes males são unicamente devidos á nossa culpa.

Agora vejamos o que fez Deos aqui para o nosso bem. É tão grande nesta parte a sua providencia, que a comprehensão humana mal pode rasteja-la. Quantos encantos só no aprazivel e variadissimo espectaculo da na-

tureza! no sol, na lua, nas estrellas, no crepusculo da tarde, no arrebol da manhan, nas campinas, nos valles, nas florestas, nos montes, no mar, nos lagos, nos rios, nas fontes, nas flores, nos seus perfumes, nas aves, nos passarinhos, no seu canto melodioso!

Quantas delicias na vida campestre! na caça, na pesca, nas viagens, nos contos populares, nos temores phantasticos da noite, na sociedade de pessoas amaveis, nas festas de todo o genero, n'um somno agradavel e tranquillo, na intimidade da familia, no sentimento do bello, na admiração das obras primas, na poesia, na musica, na esperança, na gloria, no desejo, no amor da prole, e emfim no amor do sexo!

O amor! Oh! bastava este sentimento divino, para compensar todos os males da vida, se elle fosse mais durador! Que enleio! que jubilos! que grata demencia! que magicos ardores! que sonhos encantadores!

O unico desejo que o homem não pode realizar na vida é o da sua completa felicidade, porque ella é incompativel com as condições humanas. Portanto, a existencia de uma nova vida é absolutamente necessaria e indispensavel, para que nella se possa verificar esta promessa feita á alma, que bem se traduz na universalidade do sentimento e no ardor do desejo.

Como isto se fará, eis o segredo de Deos, eis a nossa eterna ignorancia.

A immortalidade da alma, e por conseguinte a necessidade de uma nova vida, é demais uma consequencia moral da eternidade de Deos. Deos eterno, não pode deixar de ter creado alguma cousa eterna, dotada de vida, intelligencia e vontade, e essas qualidades só as tem a alma humana. Fòra absurdo que, fazendo elle eterna a materia bruta e impensante, creasse apenas para viver meia duzia de dias ou de annos a creatura sublime para quem elle creou tudo o mais, isto é, essa mesma materia eterna, manifestada n'uma infinidade de seres e cousas, qual dellas mais maravilhosa!

MEDITAÇÃO XXV.

Tinha eu ja escrito as duas primeiras meditações, e não sabia ainda qual seria o assumpto da terceira, quando uma noite, seguinte á do nascimento do Salvador do mundo, passando por uma igreja, ouvi cantar-se a ladainha aos sons de um orgão-harmonico. Entrei; fiz uma breve oração mental; levantei-me, e para logo attrahio a minha attenção uma imagem de Nossa Senhora, em grande vulto, diante da qual se officiava.

Deixei acabar o officio, e approximando-me do altar onde estava enthronada a imagem de Maria, fiquei extasiado de ver toda a sua belleza e perfeição! O rosto era de uma formosura ideal; o corpo de um talhe encantador; a postura, a mais natural que era possivel imaginar-se; as roupas, tão bem apanhadas e dispostas, que havia n'isso o mais aprimorado gosto.

Quem foi o autor desta obra prima, digna de occupar lugar nas galerias do Vaticano e

do Louvre, se ella não representasse a veneranda imagem da Virgem Mãi de Deos? Ninguem o sabe. Unicamente se pode dizer que foi um pobre imaginario, sem nomeada, que fazia imagens para ganhar a vida, e cujo nome se perdeo para sempre no vasto catalogo dos mortos.

Este ar de santidade de Maria, alliado á sua peregrina formosura; este sello de virgindade que o artista soube imprimir-lhe, são cousas que escapão aos preceitos e regras da arte, e só obedecem á inspiração do genio que as concebe e executa.

Se a virgem de Nazareth tivesse tido outro nome, que não o de Maria, elle fôra indigno da mãi de Deos. Se ella não fôra tão bella, não seria digna de ter sido a esposa do Espirito Santo, a mãi purissima do filho de Deos. E se não tivesse sido sempre virgem. . . . ! só o pensa-lo fôra uma blasphemia, uma impureza sem nome!

A conceição de Maria é o mysterio dos mysterios, e por isso mesmo aquelle de que menos se pode duvidar. Se aquella que foi destinada á conceber por obra do espirito creador não fosse de uma pureza immaculada, seria uma mulher como as outras, e faltaria á sua vocação: o que era impossivel. Quando Deos, entre as filhas d'Eva, elege a uma para um grande fim, inspira-lhe logo o amor da virgindade, para distrahi-la do peccado e faze-la digna da sua missão. E essas predes-

tinadas resistem ao vicio carnal e ás tentações mundanas, como o amianto resiste ao fogo. Taes forão, por exemplo, Joanna d'Arc, Carlota Corday, Debora, Velleda, a pythonisa d'Endor, Santa Catherina de Sienne e outras.

E pois, Maria, destinada desde sempre, na mente de Deos Padre, á ser a mãi de Deos Filho, vindo ao mundo para remir o peccado, não podia concebe-lo do mesmo peccado, nem ser em algum tempo de sua vida *expers viri*. E tal é o privilegio deste augustissimo mysterio, que elle mesmo se revela ás consciencias, como a luz aos olhos.

E que infinidade de graças nesta creatura excepcional, gerada, vivida e morta em graça! « Deos te salve, cheia de graça! o Senhor é comtigo: Bemdita és tu entre as mulheres, » lhe disse o Anjo, ao annunciar-lhe que ella seria mãi do Filho do Altissimo. E por isso todas as gerações a tem chamado Bemaventurada, porque lhe fez grandes cousas o que é Poderoso e santo o seu nome.

Á um coração de mulher juntou Maria o de mãi e de santa; e essa graça que ella recebeo em tanta copia daquelle que é a fonte perenne de todas as graças, ella a distribue, mediante a sua intercessão, por todos os peccadores, de quem é a advogada e mãi misericordiosa.

Maria é o ornamento e a alegria da côrte do ceo. Depois de ter cumprido a sua missão divina na terra, foi gozar junto do seu amado

Filho da bemaventurança devida aos justos e aos santos, e particularmente á Aquella que merecera a ineffavel graça de ser a mãi do Ungido por excellencia, cuja encarnação fôra annunciada pelos prophetas.

E qual não seria o regosijo dos incolas celestes com a assumpção de Maria, quando a virão chegar entre elles radiante de gloria e de belleza! Os anjos, os patriarchas, os prophetas, os apostolos, os martyres, os confessores, as virgens, os santos, saudarão todos a sua Rainha. Não se ouvião senão acções de graças e canticos festivos. E emquanto estes triumphos se passavão no ceo, os homens, se o soubessem! deverão carpir a perda da mais singular, da mais virtuosa, da mais santa creatura que d'entre elles se partira, para nunca mais a verem e possuirem.

Ha um hymno sublime, em grande parte allegorico, que a Igreja compoz, para celebrar os louvores da Virgem Mãi de Deos. Este hymno, de uma poesia originalissima, resume tudo quanto mais bello e condigno, em lingnagem humana, se podia dizer da Excelsa Heroina do peccado.

Reunindo os atributos de filha, esposa e mãi de Deos, ella é a Rosa mystica, porque á belleza corporal reunio a espiritual, de Santa Virgem das Virgens, isto é, de virgem, apezar de mãi; é a Torre de David, porque foi a honra e esplendor da casa do rei propheta, da qual descendeo Jesus Christo; é a

casa de Ouro, porque nella não entrou o vicio nem o peccado, e só morou a virtude e a santidade; é a Arca d' alliança, por ser a piedosa medianeira entre Deos Filho e os homens, de quem é ella, portanto, a Saude, o Amparo e o Consolo; é a Porta do ceo, porque pela sua intercessão é que la entrão todos os peccadores; e é a Estrella matutina, por servir aos homens de guia e nuncia da salvação, como aquella estrella é a mensageira do dia.

A maternidade de Maria resume todas as suas excellencias. Dizer que ella foi a mãi de Deos é dizer que ella foi moral e espiritualmente o typo da perfeição humana. E quem ousaria duvidar da divindade do seu filho?! «Mulher, disse Jesus á Maria, quando ja estava pregado na cruz, eis ahi teu filho;» e ao discipulo querido: «Eis ahi tua mãi.» E poderia essa consciencia pura assim exprimir-se, se elle não fosse o verdadeiro Deos?

Taes forão as meditações que me suggerio a contemplação da veneranda imagem. Quando dei por mim, estava só no templo. O orgão havia emmudecido e a turba dos fieis se havia dispersado. Reinava um silencio propicio á oração. Humedecerão-se-me os olhos, ao pensar nos infortunios da minha vida; e cheio de verdadeira fé e humildade, pedi á Maria Santissima que se dignasse lançar os seus olhos misericordiosos, não sobre mim, que o não merecia, mas sobre os meus pobres filhos, seus servos, cujo futuro tanto me inquietava.

MEDITAÇÃO XXVI.

A prova mais convincente de que não existe Deos é o que observo na ordem moral do mundo, onde tudo se passa ao contrario do que devera passar-se, se o homem fosse a feitura de um Deos que sobre elle velasse.

Se formos á imaginar o que seria o homem no estado natural, antes que elle se congregasse, acharemos nelle o igual de um bruto, vivendo errante pelas brenhas e fraguras, em busca do pasto diario; nutrindo-se de fructas sylvestres, de raizes, de carnes cruas e nojentas alimarias; lançando-se sobre a sua presa, como outro qualquer animal carnivoro; recolhendo-se ás grutas e cavernas, para abrigar-se das intemperies do tempo; exprimindo-se por sons agudos e inarticulados; sem a menor ideia do direito nem do dever, apenas conhecendo a lei natural da familia.

Aqui temo-lo nós vivendo e morrendo neste miseravel estado, por tanto tempo quanto se não pode calcular. Mas, porque o seu enten-

dimento fosse um pouco mais perfeito do que o dos outros animaes, pôde elle, no cabo de innumeros seculos, dar um passo adiante e associar-se em tribus, ou pequenas nações, qual o conhecemos no estado selvagem; exercendo ainda o direito do mais forte, em continuas guerras de sorpreza e d'exterminio; comendo-se uns aos outros, com uma voracidade verdadeiramente brutal; desfigurando-se com horridos enfeites; mudando constantemente de gleba; praticando a mais grosseira idolatria, e regendo-se por usos e costumes tão barbaros, que muitas vezes chegão á ser infames e atrozes.

Assim permaneceo elle outros tantos seculos, até chegar ao estado barbaro, formando ja grandes nações e governando-se por leis escritas e estaveis. Aqui começa o grande movimento do seu espirito; ja os povos se communicam e formão a grande familia universal, chamada o genero humano; estabelecem-se as relações commerciaes; ja o homem tenta os mares, observa os astros, investiga a natureza, vai pouco á pouco descobrindo os seus arcanos, e deste modo lança as bases para o seu futuro engrandecimento.

Todavia, ainda neste estado é deploravel a sua má condição. Se a felicidade cresceo, foi para os despotas que governão os povos; para estes não ha direitos, só ha deveres e encargos. Os despotas, os seus ministros e prefeitos dispõem discrecionariamente da vida, honra e

fortuna dos governados; justiça só a tem os ricos e poderosos; o ouro é o regulador de tudo; as leis são cruentas e iniquas, e os costumes iguaes á ellas.

Ahi vêem-se as guerras arbitrarias e devastadoras, em que tudo se levava á ferro e á fogo; a escravidão legitimada; as mulheres reduzidas á condição de cousa; os sacrificios humanos; as praticas religiosas mais torpes e absurdas; emfim, o homem ainda pouco differente do bruto.

Chegamos agora ao estado actual, isto é, á idade de ouro do seculo dezenove, em que o homem realmente ostenta espantosos progressos, tanto nas sciencias e artes, como nos usos e costumes; e comtudo, ainda nelle se exerce o despotismo politico, tão feroz e sanguinario, como em remotos tempos; ainda existem leis barbaras; ainda o rico e poderoso esmaga o pobre; ainda o ouro vence tudo; ainda imperão os maos; ainda a virtude é perseguida e desprezada, e dão-se todos os dias factos tão monstruosos e irritantes, que convencem de que o homem de hoje ainda é o mesmo bruto do estado natural, quando as paixões o agitão e dominão.

Até aqui temos visto o homem na sua natural miseria e fereza, e os males á que elle, ainda no estado civilisado, está sujeito, em consequencia desta sua imperfeição. Agora vamos ver os males que resultão das condições da vida social.

A consequencia inevitavel da necessidade do trabalho para o homem viver e gozar, para aperfeiçoar-se e augmentar a somma do seu bem estar, é o direito de propriedade; mas do direito de propriedade nasce a desigualdade de fortuna, e desta, a opulencia e o luxo, a miseria e o pauperismo. D'aqui resulta que, emquanto uns abundão do superfluo, outros morrem á mingoa do absolutamente necessario, ralados de dor e justa inveja, e indignados contra a sociedade que assim o permitte. Foi isto que motivou as deploraveis scenas de cannibalismo de que ha pouco foi theatro o centro do mundo culto, a maravilhosa capital da França, que em si resumia a copia de todos os progressos realisados.

E' certo que tanto os governos como os particulares se tem mostrado disvelados em soccorrer as victimas da miseria com toda a sorte de instituições pias e philantropicas, graças á influencia do christianismo, á quem principalmente se deve a pratica da caridade. Mas tambem é certo que, nem por isto, o mal tem deixado de existir em grande escala, e que cada vez ha de ir á mais.

Este estado de cousas provocou o pensamento de reformas na organisação social; mas todos sabem que, para remedial-o, recorrerão os homens á uma utopia irrealisavel, á um verdadeiro delirio, que ameaça destruir a ordem social.

Nesta parte, estão os irracionaes mais bem

aquinhoados do que o homem, pois que nenhum delles morre de nudez nem de fome, no estado livre: todos tem igual porção nos dons da natureza; e quando elles sentem a necessidade de satisfazer o ventre, não vem um terceiro dizer-lhes: Aqui o não farás, que é meu.

Neste ligeiro esboço da condição humana, omitti o fallar dos males physicos á que o homem está sujeito por natureza, em muito maior escala do que os brutos, e bem assim dos males moraes, que flagellão o espirito, e levão tantos infelizes ao desespero e ao suicidio!

Em verdade, que medonho espectaculo é a vida! Não ha instante em que, na face da terra, se não dê uma desgraça, um caso lastimoso, uma injustiça, uma iniquidade! Não ha instante em que a humanidade não agonise e maldiga a má sorte! Se fosse possivel consonar todos os gemidos e clamores que á cada momento se levantão, ouvir-se-ia um brado medonho, um concerto horrisono, que gelaria os animos. E entretanto, Deos, á quem elles se dirigem, conserva-se indifferente, eternamente indifferente e inexoravel, porque elle não existe.

Do contrario, não era possivel que elle deixasse de intervir, por modos occultos, mas efficazes, em certos transes da vida humana, como quando o justo é perseguido, o innocente condemnado, nas grandes calamidades e desastres, quando os maos se arrogão o di-

reito de governar, quando um povo inteiro é ameaçado de grandes males etc..

E demais, se Deos existe, porque elle se não manifesta ao homem? Seria isto muito melhor do que occultar-se, fazendo de si um enigma e uma questão impossivel de resolver. É a duvida que acoroçoa os maos e desanima os bons; e eu não sei que inconveniente haveria em que o homem soubesse ao certo que tinha um juiz infallivel para o punir e premiar, sem comtudo restringir a sua liberdade.

Em conclusão, não posso crer que um ente tão rude e grosseiro, em sua origem, que come o seu semelhante e até repasta-se nos cadaveres dos mortos, á maneira do abutre e da hyena, que um ente tão feroz e malfazejo, que uma creatura tão miseravel e sobre quem pesão tantos males possa ser a obra predilecta e protegida de Deos; e d'aqui se pode razoavelmente concluir que tal Deos não existe, porque, se existisse, a sua obra fôra outra.

MEDITAÇÃO XXVII.

Não sei porque se ha de buscar a primeira idade do homem, para se julgar do amor de Deos para com elle, e não a idade em que o mesmo homem, emanicipando-se da barbaria, aproximou-se de Deos, pela sua dignidade e o aperfeiçoamento da sua intelligencia. O mesmo erro ou injustiça commetteria aquelle que desapreciasse uma engenhosa machina, só por que, á par de peças subtis e delicadas, notasse outras rudes e grosseiras.

Que o homem tivesse tido uma idade menos digna delle, é cousa que bem se explica. Não entrou na mente do Creador faze-lo um ser completo, mas sim um ente racional e perfectivel, capaz de reger-se pela razão e o sentimento: differença profunda, com que elle o distinguio dos outros animaes. Ora, sendo esta a condição natural do homem, da qual não podemos nem devemos tomar contas á Deos, em quem nos cumpre ter illimitada confiança, não era possivel evitar que a hu-

manidade tivesse a sua infancia, a sua adolescencia e a sua virilidade, isto é, que se realizasse na historia da vida social o mesmo que se observa na vida animal.

Deos graduou sabiamente o entendimento humano, não pelo que elle o fez no estado primitivo, mas pelo que permittio que elle fosse no ultimo periodo do seu desenvolvimento. Ainda hoje o homem nasce tão bruto como nascia no estado natural; mas a inapreciavel herança que elle recebe da sciencia de seus pais permitte-lhe saber em poucos annos aquillo que as gerações passadas só poderão colligir em muitos seculos; e tão prodigioso é este dom da intelligencia, que ninguem pode calcular qual será o estado das cousas d'aqui á quinhentos ou mil annos, para não ir mais adiante.

Se o homem fosse em sua origem dotado de um entendimento tres vezes superior ao que Deos lhe deo, a consequencia seria antecipar elle o seu aperfeiçoamento e chegar em pouco tempo á um estado de sciencia que transtornasse os planos do Creador.

O entendimento humano foi organizado de modo que só podesse desenvolver-se pela experiencia e observação. Foi uma centelha que Deos deixou escapar de si, para fecundar o nosso cerebro; centelha que, propagando-se pelo estudo, gera a luz que illumina o genio e faz-nos conhecer verdades espantosas, que á principio nos forão interdictas. Mas, segundo

o pensamento do Creador, este principio do futuro engrandecimento humano, carecia de muito tempo para fazer-se luz e chegar ao estado em que o vemos.

Portanto, nada mais consequente do que que o homem vivesse á principio em condições menos vantajosas e menos dignas do futuro rei do mundo. Mas querer-se por isto equipara-lo aos brutos é um paralogismo que não merece seria refutação. O bruto nada aprende de si e nem dos outros seus semelhantes; nada collige, nada transmitte aos seus descendentes. Vive e morre como nasce, sem passado, sem presente, nem futuro. É emfim um accessorio da creação; só o homem é principal nella, porque domina a tudo mais.

Não ha duvida que as paixões compromettem a dignidade do homem, e que, quando ellas imperão, desapparece a razão, o direito e a justiça; mas tambem é certo que isto hoje só se vê em circunstancias anormaes, quando a ordem social é perturbada. Fóra deste caso, as paixões só podem fazer o mal por excepção de regra, e pode-se dizer que o homem está sufficientemente garantido pela providencia das leis e a vigilancia das autoridades.

Nem se diga que, ainda em condições estaveis e de ordem, não poucas vezes padece a moral e a justiça, e vê-se o vicio preferido á virtude. Para que isto se não désse, fôra preciso desnaturar o homem ou tirar-lhe a liberdade de seus actos. Na primeira hypothese,

seria fazel-o tão perfeito como Deos, para que elle não peccasse; e na segunda perderia o homem o livre arbitrio, que é o seu mais bello predicamento.

Em todos os tempos, e nos paizes mais cultos, o poderio e a riqueza hão de sempre influir uos animos; em todos os tempos a virtude ha de ter contrarios e inimigos. Cumpre porem confessar que, nas circunstancias da sociedade presente, é isto de pouco ou nenhum alcance.

Por mais que os pessimistas afeiem a actualidade, não é possivel deixar de reconhecer os progressos espantosos que á moral dos povos tem trazido esta nova ordem de ideias e de factos, fructo das revoluções por que tudo tem passado. Hoje, por exemplo, tem-se em mais conta a vida do infimo homem, do que d'antes se tinha a de muitos mil. Se o poderoso o quer opprimir, ahi está a sociedade em massa para se oppor. A desigualdade de condição é compensada pela igualdade legal, e para igualar todas as classes, ahi está a soberania da intelligencia e do genio, que é hoje a unica legitima e real. Ninguem mais soffre por intolerancia. Os governos mostrão-se solicitos pelo bem estar dos povos, e estes se vão aproximando, para fazerem de toda a humanidade uma só familia de irmãos.

Falla-se muito da perversidade dos homens e lamenta-se que sejão elles os proprios auctores dos maiores males da vida. Não desconhe-

ço, e antes deploro, este antagonismo, que tem a sua mais commum origem na contrariedade de interesses. Mas convem não ver só o lado ruim, o principio vicioso da natureza humana; tambem é justo vê-la pelo que ella tem de bom e admiravel. Uma das suas mais bellas qualidades é o amor que todos tem á justiça, ainda mesmo os maos; e outra não somenos o amor do proximo, que sobretudo se revela á vista de uma desgraça ou de um grande mal imprevisto.

Estão agora aqui varias pessoas, olhando-se com rivalidade e desconfiança, e até mesmo com certa manifestação de má vontade. Sobrevenha porem á qualquer dellas uma desgraça, e toda esta prevenção, toda esta malevolencia desapparecerá para logo, como diante dos reagentes chimicos desapparecem todas as combinações contra as quaes elles se empregão. Verás como todos se mostrão condoidos e sinceramente empenhados em soccorrer a victima. Verás como cada um se esquece de si, para cuidar della, á ponto de pôr em risco a sua vida, se tanto fôr preciso.

Ainda ha pouco vio-se um exemplo tão sublime desta nobre abnegação, no caso de Luiz Viale, um dos naufragos do vapor America, que se perdeo incendiado nas aguas do rio da Prata, na noite de 23 de Dezembro de 1871, indo de Buenos Ayres para Montevideo, que encheo o mundo de justa admiração! Generoso velho! que se sacrifica á uma morte certa

e afflictiva, para salvar a vida á uma familia que na sua presença debatia-se com as vagas!

Fallas dos males que resultão das condições da vida social, isto é, do pauperismo e da miseria, que corroe a existencia de tantos infelizes, victimas do egoismo e do abuso da propriedade.

Acredita porem que nisto tem a principal parte os vicios da propria constituição social, entre os quaes se nota, como mais pernicioso, o amor do luxo, que se tem introduzido em todas as classes. Se os homens moderassem mais as exigencias da vida e as limitassem á razoaveis e bem entendidas commodidades, nem haveria por um lado tanta cupidez de ganho e de dinheiro, e nem por outro tão grande desigualdade de fortuna. Desta é que procede immediatamente o pauperismo, e a prova disto está na Inglaterra, de todos os paizes do mundo aquelle em que a fortuna ou a propriedade se acha mais mal repartida.

Entretanto, para combater e remediar em grande parte este mal, que talvez para o futuro se possa evitar com instituições mais sabias, ahi está a caridade, ahi está a philantropia, ahi está a parternal solicitude dos governos: tudo isto resultado dos melhoramentos do presente sobre o passado.

Achas impossivel que, se existisse Deos, elle deixasse de intervir por modos occultos, mas efficazes, em certos transes da vida humana;

mas que rematada loucura vai neste pensamento! Pois não vês que com isto ficaria coarctada a liberdade humana e seria preciso que Deos á cada momento estivesse intervindo nos actos da vida, fazendo assim interminaveis excepções á suas sabias leis, cujo principal valor e merecimento é serem ellas, alem de justas, eternas e immutaveis? Pois se isto fôra um grande defeito nas leis humanas, como deixaria de o ser nas divinas, que excluem toda a ideia de erro e modificação?

E' vaidade nossa o pensar que Deos julga, como nós, as cousas da vida, e que encara do mesmo modo os males que nós tanto lamentamos. Notavel contradicção! Estamos constantemente á maldizer a nossa sorte, achamos a vida tão má, e entretanto irritamo-nos tanto contra todos os actos que tendem á privar-nos della! Esta contradicção não a commette Deos, que, tendo consciencia do que fez, não tem na mesma conta que nós, nem os bens nem os males que aqui nos affligem, certo de que elles são transitorios e de nenhum valor sobre o futuro destino do homem.

Dizes por fim que, se Deos existisse, elle não deixaria de manifestar-se, e que com isto tudo iria muito melhor no mundo, sabendo os homens com certeza que tinhão um juiz infallivel para premiar e punir.

Não era possivel que Deos se mostrasse mais sensivelmente do que elle o faz, manifestando-se tão exuberantemente em toda a

natureza! Se os homens se obstinão em duvidar da sua existencia, é por uma fatal cegueira e culposa incredulidade, toda filha do seu orgulho. Deos se revela pela razão e a consciencia, que é o genero de prova mais digno do homem; se elle o fizesse pelos sentidos, o que não fôra digno delle, nem por isso se faria menos duvidoso, porque quem duvida do que lhe prova a razão e o senso moral, mais facilmente duvida do que lhe mostrão os sentidos, que tantas vezes nos enganão.

MEDITAÇÃO XXVIII.

A republica é hoje o sonho dourado dos povos. Falla-se della como uma novidade, um progresso do seculo, e a unica forma de governo capaz de fazer a felicidade social. E como esta grave questão interesse geralmente á todos, vou occupar-me della, como particularmente interessado pela sorte do meu paiz.

O governo republicano nada tem de novo, porque em todos os tempos foi posto em pratica, debaixo de varias formas, como o attesta a judicatura dos Hebreos, as innumeras republicas gregas, Roma, Carthago, Veneza, Genova, Pisa, Florença, as cidades anseaticas, Novogorod, Cracovia, as Provincias Unidas, a Inglaterra, a Suissa, os Tlascaltas, no Mexico, a maior parte das tribus americanas, e finalmente, a celebre republica franceza e todas as outras que se lhe seguirão, comprehendidas as do Norte e Sul da America.

Tres são as formas debaixo das quaes se tem executado o governo republicano, a aris-

tocratica, em que o supremo poder é exercido pelos nobres; a oligarchica, em que elle é exercido por um pequeno numero ou por uma familia dominante, e a democratica, em que elle é exercido pela maioria da nação.

Esta diversidade de formas ja é prova de que a republica nada tem de privativo nem de absoluto, que assegure o bem estar dos governados, e de que esse optimismo que se lhe attribue é tão incerto quanto são varias as condições de que elle depende.

Para melhor conseguir o meu fim, vou mostrar, com exemplos tirados da historia, o resultado pratico de todas estas formas, á ver se ellas satisfazem o pensamento daquelles que se persuadem que no governo republicano está de necessidade a ventura dos povos, e que só nelle pode haver liberdade, moralidade e bons costumes.

Para exemplo da primeira forma, tomarei a republica de Veneza, cujo governo era exercido por um chefe vitalicio, eleito entre os nobres, e por um conselho de tresentos notaveis, a quem o doge tinha de ouvir para deliberar; mas acima de tudo estava o tyrannico e inquisitorial *conselho dos Dez*, cuja autoridade nullificava a acção de todos os outros poderes e resumia em si a mais discrecionaria dictadura.

O povo só servia para instrumento da tyrannia dos nobres, pois era excluido de todos

os cargos elevados, especialmente os politicos, e se fazia parte da magistratura de primeira instancia, ahi estava a *Quarentia*, para pôr o veto ás suas decisões.

Para exemplo da segunda forma, tomarei a famosa republica de Carthago, cujo governo era exercitado por dous magistrados supremos, chamados suffetes, de accordo com o senado, só composto de ricos e optimates. O voto popular só apparecia em circunstancias extraordinarias e no caso de divergencia entre os suffetes e o senado. As duas familias, Barca e Hannon, absorvião toda a autoridade e exercião um poder senhorial.

Não são certamente estas duas republicas que os modernos democratas quererão por norma, mas sim a da terceira forma, ou antes, um governo puramente democratico, em que toda a autoridade emane do povo e só se exerça por elle, com exclusão absoluta de quaesquer classes privilegiadas, que a constituição normal do Estado nem legitime nem consinta, como elementos de desigualdade legal, de tyrannia e corrupção.

Para exemplo desta terceira forma, poderia eu tomar qualquer das actuaes republicas ibero-americanas; mas, para provar a boa fé com que escrevo, tomarei antes a chamada grande republica norte-americana, em que tantos fallão, sem terem conhecimento do que ella realmente é.

Sendo desnecessario tratar da constituição

de cada Estado, só me occuparei do governo da União.

É certo que ahi só domina o elemento democratico e que o senado só representa madureza de juizo e experiencia, tendo por unico fim moderar e corrigir os actos menos reflectidos da camara dos representantes. Pondo porem de parte todos os vicios e defeitos que se poderião notar nesta forma de governo, e acceitando-o antes como modelo para a constituição de todos os paizes, cumpre agora saber se elle pode ser adaptado á todos os povos, questão principal e importantissima, quando se trata de generalizar instituições politicas.

Não pode haver erro mais crasso do que o daquelles que julgão que todos os povos se podem reger do mesmo modo, sem attenção á indole, á raça, ás tradições do passado, ao seu estado moral e intellectual, aos habitos contrahidos, á influencia local e outras circunstancias; porque desenganem-se os homens que nunca hão de fazer desapparecer essas differenças com que a sabedoria divina quiz distinguir as nacionalidades. Fôra tão impossivel sugeitar todos os povos á uma só forma de governo, como fôra impossivel obriga-los á fallar uma só lingua e á seguirem a mesma religião.

A raça yankee é uma raça *sui generis*. Ella herdou da raça anglo-saxonia todas as suas grandes qualidades, sem lhe herdar os vicios,

que Gladstone está agora, á muito custo, combatendo, á ver se os extirpa, porque não ha povo mais tenaz em conservar as suas tradições.

Os Norte-Americanos, dotados de uma actividade febril para tudo quanto é melhoramento pratico e positivo, carecião essencialmente de uma forma de governo que nivelasse todas as classes, por meio da igualdade legal, para que todos pódessem concorrer livremente á obra do progresso, como elles o encarão.

Composta a União de povos de diversas raças e religiões, era isto mais uma razão de necessidade para a liberdade meio natural de que ahi se goza, tanto em materia civil como religiosa; liberdade que faz desse povo, tão superficialmente admirado! um verdadeiro pandemonio social.

Pela mesma razão ja consignada é que o governo deste paiz offerece a estabilidade e ordem que se lhe admira, vantagem menos devida á sabedoria de suas instituições do que á indole nacional ou á necessidade que ha de paz, para que o povo se possa applicar ao trabalho e desenvolver nelle esse espirito emprehendedor que faz dos Estados-Unidos o paiz de mais progresso material que se conhece.

Sem o beneficio da paz, os Norte-Americanos não terião feito tanta cousa grande em tão pouco tempo, nem a actividade nacional,

trasbordando por cima dos limites patrios, como se ja ahi lhe faltasse em que empregar-se, buscaria sahida nos mais longuiquos recantos do mundo.

Entre elles não se discute politica esteril, nem os animos se gastão em mesquinhas lutas de partido. Tudo tende á augmentar a prosperidade nacional, por meio do trabalho e da riqueza, á sombra das suas instituições cosmopolitas.

É por isto que a grande corrente da emigração europea prefere os Estados Unidos á outro qualquer paiz do mundo, porque ahi acha o emigrante de prompto uma patria adoptiva, abundante de recursos, que lhe proporciona todas as vantagens materiaes e politicas, para elle fazer fortuna.

Mas militão á respeito dos outros povos as mesmas causas, para que elles possão indistinctamente reger-se pelas mesmas leis? Por que é que a França, tendo-se ja pela terceira vez constituido republicana, ainda pela terceira vez, e não se sabe quantas mais, ha de tornar á monarchia? Porque é que a Hespanha, fazendo-se republicana em Fevereiro, com tanta confiança dos seus tribunos, apresenta ao cabo de seis mezes um estado de anarchia aterradora?

Pelo que nos pertence, resta ver a possibilidade de sermos republicanos.

Perdoem-me os meus concidadãos, se, para tratar desta questão, como convêm, tenho de

dizer algumas verdades que lhes hão de desagradar, porque, sem esta franqueza, a discussão não aproveitaria. Usando pois della, começarei por dizer, em termos mui claros, que não conheço um povo mais incapaz de ser republicano do que nós e em geral todos os povos de raça latina.

O governo puramente democratico requer essencialmente igualdade de condição, e esta depende menos da lei escripta do que da lei natural, ou por outra da indole do povo.

O Yankee é republicano, porque carece de se-lo e não podia deixar de se-lo, em razão do seu genio e dotes naturaes. Se, para abrir o canal do Erié, lhe não fosse licito incorporar uma companhia, independentemente da acção e intervenção do governo, elle se revoltaria ou abandonaria o paiz; e para que elle se possa confundir e acotovelar livremente, na expansão da sua actividade mercantil e industrial, era-lhe indispensavel renunciar a todas as frioleiras aristocraticas e não perder o tempo, parando para abrir caminho e deixar passar o rei ou um duque. Em uma palavra, o Yankee nasce burguez, vive burguez e morre burguez, porque tem necessidade de se-lo.

Nós porem somos o contrario de tudo isto, porque, em verdade, não ha povo mais frivolo, mais cheio de vaidade, mais desejoso de mando e mais amigo de distincções! E é por isto que, em geral, todos se deixão corromper tão facilmente pela acção governativa, mediante a

esperança de uma patente da guarda nacional, de uma teteia para o peito, de um emprego honorario no paço, de uma nomeação de presidente de provincia, de uma eleição de deputado, de um titulo de barão, de visconde etc..

Á tanto chega a nossa puerilidade á este respeito, que comarcas e municipios ha, em que o numero de officiaes da guarda nacional, comprehendidos os reformados, é realmente maior do que o de soldados! E ja poucos se satisfazem com postos subalternos; todos querem patentes superiores.

Causa riso e vergonha ver todas as futilidades de que abunda a nossa legislação em materia de titulos, tratamentos, honras e distincções! Temos até um acto destes, indicando os postos militares correspondentes á certos cargos civis e ecclesiasticos, como, por exemplo, o de conego, á que corresponde a patente de tenente-coronel!

Se qualquer fidalgo improvisado (porque, com as instituições que temos, só os pode haver de comedia ou de contrabando) insulta a um homem do povo e este lhe responde como deve, é logo recrutado, ainda que pela lei esteja isento; e neste odioso attentado tanto tem parte a autoridade que o commette, o chefe de policia que o consente e o presidente de provincia que o approva, como o ministro que o sancciona em ultimo caso, para não desmoralisar, como se diz, o seu delegado na provincia!

É por este vicio da raça, aggravado por uma inclinação propria e local para tudo quanto é vão e ostentoso, que, apezar de termos excellentes instituições, o direito está sempre á mercê do abuso e do capricho, pela dependencia voluntaria em que todos se põem do governo, por ser elle o grande dispensador das graças por que todos suspirão.

Dest' arte tem o executivo conseguido constituir-se o unico poder real no Brasil, e de tal modo, que ninguem mais lhe contesta a primazia.

Ha muitos annos que as eleições são uma indigna farça, porque o governo sempre as vence, pela sua escandalosa intervenção, apezar das solemnes promessas de liberdade de voto que todos os ministerios fazem nos seus programmas.

Nenhum partido, em opposição, disputa mais o triumpho eleitoral ao governo, contentando-se com esperar pela sua vez, para pagar-se na mesma moeda; e tão grande é a descrença, que ninguem mais comparece á votar nas matrizes, certo de que, ou recusão-lhe o voto, ou, se o recebem, o trocão por outro.

Para estes feitos, são mandados ás provincias certos protegidos que carecem de fazer fortuna, os quaes de ordinario são bachareis novatos, que ja sahirão estragados das academias.

D'antes, quando os partidos ainda resistião, estes commissarios de eleições carecião de cer-

ta audacia e velhacaria, para darem conta do recado; mas, depois que os partidos convierão em reconhecer a omnipotencia de facto do governo, qualquer inepto desempenha maravilhosamente o honroso mandato, bastando-lhe para isto chegar á colonia com a sua carta de governador, porque encontra nella miseraveis e instrumentos que não esperão ser procurados, mas antes se lhe vão offerecer para todo e qualquer serviço; alem de ter o presidente á sua disposição a policia e a força publica.

Poucos mezes depois, la se vai o filhote, ancho do seu triumpho, depositar aos pés dos amos os louros conquistados, apresentando-lhes os nomes de um certo numero de manequins, com que o governo aliás só pode contar na prospera fortuna.

D'aqui resulta que a camara dos deputados é sempre um instrumento docil do governo, porque, quando o deputado chega á côrte, vai tão carregado de pretenções para si e para os seus committentes, que torna-se um pedinte importuno e não sahe das ante-camaras dos ministros. Se o senado mostra mais independencia, pode-se suppor-lhe em razão da sua vitaliciedade.

Só o Brasil, na historia dos governos parlamentares, offerece o epigramma de uma camara unanime, como ainda ha poucos annos aconteceo, sob a influencia do immoral e estragador gabinete de 16 de Julho, cuja politica

corruptora e corrompida ainda hoje dura e durará, porque, no estado em que nos achamos, o peor e o pessimo é que promette mais duração.

A camara dos deputados é de todos os poderes politicos o que mais se tem prostituido e aviltado á acção invasora e usurpadora do governo, em consequencia da sua viciosa eleição e voluntaria dependencia, apezar de representar ella, no poder legislativo, o elemento democratico, e de competir-lhe, com o senado, velar na guarda da constituição e promover o bem geral da nação.

Ha muitos annos nenhum deputado é capaz de propor um projecto ou medida de importancia, sem ter primeiro o consenso e beneplacito do governo, sob pena de ver a sua obra regeitada *in limine*. Se alguma opposição ainda apparece no seio desta augusta e dignissima assembléa, é unicamente partidaria e pessoal, e tão pequena, que se torna incapaz de produzir effeito; se não é antes a de algum fogoso e suspeito demagogo, de cujo patriotismo se tem dado exemplos bem vergonhosos, que omitto, para evitar odiosidades.

Causa tedio e pejo ver as frioleiras com que de ordinario se occupão os mandatarios do povo. São estereis questões eleitoraes e pessoaes, de mesquinha politica local e de opposição systematica, com que gastão o tempo e enchem as sessões. Só a discussão do voto de graça offerece materia para tres me-

zes ou mais, porque é nelle que se encarnição os palradores da opposição, e os jovens sabios, que se tem tornado tão communs e triviaes!

As consequencias desta desordem e desiquilibrio na harmonia dos poderes são as seguintes.

Ha obra de dezoito annos, um ministro que tinha maioria segura no senado, querendo fazer passar uma medida na outra camara, onde achava opposição, ahi se apresenta de cenho carregado, como se fôra um leão, e diz em tom de ameaça que o governo fazia daquelle negocio questão de gabinete; e porque se dizia que elle obrava autorizado por alguem, mais poderoso, aplainarão-se logo todas as difficuldades, e passou a medida como o queria o governo. E os Brasileiros, que não podem resistir ao gosto de admirar tudo quanto é ostentação e mando, d'ahi em diante ficarão admirando ao que chamarão *vontade de ferro* do ministro; e para que este gosto fosse completo, inventarão que, dizendo o monarcha, em certa occasião, á este mesmo ministro ser elle teimoso, o ministro lhe respondera: E V. M. só é que quer ter este privilegio?

Esta anedota não agrada tanto ao genio republicano e independente dos Brasileiros, por ser uma resposta bem dada, mas porque um ministro tivesse a ousadia de assim fallar ao seu soberano! *Cosa non detta in prosa mai nè in rima!*

Os ministerios não se sustentão nem cahem mais pelo facto das maiorias e minorias. Quando se vêem ameaçados de crise ou com uma pequena maioria, resolvem a difficuldade, dissolvendo a camara e mandando eleger outra ao seu inteiro sabor; e deste modo não é possivel mais haver opposição na camara temporaria.

Houve um tempo em que o intitulado partido liberal ia se exaltando mais do que convinha, e tendia á um pronunciamento inquietador. Para prevenir este resultado, lembrou-se então a politica conservadora de offerecer aos descontentes o ramo de oliveira, sob o titulo de uma projectada conciliação, que não foi levada á effeito, porque os animos, ainda indoceis, a repellirão de uma e d'outra parte. Mas, dous ou tres annos depois, foi repetida a mesma tentativa, com o nome de *liga*, e os animos, ja então mais reflectidos, dando-se as mãos, diante do altar da patria, cruzarão os copos e fundirão-se na liga.

Desisto de historiar as miserias e immoralidades que d'ahi se seguirão. A liga veio patentear qual era em geral o patriotismo dos nossos homens politicos. Foi um verdadeiro saque de Pandours e Beduinos em campo neutro. Cada um cuidou de encher-se o melhor que pôde; e quando ja não havia mais que respigar, brigarão e separarão-se os arraiaes, allegando uns e outros que havião sido illudidos!

Nesta separação, deo-se um erro digno de registrar-se.

Muitos forão, por engano, assentar tenda no campo adverso, e quando disto se apercebe-rão e quizerão tornar atraz, acharão que o melhor era la ficarem, por isso que a fortuna la os havia conduzido! de modo que liberaes esturrados ficarão sendo conservadores e vice-versa.

D'ahi para ca ninguem mais se entende em politica. Parece que a sociedade brasileira converteo-se n'um bando de camaleões; e o que se vê todos os dias justifica o que disse Fielding, á saber, que um patriota não é mais do que um candidato á um lugar; a politica a arte de o obter; a virtude e o vicio objectos de conversação; o merito—o poder, a posição, a riqueza, e a sabedoria a habilidade de obter todas estas cousas.

Outro ministro baixou um aviso á um tribunal de justiça, indagando a razão porque julgára um caso de certo modo.

Ainda outro, por cerca do mesmo tempo, estranhou ao supremo tribunal de justiça um caso julgado em materia criminal, dizendo-lhe que tinha entendido mal a lei e indicando-lhe como o devera ter julgado.

De todos os paizes constitucionalmente regidos, o Brasil é o unico que offerece o exemplo d'o governo interpretar leis emanadas do poder legislativo e de amplia-las, nos seus regulamentos, á ponto de offender, não só a ellas,

como a propria constituição, ainda mesmo em materna constitucional.

Á principio os avisos compunhão, no fim do anno, um magro volume; mas estes forão gradualmente engordando, de modo que chegarão á grossos e pesados calhamaços, que fazem as delicias dos legistas. É luxo saber e citar estas decisões, que eu comparo ás glosas de Accursio e Bartolo.

Os advogados, juizes e tribunaes mostrão-se tão gulosos dellas, que só por ellas se regem; quando melhor fôra manda-las queimar, como uma praga e o corpo de delicto escrito da nossa corrupção.

Um fofo de um presidente, estando uma vez á janella do seu palacio, e passando um pobre homem ao largo, sem lhe tirar o chapeo, praticou a cobardia de mandar-lhe deitar o chapeo ao chão por um soldado!

Outro presidente manda recrutar um bacharel formado, advogado e procurador fiscal, só porque era opposto á sua administração, dizendo que os bachareis formados não estavão isentos do recrutamento.

Um chefe de policia manda açoitar a varios presos, livres, excusando-se com serem elles rixosos e turbulentos; e sendo este facto, annos depois, referido na camara dos deputados, ouvio-se um—Oh! unisono, de admiração; mas d'aqui não passou a censura de tão grave crime.

E estas cousas se fazem, sem a menor res-

ponsabilidade para aquelles que as praticão. Qualquer inspector de quarteirão, juiz de paz ou subdelegado de policia, pode praticar os attentados que lhe vierem á cabeça, porque ahi está o valimento dos seus superiores para apadrinha-los, pelo celebre principio de não desmoralisar os seus agentes e subordinados.

Se isto porem acontece com os desvalidos, victimas de taes prepotencias, o mesmo não acontece com os tenentes-coroneis, os commendadores, os ricos e poderosos, ainda que notoriamente criminosos, pois quem ousaria processa-los e puni-los? Por isto, ja eu ouvi dizer á um estrangeiro que, no Brasil, quem veste casaca não tem crime. O certo é que não ha direito, por mais sagrado, que se possa julgar entre nós garantido, pois em verdade não ha paiz onde a lei tenha menos autoridade do que neste.

Ha annos, deo-se na capital do imperio um facto summamente deshonroso para a nossa moralidade e civilisação.

Um medico, dizendo-se offendido em sua honra conjugal, fundado no testemunho, suspeito, de uma escrava, desfaz-se da infeliz esposa por meio do assassinato mais barbaro e cobarde, resolvido com longa premeditação!

Um dia, acabando de jantar, chama a victima para o andar superior, e fechando-se com ella, rouba-lhe a vida, servindo-se de um bis-

tori, com o qual lhe corta as arterias jugulares, abusando infamemente da sua sciencia professional.

Houve uma luta terrivel entre o algoz e a victima ! O espectaculo que offerecia o lugar do crime, diante do cadaver da misera esposa, do seu carrasco, gotejando sangue, das paredes sobre as quaes o sangue espadanara, e da desordem em que tudo estava, era uma scena de horror, propria das espeluncas da Triana, e que impressionaria o proprio Hoffman.

Entretanto, este sicario foi absolvido pelo jury do Rio de Janeiro, com applauso das galerias e levado á casa em triumpho ! quando nos Estados Unidos teria elle ido sem remissão ao patibulo.

De modo mui diverso procedeu a justiça em Portugal, á respeito do infeliz e distincto José Vieira de Castro, que morreu nos presidios d' Africa, por ter assassinado a esposa, de cuja infidelidade tivera aliás provas irrecusaveis.

MEDITAÇÃO XXIX.

Temos de novo em campo, para decidir-se pelas armas, a velha questão dos dous elementos oppostos, tribunato e senado, á que dera tregoas o triumvirato que se seguira á morte de Sylla e á conjuração de Catilina. O fim desastrado de Crasso nos desertos da Mesoptamia não permittio que os dous collegas vivessem por mais tempo harmonisados. Pompeo, desvanecido dos seus triumphos militares, lança o repto ao formidavel conquistador das Gallias, deixa sorprender-se sem tropas na Italia e foge para a Grecia, levando comsigo o senado e os nobres. A batalha de Pharsalia decidio em breve da contenda, e Cesar, ao voltar da sua rapida campanha, é acclamado com o titulo de *imperator*.

Por agora ficou vencedor o campeão da democracia, sem que comtudo lucrasse a causa popular, porque o assassinato do dictador deu lugar á formação do segundo triumvirato, que

suffocou a filha agonisante de Collatino nas planicies de Philippos, onde Bruto e Cassio se derão a morte pelo ferro, desesperando de poderem restabelecer a liberdade.

Nem sempre os homens, ainda os mais eminentes, pensão razoadamente nos negocios publicos do seu paiz e do seu tempo; cega-os a paixão e o fanatismo politico, e elles obrão fora de todas as condições de realidade, possuidos de ideias que não podem mais vingar, ou com relação á epocha ou ás circunstancias de um povo. Depois d'este ter degenerado, não é mais a obra do homem que é capaz de o regenerar. Só Deos, com a sua consummada sabedoria, pode operar este milagre, por meio de lentos e mysteriosos processos.

Bruto, Cassio e Catão erão certamente sinceros e fervorosos republicanos, que não pouparão sacrificios pela causa que defendião; mas, praticamente fallando, elles querião um impossivel, que era fazer dos Romanos do seu tempo os Romanos de quatro seculos atraz, estando elles ja tão corrompidos e habituados á soffrer a tyrannia pessoal.

Nestas circunstancias, a dictadura de Cesar, homem verdadeiramente grande e generoso, era até um dom celeste para os Romanos. Assassina-lo era um desagradecimento á Providencia, que bem merecia ser punido com o nefando triumvirato, no mais astuto de cujos membros a tyrannia lançou o ferro, para não

levanta-lo mais, até o total aniquilamento do imperio.

Á Philippos seguio-se Accio e á Accio a consagração do imperio na pessoa d'Augusto. Quando Bruto e Cassio se ferião com o ferro vingador da desfortuna, a estatua da Liberdade cahia do seu pedestal no Capitolio. Os ultimos arrancos da Republica forão sellados com esse pacto infame e sacrilego que fizerão os triumviros ! Um soldado brutal, um tyranno astuto e um fatuo, não duvidarão sacrificar os seus proprios consanguineos e amigos ao furor das vinganças contrarias ! Quando a cabeça de Cicero foi pregada no rostro, o grito de indignação, suffocado na consciencia dos que o virão, echôou na posteridade, como um protesto contra essas abominações.

Assim acabou a republica romana; mas esse povo, ja corrompido nas suas virtudes civicas e privadas, ainda estava destinado á novas conquistas e á grandes cousas. Forão ainda precisos muitos seculos para elle perder o caracter de povo soberano; e ainda assim, quando elle deixou de dominar pelas armas, foi para dominar pela palavra, porque á aguia dos Cesares succedeo o baculo de São Pedro e ao Capitolio o Vaticano.

Aqui temos a modesta insignia consular trocada pela purpura imperatoria. De todas as instituições republicanas só subsiste de facto o senado; mas este avilta-se por tal forma, que é mais um novo instrumento da tyrannia

dos imperadores, do que uma garantia contra ella. Á ninguem esquecerão as memoraveis palavras de Tiberio, nauseado de tanta baixeza! O povo, pela sua parte, contentava-se com que lhe matassem a fome e lhe dessem espectaculos. Na vontade do Cesar resumia-se toda a autoridade e acção governativa.

Abre a lista dos imperadores Augusto com o seu longo reinado, e, justiça se lhe faça, elle que n'um povo livre e moralisado fôra um tyranno odioso, foi para os degenerados descendentes de Romulo um senhor benigno e bemfazejo, e é por isto que o seu nome indica uma era de prosperidades para os Romanos.

O reinado de Augusto distingue-se principalmente pelo facto mais celebre e extraordinario que interessa á humanidade, que foi o nascimento do seu Redemptor n'uma pobre aldeia da Judéa. Todos os espiritos se sentião vagamente preoccupados de um grande successo proximo futuro. Os poetas e as sybillas fallavão de uma nova idade de ouro, superior á primeira, e de uma virgem, que daria a luz um menino destinado á regenerar o mundo. E emquanto este alvoroto se passava no intimo dos animos, o grande acontecimento se preparava na mente do Altissimo.

O mundo pagão começava á vacillar e ainda Jesus não era nascido. Era ahi mesmo, na grande Roma, dita a capital do Universo,

que se estabeleceria a séde da nova doutrina, ensinada por elle aos seus discipulos. Nem o martyrio dos dous grandes apostolos, nem a cruenta perseguição, por vezes decretada, contra os neophytos, uma das quaes chegou á fazer era na historia, nem a carnificina dos circos e amphitheatros, onde os martyres expiravão ás garras das feras, nem o desprezo publico e a privação do fôro, serão capazes de enervar a fé dos fieis em Jesus Christo, de impedir as conversões que todos os dias se operavão, á força de tanta virtude, nem de obstar o triumpho das novas ideias. Deos tinha resolvido regenerar os homens e fazer da metropole do paganismo a cabeça do mundo christão.

Como foi possivel que a successão do apostolado de São Pedro podesse formar-se em Roma, no meio de tantos impossiveis, é cousa que só pode explicar-se como a obra de Deos e não da vontade e esforço humano. O certo é que por mais de dous seculos o ser bispo de Roma era o encargo mais penoso e arriscado daquelles tempos. Só no reinado de Constantino foi que elle começou á exercer publica e livremente a sua autoridade, desassombrado de obstaculos e perigos, porque o christianismo fôra adoptado como religião do imperio.

Aquelles que pensão maduramente nas cousas não acceitão factos destes como casuaes, senão como providenciaes. A casualidade nun-

ca produzio effeitos maravilhosos na ordem moral. Só Deos pode encaminhar as cousas, em tão longo decurso de tempo, de modo que de tantas causas varias e dispares resulte um facto unico, principal, inteiramente contrario ao que se devêra esperar.

Concebe-se que o principe dos apostolos, a quem Jesus Christo escolheo para ser a pedra fundamental da sua Igreja, escolhesse a capital do mundo gentilico, para ahi missionar e estabelecer a séde da communhão apostolica; mas que o mesmo pensamento tivessem os seus successores, que persistissem nelle, que o defendessem como um deposito sagrado, não com os recursos do poder temporal e de autoridade reconhecida, mas unicamente com as armas da paciencia e da fé, é cousa que se não concebe como obra da intenção humana.

Neste facto incomprehensivel, que excede os limites da casualidade, e que ninguem fôra capaz de explicar, como a consequencia de causas naturaes, está uma das provas mais irrecusaveis da divindade do Christianismo, se della se podesse em boa fé duvidar, depois de maduro exame. A incredulidade e a duvida devem cessar onde fallece a razão para sustenta-las, e surge o maravilhoso, para dizer-lhe: Não irás avante pelo raciocinio.

Como poderá o homem comprehender pela razão aquillo que é essencialmente incomprehensivel, como o mysterio e todas as verda-

des theologicas, que só se explicão pela revelação e a fé? A religião não é uma sciencia que se adquira pela observação; é um axioma que se annuncia a alma, e de que esta se convence, sem pode-lo sugeitar ao exame da intelligencia.

MEDITAÇÃO XXX.

Se me perguntarem como é que, apezar dos vicios que nos minão e do falseamento das instituições, a imprensa é livre no Brasil, respondo.

A imprensa é, sim, livre, e até livre de mais, o que quer dizer que ella não tem a moralidade que convinha. E é livre, porque seria perigoso attentar contra ella, e porque o governo tem o grande recurso da corrupção para a desmoralisar e inutilisar, sem ser preciso comprometter-se e arriscar-se á perder a partida.

A imprensa é um colosso que tem um pé na Europa e outro n'America, com a face voltada para o Oriente, á quem parece dizer: Surge e pôe-te á caminho! Não ha, em verdade, influencia, nem mais benefica, quando della se faz bom uso, nem mais irresistivel por isso mesmo que é universal. Quando, em um paiz, se lhe toca com mão violenta, ella sente-se como a sensitiva, e communica a sua

indignação de virgem que se vê esbofeteada pelo carrasco á imprensa de todos os paizes. Então ouve-se um brado reprovador, como a voz augusta do summo pontifice dos Hebeos, quando Nabuchodonosor profanava o grande templo. O criminoso aterra-se, retira a mão, como o ladrão que quer esconder o furto, e foge acobardado diante de tão formidavel resistencia.

Por isso ninguem mais hoje atreve-se á attar contra a imprensa; o que se busca é açama-la, lançando-lhe a offa de Cerbero.

Não ha no Brasil uma só folha que trate de politica geral e externa, e applique a sua justa e illustrada censura aos actos abusivos de todos os governos, como lhe cumpria, por que a causa dos povos é só uma, e esta é a da humanidade.

As que existem só se occupão de politica interna, e ainda assim, só da politica mesquinha e partidaria, que consiste em apologiar tudo quanto é dos amigos e malsinar tudo quanto é contrario, por um systema de opposição artificial, impropria do escritor publico, para quem a justiça e a verdade deve ser superior á tudo. É uma reciprocidade continua de verdadeiras miserias, em que principalmente campea a opposição.

A imprensa periodica é uma das industrias mais lucrativas que se exercem no Brasil. Salvo raras excepções, quem funda uma empreza destas não é com o fim de cumprir a au-

gusta e ardua missão do escritor publico, mas sim de crear uma copiosa verba de receita para si, usando dos seguintes meios.

Se, por exemplo, se trata de applicar uma larga sangria aos cofres publicos, á pretexto de tal ou tal melhoramento, ao apostolo do progresso e das luzes cabe a magica tarefa de chlorophormisar os animos, para que se não sinta o ferro agudo da lanceta. Que prosperidades e vantagens vão d'ahi resultar! O Brasil vai ser o verdadeiro paiz de Cocanhe! E emquanto os incautos engolem a pilula, o espertalhão vai enthesourando a gorda somma pela qual prestou esse relevante serviço á patria!

Se se trata de acreditar um charlatão, que, depois de ter corrido o mundo, nos apparece por casa, trazido pelo engodo das riquezas do paiz e fiado na nossa proverbial simpleza (se o charlatão não é mesmo de casa, porque ja os temos em abundancia), o discipulo de Guttemberg, associado com elle nos proventos, escreve cousas do arco da velha. De um, diz ser filho de prelaros proceres, que anda viajando incognito, para poder gozar de mais liberdade; de outro, que anda distrahindo domesticos desgostos; deste, que nos veio aqui, para ver o rio-mar e as incomparaveis matas virgens; daquelle, por ter uma particular affeição aos Brasileiros. E todos elles só aqui nos vem, para nos levarem o dinheiro, rindo-se da nossa incuravel fofice!

Um destes Cagliostros cura cephalalgias, deslocando as cabeças do proximo, pondo-lhes novas molas e tornando á colloca-las no seu lugar.

Outro veio, por empenhos do imperador da China, fazer uma operação n' uma parenta do poderoso monarcha, ganhando por isso não sei quantas centenas de contos de reis. E os da terra que se aproveitem, emquanto possuem o milagroso doutor, que dá vista á cegos, tortos e aleijados.

Este veio como agente dos celebres seguradores de vidas, garantir o futuro daquellas familias que quizerem subscrever com uma modica quantia.

Aquelle é possuidor de milhões em tal Banco, e só veio aqui trabalhar em favor da redempção dos captivos.

Aquell' outro veio tratar da extracção de uma loteria, que ha de correr em Boukharest, arriscando-se os compradores de bilhetes, pela bagatela de cincoenta mil reis, á tirarem palacios encantados, ricas minas d' ouro nos Carpathes, deliciosas casas de campo, magnificos brilhantes, etc.; accrescentando o jornalista trazer para isso o mandatario carta de credito do proprio vayvode, confirmada pelo suzerano turco.

A um destes propagadores das luzes conheço eu, oh! que homem de talento e de juizo! que *savoir vivre!* que geito para attrahir o metal sonante e sugeita-lo ao poder do seu en-

canto! Nem Amphião, fazendo mover as pedras! Nem Orpheo, attrahindo as feras aos melodiosos sons da sua lyra!

Tambem não sei para que os homens havião de fazer tão tentadores a esses diabinhos louros que gyrão por todo o mundo *(totum circumit orbem)*! Como é possivel resistir-lhes, vendo-os a gente passar tão provocantes e esquivosos, no seu eterno gyro!

A imprensa degradada á este ponto não é um palladio da liberdade, é um foco de corrupção, porque converte uma missão nobre n'um officio mercenario, e porque corrompe a opinião publica, onde deve residir a moralidade dos povos.

Aquelles jornalistas que quizessem conservar o seu posto de honra deverão levantar-se contra estes especuladores descarados, e fazer com elles o mesmo que fez Jesus com os mercadores do templo.

Nem os homens tem mais crença, nem mais inspirão confiança. Nestes ultimos tempos tem-se visto as deserções mais escandalosas que é possivel imaginar-se, não de homens sem valor nem importancia, mas de homens conhecidos e distinctos, que occupão a primeira plana entre os nossos homens publicos. E estas cousas se fazem sem descredito do individuo, porque, em geral, todos carecem da mesma venia. N' uma palavra, a politica é presentemente a profissão ou industria mais lucrativa que entre nós existe, porque, sem ar-

riscar cousa alguma, moral e economicamente fallando, pode-se chegar á uma posição, onde depois tudo se consegue facilmente.

O partido conservador, quero dizer, os especuladores que se arrogarão o mando deste partido na côrte e o tem sacrificado á suas ambições pessoaes, tem sido o grande corruptor da politica nacional, porque foi elle o primeiro que empregou este poderoso agente para vencer os animos, e tem-no sustentado com uma publicidade impudente! Mas, nesta feira d'Armenios e Phenicios, não sei á quem cabe maior responsabilidade, se aos que corrompem, se aos que se deixão corromper.

Hoje apparece um orgão das ideias liberaes, á clamar contra os abusos e á indicar as reformas necessarias; amanhan um republicano á pregar contra a monarchia e promovendo a creação de um centro que se occupe de propagar a ideia e de planta-la no animo do povo (pobre povo! que é sempre o testa de ferro dos ambiciosos e especuladores!). As esperanças renascem; a fé amortecida revive; os espiritos se alegrão, e os novos tribunos se fazem o Christo desta turba de crentes resuscitados.

Mas, eis senão quando, o quer que seja passou-se no mysterio e nas trevas, que vem petrificar os animos e matar as esperanças! Contão que os illustres patriotas forão victimas de maleficios e feitiços de um formidavel encantador que lhes apparecera, sob forma

tão treda e luzente, que não era possivel resistir-lhe e . . . Mas os homens positivos, que não acreditão em feitiços, contão a cousa por modo diverso, e em termos tão repugnantes, que eu não ouso referi-lo.

E ja está isto tão sediço, que, quando apparece hoje algum novo Graccho, ninguem mais lhe dá credito, pois ja se sabe que o que elle quer é que o governo lhe dê uma limonada d'agua do Pactolo, para moderar-lhe o fogo.

E isto não custa só a morte moral do paiz; custa tambem a morte financeira, porque esta politica de vencer e dominar pelo ouro tem tomado proporções escandalosas, principalmente nas nossas relações com os estados platinos, cujo governo ja de muito especula com esta nossa miseria e fraqueza.

Para provar o indifferentismo dos partidos á respeito dos maiores interesses da patria, lembrarei unicamente este facto.

Contrahimos aqui ha annos um grande emprestimo com a Inglaterra, o qual servio de assumpto para o jornalismo estrangeiro fazer ao nosso governo as mais graves accusações, de esbanjamento ou de roubo; entretanto que a imprensa nacional pouca ou nenhuma importancia deo á isto!

Tornando ao peccado original da nossa fofice e vaidade, vou dar della uma nova amostra, para ver-se até onde chegão as consequencias de uma opinião publica estragada.

Lê-se hoje em um jornal: « Os abaixo assignados, passageiros de tal barco, de que é *mui digno* commandante o Sr. F., faltarião ao mais sagrado dos deveres (phrase invariavel), se não manifestassem a sua publica gratidão á este *cavalheiro de fino trato*, que tanto se disvelou em obsequia-los, na sua viagem de tal á tal porto, ja dispensando-lhes as mais attenciosas maneiras que a todos captivarão, ja procurando adivinhar-lhes os menores desejos, para satisfaze-los de prompto. »

Quem não estivesse acostumado á estas palhaçarias, lendo este agradecimento, havia de suppor que elle era a expressão da verdade e que partira da espontaneidade dos assignatarios; entretanto que foi o proprio commandante que o andou solicitando e promovendo, ou alguem rogado por elle.

E hoje ja não se dispensa mais esta encommenda. Qualquer viagem que se faça, fluvial, costeira ou ultramarina, é contar com ella. De sorte que, neste paiz, de severidade republicana, ja se agradece publicamente, em desempenho de um *dever sagrado*, aquillo que é de rigoroso dever!

O noticiarista de outro jornal (e os noticiaristas dos jornaes são hoje entre nós balofas potencias que a si mesmas se constituem, e pretendem avassalar tudo aos seus caprichos e exigencias!), o noticiarista de outro jornal, ia eu dizendo, escreve o seguinte, á pedido do interessado na noticia: « *Acção generosa e*

meritoria! O Sr. commendador ou barão tal cedeu em favor de tal estabelecimento estes e aquelles beneficios, esta ou aquella quantia, para commemorar por um acto humanitario o fausto anniversario do seu casamento com a Exm.ª Sr.ª D. F.. Perdoe-nos o Sr. F., se, cheios de admiração pelas suas acrisoladas virtudes, damos ao publico conhecimento deste bello acto, quando a vontade de S. Exc. era que elle ficasse ignorado. Factos, como este (outra phrase textual e de cunho) não se commentão, registrão-se, para honra e gloria daquelles que os praticão. »

Outro dador de noticias ou despejado bajulador escreve o que se segue: « S. Exc., o Sr. F., que, por felicidade nossa, se acha hoje á testa dos negocios desta provincia, *dignou-se* hontem comparecer á tal acto (ainda que fosse obrigatorio). Sua amavel presença alegrou a todos e com ella duplicou o prazer da festa. Dias antes, S. Exc. havia visitado o estabelecimento, onde demorou-se tres horas, inquirindo minuciosamente de tudo, com aquelle interesse e tino raro que lhe é privativo. Bem haja o paternal governo de S. M. o Imperador que se lembrou de dotar-nos com tão precioso mimo ! »

D' ahi á meia duzia d' annos esta jaculatoria thuriferaria tem-se repetido com mais seis presidentes, dos quaes o ultimo é sempre o melhor.

« Hospede *interessante*, diz outro jornalista

(quando de todo não pode dizer illustre, porque fôra isso comico de mais). Acha-se entre nós o nosso estimavel amigo e comprovinciano, o Sr. F., vindo de ..., onde é empregado e goza da maior estima e apreço, em razão da sua reconhecida intelligencia e recommendaveis dotes. S. S. veio matar saudades do torrão natal e de seus numerosos amigos. Nós o felicitamos, desejosos de que a sua estada não seja passageira. »

Ora, este individuo é um refinado e reconhecido tratante.

Um sertanejo, victima de algum mandão, dos que entre nós abundão, para desabafar-se dos males e injustiças soffridas, manda publicar longe d'ahi uma correspondencia, por elle assignada, trazendo ao conhecimento do publico todos os crimes e proezas do tal figurão.

Á isto acode um officioso, porque os poderosos sempre os tem, e responde, pouco mais ou menos, nestes termos.

« Passamos pelo dissabor de ler a nojenta diatribe, escrita por um tal Sr. F. contra o honrado Sr. F. (não é menos do que, tenente-coronel, coronel ou commendador), cuja reputação está á salvo dos botes de um miseravel, que ninguem conhece. O Sr. F., por seu nascimento, fortuna e posição, é incapaz de praticar actos como os que se lhe attribuem; e fique certo de que todos fazem a devida justiça ao seu nobre caracter. »

Quem isto escreve não trata de indagar se

são justas as queixas do offendido; só olha a posição social dos dous contendores, e não hesita em esposar a causa do mais forte.

Um padre geitoso vai curar d' uma freguezia, e á custa de estudadas maneiras e affectadas virtudes consegue fazer uma parcialidade entre os influentes da terra, com quem se desfaz em disfarçadas lisonjas. Um delles começa então á escrever cartas, para serem publicadas n' outros lugares, só com o fim de exaltar e fazer conhecido o seu industrioso amigo, pagando-lhe com isto as lisonjas que recebe. Nessas cartas chama-o elle *amavel e sympathico*, virtuoso pastor, a nata dos discipulos de Christo; diz que os seus freguezes trajarião luto, e chorarião, como as nymphas do Mondego a morte de D. Ignez de Castro, se elle lhes fosse retirado, e outras pieguices desta ordem. E o humilde imitador do Divino Mestre, fingindo lamentar que assim lhe devassem as virtudes, resigna-se á soffrer esta doce violencia dos seus amigos!

«*Agradavel sorpresa!* lê-se n' outro noticiario, sendo noticiador o proprio sorpreso (e estas agradaveis sorpresas estão tanto em moda, que se tem tornado uma verdadeira gulodice!). O illustre Sr. F., professor de..... em tal ou tal estabelecimento, foi hontem sorprendido, quando entrava para a aula, com uma agradavel festa que lhe prepararão os seus dignos alumnos. Estavão elles no costume de em todos os natalicios do seu

carinhoso mestre e amigo o brindarem com alguma inesperada manifestação de apreço e estima. Hontem consistio ella em lhe offerecerem um primoroso retrato á oleo, collocado por cima da cadeira magistral, e circumdado de louros e de flores.

O digno professor, ao ver alli a sua effigie, quando menos o esperava, comprehendeo tudo n' um relance e sentio-se tão profundamente abalado, que lhe deo um ataque de nervos, tornou-se convulsivo e as lagrimas lhe brotarão espontaneas.

Dentro em pouco, esta deliciosa commoção se havia communicado aos offertantes, e mestre e discipulos, confundindo-se em abraços, chorava qual delles a melhor! Sublime quadro! que só carecia de estar presente um Hogarth ou um Greuze para o reproduzir!

Passada esta primeira emoção, o joven e talentoso alumno, F., pronunciou o brilhante discurso que abaixo vai transcrito, digno fructo das licções ouvidas dos labios facundos do illustrado mestre.

« Meus amigos e collegas.

Mais um anno d' existencia perfaz hoje o adorado amigo á quem, por fortuna nossa, coube iniciar-nos nos mysterios da sciencia humana, dessa sciencia que se traduz no sibilo da locomotiva, que devora as distancias, no telegrapho electrico, cujas maravilhas são hoje assumpto da geral pasmaceira. E se me é licito externar o que penso....

Mais ia por diante o talentoso joven, quando o mestre, arrebatado, não pôde conter-se que lhe não conferisse logo ahi o *brevet* de genio e de sabio!

Á este bello discurso seguirão-se outros não menos brilhantes, poesias etc..

Felicitamos ao nobre professor por toda a gloria que d'aqui lhe resulta. Não ha mais que continuar assim, e o Pantheon o espera. »

Deo-se ha dias um incendio que um dos jornaes da localidade assim refere.

« A noite passada, por volta de uma hora, os sinos das igrejas derão o signal d' incendio. Era uma casa da rua . . . em que elle se manifestara. As autoridades á quem cumpria providenciar sobre o caso forão promptas em comparecer, distinguindo-se entre todas, o Exm. Sr. Presidente da Provincia (que nem la foi), o Dr. Chefe de Policia e o Sr. Capitão do Porto, á cujas acertadas providencias se deve a prompta extincção do fogo.

Entre os particulares que tambem se apresentarão no lugar nenhum foi tão prestavel e util como o Sr. F. (é um ricaço da terra), de todos conhecido pelo seu espirito bemfazejo e humanitario, o qual, comparecendo de prompto, e fazendo-se acompanhar de dez famulos, tanto ordenava, como pessoalmente executava, merecendo por isto a admiração de todos.

Homens como o Sr. F. recommendão-se á estima e respeito dos seus concidadãos. »

No mesmo dia em que sahio isto publicado recebeo o industrioso jornalista, dentro d' um involucro, uma lettra de um conto de reis, de que elle era devedor ao individuo que assim elogiara, com o recibo nella escrito.

Entretanto corrião á casa do noticiador varios sugeitos, á queixarem-se de terem sido preteridos nos louvores publicados.

Dizia um que elle fôra o primeiro que comparecera no lugar, e que tal fôra a pressa com que acodira, que dera uma topada que o estropiara, dispondo-se á mostrar o pé, para provar o que dizia.

Dizia outro que elle fôra o primeiro que fizera chegar ao logar do incendio duas pipas d' agua para apaga-lo.

Dizia este que fôra elle quem com grande risco de vida abrira caminho por entre as chammas para ir salvar uma criança que dormia n' um dos ultimos quartos do correr da casa.

Dizia aquelle que tudo quanto fôra salvo do incendio á elle se devia.

E como estes outros.

E todos os reclamantes acompanhavão as suas reclamações de modos tão supplices, que parecia tratar-se de lhes salvar a vida!

O resultado disto foi que no outro dia sahio, á titulo de *rectificação*, nova noticia, em que dizia o jornalista que, por não estar ainda bem informado de tudo, preterira na primeira os nomes dos Srs. F., F., F. e F., que

tambem muito se distinguirão na extincção do incendio, indicando este ultimo boletim os serviços, verdadeiros ou falsos, que cada um allegava ter prestado.

Isto feito, andavão os reclamantes mostrando a nova noticia, radiantes de satisfação. Depois guardarão-na, como uma preciosidade, para apadrinharem com ella a primeira pretenção á algum emprego publico, á concessão d' algum privilegio, d' algum titulo honorifico, ou á algum contrato como esses que só o governo brasileiro sabe fazer!

Que sêde de louvores! que sordido interesse! que miseria!

Finalmente, de um dos nossos jornaes copio textualmente o escrito que se segue, padrão immorredouro da estultice e vaidade do seu autor, de que duvido que outra nacionalidade désse copia, que não fosse a brasileira. Ei-lo. Leão e admirem!

« O Revm. Sr. Padre . . . São tão bellas as qualidades deste excellente e distincto padre, o seu modo de tractar tão affavel, que aquelle que o comprehende não pode deixar de reconhecer n'elle um modelo de virtudes. Honesto o mais que pode ser um sacerdote, fiel ás leis ecclesiasticas, infatigavel no serviço de sua attribuição, é elle um ornamento da igreja brasileira, como os seus actos dignos de toda approvação e a sua bem fundada illustração o comprovão. Probidade, sinceridade, elevação de caracter, modestia, prudencia e

moderação, são adornos que o distinguem e muito o recommendão, e que exultão e penhorão o coração daquelle que tem a ventura de com elle tractar, por seu verdadeiro merito.

Como homem civilisado e delicado (entre outros que tambem o são), na villa do . . , em occasião que fui áquelle lugar á passeio, foi elle o unico que honrou-me e fez-me justiça, dirigindo-se á casa onde me achava hospedado, para visitar-me.

Apreciador que sou dos dotes de espirito deste Sr., não podia deixar de patentear-lhe meu apreço e consideração, pagando assim um tributo justo, fundado no merito e na virtude. »

Limito-me por hoje á estes exemplos, para não parecer que trato destas miserias com agrado, quando só as publico com tedio e desprazer.

Nem todos conhecem o quanto estes habitos viciosos influem na moralidade de um povo e corrompem a opinião publica, fazendo-a indifferente e participante destes jogos e miseraveis mentiras, que só tem por fim satisfazer a vaidade de uns e os calculos interesseiros de outros. E nestes entremezes, ao velhaco se chama homem de bem, e ao homem de bem se chama velhaco.

MEDITAÇÃO XXXI.

Um monstro temeroso, de origem e procedencia desconhecida, mas vindo de muito longe, sem que alguem lhe observasse a marcha, por que elle é invisivel e em tudo mysterioso, paira d' alto sobre o perimetro de uma grande cidade, sem que os habitantes se apercebão da sua presença, assim como a ave de mao agouro, antes de soltar o grasno sinistro, esvoaça em torno do lugar onde vai cumprir-se o seu fatal prognostico.

De la de cima, ouve o monstro o rumor da subjacente Babylonia, os delirios das festas, os risos da alegria, os gemidos da miseria, as blasphemias do impio afortunado; e vê as praças e as ruas repletas de gente, como que estrangeiros uns aos outros, porque ahi domina a indiferença e o egoismo; o pobre, á morrer de fome e coberto de andrajos, estender debalde a mão descarnada ao rico que passa, recostado em magnifico trem; as mulheres, deslumbrantes de galas, desafiando

com artificios o amor impuro dos homens; mancebos effeminados disputando á ellas o o miseravel officio; as tabernas e os espectaculos regorgitando de frequentadores, e os templos, destinados á oração e á penitencia, ou desertos ou profanados pela impudicicia, nos dias de festa, consagrados á Deos.

O monstro vê e ouve tudo isto; um furor passageiro erriça-lhe o pêlo e a grenha; mas elle se aplaca, porque o Senhor ainda lhe não deo o signal do castigo. Continua á ver e ouvir, e os miseros mal sabem que estão sendo espreitados por um agente mil vezes mais prespicaz do que todos os esbirros da policia humana.

Mas a continuação deste espectaculo assanhou a furia do monstro, e uma noite, á deshoras, quando ja dormia a incauta cidade, fatigada de orgias e angustias, elle mostra as agudas garras, escancara a medonha boca, impesta o ar com o seu halito peconhento, e vai-se, ninguem sabe para onde.

Nos palacios sumptuosos apparecem as primeiras victimas de uma morte desconhecida, mas que desfigura os cadaveres por tal forma que mette borror. Ao amanhecer, um rumor surdo se levanta sobre estes casos e vai lentamente grassando.

Gera-se o temor nos animos; mas a peste apenas fez um ensaio do lethal poder do seu virus, e suspendeo a sua acção devastadora. Restabelecem-se os animos, e ja ninguem

mais cura do caso, quando os transeuntes de todas as classes e condições começão á cahir nas praças e ruas, fulminados pela morte, e o brado aterrador «cholera! cholera!» echôa de boca em boca.

Subito muda-se o aspecto de tudo: cessão as bacchanaes, as folias e os jogos; fechão-se os theatros e os circos; e grandes e pequenos, pobres e ricos, todos correm aos templos, á implorar a misericordia divina. Os discipulos d'Esculapio dão-se á conselho; publicão memorias e relatorios, em que prima uma termologia empolada e que todos vão haurir na mesma fonte; fallão de miasmas do Ganges, de materias deleterias, de desinfectantes e outras trivialidades iguaes; e aconselhão certas medidas hygienicas, que são sempre a mesma cousa, como o aceio, alimentos sãos, casas ventiladas, abstinencia de quaesquer excessos etc.; mas o implacavel flagello zomba da sciencia, e para mostrar que ella nada vale contra o seu formidavel poder, parece que se apraz em desmentir e contrariar os seus preceitos.

A hydra asiatica entona o colô e cada dia o seu furor adquire nova intensidade. Ja muitos mil succumbirão ao seu halito pestifero, e esta espantosa mortandade apenas está em começo. Todos os dias os carros funerarios levão ás valas centenas de cadaveres, sobrepostos uns aos outros.

Fidalgos e plebeos, homens e mulheres,

moços e velhos, vão todos confundidos, porque, em vista de tão grande calamidade, cessão todas as distincções.

A consternação não pode ser maior. O povo, desorientado, imagina a existencia de crimes occultos, como causa de tantos males, e pratica deploraveis excessos e vinganças em pessoas innocentes, sobre quem recahirão as suas infundadas suspeitas. Relaxão-se todos os laços de obediencia e de ordem, porque as autoridades que não morrerão abandonarão os seus postos.

Ja não ha quem conduza e sepulte os mortos, porque ninguem mais obedece, á falta de quem mande. Os cadaveres ahi jazem insepultos, desafiando a fome dos cães e o faro dos abutres. Os vivos, familiarisados com estes espectaculos, perderão o medo á morte e nem se doem mais dos que vêem soffrer. Aquelles á quem cumpria dar providencias fugirão aterrados.

No meio deste desanimo e abandono, um só homem se mostra superior á tudo, porque esquece-se completamente de si, para cuidar dos outros, no exercicio da mais bella virtude que Deos ensinou aos homens. Dia e noite elle não cessa de visitar os empestados e de repartir com elles e suas familias o pão da caridade. Igual cuidado lhe merecem os sãos, porque á uns mata a fome, á outros leva o consôlo e a esperança, e a todos exhorta á penitencia, pois no mal reinan-

te bem se lhe revela o castigo do ceo, em que não acreditão os homens do seculo.

E comtudo este heroe do Evangelho é um pobre velho, alquebrado pelos annos, que não mira á recompensa alguma dos poderes da terra, senão cumprir os preceitos do Divino Mestre, de cuja religião elle é humilde ministro. Ha nestes homens um tal fanatismo pelo bem, que os faz verdadeiramente santos, por que perderão o habito do vicio, para contrahirem o da virtude. Quando o povo e os meninos o vião nas ruas, ajoelhavão para lhe beijarem a fimbria da loba; e quando elle entrava nos hospitaes e nos lazaretos, parecia um anjo que ia levar aos enfermos a salvação ou a cura.

Em dous mezes havia a peste despovoado a grande cidade e feito della um amplo cemiterio, aonde immundas alimarias vinhão á noite banquetear-se nos cadaveres. Os palacios e as casas jazião sem occupantes; os passeios e os jardins sem haver quem delles cuidasse. Não se ouvião mais rumores; desapparecera o commercio e o luxo, estes dous grandes agentes de corrupção, que só rendem culto ao bezerro de ouro, gerão o egoismo e embrutecem o homem.

Quando o velho arcebispo acabou a sua santa missão, estava pobre, porque dispendera com os enfermos e os necessitados todas as riquezas que houvera dos seus antecessores; mas, em troca dellas, adquirira uma joia

mais valiosa do que todas as riquezas do mundo, que foi o amor de Deos e o dos homens.

MEDITAÇÃO XXXII.

Ainda não esgotei o assumpto da nossa pueril vaidade.

Os Brasileiros, desvanecidos de constituirem um grande imperio, não perdem vasa para ostentar este vicio nacional, embora se exponhão ao ridiculo dos outros povos, como ainda ha pouco aconteceo com as celebres *Farpas*.

Assim, dizemos com pavonesca fofice: « governo imperial, exercito imperial, armada imperial (para differença não sei de que governo, exercito e armada real ou republicana), imperial consulta, imperial resolução, imperial cidade, imperial commenda (a de Christo!), imperial procissão (a de Corpo de Deos!), senador do imperio, e não sei tambem, se deputado do imperio, bispo do imperio, conselheiro do imperio, conde do imperio, marquez do imperio, etc. .

Não ha porem assumpto em que este vicio brasileiro se tenha mostrado mais ridiculo e

risivel do que nas nossas missões diplomaticas ao rio da Prata, pela facilidade com que os nossos fofos enviados se deixão persuadir que elles são objecto de distincções particulares, nunca á outros dispensadas, mas tão somente á elles, ou em razão dos seus extraordinarios dotes pessoaes, ou da cordialidade dos Portenhos para com o imperio, de cujo invejado poder e riqueza são elles enviados os felizes representantes! E para que a vaidade nacional tambem se não desminta, vão elles carregados de ouro, para que vejão aquelles pobretões que a nação brasileira não faz caso de dinheiro!

Cada uma destas embaixadas nos custa tanto quanto seria sufficiente para que um governo patriotico e economico emprehendesse e levasse á cabo grandes melhoramentos, de que o paiz tanto carece.

E á custa destes sacrificios, o que só se obtem é uma nova vergonha, para se juntar ás passadas, como ainda ha pouco o mostrou um illustre senador.

Terminarei esta materia, pondo em scena uma farça interessante que hoje se passa entre nós; fallo da escholomania dominante, que está servindo de pretexto para vergonhosas especulações.

Longe de mim o desapprovar quaesquer esforços louvaveis em ordem á melhorar a instrucção do paiz. Sobre este importante ramo do serviço publico, por mais que fação

os governos, nunca o farão de mais. Isto não se discute, enuncia-se, e todos o acceitão.

Cumpre porem dizer que o modo por que vejo promover-se esta reforma não promette resultado algum satisfactorio, porque, devendo-se, primeiramente, tratar de reformar o systema e methodo de ensino, para depois cuidar do pessoal, e, em ultimo lugar, dos edificios para as escholas, entre nós começou o negocio por onde devêra acabar: o que prova, ou que o governo não tem uma ideia exacta de como deve proceder, assentando n'um plano de reforma, ou que a sua intenção não é sincera, e só tem por fim entreter o espirito publico e fazer uma diversão nos animos, para desvia-los da corrente revolucionaria.

Como quer que seja, estão se passando entre nós cousas á este respeito de uma immoralidade inaudita. As mercês honorificas, que em outros tempos só erão conferidas, gratuitamente, para premiar eminentes feitos e serviços, são hoje o objecto de vil commercio, e estão ao alcance de qualquer homem indigno que as pode comprar, segundo uma tabella de preços almotaçados que por ahi corre, sendo o producto da venda applicado em beneficio da instrucção popular!

Este commercio ja d'antes se exercia, em proveito de qualquer instituição util, mas não com o escandalo que hoje se pratica, á pretexto de melhorar o ensino publico. Agentes, interessados, do governo, nas provincias, an-

dão solicitando doações e liberalidades, com promessas de fitas, commendas e titulos de nobreza, cujo preço é taxado, até o de marquez!

Este meio de adquirir dinheiro, para satisfazer os encargos publicos, é um novo systema de economia cuja gloria cabe exclusivamente aos nossos estadistas; e tal é a sua immoral publicidade, que um delles ja o chamou em pleno parlamento *imposto sobre a vaidade!*

Os Romanos, ja no tempo da sua decadencia, tributarão as meretrizes; mas este imposto, longe de ser immoral, era como que um embaraço ou correctivo á meio de vida tão infame, visto que de outro modo não era possivel impedi-lo.

A venda dos cargos publicos, que se exerceo livremente em França, teve uma origem, senão justificativa, ao menos attenuante. Foi um peccado venial daquelles tempos, pode-se dizer que ainda barbaros e de urgencias pecuniarias, que a revolução depois condemnou e proscreveo. Não havia porem nisto propriamente torpeza. Os cargos publicos, remunerados, tomavão o caracter de beneficios rendosos, cujos compradores, nem por isso, ficavão desobrigados de bem servir e de responder por qualquer malversação.

O que entre nós se vende é a honra e moralidade do estado, que os ministros malbaratão á toda a sorte de velhaco e traficante, cuja abastança e opulencia é muitas vezes, em sua origem, criminosa!

O que dirião, se hoje resuscitassem e disto soubessem, Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Philippe Camarão e Henrique Dias? Figura-se-me ve-los, com os olhos baixos, flagrando de vergonha e cheios de nobre indignação, arrancarem dos honrados peitos as modestas veneras que mourejarão nos campos de batalha, em porfiada luta com o estrangeiro, e atirarem-n' ás faces destes Tigelinos do progresso! que assim rebaixão e aviltão tudo quanto é nobre.

Tambem se me figura ver a estes, com as suas fardas bordadas, ao concluirem um destes actos de venalidade, pregarem na veste do comprador a tentadora insignia, ou entregarem-lhe o titulo vendido, e pôrem-se á rir, como cynicos, da tolice do infatuado, que, por cousa tão vil e depreciada, dá vultada somma do *gentil metal supremo*, unica realidade hoje conhecida, neste seculo das luzes e do positivismo.

E é de saber que este imposto sobre a vaidade é duplo, porque primeiro paga-o a compra e depois o titulo: o que muito honra os economistas brasileiros.

Este admiravel systema tributario, permitte encobrir o esbanjamento e desvio dos dinheiros publicos á cargo dos diversos ministerios; de modo que os contribuintes, que ja pagão pesados impostos pela realidade, pagão-nos ainda mais pesados pela vaidade.

O que, nesta immoralidade, mais indigna e

irrita é ver certos especuladores apadrinharem, com serviços feitos á custa d'outros, sordidas pretenções pecuniarias, que elles então occultão.

Saqueão a bolsa de parentes e amigos, com promessas de postos e commendas; conseguem reunir uma somma mais consideravel, e depois a offertão ao governo, sem contribuirem elles senão com a sua industria, mais para si do que para o publico.

Não ha paiz do mundo onde, com a mesma segurança de impunidade, tanto se delapidem as rendas publicas, este precioso suor do povo! São ás centenas de contos e aos mil contos!

E quando nisto se repara, costuma-se dizer, gracejando, que estas bagatelas não fazem falta, porque o Brasil é muito rico.

E' muito rico, não ha duvida, e tão rico como nenhum outro; mas a rapacidade dos Verres e dos Varos o tem reduzido, salvo a sua natural riqueza, que é inesgotavel, á nickel, quasi sem valor intrinseco, e á papel moeda falsificado.

De um anno para outro, forão as rendas do estado, que pouco excedião de sessenta mil contos, elevadas á mais de cem mil, por um augmento forçado de impostos sem exemplo; e os parvos, que olhão superficialmente para as cousas, sem as comprehender, dizião, extasiados: «Que prosperidade crescente! O Brasil é muito grande!»

Por este meio, tambem podião-se elevar as rendas da Grecia á muitos milhões de drachmas.

O certo é que o paiz está pobrissimo, onerado com uma divida interna e externa cuja enormidade se encobre; despojado de todo o seu numerario, e reduzido á viver de credito, esta peste moderna, nascida dos antros da agiotagem, á respeito do qual vogão ideias tão falsas!

O Brasil offerece, na ordem social, um phenomeno espantoso, difficil d' explicar-se, que é a sua prematura e profunda corrupção! Ainda na infancia, chegou alem do que chegarão os outros povos, na decrepitude. Nem Babylonia, nem Roma, nem Tyro, levarão a palma á nossa côrte, apezar de não ser ainda uma grande cidade! Fazer fortuna, adquirir dinheiro, pouco importa como, pela agiotagem e o roubo, disfarçado em industria licita, em associações de credito, em emprezas mercantis, mediante certos contratos com o governo, eis no que alli só se pensa.

E esta sêde de ouro não tem por fim o uso moderado e conveniente delle: os que a sentem são uns sybaritas, podres de vicios, sem uma só virtude; são uns egoistas, sem religião, sem temor de Deos, sem moral, sem caridade, que vivem á laia dos brutos, atancados no lodaçal do materialismo! homens para quem a vida só é o dia de hoje, porque o d' amanhan é incerto e o de hontem uma cousa em que mais se não falla.

Procurando conhecer a causa desta espantosa precipitação na carreira do vicio, eu a acho nas ideias dominantes e na leveza do caracter nacional.

Assim como não ha povo mais frivolo, tambem o não ha mais leviano, inconsiderado e servil ao espirito de imitação. As ideias que hoje correm são em geral, más, subversivas e antisociaes; e nós, pode-se dizer que, não tendo opinião propria, abraçamos impensadamente as más, por novidade, e regeitamos as boas, por não serem da moda.

D'aqui provêm o sentimento positivista que em geral domina a nossa sociedade; sentimento que se traduz n'uma immundicie repugnante, cuspida sobre os povos inexperientes e sem passado pela borra da sociedade europea.

Tal é o estado moral em que nos achamos; e em vista delle pergunto, se é com semelhantes vicios que podemos ser republicanos, e tambem se desta simples mudança podemos esperar a nossa regeneração.

Á isto tenho ouvido dizer que sim, pois que, vindo a corrupção da monarchia, só da sua extincção se pode esperar o remedio; do contrario, continuarão as cousas como existem, ou irão de mal á peor.

MEDITAÇÃO XXXIII.

Pobre mancebo! Que pandemonio se passava naquella alma tempestuosa, na noite em que eu o vi, n' uma esplendida funcção palaciana, onde todos mostravão um ar festivo, menos elle, que parecia ahi entrara, fóra de si, como em povoado uma fera montezinha, perseguida por caçadores! Julio chamava-se elle: sonhador terreno de cousas que só possue o paraiso do Propheta e o ceo dos Christãos.

Os convivas que gyravão pelos salões, ou não davão fé delle, ou se o notavão, era para o supporem algum tolo intruso, corrido d'ahi se ver, no meio de tantas galas e encantos, á que não estava affeito. E assim é a maior parte dos juizos do vulgo.

Eu porem notei naquella physionomia o quer que fosse de divina loucura, que indicava um estado de exaltação febril, só propria de certos temperamentos excepcionaes Fui-me pouco e pouco approximando delle, até

que, aproveitando-me d' uma occasião opportuna, dirigi-lhe a palavra. Elle olhou-me com certo indicio de desagrado, mas depois disse-me: Senhor, quem quer que sejais, compadecei-vos de mim! Não tenho um só amigo a quem faça depositario dos meus enormes desgostos e infortunios, e comtudo o que tenho á confiar-vos excede os limites do soffrimento humano. Por vezes tenho pedido á Deos que me livre desta fatal obsessão d' espirito, pois receio perder a razão, se é que ella ja me não delira. Vinde comigo; fujamos deste bulicio, onde tudo me parece uma profanação e um insulto á minha dor.

Dizendo isto, poz-se á andar apressadamente; eu seguio-o e ao cabo d'algum tempo, onde a cidade ja dava ares de campo, vi-o parar diante de uma pequena casa terrea, á cuja vista desatou á chorar, em convulsões nervosas. Depois, dirigindo-se á mim: Aqui morava ella; aqui a vi eu pela primeira vez. Ottylia! Ottylia! Oh! meu Deos! Novos moradores; novos visinhos; o sitio ja alterado pela mão dos homens; uma ignorancia completa da nossa historia; um silencio de morte; uma indifferença geral! Só eu me conservo o mesmo! Até ella mudou! ella principalmente, ella, a quem Deos creara, e eu dotara com todas as opulencias imaginaveis; ella a quem eu fizera a creação unica no meio desta creação universal, a realisação sonhada dos meus desejos, o anjo mais candido dos que fazem a

côrte do ceo; ella a quem eu amava, como os bemaventurados amão a Deos!

Aqui elle calou-se e parecendo meditar um pouco proseguio: Quizera achar palavras para fazer-vos conhecer tudo quanto sinto; mas Deos deo aos corações sensiveis sentimentos tão delicados, tão seus, tão fugazes, que escapão á expressão. Vedes, por exemplo, esta fabrica, onde as horas se annuncião pelo sibilo do vapor e onde tudo é regulado com a exactidão mercantil, que hoje se observa em todos os estabelecimentos industriaes? Ouvis os sons estridentes das pás, á despejarem carvão nas fornalhas? Oh! Senhor! não sabeis o que tudo isto produz no meu espirito, recordando-me de Ottylia! Ella tambem ouvia estes sons, quando aqui morava; muitas vezes, alta noite, elles vinhão despertar-nos do nosso silencioso enleio; ainda ahi mesmo ella faltou aos seus juramentos e mentio á confiança que por seus indignos fingimentos me havia inspirado; ja ahi ella era uma mulher vil e perdida, que mercadejava com o seu corpo e exercia a simonia do amor; e esses sons ainda hoje se repetem, como se forão os mesmos; Ottylia foi-se, arrastando comsigo a minha felicidade; é provavel que, como uma alma vulgar é commum, de nada disto se recorde, e viva engolfada na sua torpe ventura, pouco ou nada se lhe dando de que me houvesse infelicitado para sempre! Para sempre, sim, senhor, porque infelizmente eu ainda a

amo, e ainda mais apaixonadamente do que quando a suppunha a joia sem par entre todas as mulheres, e a eleita de Deos para fazer a minha dita; e vós comprehendeis a terrivel e tristissima situação em que me põe este fatal amor!

Quere-la ainda, seria uma vergonha e uma baixeza, que a minha dignidade repelle; entretanto que esquece-la e renunciar a ella me é impossivel. Debalde tenho invocado a razão e a philosophia; debalde tenho recorrido á todas as distracções do espirito, e em ultimo caso aos licores espirituosos. Tudo tem sido inutil. A lembrança de Ottylia transubstanciou-se no meu pensamento e até no somno me acompanha; o ardor de possui-la é tal, que só a ideia de perde-la me suggere o suicidio.

Ardor e impossibilidade, eis pois o meu estado á respeito de Ottylia. Oh! porque fez Deos a mulher tão poderosa e o homem tão fraco, para resistir-lhe! Entre a imaginação e a realidade, entre a razão e a cegueira, não ha no amor o equilibrio que convinha, para moderar-nos a paixão e salvar-nos do precepicio; e aquelles que nascerão demasiadamente sensiveis ao amor da mulher pagão de ordinario o seu tributo mais caro aos desenganos da vida.

Tem-me vindo á ideia uma solução de sangue, para resolver este conflicto do amor e da dignidade, matar Ottylia e depois a mim; mas fallece-me o animo para ser Othelo. No

momento da execução, eu arrojaria para longe a arma assassina e cobriria com o meu o corpo da infiel. Matar-me a mim só, seria isso facil; mas como deixar Ottylia no mundo? Fôra o mesmo que renunciar a ella!

Eis, senhor, o que se passa nesta alma, cujo fundo sondastes pelos nevoeiros que lhe ensombravão a superficie. Agora dizei-me, podeis dar-me algum conselho que me possa ser proveitoso? — Sim, disse-lhe eu, comtanto que vos aproveiteis delle.

Estais possuido da monomania de todos os amantes apaixonados, isto é, que, fóra daquella a quem a mão, não ha outra mulher que possa agradar-lhes, quando mil outras são capazes de suscitar-lhes a mesma paixão, com inteiro esquecimento da primeira. Só as mulheres são susceptiveis desse amor exclusivo e perduravel; nos homens, não passa isso de ficção poetica. Quereis esquecer-vos de Ottylia e salvar-vos? Parti, quanto antes, para terra estrangeira; buscai um desses centros da civilisação moderna, e entregai-vos ao delirio das festas, que dentro em pouco estareis curado, e só vos lembrareis de Ottylia, para vos rirdes da vossa louca paixão; mas tende cuidado em não contrahirdes ahi outra igual, o que aliás seria facil, com tanta inexperiencia e tão grande predisposição para o amor do sexo. Isso seria trocar um mal por outro e converter o remedio em novo damno.

Convem prevenir-vos contra as paixões

violentas, e, mais que todas, o amor, por ser ella em verdade a mais cega e desatinada. Quereis convencer-vos de que Ottylia nunca valeo o que vos parecia! Attendei a possibilidade de a esquecerdes por outra. Se a mulher tivesse realmente o valor que lhe dá a nossa imaginação, nunca ellas desmerecerião no apreço dos seus amantes, e nem o gozo traria a familiariedade e o tedio.

No homem, o amor ideial só dura tanto quanto é preciso para elle commetter intrepido essa bateria da morte, chamada casamento, que está em tomar uma mulher e uma familia á seu cargo. Tenho conhecido mancebos, perdidos de amor, que, ao sahirem d'um baile ou d'um espectaculo, ja trazem o coração habitado por nova inquilina. A ideologia erotica figura mui bellamente no romance e no drama; mas, na pratica da vida, ella degenera em comedia.

A historia de um é a de todos os amores. Dous mancebos, em identicas condições, ardem, cada qual pela sua incomparavel belleza, e em doce colloquio, cevão-se nas delicias de as endeosarem, contando um ao outro singulares dotes desconhecidos, casos maravilhosos do seu amor e mil outras pieguices de que abundão os amantes, persuadido cada um delles que é o mortal mais venturoso que no mundo existe, pela graça especial de só elle ter merecido o amor de tão peregrina creatura. Mas a prova de que nenhuma dessas

mulheres tem um valor real e absoluto é que, se propusessem a troca delias aos seus amantes, ambos elles a recusarião, como quem engeitasse a pedra falsa pela verdadeira.

—Tendes discorrido admiravelmente, senhor, mas vós estais despreocuppado. Quando a razão é a unica que falla, não ha difficuldade em segui-la. Não assim, quando a offusca a paixão, e é nisto que está a nossa deploravel fraqueza. Julgais ter dito alguma cousa que eu ignorasse? Enganais-vos. A differença está em que vós vedes as cousas claras, e eu vejo-as atravez de refractores que as desfigurão. Tendes a razão san e eu tenho-a enferma. Reconheço quanto é judicioso o vosso conselho, mas o certo é que eu não posso segui-lo. Partir para longe de Ottylia, com o fim de esquece-la, seria o mesmo que renunciar a ella ja, e isto me é impossivel.

Em vista de tão peremptorio desengano, procurei então afasta-lo daquelle lugar, onde a presença de tantas cousas fazião sangrar a ferida que naquella alma melindrosa abrira a seta hervada do amor dos immortaes; e pegando-lhe da mão: Vamos, meu amigo, lhe disse; logo tornaremos aqui.

Caminhavamos silenciosos; mas, ao perdermos de vista a modesta casinha, Julio voltou á correr, como se se tratasse de uma separação suprema, e collando os labios á porta, ardentemente a beijava, por entre abundantes lagrimas que os soluços lhe afogavão.

Tive medo das consequencias deste terrivel accesso de delirio amoroso. Quiz arranca-lo d' ahi, mas no momento de empregar a violencia, senti-o fraquear e cahir, balbuciando quasi exanime o nome de Ottylia!

O desventurado moço enlouquecera e foi d'ahi conduzido para uma casa de alienados, onde eu frequentes vezes o ia ver. A sua loucura era mansa, taciturna e hypocondrica. Quasi sempre o achava só, assentado ou passeando, na deliciosa quinta que fazia parte da casa. Gostava elle muito de arvores e flores, cujos perfumes respirava com intimo prazer. Quando elle me via, parecia reconhecer-me, mas nunca consegui faze-lo conversar comigo. Ás vezes eu lhe fallava de Ottylia, e este nome magico tinha sempre o poder de commove-lo, á ponto d'algumas vezes chorar.

D'ahi foi elle removido para a companhia de parentes, que o reclamarão. Moravão elles no campo, e por isso nunca mais o vi: até que, algum tempo depois, vim á saber que elle morrera de hypocondria.

Julio era um mancebo distincto, a quem a natureza dotara do triplice genio de Miguel Angelo; mas, como bem diz o principe Puckler Muskau: *Áquelles á quem as potencias invisiveis concedem a corôa d'ouro do genio, ellas recusão a grinalda perfumada da alegria!*

MEDITAÇÃO XXXIV.

Attribuir á influencia da monarchia a nossa prematura e profunda corrupção é julgar falsamente das cousas. A forma monarchica não é incompativel com a moralidade dos povos, como o provão tres pequenos estados da Europa, apezar dos vicios das suas antigas instituições; e são elles, Portugal, a Belgica e a Hollanda, sem fallar na Inglaterra, cujo benefico governo faz na pratica a admiração de todos.

Notão-se certamente ahi vicios que são ainda consequencias do feudalismo; mas não ha paiz no mundo onde haja mais moralidade na acção governativa, da parte de todos os poderes do estado; onde a lei tenha mais autoridade, e onde todos gozem de mais igualdade perante ella. A Inglaterra, diz um grande publicista francez, é o unico paiz do mundo onde o infimo homem pode com mais segurança desafiar o odio do mais poderoso.

Estas palavras exprimem o maior elogio que se pode fazer á moralidade de um povo!

Nestes quatro paizes, verifica-se justamente a maxima, que, nas monarchias constitucionaes, o soberano reina, não governa, e não é mais do que uma garantia de estabilidade e de ordem.

Como medrão aquelles tres pequenos estados á sombra da realeza, hoje odiada dos povos! Que instituições livres! que tolerancia! que respeito reciproco aos direitos de cada um! que ordem! que actividade no trabalho! que governo solicito aos interesses da nação!

Como é bello ver a Lusitania de Viriato, que tão nobremente defendeo a sua independencia contra a invasão romana, e que, nos tempos modernos, tão denodadamente conquistou a liberdade de que goza; como é bello ve-la, sob o labaro das Quinas, dar ás republicas o glorioso exemplo da abolição da pena de morte, esse crime social, herdado dos tempos barbaros, que ainda ensanguenta a fronte deste seculo!

Não é a simples forma de governo que faz a felicidade dos povos, quando ella não é adaptada á sua indole, usos e costumes, isto é, á sua moralidade. Se quizessem applicar aos povos asiaticos, ja não digo a forma republicana democratica, mas a monarchica representativa, resultaria d' ahi a mesma scena burlesca que representaria um rustico que, sendo

tirado das brenhas, fosse logo introduzido nos salões de uma côrte.

A incapacidade seria tão grande, que esses mesmos povos recusarião o beneficio, porque os asiaticos nascerão para serem governados como o tem sido até hoje.

É um erro suppor-se que as instituições livres são a consequencia da civilisação avançada de um povo. Bem barbaros, e mais que isso, erão os Americanos, quando foi descoberta a America, e comtudo não se achou entre elles o despotismo asiatico, e á excepção do Perú e do Mexico, as tribus erão governadas por chefes eleitos, e algumas dellas segundo a forma democratica pura.

Com todas as formas de governo se tem visto os povos florescerem, segundo a sua indole, a epocha, a capacidade dos governantes e outras circunstancias.

Não é este ou aquelle governo que faz a moralidade dos povos; é antes a moralidade dos povos que faz boa esta ou aquella forma de governo.

Ainda ha pouco a Hespanha, não satisfeita com as liberdades de que gozava, tendo por chefe um principe generoso e verdadeiramente liberal, obriga-o á abdicar e faz-se republicana. Apenas seis mezes se tem passado, e a mais desenfreada anarchia campea impune!

As provincias vascongadas corridas por bandos carlistas, victoriosos, á matar e á rou-

bar; a tropa assassinando os seus chefes, por quererem manter a disciplina e obediencia, e o governo sem força para a punir; Alcoy incendiada, sessenta fabricas destruidas, os vereadores assassinados; homens fritos em petroleo; os arsenaes saqueados; as cidades maritimas revoltadas; os agentes diplomaticos sem garantia e tudo o mais quanto se deve esperar deste estado de cousas!

Aquelles que, sem o pensarem, contribuirão para tão grande calamidade, ja pedem perdão á Deos e tremem do juizo da posteridade.

E emquanto estes horrores se passão na agitada Hespanha, o tranquillo visinho reino aprende, com o exemplo proximo, á apreciar as vantagens da sua ordeira e liberrima monarchia, para onde correm, á buscar asylo, os fugitivos do furor hesperico.

Entretanto, ha seculos que a virtuosa Helvecia desfructa as delicias da liberdade e da paz, independentemente da tutela dos reis, porque a forma republicana é a que melhor se adapta á sua indole e virtudes: gente pobre, laboriosa, de costumes austeros, incorruptivel e de uma lealdade reconhecida!

O mesmo caracter apresenta a republica romana, durante os quatro primeiros seculos, emquanto se conservarão illesas as virtudes civicas e militares; e o mesmo caracter apresentão as republicas que tiverão a sua origem no commercio e por elle se engrandecerão,

como, Hamburgo, Bremen, Lubeck, Franc-Fort-sobre o Meno, Genova, Pisa e Veneza.

Os povos tem um instincto admiravel para escolherem a forma de governo que mais convem á sua indole e estado. Quando nisso entra o espirito revolucionario e o descontentamento dos partidos, a escolha é sempre má.

Ainda nenhum povo melhorou de sorte, por meio de revoluções fundamentaes, na sua politica, quando o vicio e o mal está na massa da nação. Se os Romanos ganharão, abolindo a realeza e instituindo a republica, foi porque não era o povo que estava corrompido, mas sim a realeza, que degenerara em tyrannia. Logo que o virus moral contaminou a todos, a republica abysmou-se na voragem da anarchia.

A tremenda revolução de 1789, de cujas lavas, ja frias, nasceo a preciosa messe das liberdades publicas, de que hoje gozão os povos, não foi a obra de um povo, mas a da sociedade europea, no estado á que ella havia chegado, depois de ter soffrido o despotismo dos nobres e dos reis. Não era nos povos que estava o vicio, era nos grandes senhores, que opprimião os povos, usurpando-lhes o fructo do seu suor, com vexações continuas, irritando-os com a sua insolencia e tratando-os como a brutos.

Não sendo pois a monarchia essencialmente adversa ao bem e moralidade dos povos, bem

podiamos nós, que somos uma nação nova, dotada de excellentes instituições, sem um mao passado que combater, e abundante de recursos naturaes, que assegurão á todos faceis meios de vida, bem podiamos nós, digo, viver felizmente á sua sombra. Se assim não acontece, a culpa não é della, mas sim nossa, por mais que andem ahi fallando em *poder pessoal*, á quem se attribue todo o mal existente, por falta de dignidade em nos confessarmos os unicos culpados.

Em que consiste esse poder pessoal? No abuso da regia autoridade? Mas que autoridade, a constitucional ou a moral? Nem uma nem outra são legitima escusa aos desmandos que se notão na administração dos publicos negocios.

No exercicio do Poder Moderador, não ha abuso que não possa ser facilmente corrigido pela acção e independencia dos outros poderes.

Se, por exemplo, elle abusa, dissolvendo a camara temporaria, sem que a salvação do Estado o exija, a nova camara eleita pode corrigir o abuso, collocando-se no mesmo pé que a camara dissolvida. Se me vierem com o chavão da intervenção governativa no pleito eleitoral, pergunto, e porque se prestão á isso as influencias locaes, que podião ser independentes? Entretanto ja aqui está o governo de mãos dadas com o poder pessoal, para este exercer o abuso.

Se elle escolhe mal os seus ministros, e se os dimitte, quando os devêra conservar, no pronunciamento das duas camaras está o correctivo.

E demais, nenhum monarcha hoje pratica estes actos, no systema representativo, por mero arbitrio, mas sim respeitando o principio das maiorias. Dissolver uma camara com maioria certa e pronunciada, em opposição ao governo, é caso anormal, de que só nos deixarão triste exemplo os tempestuosos reinados de Carlos I e II d'Inglaterra. O certo é que só o vemos praticado entre nós pelo fundador do imperio, á respeito da constituinte, e tão acertadamente, que não ha hoje quem o desconheça.

Ha poucos annos foi a camara dissolvida n'um estado de retalhamento e de falsa maioria, que se tornara mais um campo de pretorianos do que uma assemblea deliberante.

Como chefe do poder executivo, a responsabilidade é dos ministros e não delle. Suppor a hypothese de obrarem os ministros o que não devem, por influencia do imperante, é denunciar os ministros como unicos e verdadeiros culpados, elles que falseão a constituição, delegando em quem é irresponsavel o exercicio de um poder que só á elles compete.

Oh! cortezãos! oh! aulicos! vermes roedores e damninhos, que causais a ruina dos Estados; monstros de egoismo e de baixeza,

sois vós que fazeis maos os reis, e não os reis que fazem maos os subditos! E tendes ainda em cima a audacia de accusardes os reis, sendo elles entretanto as vossas primeiras victimas!

Oh! cortezãos! oh! aulicos! sêde amaldiçoados de Deos e dos homens! vós que não tendes consciencia, nem honra nem dignidade! vós cuja alma é um monturo de lixos e immundicias!

E se o abuso da autoridade legal do imperante não pode servir de excusa ao actual estado de cousas, menos o pode a autoridade moral, cuja influencia a ninguem obriga.

Mas, ainda neste particular, cumpre ser justo e dizer a verdade sem rebuço.

Se o Sr. D. Pedro II, como simples particular, faz-se admirar por suas virtudes privadas, como chefe d' estado, elle é sinceramente liberal, possuidor de boas ideias, applicado ao bem commum, respeitador dos direitos alheios, nada inclinado ao abuso, e, ainda que não um sabio, como o ploclama a lisonja, inquestionavelmente, um dos monarchas mais illustrados da epocha.

Em contraposição á estas virtudes, conheço-lhe sem duvida alguns defeitos, sendo o principal delles, não ser mais franco em distinguir os homens de bem daquelles que o não são, manifestando-lhes publicamente, e só á elles, a sua estima.

Depois que o governo brasileiro tornou-se

um poder unicamente de facto, baseado na corrupção, tem-se visto ministerios, compostos de ministrinhos, mentalmente escolhidos para enchimento e instrumento, á quem só cabe representar o papel que lhes prescreve o dominador da situação.

O paiz olha para estes governos de enxurrada, não digo com indignação, porque os animos ja estão affeitos no mal, mas com um esmorecimento que bem traduz a descrença produzida por estes e outros factos. Quando a opinião publica, estimulada em vista destes escandalos, quer exercer a sua legitima vindicta, é ao imperante que lança a culpa deste grande delicto; mas, depois, reflectindo, calma, se retracta; e se o não absolve de todo, reconhece todavia ser elle o menos culpado.

Um monarcha constitucional nem sempre pode fazer o que lhe dicta a consciencia e o seu patriotismo. Os ministerios se formão por principios reguladores, de que elle não pode afastar-se, sem transtornar a ordem natural das cousas. Quando é chegada a vez d'a opposição tambem ser chamada á governar, não pode o soberano deixar de attender a opinião da nova politica, com a qual força lhe é harmonizar-se, pois que sem isso não seria possivel obter-se um governo praticavel.

Nestas circunstancias, como poderia elle preterir aquelles a quem a cegueira dos partidos proclama seus chefes, á quem tributa homenagens, por sua superioridade de talen-

tos ou reconhecida pratica na direcção dos publicos negocios, sem embargo de serem elles muitas vezes homens estragados e corrompidos, que devêrão merecer o geral desprezo? A quem chamaria elle? a homens secundarios, sem reputação estabelecida, á quem os outros se não quizessem sugeitar?

O mal portanto provêm do egoismo e corrupção dos mesmos partidos, que não tem a moralidade precisa para excluirem do seu gremio a esses homens apodrecidos, em quem não ha mais patriotismo nem amor ao bem publico, e que só aspirão á dominar por criminoso interesse proprio.

Nesta parte, só culpo ao monarcha, por parecer elle indifferente á má fama desses homens, e por não-despedi-los, com geral applauso, quando se revelão actos de torpe e flagrante malversação, como ainda não ha muitos annos aconteceo á respeito de um delles; porque esta tolerancia ou fraqueza é de um alcance moral, que se converteria em cumplicidade, se as notorias qualidades do Sr. D. Pedro II o não pozessem á salvo de temerarios e injustos juizos.

Na verdade, que interesse pode ter o monarcha brasileiro em aviltar o paiz, ingerindo-lhe n' alma a peçonha da corrupção? O de ser o chefe de um povo cretinisado pela acção malefica do governo, que viola os seus direitos, que lhe tira a independencia e o amor da liberdade, que o reduz á miseria,

no meio de tanta opulencia, que delapida as rendas publicas, que o esbulha, por assim dizer, da sua soberania ? Isto não é natural nem explicavel, porque, na jerarchia social, elle nada pode pretender, alem do que ja é; e moralmente fallando, só póde desejar a gloria de fazer a felicidade da sua nação, naquillo que legalmente delle depende; e essa gloria só elle a mereceria, sendo o chefe de um povo livre e moralisado. Em dominar pelo vicio e a corrupção não ha gloria; ha tyrannia e oppressão, que o faria execrado como o são todos os tyrannos.

Portanto, esse interesse só o podem ter aquelles que carecem da occasião para se elevarem e enriquecer, e que, sendo hoje ministros, podem amanhan ser despedidos. Á esses, sim, é que convem a corrupção, porque, sem ella, elles se verião obrigados á ser homens de bem, e o ser homem de bem, é, alem de uma fraqueza, um sacrificio muito penoso, no meio de tanta cousa tentadora, neste seculo de realidade e positivismo. Assim, não poderião elles entrar pobres e sahir possuidores de grandes fortunas; não poderião exercer o mais escandaloso nepotismo; não poderião fazer das camaras a chancellaria das suas immoralidades e attentados; não poderião fazer dos juizes seus servos e dependentes; não poderião ter verbas secretas e creditos supplementares que lhes permittissem gastar sem responsabilidade milhares de

contos de reis em puros desperdicios e occultas negociadas; não poderião emfim ostentar a sua criminosa omnipotencia!

Apezar porem destes defeitos, á que todo o homem está sugeito, e mais particularmente aquelles á quem o nascimento condemna ao veneno da lisonja, o certo é que, se alguma justiça e moralidade ainda ha entre nós, toda ella parte do poder pessoal, assim como delle tem partido todos os actos grandes e generosos, praticados pelo governo nestes ultimos tempos.

Á elle, por exemplo, se deve o não termos feito uma paz vergonhosa com o Paraguay; a lei sobre a emancipação dos escravos, por meio da liberdade do ventre, o estar de facto abolida a pena de morte no Brasil e os dous mais estrondosos exemplos de justiça criminal.

O mal não nos vem do poder pessoal, que não existe senão na nossa miseria e corrupção; vem de nós mesmos, que estamos podres de vicios, e que, para os alimentarmos, sacrificamos honra, independencia e dignidade.

Todos tem os olhos fitos na cupula dourada do edificio politico e nos seis raios divergentes que de la partem. Ahi está tudo e só ahi está a realidade, n' um cofre de graças cujo valor e abundancia excede o corno de Amalthea. É preciso la chegar, para colher o velocinio, quaesquer que sejão as fraguras do caminho; e aquelles que o não poderem, que é delles o grande numero, recebão ao

menos em baixo o almo calor dos raios emanantes.

Esta metaphora ou allegoria dispensa-me de representar de outro modo o quadro nauseabundo das nossas miserias, mostrando como ellas se pratição, desde o homem do povo até o ministro.

O Imperador, que tem moralidade, diz aos ministros: «Governem como melhor o entenderem aos interesses do paiz; não lhes ponho o menor obstaculo.»

Mas os ministros, que só olhão as vantagens do lugar e aos lucros que delle podem tirar para si e para os seus só cuidão de prolongar o seu dominio, para encherem-se á farta. D' aqui se seguem as transacções vergonhosas com a opposição, o malbarato das rendas publicas, que se escôão para as suas algibeiras, em contratos onerosissimos, as maiorias compradas, as crises interminaveis etc.. E depois se excusão vagamente com o *poder pessoal*, que dizem ter estragado os partidos e os homens!

Não ha um paiz onde a lisonja seja tão torpe e descarada como nesta Sparta americana!

Indo Imperador examinar uma das nossas fortalezas, por occasião do conflicto anglo-brasileiro, e notando a conveniencia de certas reformas, no systema de defesa, dizia, entre parenthesis, o jornalista que isto noticiava: «Porque S. M. de tudo sabe!»

Indo tambem o Imperador ao Rio Grande do Sul, quando os Paraguayos invadirão esta provincia, publicavão os jornaes cartas da campanha, noticiando que dias se passavão em que S. M. apenas comia um pedaço de pão, por falta de melhores alimentos!

A entrega de Uruguayana, da parte dos Paraguayos, foi demorada por cerca de trinta dias, só para dar-se ao Sr. D. Pedro II a falsa gloria de assistir á ella; entretanto que Estigarribia instava por entregar-se, porque os soldados ja não tinhão que comer.

Isto porem foi o menos.

O mais comico de tudo foi dizerem os jornaes que, no acto da entrega, occupou S. M. o lugar mais arriscado no *cerco*; e que, ponderando-lhe os seus ajudantes de campo o perigo que elle ahi corria, o Imperador lhes respondera « que esse era o posto que, como chefe da Nação, lhe cumpria occupar! »

E por isso, na volta, lhe preparavão os cortezãos uma espada de honra, que o Imperador soube com dignidade recusar, pedindo que o producto da subscripção para esse fim tirada tivesse uma applicação mais util.

Para que o Sr. D. Pedro II se fizesse benemerito da patria, em consequencia da parte que teve no sacrificio nacional, para o bom exito da guerra, não erão necessarias estas indignas adulações: bastava-lhe o que elle realmente fez.

Estas lisonjas não se limitarão só ao monar-

cha; tambem se estenderão ao seu genro, o principe Gastão d' Orleans, á quem se attribuio a principal gloria da campanha; pertencendo aliás ella ao inclyto duque de Caxias, cuja gloria só pode ser contestada por quem não tiver um coração brasileiro.

Ao principe coube sem duvida uma bella parte na guerra, que foi concluí-la, dedicando-se á isso de um modo que muito o honra e o recommenda á estima nacional; mas isto em nada desmerece a gloria, superior, do velho marechal, que, tomando, com grande sacrificio, a direcção da campanha, e achando um exercito mal composto, estacionario e desmoralisado, imprime-lhe a ordem de que carece, mobilisa-o, e de victoria em victoria, qual dellas mais esplendida e decisiva, o leva até Assumpção, pondo Lopez em completa fuga e debandada, sem mais elementos para poder disputar-nos o triumpho. D' ahi em diante é que a gloria começa á pertencer ao Sr. conde d' Eu.

E é um paiz onde a imprensa se presta á ser o orgão de taes miserias, e onde ellas se exercem sem o menor protesto nem contradicção, que se julga habilitado para inaugurar a republica!

Em vista destas factos, receio que algum dia surja do tumulo o senado de Tiberio e diga: Porque nos invejais a gloria, republicanos brasileiros!

É pois falso e falsissimo que seja a monar-

chia a causa dos nossos vicios; a causa, é esse genio frivolo e vão, que todos nos conhecem, e que nos tira a independencia e dignidade, nas nossas relações com o governo e seus delegados; é a leviandade com que abraçamos as más ideias que nos vem de fora; é o espirito de imitação ou de novidade, que nos torna incapazes de nos regermos segundo o nosso estado e circunstancias; é o predominio da paixão politica sobre todos os outros sentimentos; são emfim as ideias materialistas, que fazem do homem um bruto, e do ouro o melhor alimento para o cevar.

Se ha sinceridade em nos querermos corrigir, nenhum obstaculo offerece a monarchia.

Compenetre-se cada um dos seus deveres; restabeleça-se a educação moral, tão desprezada! dando-se lhe por base o amor de Deos e o do proximo; estygmatize-se o vicio e premeie-se a virtude, que facilmente virá a correcção, sem ser preciso passarmos por abalos perigosos, que necessariamente traria uma reforma tão fundamental, a qual só é boa, quando a liberdade se acha ameaçada ou tem soffrido odiosas restricções, e esta hypothese não se dá entre nós, porque, apezar de tudo, a liberdade constitucional existe intacta, e o Brasil é tão livre, como mais o não é nação alguma.

Nem ha povo que, por indole, tenha mais

garantida a sua liberdade. Ninguem no Brasil conspira contra ella, e ninguem é mais liberal um do que outro. Dão-se excessos e abusos contra os direitos do cidadão; mas são factos destacados, que não constituem uma politica systematica, capaz de inspirar receio.

Ha muito que o governo cercêa as liberdades provinciaes, tão necessarias em tão vasto imperio. Esta centralisação odiosa tem ultimamente chegado á ponto, depois dos decretos do ministro Ferraz, de matar completamente a iniciativa individual e o espirito de associação e de empresa, á que particularmente devem os Estados Unidos o seu prodigioso desenvolvimento.

Se, por exemplo, se forma, nas provincias, uma associação litteraria, com o fim de auxiliar a instrucção publica, uma associação beneficente, uma companhia de melhoramentos alimentarios, todas ellas á expensas particulares, sem o menor onus dos cofres publicos, hão de solicitar do governo na côrte o decreto de sua confirmação e a approvação dos seus estatutos, alem de outras dependencias secundarias.

Este poder exerce-o o governo por autorisação do corpo legislativo, que assim o deliberou por proposta do mesmo governo, porque o corpo legislativo não tem mais acção nem liberdade, para, nem sequer, corrigir ou alterar as propostas ministeriaes.

Ora, onde se vê aqui o acto do imperante, salvo a sua sancção, que elle constitucionalmente não podia negar, sem retirar a sua confiança ao ministerio e contrahir o dever de dimitti-lo logo? E todavia é o poder pessoal o responsavel por este e outros males!

Diz a constituição que nenhum genero de trabalho, de cultura, industria ou commercio, pode ser prohibido, uma vez que não se opponha aos costumes publicos, á segurança e saude dos cidadãos.

Diz mais que os inventores terão a propriedade de suas descobertas ou producções, e assegura-lhes privilegio, exclusivo, temporario, ou um premio pela perda que soffrerem com a vulgarisação.

Entretanto, estes privilegios se concedem aos cento em cada anno, com violação manifesta da lei, á quanta empresa mercantil ou industrial apparece, como, de navegação á vapor, de calçamento, de encanamento d'aguas, de defecação, de esgoto, etc.; monopolisando-se assim, em favor dos concessionarios e de outros interessados em commandita, o exercicio do mais trivial commercio e industria: o que muito e muito concorre para o atrazo do paiz, sem que nisto haja a menor culpa do soberano.

Os ministros, e outros, delinquem, por abuso de autoridade, por malversação e vergonhosa agiotagem, e o imperador, que nenhuma par-

te tem nestes abusos, e que nem mesmo pode legalmente oppor-se á elles, é que ha de ser o responsavel!

E quem ja ergueo a voz para accusar, perante o poder competente, a esses ministros corruptos e corruptores? A voz de um homem de talento ja se levantou na camara dos deputados; mas d'ahi seguio-se uma historia tão vergonhosa, que melhor fôra que tal facto nunca se tivesse dado.

Inutil é dizer que, no meio de toda esta corrupção, ministros tem havido que, com geral admiração, legarão a mais honrosa pobreza á suas familias.

De muitos outros abusos podera eu tratar, se quizesse compendia-los todos; mas não é esse o meu fim. Para provar o que tive em mira, bastão os que ficão apontados.

Os delictos de responsabilidade deverão ser riscados do nosso codigo, porque de facto não existem. O unico exemplo em contrario foi dado ha pouco tempo pela assembléa legislativa de uma das provincias do Norte, que com toda a justiça condemnou um juiz de direito á perda do lugar; mas o governo foi tão immoral, que, não podendo reintegra-lo, nomeou-o de novo para outra comarca, desprestigiando assim o acto louvavel daquelles legisladores juizes.

Esta irritante impunidade dos funccionarios publicos de maior cathegoria, e pode-se dizer que de todos os criminosos em geral, tanto

é effeito dos vicios que minão a sociedade brasileira, como uma das causas efficientes dos mesmos vicios.

Não ha cousa que no Brasil se não julgue poder conseguir por empenhos, outra consequencia da nossa privativa vaidade e folice. Cada um se teria por deshonrado e sem valimento, se não se prestasse á servir de empenho, á pedido de um amigo ou de qualquer pessoa de alguma importancia.

Pede se á um magistrado que falte ao seu dever, que negue a justiça á quem a tem, para julgar á favor de quem não a tem; que crimine o innocente e absolva o culpado; e muitos magistrados se prestão á isso sem o menor escrupulo! e á aquelles que se negão pedem ao menos que se dêem de suspeitos ou dêem parte de doentes, para passarem os autos á outro, com quem ja contão.

Ainda ha pouco sendo julgado um grande criminoso pelo jury de uma das nossas principaes cidades, os que se interessavão pela sua absolvição nem ao menos, em respeito á opinião publica, se importarão de proceder occultamente; forão ao proprio tribunal, e andarão pedindo aos jurados, como negocio de camaradagem, ou como se cabala para eleições.

Com o mesmo despejo se pede á um presidente de drovincia, á um deputado, á um commandante militar, á um chefe de repartição e aos seus subordinados.

Basta dizer que ainda ha pouco tempo tive

eu dous pedidos, de amigos, para que trahisse os meus deveres de advogado e de curador de tres infelizes cuja defesa me fôra particularmente confiada ! pretendendo elles que eu não recorresse da sentença proferida contra os ditos meus curados.

E quando alguem se nega á estas torpes e insolitas exigencias, incorre logo na malquerença dos não servidos, e ouve-os metterem á ridiculo a sua probidade, que elles chamão de *catonismo tolo !*

MEDITAÇÃO XXXV.

Ha na Europa uma pequena peninsula, á igual distancia da Asia e da Africa, a qual parece ter sido produzida por uma violenta convulsão da natureza, nos tempos primitivos da formação geologica. Limitão-na, o Archipelago, o Mediterraneo, o mar Ionio e a Turquia.

Aqui nasceo e floresceo um povo outr'ora celebre, o mais celebre dos povos da antiguidade, porque ao genio e ás virtudes juntava o fino gosto, o espirito e as maneiras mais convenientes á um povo culto, que tem de servir de norma á educação de outros povos. Mas hoje esse povo, resuscitado pelo esforço e veneração de outros, que o ajudarão á libertar-se do jugo vergonhoso dos Osmanlis, debaixo do qual esteve por mais de tres seculos, só recobrou a sua nacionalidade, para fazer admirar o deploravel contraste do que elle foi e do que é.

Resuscitar a mortos é um milagre que só

Deos pode fazer; e na mente do Todo Poderoso nunca entrou restituir ao seu antigo estado aquellas cousas que elle mesmo ja dispensou. Esta miseria só pertence aos homens; não á Aquelle que não corrige os seus juizos e que com tanta facilidade faz reproduzir um insecto, como cria um mundo de infindas maravilhas.

Este povo forma hoje um pequeno estado de cerca de um milhão d' almas, regido segundo os principios do direito publico moderno. Trajar porem a Grecia com a libré das instituições politicas hodiernas é o mesmo que faze-la um arlequim no congresso dos outros povos e expo-la á zombaria destes. A Grecia do passado só pertence ao passado, a de hoje não é mais ella, é o seu espectro que ficou na terra.

Corramos porem um veo sobre as miserias que affligem a Hellade presente, em respeito ás venerandas tradições do passado. É á Grecia antiga, á essa terra de ficções, á esse povo de poetas e guerreiros, que vamos consagrar esta tosca meditação, qual o permitte a rudez desta epocha de descrenças.

Á nenhum espirito é dado acompanhar com methodo e lucidez a vida deste povo, desde a sua origem pelasgica, até o tempo em que os seus famosos legisladores o constituirão e lhe derão leis; de cujo estado data propriamente a sua historia. O mais são fabulas e incertezas, que deleitão a imaginação, mas

que a critica regeita: á cuja epocha pertencem as façanhas d' Hercules e Theseo, a expedição dos Argonautas, a guerra de Troya e grande parte da sua historia colonial.

Tres nomes famosos symbolisão a Grecia e resumem todas as suas glorias, Homero, Platão e Athenas.

O primeiro cantou os feitos egregios dos seus compatriotas, a quem elle igualou aos deoses. Depois quebrou a lyra, que elle recebera do proprio Apollo, para que ninguem a profanasse; e a Iliada começou á divulgar-se, correndo de boca em boca, como uma tradição divina, revelada aos homens pela boca de um velho cego. Nenhum outro poeta ousou ir alem do que foi este, e o immortal poema ficou sendo o modelo de todas as epopeas.

O segundo fundou a academia e elevou a philosophia ao ideialismo; fallou de Deos e da alma, como nenhum outro até ahi o fizera; foi o precursor da philosophia moderna e penetrou tão longe nos dominios do mundo moral e espiritual, que foi chamado o *divino* Platão, o *Homero* da philosophia.

Este grande pensador foi talvez sublime de mais para o seu tempo; no que ensinou, foi mais um propheta do que um homem de genio, porque excedeo muito o que então se sabia, deo um salto immenso sobre o futuro, deixando uma lacuna que só foi preenchida pelos philosophos modernos, e dispensando

vinte seculos de se occuparem de philosophia.

A terceira resumio em si só tudo quanto foi a Grecia. Attica e Athenas, Pericles e o seu seculo, eis toda a civilisação, eis toda a grandeza hellenica.

Foi contra Athenas que se dirigirão as duas formidaveis expedições do grande rei, para as quaes contribuio a Asia em peso; mas a inclyta cidade, embora incendiada e saqueada, triumphou das hostes medicas, e por explendidas victorias obrigou o barbaro á paz.

E ainda que a guerra fratrecida, originada da rivalidade dos dous poderes dominantes e que por vinte e sete annos abrangeo toda a Grecia continental e insular, roubou á capital da Attica a sua supremacia politica, a moral ficou-lhe sempre, apezar dos rigores de Sparta e dos Trinta Tyrannos.

Não ha paiz no mundo que tenha passado por tantas vicissitudes e tido tantos dominadores.

Nenhuma occupação porem deixou vestigios tão deploraveis como a ottomana. Dir-se-ia que a Asia, nunca esquecida da destruição de Troya, das derrotas, de Artaphernes, Datis e Mardonio, e mais que tudo da expedição de Alexandre, mandou, em tempos muito posteriores, a estes barbaros, para se vingarem no cadaver da illustre vencedora.

Ver a Turcos de posse da Grecia, elles que nem ao menos a passada gloria lhe sa-

bião, que exemplo espantoso da instabilidade das cousas do mundo! Que guardas, que zeladores para os restos mutilados do Parthenon, dos templos de Jupiter Olympio e de Theseo, do Pecile, dos Propyleos, do Areopago e d' outros monumentos celebres que em melhores tempos havião coberto a esse solo privilegiado das Musas!

E para completa vingança, nem os nomes euphonicos da lingua de Pindaro escaparão á profanação da barbaria! Ao Hymetto chamarão elles Dely-Dagh, ao Parnaso Liakoura, ao Eurotas Iri, a Corintho Kordos, a Chypre Kibris e assim o mais!

Os Venezianos e lord Elgin completarão esta obra de destruição, os primeiros, bombardeando a Acropolis, e o segundo, causando brutaes estragos no que restava intacto do famoso templo de Minerva, quando, para tirar-lhe os admiraveis baixo-relevos do frontespicio, empregou nisso a obreiros turcos, cuja ignorancia e indifferença aos monumentos e bellas artes é assas notoria.

Grecia! Grecia! paiz dos meus sonhos, eu era ainda menino, e ja te admirava, extasiado com as tuas ficções. Sou hoje, como tu, um cadaver, victima da experiencia e da fatal realidade das cousas; e todavia, ainda folgo de esquecer-me do que infelizmente aprendi na rude eschola do mundo pratico, para correr atraz das tuas divinas phantasias e creações, como corre a criança atraz da

borboleta e da bolha de sabão, cujas cores o enlevão.

E ninguem venha quebrar-me o encanto dessa deliciosa loucura, que eu o maldigo, como um ente malfazejo. Sim, mal hajão esses homens aziagos, que não sonhão, estando acordados, e não querem que os outros sonhem, porque lhes invejão a innocencia e a ventura! São uns assassinos, peores do que aquelles que ferem com o punhal, porque estes matão o corpo e deixão a alma livre; e aquelles, oh! meu Deos, vós o sabeis, roubão á alma o maior bem que lhe destes na vida, que foi o sonhar!

Os Godos, Slavos e, por fim, os Turcos, por tal forma devastarão esta terra querida dos deoses, que as suas fontes e rios seccarão ou empobrecerão, porque as naiades e nymphas fugirão espavoridas; os bosques desapparecerão, porque as dryades e hamadryades tambem fugirão diante do fogo e do machado; os montes e os valles perderão a sua frescura, porque as napéas e oreades os deixarão; e a Grecia das ficções cedeo o lugar a Grecia barbara dos Tartaros!

A Arcadia, essa de todo perdeo-se para as suas tradições pastoris e musicaes, porque ahi só se encontra miseria e rudeza. Os habitantes nem ao menos sabem o seu nome passado, nem que houve outr'ora um paiz celebre, chamado Grecia, de que elles fizerão parte!

E entretanto, deste povo hoje tão degenerado nascerão nestes ultimos tempos heroes que em nada cederão aos, das Thermopylas, Salamina e Platéas. Quem lê a historia da independencia da Grecia extasia-se ao ver as façanhas de Marco Botzaris, de Kanaris, d' Odysseo, Mavrocordato e outros patriotas, cada um dos quaes foi um novo Scanderbeg.

Um rasgo de patriotismo e heroismo sobretudo praticarão os Hydriotas e Septziotas, que assombra e não acha na historia muitos que o igualem.

Os Turcos acabavão de destruir a florescente Chios e a armada que conduzira a expedição devastadora anchorava, empavezada, diante da ilha. Um pequeno bando daquelles insulares, tirados á sorte, commungarão e forão á noite castigar os barbaros, adormecidos, incendiando-lhes os navios, e sendo nisto tão bem succedidos, que aquelles que não forão pasto das chammas o forão do naufragio, e apenas poucos se salvarão.

O capoudan-pacha, atirando-se ao mar, gravemente ferido na cabeça, foi expirar na praia da devastada ilha.

MEDITAÇÃO XXXVI.

A vida futura é um sonho que nos suggere o temor de nos vermos aniquilados pela morte, com o qual especularão os padres e os despotas em seu proveito; mas eu duvido que haja uma só pessoa capaz de exercer o espirito d'exame que nella acredite.

Foi para impo-la aos animos credulos e timidos que tambem se inventou a outra fabula, ainda mais absurda, do peccado original, para prende-la á historia da redempção, onde á cada passo se falla da tal vida futura, de premios e castigos, de ceo e de inferno.

Segundo esta ridicula ficção, Deos tinha feito o homem immortal e impeccavel (salvo a desobediencia), para viver em perenne descanço, no gozo de innocentes prazeres, sem necessidade de trabalho, etc.. Mas, para experimentar a sua obediencia, prohibio-lhe que comesse do fructo de certa arvore, chamada da sciencia do bem e do mal, que elle collocou no paraiso; e como o homem co-

messe do fructo prohibido, tentado pelo demonio, disfarçado em serpente, Deos, cheio de colera e rancor, retirou-lhe todos os beneficios outorgados, e condemnou-o á viver e morrer no peccado, até vir o Messias resgata-lo.

Não é possivel zombar-se mais da intelligencia e da razão do que com esta serie de absurdas crendices; e o peor é que o inventor, pouco geitoso para idear contos e historias, a quem tratou com menos respeito foi a Deos, attribuindo á elle a sua boçal composição, e fazendo-lhe representar o papel de um malfeitor astuto, que arma laços á fraqueza do homem, para faze-lo delinquir e ter depois o prazer de o castigar com a severidade só propria de um tyranno.

No que toca á theologia, só se pode admittir a natural, fundada na critica da razão; a revelada é, na parte dogmatica, um complexo de absurdos e paradoxos que só acceitarão aquelles que renunciarem a faculdade de pensar; e é por isso que ella exclue o exame e exige a fé.

Não é porem meu intento negar a vida futura, combatendo o que á respeito della ensina a Igreja, por meio dos seus livros e doutores; é por outro caminho que me proponho á refuta-la.

O que primeiramente repugna admittir a razão é que Deos, cujo poder e bondade não tem limites, podendo fazer logo o homem ca-

paz de conseguir nesta vida toda a sua felicidade, carecesse de sugeita-lo primeiro ao cadinho de uma provação tão cheia de miserias, de males e horrores, para depois dar-lhe outra vida, onde os bons e os justos gozassem da bemaventurança e os maos fossem punidos; de modo que Deos, o verdadeiro responsavel pelos nossos erros e culpas, como consequencia da imperfeição com que nos fez, dimittiria a responsabilidade de si, para lança-la sobre a fraca e indefensa creatura!

Não quero porem deter-me neste assumpto, como ja disse, e por isso passo á novas considerações.

A vida futura presuppõe certa relação com a passada, que só pode dar-se pela lembrança desta; mas, ainda sendo possivel que a alma, depois da morte, conservasse a memoria do que aqui se passara, faculdade que parece não lhe ser essencial, por isso que em tempo algum temos conhecimento do seu estado anterior, essa recordação faria da outra vida uma continuação da passada, sem o que tambem não concebo como se podesse fazer effectiva a theoria das penas e recompensas. Mas eu declaro que de bom grado renunciaria a qualquer sobrevivencia em que não houvesse completo esquecimento do passado. Portanto, se alguma cousa em nós sobrevive depois d'aqui, é para formar uma existencia inteiramente nova, sem dependencia nem re-

lação alguma com a vida terrena: o que, para a nossa individualidade, importa o mesmo que dizer: *Post mortem nil.*

E se não fosse este benefico esquecimento, que aqui mesmo nos alivia do desprazer de tantas recordações, que martyrio não seria para a alma o ter sempre presentes as suas passadas miserias e tudo quanto aqui a houvesse desgostado!

E se tal relação não pode dar-se entre a vida futura e a passada, menos admissivel é ainda que a alma tenha de soffrer naquella pelos males que aqui fizesse.

A primeira duvida que á este respeito me suggere a razão é se deve ser a alma a verdadeira responsavel pelos nossos maos actos. Dizem os philosophos que sim, attribuindo-lhe a origem da vontade; mas os philosophos ainda não poderão entender-se (e certamente nunca o conseguirão) sobre a especialidade e independencia de cada uma das nossas faculdades, porque ellas forão tão mysteriosamente complicadas, que, em tal labyrinto, é impossivel achar-se o fio d'Ariadne. O que de mim posso alcançar é que, sendo o temperamento a causa mais natural e efficiente das nossas boas e más acções, não a alma, porque, do contrario, concluir-se-ia que ha almas boas e más, qualidade que ja terião, quando viessem animar os corpos; o que de mim posso alcançar, repito, é que, attentas estas considerações, não parece justo que so-

bre a alma é que recaia a responsabilidade do mal que fazemos na vida.

Os theologos assim o dizem, para irem de accôrdo com a sua doutrina do aniquilamento do corpo e da sobrevivencia do espirito; mas á isto tenho eu de oppor serias e graves objecções.

Para evitar a questão, se a alma é apenas um sopro divino, ou se uma emanação da Dividade *(regiæ mentis particula)*, acceitarei a primeira hypothese, fundado na historia da creação, onde se lê que, tendo Deos feito o homem de barro, assoprou-lhe depois no rosto, para anima-lo. Em consciencia, não posso crer que a alma seja uma emanação divina, porque então seria ella tão perfeita como a fonte d'onde emanou, e tão necessariamente, que nem Deos mesmo poderia dispor o contrario.

Mas, ainda assim, não sei como o sopro divino, convertido em espirito e dotado das mais bellas e nobres faculdades, possa praticar ora o bem ora o mal, e que degenerasse á ponto de lhe serem imputaveis todos os nossos maos actos, desde o simples erro até ás monstruosidades de que é susceptivel a natureza humana.

Esta objecção só tem uma sahida, e vem á ser, que, se isto assim acontece é pelas modificações que soffre a moralidade da alma, em consequencia do temperamento e das paixões; mas, neste caso, não é possivel susten-

tar-se o edificio metaphysico-psycologico, porque teriamos a materia dominando o espirito.

Vamos adiante.

O sentimento do bem, e por conseguinte o da justiça, é, como dizeis, uma lei moral conservadora, que o homem houve de Deos, e tanto que só por ella se pode explicar a maravilhosa autoridade das leis humanas. Nesta parte, portanto, como em tudo o que respeita á moral, deve crer-se que o homem obra por inspiração divina; mas a justiça humana discorda da de Deos em pontos essencialissimos.

Os homens punem o corpo, apezar de crerem que elle não é mais do que o instrumento passivo das volições do espirito, ao passo que Deos só pune a este.

As leis penaes humanas tendem á corrigir pela punição e á prevenir pela exemplaridade. Tem presente e tem futuro; mas a de Deos só tem passado, e como tal, não pode corrigir nem prevenir, por isso que ella não se exerce na vida.

Sei que se pensa o contrario, isto é, que aqui mesmo Deos dá o premio e o castigo; mas eu não creio nisto, primeiro, porque a justiça divina se complicaria com a humana; segundo, porque, sendo ella duvidosa, deixaria de ser exemplar e por conseguinte seria inefficaz; terceiro, porque não seria justo que Deos infligisse duas penições pela mesma culpa; quarto, porque os factos provão evidentemente o contrario; sem o que não se verião

os bons e os justos perseguidos e humilhados, e os maos prosperando e triumphantes.

Demais, comparando a grandeza illimitada de Deos com a misera pequenez do homem, e mais ainda o seu caracter de pai, infinitamente compassivo e extremoso, não posso crer que elle prefira punir ao perdoar. Bruto, dominado do fanatismo politico, condemnou seus filhos á morte e fe-los executar; mas este facto é citado mais como uma excepção monstruosa do que como um acto digno de louvar-se; e Bruto era homem, e aquelles que o julgão tambem são homens. E será Deos menos sensivel para com seus filhos do que a imperfeita creatura?

Finalmente, é tão grande a somma de males que ja aqui soffremos, que a ideia de termos ainda de soffrer depois da morte horrorisa e gela a quem nisso pensa. Mais valera em tal caso nunca ter nascido, e o homem, maldizendo a existencia, só teria razão para queixar-se do Creador.

Não se julgue porem que eu censure os governos por manterem estas crenças, alimentando os homens com a consoladora esperança da vida futura. É uma impostura innocente, que não produz nenhum mal e produz muitos bens. Sem esta esperança e este freio, os homens se converterião em brutos ferozes, peores do que os tigres e as hyenas, e mais damninhos do que a cascavel e a vibora.

MEDITAÇÃO XXXVII.

Fallas do mysterio e do dogma com a costumada leviandade dos espiritos fortes, que só crêem naquillo que está na esphera da sua comprehensão, sem attenderem os insensatos que, neste caso, deverão duvidar de tudo, até mesmo de que elles existão e pensem, porque não sei que haja na natureza cousa alguma que não seja um mysterio. Sabes tu por ventura alguma cousa das causas efficientes, para não remontar á causa primaria de tudo quanto existe? Logo não devêras acreditar que exista cousa alguma, principiando por ti mesmo. Sabes tu por que meios occultos procede a natureza para produzir em ti a sensação e o pensamento? Logo não deves acreditar que tu sintas nem penses.

Nada mais interessante do que ver discorrer esses homens desabusados, que fazem o eminente serviço de combaterem a theologia revelada, profligando todos os seus erros e absurdos! Aproprião-se de uma duzia de

principios, verdadeiros ou falsos, que fazem toda a sua sciencia; formulão com elles as suas proposições, em tom de pedantice academica, e radiantes de triumpho, olhando com riso de dó para os pobres ignorantes a quem se dignarão de esclarecer, arrematão: logo... por conseguinte... ergo... e tirão conclusões que fazem recuar as trevas da ignorancia e da credulidade!

E o peor é que estes jovens sabios empestão a sociedade com as suas ideias, e roubão ás almas o pão do espirito, só pela van gloria de se mostrarem superiores aos outros!

Eu tambem ja pensei assim, porque o scepticismo é o tributo pago a inexperiencia da razão, mas passarão-se os annos e então vi o quanto a mocidade é leviana e presumpçosa! Repugna acreditar no que não comprehende, e cahe na incredulidade. Mas eu aprendi comigo mesmo á observar, e pouco á pouco fui adquirindo o conhecimento de cousas em que eu até ahi não pensara. Convenci-me finalmente de que um grande mysterio envolvia a tudo neste mundo e que a razão humana era incapaz de penetralo Humilhei-me; pedi perdão á Deos e deixei de ser incredulo. Oxalá que todos tivessem a mesma franqueza e boa fé!

A vida futura, em que não acreditas, é uma consequencia necessaria da immortalidade da alma, porque, logo que esta sobrevive ao cor-

po, não pode deixar de ter um destino, e este destino não pode ser outro senão a continuação da vida terrena pela lembrança do passado, embora sejão outras as condições da nova vida.

Deos não corrige nem altera essencialmente as suas obras. Se elle deo primeiramente á alma uma vida em commum com o corpo, não ha razão para, depois da morte, quebrar por tal forma esta união, que privasse a alma da lembrança do passado, unico ponto de relação entre uma e outra vida.

Nem sei que penas, que desgostos possa trazer á alma essa lembrança, estando ella ja livre de todas as miserias e collocada em novas condições, que a rehabilitão. Nesse teu pensamento ha mais orgulho do que outra cousa, alem de ser elle um erro sobre os sentimentos d' alma na sua nova vida.

Seria vergonha, seria arrependimento? No primeiro caso, ahi está o orgulho. Vergonha! humilhação das nossas fraquezas diante de Deos! cuja perfeição, cujo amor, cuja indulgencia não tem limites, é um sentimento reprehensivel e peccaminoso, que nem a alma pode mais ter. No segundo caso, não comprehendo como a alma, arrependida, se peze da contricção.

Muitos outros argumentos demonstrão a realidade da vida futura. O primeiro de todos é a intuição della, manifestada pelo desejo que todos sentem da immortalidade; o segun-

do a incontentabilidade da alma no meio dos gozos mundanos; terceiro a crença geral de todos os povos.

Deos certamente nos não daria o desejo da immortalidade, para zombar de nós, infligindo-nos o tormento de Tantalo. Se elle o deo, é porque esse desejo se ha de realizar; e duvidar disto é até uma offensa e uma ingratidão.

Convenho comtigo que o premio e o castigo Deos o não dá aqui, pois, se o fizesse, desnecessario seria faze-lo na outra vida; e por outro lado não se verião tantos crimes e iniquidades ficarem aqui impunes e tantas boas obras esquecidas.

Tudo elle o guarda para a vida futura, pois só nella ha realidade. Com que bens, por exemplo, premiaria elle aqui o homem justo e virtuoso, se nenhum delles é estavel e capaz de contentar-nos?

Dizes porem que a punição, exercida na outra vida, não fôra mais do que uma barbaridade inutil, pois que nem seria correctiva nem exemplar, e como tal não poderia aproveitar nem aos vivos nem aos mortos.

Os homens tambem não previnem os delictos pela punição antecipada delles, mas sim pela ameaça do castigo comminado nas leis penaes. Quando elles applicão a pena ja o mal que se quizera evitar está feito, e a punição tem mais por fim prevenir a reinciden-

cia do que castigar a culpa commettida, sobretudo se o mal é irreparavel.

Deos previne o mal por um meio mais efficaz, que é a consciencia moral, advertindo-nos delle; e pelo mesmo meio offerece no remorso um correctivo exemplar, tanto para o delinquente como para aquelles que o vêem soffrer. Mas, se nada obstante, o homem delinque, não sei porque razão gozaria na outra vida dos mesmos bens que gozassem os bons e os justos, sem que primeiramente se rehabilitasse pela expiação.

Queres saber o que é o remorso? Oh! Deos te livre de algum dia o sentires por um crime grave!

O conde de Valois, irmão de Philippe o Bello, fez condemnar iniquamente á morte, por meio de aleivosias e calumnias, a Enguerrand de Marigny, que fôra ministro do rei defuncto, por odio que lhe suscitara o seu grande e merecido valimento para com este. Mas, satisfeita a vingança, surgio na alma do criminoso principe remorso tão implacavel, que nunca mais elle gozou de um momento de tranquillidade nem de ventura. Dia e noite, não havia tregoas para a sua consciencia. Por toda a parte o perseguia o espectro da victima; e á tanto chegou este horrivel tormento, que ja o criminoso excitava a compaixão; e se elle não poz termo aos seus dias, foi pelo temor de abreviar o seu comparecimento perante o juiz supremo.

Eis aqui como a justiça de Deos é menos efficaz e proveitosa do que a dos homens!

MEDITAÇÃO XXXVIII.

Ao feliz Augusto succede o tenebroso Tiberio, modelo incomparavel do verdadeiro tyranno, de que Tacito deixou-nos uma copia de mestre nos seus admiraveis *Annaes*. Ao reinado de Tiberio referem-se as maiores vergonhas e baixezas do senado romano, que dentro em pouco se verá decretar acções de graças em todos os templos, pelo assassinato de Agrippina, e ir, incorporado, receber o matricida, vestido de gala. E comtudo, no fundo daquella alma negra e suspeitosa havia alguma cousa que admirar pelo lado do bem, porquanto aos seus talentos militares e governativos juntava elle certo amor e veneração á virtude; do que ás vezes deo prova, manifestando o seu desprezo aos vis aduladores e deixando tranquillos a aquelles que se lhe oppunhão com dignidade e justiça.

Á Tiberio succede Caligula, monstro insensato, que nem ao menos tem a responsabilidade dos seus crimes, por ser-lhe applicavel o

Non sciunt quid faciunt da Escritura. Fez consul ao seu cavallo e mandava dourar-lhe a cevada. Incestuava com as irmans; dissipava as rendas do estado com loucuras, e no seu furor homicida, quizera que o povo romano tivesse uma só cabeça, para corta-la de um só golpe.

Á este louco furioso succede um sandeu, que, sendo incapaz de governar por si, deixava que por elle governassem os seus libertos e a devassa Messalina.

Á esta especie de idiota succede o monstro feroz, de cujo nome a opinião commum dos homens fez, por excellencia, o appellativo de todos os monstros de crueldade, pertencentes á especie humana. Nero ! A vida flagiciosa desta hyena coroada ninguem mais historia; escreve-se-lhe o nome, seguido d' uma lacuna, e põem-se adiante uns poucos de pontos de admiração.

Do reinado de Nero só referirei um facto, por duplo titulo digno de ser conhecido.

Descoberta a conspiração de Pison contra á vida do imperador, portarão-se os homens com tanta fraqueza, que nem mulheres; mas uma mulher, tambem compromettida, portou-se com tanta coragem e heroismo, que nem o mais esforçado varão. Sendo posta á tortura, para descobrir os seus cumplices, resistio com firmeza, e receando fraquear, aproveitou-se de um momento favoravel para estrangular-se. Epicharis chamava-se ella, e era comtudo uma meretriz !

Este contraste que aqui offerece a feminilidade tem o quer que seja de sobrenatural e maravilhoso, que sorprende e attrahe a attenção.

Nero é o ultimo imperador da familia cesariana. Agora são as legiões amotinadas e a guarda pretoriana, que vão dispor livremente do imperio, salvo alguma nova ordem de adopção ou successão.

Galba, Othon, Vitellio, exercem o imperio que lhes delegão os soldados como figurantes de theatro, e para ser mais exacta a comparação, basta recordar as judiarias que a gentalha de Roma praticou com o ultimo, depois de o fazerem andar pela Via Sacra, quasi nú, de corda ao pescoço e cabeça levantada.

Seguem-se os tres imperadores da familia flaviana, entre os quaes conta-se Tito, dito as *Delicias do genero humano*, sem embargo dos horrores do cerco e tomada de Jerusalem, e dos Judeos que trouxe captivos e empregou na fabrica do Colyseo.

Os homens são assim. Se um senhor os opprime e mostra-se tyrannico, mas depois pratica algum bem, a lisonja e a baixeza chega á exageração. Felizmente a posteridade nem sempre deixa passar sem reparo semelhantes juizos e não poucas vezes os agorenta ou corrige. Longe porem de mim o negar as virtudes de tão excellente principe. Pena é que uma morte suspeita o roubasse tão cedo ao bem da humanidade e entregasse de

novo os Romanos ao furor de um novo Caligula, de quem Domiciano foi o digno competidor.

Á este miseravel caçador de moscas seguem-se cinco imperadores adoptivos, cujas virtudes são altamente preconisadas: exemplo talvez unico, de uma serie não interrompida de tantos monarchas dignos de governarem homens, ainda que, á respeito destes favorecidos da fortuna ha muito que desconfiar dos euges da historia, porque é um privilegio que elles tem, por graça da baixeza humana, o serem sempre optimos, quando não são de todo pessimos.

Sejamos porem justos: nesta serie de imperadores figura comtudo um que é o modelo de todos os soberanos presentes e passados; alma verdadeiramente piedosa e eximia, de quem se não conhece um só acto reprehensivel e mao. Entre os modernos só se lhe pode achar parallelo no grande Henrique IV, postos porem de parte os seus vicios e fraquezas.

Outrotanto não direi do famoso Marco Aurelio, em que peze aos seus admiradores, pois mareou a sua reputação com dous factos que deslustrão todas as suas virtudes, o primeiro dos quaes foi a perseguição dos Christãos, e o segundo o ter deixado que lhe succedesse no throno, só por egoismo de familia, o monstro cruel á quem elle deo o ser, e cuja indole ja não lhe podia ser desconhe-

cida; quando, se elle fosse um verdadeiro philosopho, amigo da humanidade, não teria consentido nisso, preferindo antes nomear o seu successor.

A hereditariedade das monarchias, que faz da sorte dos povos uma especie de apanagio ou patrimonio dos reis, é uma das maiores irracionalidades á que os homens se tem sugeitado, apezar de provar-se com notaveis exemplos, particularmente com a historia da Polonia, que a eleição dos monarchas não é incompativel com a estabilidade e manutenção da ordem publica.

No numero dos soberanos polacos, os dous melhores são inquestionavelmente Estevão Bathori e João Sobieski, ambos eleitos, e no dos imperadores romanos os eleitos e adoptivos.

Investir a um homem da suprema autoridade, só porque o acaso o fez filho de um rei, sem ter-se em conta as suas qualidades intellectuaes e moraes, quando muitas vezes nem para os mais baixos e vis encargos serviria, é esta uma cegueira e miseria dos povos que não devêra mais praticar-se no presente seculo, ja tão abastado d'experiencias e de luzes.

Para verem-se as consequencias perniciosas do celebre *droit de naissence*, que em absurdo corre parelhas com o ainda mais celebre direito divino, origem caduca da autoridade dos reis, citarei um facto que não é de todos conhecido.

Quando João Sobieski foi em soccorro da christandade, ameaçada pelos Turcos, ja achou Vienna sitiada por Kara Mustaphá, á cuja incapacidade se deve a perda do exercito ottomano e o malogro de tão formidavel expedição. Ao approximarem-se os Turcos, o imperador Leopoldo foi o primeiro á abandonar a cidade e pôr-se á salvo, levando comsigo toda a côrte, satelite inseparavel dos reis e foco pestilento d' onde dimana toda a corrupção das monarchias. O heroe polaco, ainda que com forças muito inferiores, em uma só batalha, desassombrou a Europa daquella ameaça barbaresca, pondo os inimigos em completa debandada. Depois da victoria, tiverão os dous soberanos uma entrevista, na qual o cobarde Leopoldo recebeo e tratou friamente ao inclyto hospede, que acabava de lhe prestar tão assignalado serviço, só porque elle recebera o seu mandato do povo e não de Deos!

Depois do reinado de Commodo, apparece a anarchia militar e precipitão-se os factos para o desmembramento do imperio, em consequencia das repetidas invasões dos Barbaros. Antes porem de irmos adiante, convem apreciar a influencia crescente do poder romano depois do estabelecimento do imperio.

Os Romanos é o unico povo que nos dá o exemplo de exercer um poder dominador, estando ja elle minado de vicios, pela perda

das virtudes civicas. A explicação disto está em que todo o dominio que elle exercia era pelas armas, e para que elle o podesse fazer, bastava que se conservasse intacta a sua superioridade pela disciplina e a tactica. Ora, se é verdade que essa disciplina relaxou-se pela desobediencia ao poder civil do estado, desde que os generaes começarão á usurpar o summo mando e á empregar os soldados como creaturas suas, fazendo-os participantes dos seus bons sucessos, não o é menos que este mal só se fazia sentir na administração interna, e não nas relações do exercito com os outros povos.

Assim, Sylla, arrogando-se o commando da guerra d' Asia, que lhe disputava Mario, e capitaneando tropas que só á elle obedecião, se immortaliza a si e dá grande lustre ao nome romano, por essa admiravel campanha concluida em breve tempo contra Mithridates.

Do mesmo modo, Cesar que desobedecera ao senado e o fizera fugir com Pompeo para a Macedonia, depois de vencido o seu competidor, chega á Asia, e em tres dias vence e desthrona Pharnace, que se havia revoltado.

Os Romanos erão pois como essas familias cuja desunião não sahe de casa, e que fóra se fazem respeitar de todos quantos as pretendem offender.

MEDITAÇÃO XXXIX.

Nós Brasileiros somos tão incapazes de ser republicanos, como os Norte-Americanos de ser monarchistas. Nem esta incapacidade provêm, como geralmente se pensa, de sermos ainda pouco cultos e baldos de instrucção, pois temo-la bastante para haver moralidade, e com moralidade tanto podiamos ser felizes com a forma republicana, como com a monarchica.

Bem instruidos são os Francezes, e comtudo cada vez se mostrão mais incapazes de ser republicanos, como o demonstrão os factos que se tem passado, depois da queda do segundo imperio.

O que nos falta, é o amor da igualdade, que torna de facto as classes desiguaes; é um genio activo e industrioso, que assegure a ordem pelo trabalho e os necessarios meios de vida á grande classe operaria; o que faz com que no Brasil só se viva de politica e o povo não tenha independencia; quando, sem inde-

pendencia, não existe o elemento popular, e sem este não pode haver governo democratico.

De que vive em geral o povo no Brasil, em falta de industria, que é o recurso natural da classe pobre? Vive de eleições e do salario que lhe pagão os ricos, para o ter ás suas ordens. É a vida do vadio, que lhe tira toda a independencia; e é por isto que elle nada influe nos negocios do estado.

A classe dos empregados publicos, que é numerosissima e constitue a grande machina de que se serve o governo para vencer eleições, essa é a que de todas tem menos liberdade e independencia.

É preciso não nos enganarmos sobre a difficuldade real que hoje existe de meios de vida nesta terra de prodigiosas riquezas. É muito facil dizer indistinctamente á todos— Va trabalhar, que o paiz é grande e offerece muitos recursos.

Em que se ha de empregar um homem que não nasceo na classe rude, onde aprendesse um officio mechanico, para ganhar a vida, e que não herdou fortuna para empregar-se, na lavoura, no commercio, ou para fundar qualquer empresa industrial? O commercio, que d'antes offerecia tantos recursos aos desvalidos da classe media, está hoje reduzido á taes condições, ainda mesmo nas primeiras praças mercantis do imperio, que offerece uma crise permanente e ameaça uma

bancarrota geral! Mandasse o governo liquidar os bancos que temos, sob varias denominações, e então se saberia o verdadeiro estado financeiro do paiz! Infelizmente, isso nunca ha de acontecer, e o Brasil continuará á viver da sua falsa riqueza monetaria, chamada *credito*, essa fraudulenta charlatanice, que convêm manter, á sombra da sciencia economica, porque é da particular conveniencia de certa ordem de especuladores e agiotas.

Da malversação dos ministros e seus delegados resulta estar o paiz esmagado d'impostos e reduzido ás condições de um paiz decrepito e sem recursos, porque, não podendo elle prosperar assim e crescendo as necessidades publicas, á par da sêde tantalica dos Verres, a consequencia é recahirem os novos impostos sobre os mesmos generos e materias ja tributadas.

Todos os annos se fazem novas tarifas para as alfandegas e novos regulamentos fiscaes, cada qual delles mais onoroso e vexatorio: seguindo-se d'aqui que portos que ainda não ha muitos annos erão frequentados por navios, hespanhoes, italianos, belgas, francezes, hamburguezes, norte-americanos e de outras procedencias, hoje só são demandados por alguns navios carvoeiros, poucos portuguezes e uns quatro vapores inglezes.

Nesta materia de impostos, a anarchia e a exorbitancia tem chegado ao ultimo auge. Ao passo que a sabedoria do legislador consti-

tucional limitou a iniciativa delles á camara dos deputados, não ha hoje quem disponha de autoridade que se não julgue competente para os decretar. É o poder legislativo geral, são as assembleas provinciaes, as camaras municipaes, os ministros, os presidentes de provincia e os chefes de policia, nos seus regulamentos, á titulo de multas, os bispos, os contratadores e os agentes fiscaes com as suas horrorosas vexações e abusos.

O que mais aggrava este estado de cousas são as assembleas provinciaes, que, sujeitas aos mesmos vicios, não augmentando a producção, e não vendo ellas mais em que fazerem dinheiro, para occorrerem ás necessidades reaes, aos patronatos e negociadas de todo o genero, cuja responsabilidade tanto é dellas como dos presidentes, sobrecarregão de novos impostos os artigos ja tributados, ainda mesmo aquelles que ja pagão o de importação, como acaba de acontecer em Pernambuco, onde estes generos forão tributados em grande escala.

D'aqui se segue que um mesmo objecto soffre tres, quatro e cinco contribuições diversas, como, por exemplo, a propriedade predial urbana, que paga o imposto de transmissão, de decima, o pessoal e de registro, e sobre a qual se quiz lançar mais o de cem reis por cada palmo de frente naquellas ruas por onde passasse a canalisação do gaz.

Ai! daquella materia que pela primeira vez

é tributada, ainda que seja em circunstancias extraordinarias, e que se dê ao imposto o caracter de provisorio, porque nunca mais ella será alliviada, como aconteceo com todos os impostos novos á que servio de pretexto a guerra do Paraguay.

N' outros paizes, onde os interesses do povo são justamente attendidos, os generos de primeira necessidade, de producção nacional, são isentos de impostos, menos aqui, onde receio que em breve tambem os pague a agua e o ar.

Para fazer-se ideia destas urgencias de dinheiro, basta saber-se que a asssemblea desta provincia creou ha annos o imposto de dez mil reis por cada subscripção que se tirasse, qualquer que fosse o seu fim. De modo que, uma viuva indigente que se soccorre á caridade publica, uma escrava que esmola para a sua liberdade, tem de pagar, primeiro que tudo, aquella quantia, quando ás vezes nem isso conseguem tirar!

Alem disto, as tremendas multas, as apprehensões, as vexações de toda a sorte, as demoras nos despachos, as enormes despesas de expediente, vão reduzindo este paiz ás condições fiscaes daquelles onde os pachás e os mandarins devastão, assolão, saqueão e matão, para haverem dinheiro á todo o custo.

Entretanto, é certo que ametade das rendas publicas, pelo menos, são roubadas e esbanjadas, do que tive occasião de convencer-

me, examinando um orçamento provincial, do qual bem se podião cortar cerca de duzentos contos de reis de despesa forçada e toda de favor.

Nestas circunstancias, aquelles que carecem de viver de empregos publicos, não podem, ainda querendo, ser independentes, porque, dimittidos dos seus empregos, não terião mais de que viver, attenta a escassez de meios de vida, e a lei natural do ventre é a mais imperiosa de todas aquellas á que o homem está sugeito na vida.

E não é só esta a razão da vassallagem daquella classe, que ja na sua admissão passa por mil dependencias e sugeições, como de exame em concurso, de approvação e da ordem em que o candidato é collocado, ordem que nunca é observada senão em favor dos protegidos.

O governo brasileiro tem feito um estudo particular sobre o systema de governar pela dependencia e a corrupção, militarisando a classe dos empregados publicos, com os regulamentos mais arbitrarios, e sugeitando-a á penalidades especiaes, como, reprehensão, suspensão, multas, perda do emprego, ect., sendo-lhe estas penas impostas, em processos administrativos por juizes delegados, com recurso unico para o mesmo governo.

D' aqui vem essas manifestações publicas dos empregados subalternos para com os seus chefes, de bailes, jantares, retratos e

outros brindes: lisonja disfarçada, com que procurão satisfazer-lhes a vaidade e os caprichos. Ja muito fazem aquelles que cedem á dura força das circunstancias com certa dignidade.

Se acabassemos com a realeza, ella ficaria por uma vez extincta; mas, em vez de lucrarmos, muito perderiamos com esta insensata mudança; e os males resultantes serião tão grandes, que ninguem os pode antecipadamente calcular.

Seguir-se-iáo tantas republicas quantas são as provincias. Os primeiros abalos serião occasionados para decretar-se a constituição politica de cada uma e as reformas que o novo estado de cousas faria indispensavel. Depois succederia a luta dos candidatos ás presidencias, que se contarião por duzias, fofos e ambiciosos como somos! d'onde resultaria uma desordem constante. E posto que a indole brasileira seja generosa e incruenta, o habito da agitação e da anarchia necessariamente havia de altera-la; e então apparecerião as dictaduras, o mais violento e perigoso de todos os governos.

No meio destas calamidades, os que ainda vivessem do tempo do imperio é que havião de chorar as delicias da paz e da liberdade nelle desfructadas! como os Romanos, escarmentados pela tyrannia dos dictadores e triumviros, bemdizião o reinado d'Augusto.

O justo temor que causa a perturbação da

ordem nos governos electivos, e mais particularmente nas democracias puras, é e será sempre o eterno descredito dos mesmos governos. Que importa o exemplo da Suissa e dos Estados-Unidos, se contra militão todos os outros?

Ahi estão as republicas americanas, de origem hespanhola, cujo exemplo é o que mais nos pode aproveitar, pela maior analogia e conformidade de circunstancias e condições.

Ahi está o Mexico, estragado por uma anarchia chronica, que nem Santa Anna nem Juarez, com o seu patriotismo e energia, poderão curar.

Quando morreo o ultimo, não sei quantos generaes rebeldes havia em campo, á disputarem-lhe o poder supremo, capitaneando cada um o seu exercito de partidistas, pagos por meio de contribuições forçadas.

Ahi está o Perú, cujo presidente foi ainda ha pouco assassinado, por traição do ministro da guerra, contra quem o povo teve de fazer justiça por suas mãos. Não lhe basta o flagello dos frequentes e tremendos terramotos. Os breves intervallos que lhe restão para reparar os estragos destes cataclysmas são tambem repartidos com a necessidade de restabelecer a ordem, á custa de grandes sacrificios.

Ahi está a Confederação Argentina, onde o rebelde Lopez Jordão ha annos campea victorioso, sem que o governo federal tenha força para submette-lo.

Ahi está o Uruguay, cuja historia é uma serie não interrompida de commoções e guerras intestinas, que tirão ao governo todo o tempo e recursos para desinvolver a prosperidade do paiz. Ainda não ha muito tempo que foi publica e escandalosamente assassinado o general Flores, que se achava investido do governo da republica, e o homem mais capaz de bem governa-la, nas actuaes circunstancias.

Ahi está a Bolivia, que tem á final passado por tantas crises e abalos! Melgarejo que tão bem ia exercendo o governo, creando para este paiz central novas vias de communicação e novos elementos de riqueza, nos seus tratados e relações amigaveis com o Brasil, Melgarejo é expulso por Morales, e Morales, assassinado, substituido por outro competidor.

Ahi está o Paraguay, á quem o Brasil ainda ha pouco quebrou os ferros do despotismo, e que tanto carecia de longa paz, para restabelecer-se do deploravel estado á que o reduzio a guerra de morte que comnosco sustentou por cinco annos; ahi está o infeliz Paraguay, digo, sendo victima da ambição e da anarchia.

A pequena republica transandina é a unica que goza de estabilidade e de paz, e que della se aproveita para o seu progresso e engrandecimento, isto, sem duvida, por alguma causa natural, dessas que difficilmente podem ser conhecidas e apreciadas. Entretanto,

é ainda tão breve o seu passado, que não pode servir de segurança ao futuro. Nas democracias puras, a ordem está sempre ameaçada e á mercê de qualquer ambicioso que interessar em perturba-la.

A rivalidade é mais outro elemento de desordem nas republicas federadas; e quem quizer saber á que ponto podem subir os odios suscitados pela emulação politica lêa Thucydides, para fazer uma ideia exacta da longa e encarniçada guerra do Peloponeso. Ahi verá o leitor todos os furores e todas as scenas sanguinolentas da revolução de 1789, sem uma causa nobre e grande que as fomentasse.

Ainda não houve republica democratica, de mais longa duração, excepto a helvetica, e aquellas cujo espirito dominante é o commercio, que não acabasse por horriveis despotismos. As dictaduras frequentes por que ellas passão, tanto provão a necessidade deste poder discrecionario, como denotão um vicio inherente á instituição. E que liberdade é essa que, para manter-se, carece de ser tutelada pelo despotismo?

Que tetrica e nefanda historia não offerecem as dictaduras, sejão temporarias ou perpetuas, legitimas ou usurpadas? Só os nomes de Sylla, Augusto, Lepido, Antonio, Francia, Lopez, Urquiza e do infame Rosas fazem estremecer os amigos da humanidade!

Nas monarchias mixtas, quando as circuns-

tancias o exigem, suspendem-se unicamente as garantias constitucionaes, todos os outros direitos se conservão e a justiça é distribuida, como em estado normal, pelas mesmas autoridades permanentes. Se ha abuso, fica sempre salvo o terrivel *jus vitæ et necis*, e são respeitados outros direitos menos importantes.

Se passarmos á pratica, direi que é precisa muita cegueira, para nos queixarmos de falta de liberdade, quando em nenhum paiz ella é mais ampla e real, por virtude da nossa admiravel constituição e por effeito da nossa indole e habitos. Em qual das republicas americanas se goza, não direi de mais, de tanta liberdade, como neste imperio tão mal visto dellas? Nos Estados-Unidos, que é o vosso modelo? Ahi vio-se o distincto Jefferson Davis ser arrastado de prisão em prisão, carregado de ferros, e neste estado responder ao processo que lhe formarão, caso que ainda entre nós se não deo. Ahi vio-se o congresso decretar as medidas mais violentas e injustas contra os vencidos, sob a influencia da paixão vencedora; e se não fosse a integridade e energia do grande cidadão e estadista que á esse tempo dirigia os destinos da União, o tremendo *Væ victis!* de Breno teria pesado sobre os Sulistas.

Nenhuma dellas se armou ainda para defender as nossas liberdades. Fomos nós, ao contrario, que ja por duas vezes emprehen-

demos a guerra para libertar a duas dellas do mais feroz despotismo e defender a outra. Pode a sua ingratidão, motivada pela desconfiança e a rivalidade, negar-nos esse grande serviço, porque a opinião publica universal nos fará a devida justiça.

Agora é chegada a vez de fazer algumas considerações sobre a grande republica norte-americana, que os nossos republicanos tomão por modelo.

Os Estados-Unidos passão ainda por uma transformação cujo resultado se não pode calcular, e nem a sua recente historia pode ser invocada para exemplo, por lhe faltar a sancção da experiencia, que só um longo passado pode autorisar.

Certamente, não é possivel deixar-se de admirar o espirito activo e summamente emprehendedor desse povo titanico, onde o progresso material vôa, não marcha, e que, só elle, seria capaz de transformar todo o mundo pela sua vigorosa iniciativa. Mas a falta absoluta, que nelle se nota, de outro elemento que sirva d'equilibrio á influencia popular, tão propensa á tyrannia, colloca-o em condição excepcional e precaria, de que não ha exemplo na historia dos governos republicanos.

Por outro lado, tão grande diversidade de raças, de linguas, de religiões, d' usos e costumes, tira-lhe esse caracter de unidade de que carecem as nacionalidades para se con-

solidarem. Em quanto a paz der expansão á actividade febril que o distingue, as cousas irão bem; mas, logo que appareção graves questões internas e que a paz se perturbe, a União correrá grande perigo, como o permitte julgar a formidavel commoção por que ella ainda ha pouco passou.

E no meio desta diversidade de interesses não é possivel que não sejão frequentes as collisões e os choques, que necessariamente trarão a guerra civil; e sebem que a energia e os grandes recursos da republica assegurem, até certo tempo, a sua integridade, o odio dos vencidos se irá accumulando e produzirá á final o retalhamento do colosso.

Mas, se o progresso material deste povo é objecto de geral admiração, outrotanto se não pode dizer da moralidade do seu caracter e de certas innovações introduzidas nos seus usos e costumes.

Ainda não ha muitos annos que ahi se vio organizar publicamente, primeira e segunda vez, uma expedição de aventureiros, para ir atacar uma possessão amiga, em plena paz, sem que o governo á isso se oppozesse: facto virgem e sem exemplo na historia dos povos civilisados!

Por cerca do mesmo tempo, um official da armada nacional concitava pela imprensa o espirito publico contra o Brasil, dizendo que o imperio brasileiro era uma nodoa no mappa geographico da America, e que á elles

cumpria lavar esta nodoa; que nós eramos uns barbaros, que elle appellidava de Japonezes, pois tinhamos fechado o Amazonas, quando, sendo este um mar interior, podia ser livremente navegado, independentemente de tratados e do nosso consentimento.

Ainda á ninguem esqueceo o attentado praticado no porto da Bahia por um vapor da marinha norte-americana, que, violando a nossa neutralidade, e á falsa fé, ahi apprehendeo de noite o vapor sulista Florida.

Á esse tempo, tambem a fragata Niagara tentou violar, no porto de Lisboa, o tempo de espera á que são obrigados os vasos de guerra de cada uma das partes belligerantes, depois da sahida de um navio da outra parte, em porto neutro.

Ora, uma grande nação, como é os Estados-Unidos, jamais devêra praticar nem consentir factos destes, flagrantemente contrarios ao direito das gentes. Um povo que abusa por este modo do seu poder deve inspirar aos outros e á si mesmo serios receios, pois, se elle não trepida em transgredir o direito publico internacional, menos o proprio e o privado.

Pelo que respeita aos seus usos e costumes, tem-se nelles introduzido certas liberdades que repugnão, por serem offensivas ás leis naturaes; tal é, por exemplo, a emancipação da mulher, a quem elles querem igualar ao homem, tanto nos direitos civis, como nos po-

liticos, roubando-a por este modo ao pudor, ao amor e á familia!

Este sacrilegio podem-no achar bom homens impensados, que applaudem tudo quanto é novidade, só porque satisfaz o espirito revolucionario, que os liberta do passado; mas, em verdade, não ha cousa mais repugnante nem mais capaz de relaxar o recato e respeito de que necessariamente carece o sexo amavel; para ser, a virgem desejada, a esposa respeitada, a mãi venerada e a rainha dos corações.

A mulher ja obteve, por influencia do christianismo, o mais que podia pretender da civilisação moderna, que era ser igualada ao homem em dignidade: o mais é delirar, é estragar a obra da natureza e de Deos, é profana-la, é roubar-lhe o verdadeiro valor.

Esta desenfreada liberdade yankee tende á fazer de tudo mercadoria, assignando um valor de cousa até aos sentimentos mais nobres do coração.

Assim, uma moça casadeira é objecto d'annuncios, convidando-se os pretendentes á irem ve-la, para se ajustarem!

Assim, um fabricante de pistolas compra á viuva de um suicida o direito de escrever sobre a campa deste um aviso, recommendando de preferencia, para os suicidios, o uso da pistola com que se matou o marido!

Assim, constantemente se exportão para os outros paizes panaceas para todo o genero de

molestias, que são verdadeiros perigos á confiança dos inexpertos, taes como, o *prompto allivio*, a celebre *salsa parrilha de Bristol* e a ainda mais celebre *salsa parrilha do Dr. Jacob Thousand*, de que eu ia sendo victima.

Esta má fé accusa seriamente a moralidade daquelle paiz, onde imperão a fraude e a impostura, e aonde acodem os Dulcamaras de todo o mundo, á fazerem fortuna, porque isto ahi lhes é mais facil do que em alguma outra parte.

Nenhuma prevenção tenho contra este povo duplamente d' irmãos, cujo genio activo e emprehendedor sou o primeiro á admirar; mas, em uma questão tão grave, como esta, em que o seu exemplo é invocado e elle citado como modelo, eu não podia eximir-me de apresentar o verso das suas grandes qualidades.

Ponho termo á questão, dizendo: Quaes são os vicios da monarchia, que fazem della uma má instituição? As suas grandes prerogativas e immunidades, que a tornão um poder perigoso? O cofre de graças, com que ella tenta e corrompe?

Mas, como quereis a responsabilidade do monarcha, se lhe negaes autoridade propria para governar, e se lhe dizeis, como para fazer-lhe conhecer o seu posto neutro na gestão governativa: O rei reina, não governa?

O cofre de graças tambem não é o monarcha que o tem á sua disposição, são os mi-

nistros; e se os homens são capazes de se deixarem corromper por ellas, então a culpa é delles, que preferem satisfazer a sua ambição e vaidade ao serem independentes e honrados, e neste caso tanto são elles os cortezãos de um rei como o serião de um presidente de republica, que tambem tem muito para dar e tentar.

Effectivamente, aquillo que attribuis á culpa voluntaria dos reis deveis attribui-lo á miseria dos homens, que trocão o respeito que devem á aquelles pela veneração que só deverão tributar á Divindade; veneração ainda maior do que a que rendem ao Ser Supremo, porque é manifestada por baixezas inauditas, que fazem com que os reis realmente se persuadão serem de origem divina.

Antes de fallar-se do poder pessoal, accusavão o Imperador de ter validos, que dizião serem os que governavão e de tudo dispunhão. Então, uma folha politica da epocha, defendendo o Imperador, allegava como prova em contrario que S. M. não tinha amigos, isto é, pessoas de quem fosse amigo! Assim são os aulicos; compromettem os soberanos, até quando julgão defende-los! De modo que ja é um principio de honra e de virtude nos soberanos não serem amigos de ninguem! E porque? porque descendem dos Deoses? Pois o soberano que não ama os seus subditos, e mais particularmente aquelles que se distinguem por suas virtudes e serviços, tam-

bem não está no caso de ser amado de nenhum delles.

Finalmente, se o mal está no cofre de graças, retirai-o e acabai com elle, vós que pregais a reforma e a julgais necessaria. Sêde porem certos que o mal continuaria da mesma maneira, porque o vicio está na nossa indole e habitos, que nos fazem naturalmente servis e dependentes.

Ninguem me tenha por adverso ás ideias democraticas. Não condemno o governo popular. O que impugno é a applicação delle indistinctamente, sem ter-se em conta a capacidade moral dos governados. Se eu fosse Norte-Americano ou Suisso, não quizera la ver a monarchia, pela mesma razão porque não desejo ver aqui instituida a republica.

Isto porem não me impede de ser o mais sincero defensor das liberdades publicas, como em toda a minha vida o tenho mostrado, apezar de obscura. Quero a liberdade para todos, e não só para uma classe de privilegiados; mas a liberdade bem entendida, que tenha por base ideias sans, não a perigosa demagogia, que tanto desacredita a causa dos povos!

Não ha cousa que mais careça de ideias praticas e positivas do que a arte de governar. Não é com theorias condemnadas pela experiencia que jamais se ha de fazer a felicidade delles. E pois contentemo-nos com a paz e liberdade de que gozamos, que certamente

não é a de Varsovia, para que não nos aconteça o mesmo que ás rans da Fabula.

MEDITAÇÃO XL.

Uma noite, eu havia adormecido com a alma prenhe de tristeza, e dormia, embalado pelo magico susurro do basto arvoredo que visinhava a minha suburbana morada. Era alta noite e a lua declinava para o seu occaso, onde breve desappareceria. Embora dormisse, o espirito velava, e eu sentia os odores agrestes, ouvia as auras nocturnas, e via a lua, a bella feiticeira, a socia querida de todos os sonhos d' alma.

Neste estado indefinivel, ouvi ou pareceome ouvir.... o que? meu Deos! quizera dizer... uma voz, e era, sim, uma voz, mas uma voz seraphica, que só as virgens de Sião farião ouvir nas festas augustas do grande templo. E essa voz cantava um romance, que certamente não era uma obra d' arte; era mais do que isso: uma inspiração divina, uma verdadeira *reverie*, para a qual só os Francezes acharão um termo tão bello como ella, unico capaz de a exprimir!

O meu peito arfava sob a pressão do mais exaltado sentimento. Partião-se-me as fibras d'alma, e eu acordei, balbuciando o nome de Lelia, essa creação prima do genio de uma mulher. Lelia! Lelia! só ella podia cantar assim!

Para onde quer que eu olhasse, parecia-me ver uma sombra vaporosa que me fugia. Interroguei os echos e os echos nada responderão.

Ja eu renunciava ao pensamento de Lelia, contentando-me que fosse ao menos uma joven a peregrina cantora, quando ouvi recomeçar a mesma trova. Era sem duvida alguma virgem que por ahi perto divertia as suas saudades, ou alguma mãi que adormentava os filhinhos. Nada havia de extraordinario, nem na voz e nem no canto; e comtudo eu sentia o que nunca senti, ouvindo a celebres cantoras.

Tive então occasião de certificar-me do effeito prodigioso da musica no nosso organismo, quando este se acha debaixo da influencia dominadora do somno! Que physiologista poderia dar a razão deste phenomeno? Não ha duvida que esse poderoso magico, á quem Shakspeare dirigio tão bellos versos, tem um philtro particular, um especifico, de que só elle sabe o segredo, para irritar a sensibilidade d'alma e predispo-la para fortes commoções, sob o imperio da divina melodia. Todo o systema nervoso labora, excitado por

um agente formidavel; o coração perde o seu isochronismo; as glandulas lacrimaes injectão-se; a alma soffre violentos choques electricos, e depois.... tudo o mais é indizivel.

Esta mesma exaltação, mas n' outras faculdades, sentião os corybantes e as bacchantes, quando celebravão os mysterios dos seus deoses e começavão á agitar-se aos sons dos tambores e dos cymbalos, meneando as ultimas o thyrso.

Oh! como esta voz suave de uma pobre mulher, que eu talvez n' outra occasião e n' outras circunstancias não teria apreciado, tinha agora a virtude de tocar-me tão intimamente, evocando-me todas as recordações que dormião n' alma, como as cinzas frias no fundo da cratera de um volcão! Seria ella um vago annuncio da posse de futuros gozos, no mundo das realidades, após os quaes a alma tanto neste suspira?

Deliciosa harmonia, angelicos concertos, vinde ainda uma vez bafejar-me a alma e derramar nella esse roscio balsamico que se desprende de vossas azas azues-celeste! Vinde, amphioneas melodias, revelar-me o segredo de vossa mystica sympathia com a alma!

Calou-se a voz melodiosa; e a virgem foi talvez sonhar com o amante querido que lhe arrancara tão sentidas endexas. Feliz! se na taça da juventude ainda lhe não houvesse cahido uma pequena gota do infortunio da vida!

Eu fiquei abysmado na mais profunda meditação, como insensivelmente acontece á aquelles que levão a vida á sonhar. A lua havia desapparecido, deixando um throno de nuvens accummulado no occidente. Começava á sentir-se a fresca e perfumada briza que precede a aurora, e eu não pude mais dormir.

Soube ao depois que a desconhecida cantora era uma joven viuva, que morava na visinhança, e que uma ou outra vez se divertia á cantar á horas em que outros ja dormião. Pobre moça! a quem eu havia desejado uma ventura completa! Como se a podesse haver para quem vive e chegou á idade da razão! Ja ella havia passado por um dos transes mais dolorosos que pode experimentar a creatura: ver extinguir-se um ser querido, sem lhe podermos valer!

Desejei conhece-la e tive logo favoravel occasião para isso. Morava ella n' uma pequena casa terrea, situada em logar aprazivel, onde cultivava um pequeno jardim, que fazia todas as suas delicias. Vivia só, muito recolhida e retirada, tendo por servente externa a uma mulher pobre da visinhança. Lembrei-me logo de Isaura, essa interessante menina da *Casa Branca*. Trajava ainda rigoroso luto. Era talvez mais engraçada do que bella; summamente sensivel e naturalmente pensativa; de uma gravidade e reserva glacial; de modo que era impossivel penetrar-lhe n'alma, alem

dos limites traçados por uma resolução inquebrantavel. Comtudo, pude convencer-me de que ella possuia uma alma de fino toque, talvez mais mimosa do que o permittia o trato rude do mundo.

Contei-lhe a impressão que me causara o seu canto, e devendo esta declaração lisongear-lhe a vaidade, achei-a insensivel á este vicio feminino; e como lhe manifestasse o desejo sincero de ouvi-la mais outras vezes, pronunciou ella esta fatal sentença, que me fez arrepender do meu inconsiderado pedido: Oh! Senhor, se isso realmente lhe interessava, porque m'o disse e o não guardou comsigo!

Isto queria dizer que eu não a ouviria mais; o que me deixou bastante pezaroso. Comtudo, achei traça para illudi-la, e nisto tambem ia o meu amor proprio. Pude ainda ouvi-la outravez; mas, ainda que muito me agradasse, ja o prazer era previsto e havia perdido a sua novidade.

Mudei-me depois d'ahi, e passados poucos annos, ja ninguem me soube dar mais noticia da minha interessante conhecida. Quem sabe? Talvez ja não existisse, coitada! e fosse encontrar no ceo o objecto querido das suas saudades.

MEDITAÇÃO XLI.

A alma humana é uma simples funcção vital, em que o pensamento é o principal agente, assim como nos brutos o é o instincto. Se ella fosse um espirito, como o dizeis, inspirado por Deos na creatura, seria certamente a potencia dominante, isto é, o principio de todos os actos do entendimento e da vontade; mas, como o contrario se observa, devo concluir que tal alma não existe e não passa de uma concepção arbitraria da nossa incuravel vaidade, tal como o ceo e a outra vida.

Se a alma fosse a origem do pensamento e da vontade, estas duas operações sempre estarião de accôrdo, porque não se pode conceber que a mesma causa produza simultaneamente effeitos contrarios.

Vós mesmos não sabeis como accommodar a alma no organismo humano, porque tudo quanto arriscais de positivo á tal respeito só serve para complicar mais as ques-

tões da sua existencia, da sua immaterialidade e do modo d'ella communicar-se com o corpo: ponto este sobre o qual ainda os mais insignes philosophos não tem dito senão cousas vans e absurdas. Admitti porem a fatalidade de todas as cousas, causas e effeitos; admitti a theoria materialista, isto é, que o pensamento e a vontade não são mais do que funcções vitaes, e todas essas questões desapparecem, como as trevas diante da luz.

Não quero discutir este assumpto, acompanhando-vos nos vossos refugios methaphysicos, onde facilmente escapais, enredando-vos a vós e aos vossos contrarios. Neste terreno sois como os Parthos e os Scythas da antiguidade. Vou fazer-vos certas observações praticas que convencem de que a alma é a vida manifestada em todo o seu desenvolvimento e perfeição.

Considerais-la um ser espiritual, que se propaga pela geração, e recebe de si mesmo toda a sua capacidade, independentemente dos sentidos, que apenas lhe servem de vehiculo para a percepção ou conhecimento dos objectos externos.

Mais então como ella se não manifesta pelas suas faculdades senão depois que os sentidos se tem desenvolvido e á proporção que elles se vão desenvolvendo? Como não é a mesma em todos os individuos, entre os quaes se nota a immensa distancia que vai

de um Botocudo para um homem civilisado, e de um homem vulgar para um homem de genio? O que faz ella n' um idiota, cuja intelligencia é ás vezes inferior á dos brutos? Como se embota e enfraquece nos caducos? Pois um ser tão sublime, que não é susceptivel de modificação, por isso mesmo que é um sopro da Divindade, tambem se gasta com o uso e o tempo? O que faz ella n'um individuo apparentemente morto, como um epileptico, um afogado ou um chlorophormisado?

Tudo isto prova que não ha em nós cousa alguma espiritual nem independente da materia, e que tudo o que constitue o organismo e a vida não é mais do que um complexo de causas e effeitos variaveis. Logo que esta maravilhosa machina se desarranja, cessa a vida e o homem fica reduzido á materia inerte, d' onde o tirou a natureza por uma acção necessaria ou fatal.

Ainda outra prova de que a alma não existe é que o raciocinio paralysa completamente durante o somno. Se a imaginação evoca, em virtude da associação das ideias, uma serie de pensamentos ou d' imagens, que adquirem uma vivacidade igual á das sensações reaes, e tem ás vezes a força necessaria para determinar a acção, como no somnambulismo, nada ahi é a obra do pensamento e da vontade, e nós não temos consciencia de cousa alguma do que se passa. Apparece-nos um

morto; representa-se-nos estar em uma cidade aonde nunca fomos, e a razão nos não diz que estas imagens são falsas. E tudo isto porque? Porque os sentidos se achão adormecidos e privados da sua acção sensitiva. Logo é esta a origem do pensamento e da vontade.

De outro modo, não é possivel explicar-se a inacção da alma durante o somno. Ou dar-se ha caso que a alma tambem durma, emquanto dormem os sentidos? Pois o espirito, que, por isso mesmo, deve ser sempre activo e vigilante, tambem está sujeito ás leis da materia, como é a inactividade e o somno? Então o que seria do celebre apophtegma do poeta grego, que, «*quando dormimos, o espirito vela?*»

Os vossos philosophos fazem uma verdadeira metaphysicada da psycologia, e quando discutem a séde da alma, tornão-se tão frivolos e pueris, que nem parecem grandes pensadores. Não sei como concebem elles que o espirito tenha uma séde fixa e unica e que ahi viva como prisioneiro, quando fôra mais conforme com o que delle se pensa que estivesse presente em todo o corpo, ora concentrando-se, ora diffundindo-se, como fosse sua vontade ou elle o julgasse necessario.

A grande contrariedade de opiniões em assumptos psycologicos faz concluir que esta materia offerece a mesma difficuldade que a invenção da pedra philosophal, da quadratura

do circulo e do movimento continuo. O certo é que, neste ponto da philosophia, ou antes, em tudo quanto pertence á methaphysica, nada se tem realmente adiantado, desde Aristoteles até os modernos sonhadores. Vem cada um delles, concebe a sua ficção e expõe-na ao publico. Este, que se compõe, na maxima parte, de ignorantes e de scepticos, acceita a novidade ou ao menos a admira, até chegar outro visionario que vem innovar as ideias recebidas.

É por isto que ja se quiz enxertar ou refundir o estudo da alma na physiologia; o que seria o mesmo que os psycologistas confessarem-se vencidos.

Ora, não é possivel admittir-se que, se a alma, como a imaginão, fosse uma realidade, o seu conhecimento e o das suas funcções resistisse impenetravel á investigação de tantos sabios, de modo que estes não assentassem em cousa alguma positiva nem certa.

A alma é pois, a sensação, a percepção e a intelligencia, e todos estes phenomenos qualidades proprias da natureza humana, como em certos animaes o é o grao eminente da visão, da audição e da olfação.

MEDITAÇÃO XLII.

Para provar-te que em nós existe o quer que seja immaterial, não discutirei comtigo as questões que proposeste, por offerecerem ellas difficuldades que a razão não pode penetrar nem resolver; mas, por minha vez, vou apresentar-te certas considerações que convencem de que não ha em nós só materia, mas tambem, e principalmente, espirito, verdadeira causa da razão, do pensamento e da vontade, á cujos actos elle imprime um modo tão distincto, que não é possivel confundi-los com outros quaesquer do nosso organismo.

Não tratarei da consciencia moral, faculdade solemne, pela qual o homem aprecia o bem e o mal e discerne o justo do injusto, a qual ja em si é um poderosissimo argumento da existencia e espiritualidade da alma, porque, digão os sensualistas o que quizerem, o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto, só pode ter a sua origem no que é essencialmente espiritual. Mas este assumpto

ja tem sido tantas vezes objecto das investigações psycologicas, que nada mais resta que dizer.

Vou portanto unicamente occupar-me do sentimento do amor, do extase, do enthusiasmo, da inspiração, da imaginação, do dom prophetico, da segunda vista, do amor do maravilhoso, do temor dos mortos, do prazer, da dor e outras affecções moraes.

O amor é um sentimento de necessidade, que nos attrahe para aquillo que desejamos e não possuimos. Relativamente ao sexo é que este sentimento se manifesta em toda a sua sublimidade e origem divina. Dominados do poderoso incentivo da concupiscencia, nós nos illudimos sobre o verdadeiro objecto á que aspiramos com tanto ardor e vehemencia. O que amamos tão apaixonadamente no homem e na mulher não é a forma carnal que representa um bello rosto e um corpo bem conformado; é a perfeição archetypa que creou tão admiravel obra; é a Deos, para o qual a alma constantemente é attrahida pelo desejo da immortalidade. Quando este sentimento se manifesta directamente, isento do desejo corporal, como acontece em certas naturezas privilegiadas, dá-se a contemplação e o extase, á que se seguem as visões e outros phenomenos mysticos.

A prova desta secreta vocação está na facilidade com que o ardor carnal se desvanece, logo depois de conseguido o fim dos

nossos desejos. Á esse ardor succede a saciedade; mas a alma, attrahida para o seu polo, vôa em busca de novos amores, no fim dos quaes repete-se sempre o mesmo desengano; e neste afan vive o homem, nutrindo sempre novos desejos e esperanças, até vir a morte realizar a posse do que, sem o saber, cobiçavamos nos objectos mundanos.

Pois acreditas que uma pouca de carne que hoje nos captiva, porque a reveste a mocidade e a belleza, mas que dentro em poucos annos estará reduzida á rugas e á outros signaes da velhice, e que ha de acabar pela putrefacção, possa ser o objecto real dos cultos do amor? Acreditas que, se em nós não houvesse um influxo da Divindade, a simples sensação physica fosse capaz de produzir em nós esse enleio sobrenatural de que ninguem é capaz de conceber uma ideia exacta, senão sentindo-o? O amor! o amor! Tirasse-o Deos do coração dos homens, que a vida não valêra o sacrificio de um só dia!

E porque é que os inspirados amão logo directamente a Deos e nelle empregão todo o seu amor? Porque elles nascerão virgens de corpo e alma, e a carne nelles não tem imperio, para distrahi-los do seu verdadeiro fim.

Tambem se prova a existencia da alma pela exaltação da faculdade sensitiva e pensante, quando nos achamos debaixo da pressão do enthusiasmo, da inspiração e da ima-

ginação; pressão tão forte, que acaba muitas vezes pelo desarranjo da razão. Este prodigio não pode ser o effeito nem da impressão nem da sensação, por ser elle puramente moral; d'onde se segue ser o effeito da excitação de uma causa sobrenatural que em nós actua por meios desconhecidos.

Não ha porem estado em que este admiravel phenomeno tanto se manifeste como na inspiração poetica e prophetica. Pessoa douta, que vira por vezes o celebre repentista Bocage improvisar, disse-me que fazia medo ve-lo nessas occasiões! Desfigurava-se-lhe o semblante; o suor corria-lhe em bagas pelo rosto, e era tão forte a pressão, que lhe era necessario firmar-se nas pessoas que o cercavão. Quando acabava, vacillavão-lhe os passos e o vate sentia-se prostrado. Igual pintura nos fazem os poetas das antigas sibyllas e pythonisas, quando proferião os seus oraculos (... *subito non vultus, non color unus, non comptæ mansere comæ; sed pectus anhelum, et rabie fera corda tument*, diz Virgilio, á respeito da sibylla de Cumas).

Em alguns poetas, talvez por uma particularidade do seu organismo, esta excitação conserva-se permanente e produz nelles essa especie de loucura que os torna hypocondricos e intrataveis: do que são exemplos notaveis, Byron, Chatterton, Hegesippo Moreau, Ymbert Galloix, e mais que todos o divino

autor da *Jerusalem Libertada*, cuja vida causa lastima e sensibilisa a todos!

E d'onde vem a intuição que tem os homens providenciaes do seu destino, senão da alma, por uma secreta revelação de Deos? Cesar embarcara-se para ir alcançar Pompeo na Macedonia. Sobrevem um temporal que ameaça submergir o fragil pinho. O piloto, aterrado, consulta ao futuro vencedor da Pharsalia sobre o que elle devêra fazer; e o homem destinado á trocar as fasces consulares pelo throno dos Cesares, pergunta-lhe tranquillo se elle não via que levava em sua companhia a Cesar e a sua fortuna? A mesma consciencia, a mesma confiança no seu destino, revelou por varias vezes o popular heroe de Marengo e Austerlitz, dizendo á uns, que a bala que o havia de matar ainda não estava fundida, e perguntando á outros se havia alguem tão bronco que não visse nelle um instrumento directo da Providencia, cujo destino ainda não estava cumprido?

Seguramente não acreditas no dom da prophecia? Mas, como explicar-se que tantas dellas se cumprissem em todo o rigor da lettra, como o mostra Roselly de Lorgues, fallando dos grandes prophetas? E por que sentidos adquirem estes o conhecimento do futuro, será pelos corporaes?

Tambem não acreditas no dom da segunda vista? Pois bem, eu vou contar-te um caso, acontecido comigo, que não sou nenhum rus-

tico, para deixar-me illudir grosseiramente, e nem tão pouco interesso em propagar erros e imposturas.

Quando eu era estudante, tive relações de amizade com um moço, somnambulo, de nome Graciano, filho da Parahyba. Aconteceo que, indo eu uma vez á cidade de . . . , uma legua distante daquella em que moravamos e onde eu o havia deixado, entrei por tarde em uma loja de livros, onde estava uma mulher, ao balcão, e um menino, de avental, abanando um fogareiro. Comprei as obras de lord Byron, traduzidas por Amedée-Pichot, na qual se notava uma bella estampa, representando a noiva de Abydos; e embarquei-me para voltar á casa, aonde cheguei ao anoitecer.

A primeira pessoa que encontrei, ao entrar, foi o sobredito moço, e antes que entrassemos n'outras conversas, contou elle que, estando á descançar, á tarde, e em estado de modorra, vira-m e entrar n' uma loja de livros, que elle descreveo perfeitamente, com as duas pessoas que la estavão, e disse tudo quanto comigo se passara, sem omittir a estampa que eu estivera á admirar e uns livros de capa encarnada, que eu tambem estivera á ver, e erão as obras da duqueza d' Abrantes.

Isto impressionou-me tanto, que fiquei com medo do revelante. O mesmo phenomeno repetio-se outras vezes depois, achando-me eu, n' uma dellas, em lugar ermo, onde só havia mato.

Poderás rir-te, mas eu sei que é verdade o que te digo. E pergunto-te, com que olhos via o vidente o que se passava longe delle, seria com os do corpo ?

O amor do maravilhoso indica que existe em nós uma cousa de igual natureza ao que é sobrenatural e desconhecido, para o qual a alma tende por uma especie de attracção. Este sentimento manifesta-se tão forte desde os nossos primeiros annos, que bem revela ser uma lei ou necessidade moral, para a qual nada contribuem os sentidos. É elle que reune os meninos em roda dos contadores, para lhes ouvirem historias d' almas do outro mundo, de phantasmas, de lobishomes, de bruxas, de fadas, de mãis d' agua, de princezas encantadas e outras de igual interesse; e é o mesmo que nos impelle para o espectaculo de cousas horriveis e medonhas.

Nós deixariamos de temer os mortos, se tivessemos certeza de que em nós nada sobrevive ao corpo. O que nos apavora, á vista de um morto, é a ideia de relação entre esta e a outra vida; é o presentimento desse futuro tenebroso que nos faz temer, pela incerteza do que elle será. E tal é o horror que os mortos nos causão, que, ainda fallecendo-nos a pessoa mais cara, desejamos logo desapressar-nos do cadaver.

Finalmente, o que é que nos transtorna tão subitamente o semblante, que nos faz enrubescer, descorar, desmaiar, e não poucas ve-

zes, succumbir de repente, ao recebermos inopinadamente uma noticia fausta ou infausta, que nos transporta de alegria ou nos esmaga de dor? É possivel que estas manifestações, que se operão com a presteza do raio, sejão o effeito de uma operação physica ou sensual, se em nós não houvesse um ser á parte da materia, cuja sensibilidade fosse susceptivel de exaltar-se ao ultimo ponto, com a mesma rapidez com que se conflagra a polvora ou se manifesta a electricidade?

Todos estes phenomenos maravilhosos deitão por terra a vossa philosophia empyrica ou sensualista, que tudo attribue aos sentidos, forrando-se á impossibilidade de explicar aquillo que se não pode explicar pela percepção, como tudo quanto pertence ao senso moral.

MEDITAÇÃO XLIII.

A cessação da republica romana era uma consequencia inevitavel do estado de anarchia em que ella laborava, depois que a ambição dos generaes a convertêra em estratocracia pessoal. O estabelecimento do imperio era pois uma necessidade, e uma medida de salvação, para que Roma podesse continuar á existir e á dominar. Imagine-se o contrario, e vejamos como accommodar as cousas, depois do assassinato de Cesar, de modo que ellas tornassem ao seu antigo estado. Seria possivel evitar-se a divisão do supremo mando que entre si fizerão os triumviros? É certo que Lepido era ahi demais pelo lado do valor individual; mas por isso mesmo tambem seria ahi de menos, pois que, sem esse contrapeso, não haveria equilibrio para a ambição dos dous collegas. Ou o triumvirato, emquanto Augusto e Antonio se não podessem devorar um ao outro, ou combaterem-se logo sem mais delonga nem espera. O sentimento

republicano ja era tão pouco popular, que, para sustenta-lo, foi preciso aos dous chefes sahirem occultos de Roma, e irem recrutar soldados nas provincias.

O mesmo reinado de Augusto prova a instante necessidade que havia de uma reforma radical na constituição organica do estado.

Nenhuma manifestação, nenhuma resistencia contra a nova ordem de cousas; uma satisfação geral, que faz de Augusto um deos *(deus nobis hæc otia fecit)* e do seu valido e ministro um protector, cortejado dos homens mais eminentes daquella epocha *(presidium et dulce decus meum)*.

Restabelecida a paz interna, cuidou Augusto de alargar e assegurar as fronteiras do imperio, dando-lhe limites naturaes. A velha monarchia dos Pharaós é uma nova presa da ambição romana; mas um revez assignalado adverte aos senhores do mundo de que os Barbaros não se conservavão estacionarios e que algum dia farião cahir sob as suas fachas d' armas o colossal imperio á elles conquistado. Os nomes, de Varo, Arminio e Teutberg, hão de sempre aguar as prosperidades do reinado de Augusto, como a morte as alegrias da vida.

Cada um dos imperadores que se seguirão ou se distinguio por novas conquistas ou ao menos manteve-se nas conquistas ja feitas; de modo que, até á morte de Trajano, novos paizes havião sido incorporados ao imperio,

taes como, a Bretanha, a Pannonia, a Dacia, a Armenia e a Mesoptamia.

Aqui porem estacionou a invasão e a conquista. A anarchia sobrevinda na eleição dos imperadores, á ponto de serem ao mesmo tempo acclamados trinta, conhecidos pelos *Trinta Tyrannos*, inaugura a epocha da decadencia do imperio, que á final é dividido entre os filhos de Theodosio.

Os principaes factos deste longo periodo de desmantelo, que comprehende duzentos e dous annos, são as frequentes invasões dos Barbaros nas terras do imperio; a creação de dous augustos e dous cesares, para mais facilmente poderem acodir ás necessidades da defesa; o titulo de cidadão romano concedido aos povos das provincias conquistadas; o christianismo feito religião do estado; a mudança da capital do imperio para Constantinopla, o recuamento das fronteiras, na Mesoptamia, na Armenia e na Dacia, e o estabelecimento dos Godos nas possessões do imperio.

Seguiremos de preferencia, neste esboço historico, a sorte do imperio do Occidente, que na partilha coube ao incapaz Honorio.

Alarico, vendo-se desapressado de Stilicão, que por varias vezes o repellira nas suas tentativas contra os dous imperios, lança-se sobre o Occidente, como presa certa, e Roma duas vezes cercada e resgatada, mediante enormes contribuições, é pela terceira levada de assalto e saqueada.

O cobarde Honorio, ao saber da approximação do barbaro, foge para Ravenna e faz della a capital do imperio. Roma, a cidade por excellencia, de cujo começo datavão os Romanos com orgulho os factos da sua historia, foi pela segunda vez despojada de ser a séde do imperio. Desde então o seu nome deixou de ser um objecto de temor e veneração para os Barbaros, e tornou-se o alvo de todas as suas cobiças e insultos.

Á este doloroso revez segue-se a invasão da Bretanha, da Gallia e da Hespanha, por uma torrente de Barbaros, que nenhuma resistencia encontrão e ahi se estabelecem á vontade.

O successor desta especie d' eunucho coroado, é outro parvo do mesmo jaez. Ambos elles se desfizerão, por frivola rivalidade e desconfiança, dos dous unicos homens capazes de os defenderem. Nem ao menos tiverão o merito que tem tido outros, de conhecerem a sua insufficiencia e de reinarem pelos talentos de um habil ministro ou general.

Foi no reinado de Valentiniano III que os Hunnos, capitaneados pelo formidavel Attila, dito o *Flagello de Deos*, se lanção sobre o Occidente. Repellido, na Gallia, pelas forças combinadas, dos Francos, Godos e Romanos, torna Attila á Italia e marcha sobre Roma, de cuja tomada desiste, mediante as supplicas do papa São Leão e o pingue resgate que se obriga á pagar-lhe o imperador: moeda com que os

reis fracos e corruptos comprão sempre a paz aos inimigos.

Quando porem se trata de Attila, o mais tremendo campeão da Barbaria, não é possivel deixar de esquecer-se com certo desprezo o filho de Placidia.

Attila e os seus Hunnos! o typo fiel da barbaria asiatica, que ainda hoje não foi possivel civilisar, naquelles que lhes succederão, e procedem da raça tartara, aclimatada na Europa. Como erão feios e medonhos esses guerreiros que moravão e dormião sobre as selas dos cavallos, dos quaes erão inseparaveis! Os proprios Barbaros fugião espavoridos ao ve-los! Nascidos na vida errante, faltava-lhes patria que os retivesse. Sua patria era a terra que o circulo infinito dos horizontes lhes mostrava, e a sua vida a conquista. Se de passagem encontravão outros Barbaros, tangião-nos diante de si e ahi estacionavão por algum tempo, emquanto desfructavão as riquezs conquistadas. Depois continuavão a sua eterna jornada.

Religião a não tinhão, pois não tinhão ideia de Deos; e comtudo o seu rustico chefe dizia ser elle o instrumento da vingança divina. Isto revela a consciencia innata que tem os homens providenciaes da sua missão no mundo. Por onde passa o meu cavallo, dizia o feroz Hunno, a herva não cresce mais; e por esta vangloria de Tartaro pode julgar-se da barbaria hunnica.

Um movimento geral de Barbaros se observa em todo o imperio e annuncia uma nova geração que tem de succeder aos degenerados Romanos. Entre esses Barbaros, distinguem-se sobretudo os Godos e os Francos, pelo grande imperio que fundarão sobre os despojos do Occidente, e pela parte principal que tiverão na obra da civilisação moderna.

Roma é novamente tomada e saqueada, durante quatorze dias, por Genserico, a quem o resentimento d'Eudoxia contra Petronio Maximo chamara á Italia, não pensando ella que tambem seria comprehendida entre os despojos que levou o rei vandalo para a Africa.

O ambicioso Recimer é quem agora impera de facto, depondo e fazendo os imperadores, como bem lhe convinha. Obriga Avito á despir-se da purpura, para empunhar o baculo episcopal. Eleva Majoriano; mas, vendo nelle mais um competidor do que um protegido, desfaz-se do bellicoso principe, por meio d'uma revolta, e dá-lhe por successores, primeiro, a Libio Severo, depois a Anthemio, de quem se faz genro, e finalmente, a Olybrio, que elle oppõe ao sogro e cuja causa esposa abertamente, marchando contra Roma, aonde entra e manda matar a Anthemio.

Esta audaciosa e impune rebellião de um subdito suggere-me uma observação que me parece digna de reparo, e vem á ser que, nos ultimos tempos do imperio, os talentos erão quasi o dote exclusivo de ministros e gene-

raes oriundos de Barbaros, de quem parece se servio a Providencia para mais exemplarmente punir a corrupção romana.

Para outro estudo deixo a continuação das agonias do imperio do Occidente, que bem proximo está do seu termo!

MEDITAÇÃO XLIV.

Uma das cousas em que hoje mais se falla, é na necessidade do casamento clerical; não porque seja uma ideia nova, mas porque satisfaz o espirito revolucionario do seculo, que tende á reformar pela sua base todas as instituições conhecidas, só pelo desejo de innovar e destruir tudo quanto pertence ao passado.

Não ha hoje quem não se julgue autorizado para resolver esta grave questão, no sentido de ser o casamento necessario, para a moralidade do clero. Cada um julga-se ser o feliz que atinou com este grande achado; e na exposição dos seus argumentos, nunca esquecem anedoctas escandalosas, em que figurão padres e frades, e considerações tiradas do imperio do vicio carnal. E com isto pensão dar prova de espiritos esclarecidos e livres, que acompanhão a marcha do progresso humano e não querem ficar estacionarios. Os de opinião contraria são uns retrogrados,

uns ultramontanos, incapazes de receberem o baptismo da civilisação e dos progressos da actualidade.

Ninguem porem se engane com estes *francs-penseurs*. Todos elles dizem que nisto vai o interesse da propria religião e da Igreja, que elles inculcão esposar, quando o certo é que só o espirito de impiedade e irreligião os faz assim pensar, salvas sempre excepções muito honrosas; porque, infelizmente, não ha erro, por mais deploravel que seja, que não tenha sectarios de boa fé. Inquirão-se esses homens do progresso sobre pontos de theologia e ver-se-á como em todos os seus juizos domina a incredulidade, o maldito *ver rongeur*, que é a causa de todos os delirios em que flagrão os cerebros escandecidos da moderna geração.

Dizem, por exemplo, que a moral evangelica é de uma excellencia incontestavel, mas negão a divindade de Christo, á quem apenas se dignão conceder as honras de philosopho; negão a existencia e immortalidade da alma, e só para evitarem o escandalo, dizem que existe Deos, sem que comtudo creião na Providencia; concluindo estes edificantes artigos de fé com dizerem que isto de religião é uma burla, que os governos sustentão unicamente como uma necessidade politica.

Sou um homem secular, não suspeito de ideias contrarias á boa razão e á verdadeira sciencia, porque francamente profligo a im-

postura e o abuso, quando os vejo de mixtura com as praticas santas, intimamente convencido de que a religião só pode manter-se com a verdade, tão pura e simples como a ensinou o seu divino instituidor. Desfigura-la com embustes e imposturas, com ritos profanos e idolatras, é conspirar contra ella, e dar azo á que os seus inimigos a combatão com apparencia de razão.

Quem assim pensa ja é um *pedreiro livre*, na linguagem dos que não *querem luz* (obscurantes, como os chamão os illuminados), e não pode ser havido por suspeito. E entretanto declaro que ainda não me foi possivel afazer as ouças á esta propaganda, que nada menos é do que uma grande immoralidade e inconveniencia, com que o jacobinismo pretende dar o seu *coup-de graçe* na religião, ja tão vacillante por outros factos. Pratique-se mais este attentado em nome das luzes do seculo, e fechem-se os templos, porque os povos perderão todo o respeito aos ministros do altar, em quem não verão mais do que uns sensualistas, tão escravos do vicio, como os outros homens.

Vejamos como argumentão os fautores da nova reforma.

Os padres, dizem, são homens, e o homem não pode ser superior á si mesmo, isto é, ás condições da humanidade. Se lhes negarem uma mulher legitima, com quem elles vivão em honesta união, necessariamente hão

de conceder-lhes uma barregan e po-los na contingencia de terem filhos illegitimos. O celibato do clero não é uma instituição divina e é demais contrario á lei natural.

Em tudo isto não vejo senão falsos juizos e sophismas.

Se a continencia e a castidade ja é em si uma grande virtude no estado secular, muito mais o é e muito mais apreciada se torna no estado ecclesiastico, por isso mesmo que este influe mais exemplarmente na moral, e é portanto mais obrigado ao sacrificio das paixões. Tal é a razão porque a Igreja, sanctificando o matrimonio no estado secular, o não permitte aos seus ministros, fundando-se para isto em varios textos da Escritura, cujo claro sentido só recusarão aquelles que, apezar de terem olhos, não quizerem ver, porque, a essa especie de cegos não ha luz que os allumie.

Ora, se Christo louvou indistinctamente a castidade, como uma virtude fora do commum, á que elle ligou certa ideia de santidade e de perfeição, fôra inconcludente suppor-se que elle a não julgasse mais recommendavel no sacerdocio, cujo santo ministerio requer ja em si a pratica continua de todas as virtudes.

A ideia de castidade em todos os que se dedicão ao serviço de Deos é demais um sentimento universal, e por conseguinte uma lei natural, como o attestão as vestaes, que os Romanos adoptarão á exemplo de outros povos,

as virgens do Sol entre os Peruvianos, e o celibato voluntario que se impunhão os inspirados, como, as sibyllas, as pythonisas, as prophetisas, e todos aquelles que cumprem uma missão augusta que receberão do ceo, taes como, a Virgem mãi de Deos, a virgem d'Orleans e todas as virgens martyres.

E tal era o sentimento de respeito e admiração que os proprios pagãos tinhão pela virgindade, que honrarão com ella a duas das suas principaes deosas, como, Minerva e Diana.

O proprio parlamento d'Inglaterra, apezar de ter decretado a reforma, reconheceo e declarou « Que fôra comtudo melhor que os ministros da Igreja vivessem castamente no celibato, sem serem á isso obrigados. »

A Igreja não condemna o casamento e a ninguem impõe o celibato, porque, senão tolera que os seus ministros sejão casados, a ninguem obriga á seguir o sacerdocio. Toda a questão está pois nisto: Quem não se sentir com vocação para o estado, ou por outra, quem não for capaz de fazer o sacrificio que elle exige não o siga.

É uma restricção igual á que soffrem outras classes. Em França, por exemplo, os militares não podem casar-se sem licença do governo, porque assim o requer o bem entendido interesse do estado.

Agora cumpre ver se a continencia dos padres é ou não humanamente possivel.

Dizer que não, seria o mesmo que calumniar a memoria de milhares de religiosos dos dous sexos que em outros tempos seguião a clausura e ahi vivião vida austera; seria calumniar a memoria de milhares de outros que, fora do claustro, se dedicavão ao serviço de Deos, na pratica de actos pios e asceticos.

Sem ser porem preciso irmos tão longe, remontando-nos á esses tempos de fé, que o illuminismo hoje chama epocha de ignorancia e beatice, basta o exemplo do que ainda hoje é o clero catholico em França, que goza da mais illibada fama. É possivel que ahi nem todos sejão castos; mas, se algum o não é, é comtudo *cautus*, e não se dá o escandalo, que é de tudo o peor.

O que seria tambem da reputação de muitas mulheres que morrem solteiras e virgens, porque não poderão casar-se?

Deste modo fica peremptoriamente respondido que a castidade não é uma virtude sobrenatural e superior á fraqueza humana. É tão possivel, como domar o orgulho pela humildade, a gula pela continencia, o odio pelo amor do proximo etc.. A impossibilidade da virtude só está no amor do vicio, com o qual facilmente condescendemos. Logo que fizermos sincero proposito de supera-lo, o triumpho será certo.

E se os padres se podessem casar, bastaria isto para prevenir o escandalo de terem elles relações com outras mulheres? Bastaria tanto

como aos seculares, pois n' um e n' outro estado a distancia do licito para o illicito seria a mesma.

E como prevenir o mal naquelles que se não quizessem casar? Só se o casamento ficasse sendo obrigatorio. Mas não seria isto uma violencia odiosa á respeito daquelles que não carecessem de tal medida para viver na castidade?

Os que impugnão o celibato clerical dizem que tanto não é elle de instituição divina, que, nos tres primeiros seculos da Igreja, os padres erão casados.

Dizer isto assim é alterar os factos, para que elles não possão ser bem apreciados e se chegue á uma falsa conclusão. É certo que naquelles tempos, em que a Igreja ainda não havia provido sobre o celibato dos padres, admittião-se á ordens individuos ja casados; mas é falso que algum destes continuasse á viver matrimonialmente, ou que alguem se casasse, depois de ordenado.

Alludindo ao facto do casamento anterior ás ordens, é que São Paulo, na sua carta á Tito, recommenda, entre outras qualidades, que o bispo seja marido de uma mulher que tenha filhos fieis, que não possão ser accusados de dissolução: passagem esta á que os matrimonialistas do clero tem querido dar uma interpretação falsa, como a de autorisar que os padres e bispos possão ser casados; quando a verdadeira interpretação é que aquelles que

fossem casados só podessem ser investidos do episcopado, tendo filhos como o diz o apostolo, ou não os tendo por caso natural. E tanto que arremata, dizendo que o bispo deve ser homem santo e temperante, o que certamente não condiz com a sensualidade matrimonial.

E tão falsa é semelhante interpretação, que, se assim fosse, isto é, se os bispos se podessem casar, depois de instituidos, seguir se-ia que elles deixarião de ser bispos, se por ventura tivessem a infelicidade de virem á ter filhos em condições oppostas aos preceitos do apostolo, porque diz este: « marido de uma mulher que *tenha* filhos fieis; » o que importaria uma verdadeira condição, cumprivel depois do facto do casamento, para elles continuarem á exercer as funcções episcopaes.

Resta-nos examinar a questão pela sua segunda face, mostrando o quanto a Igreja seria mal servida com ministros distrahidos do serviço espiritual, para se occuparem do temporal da familia, principalmente aquelles que fossem curas d'almas ou pastores de rebanhos espirituaes.

Um padre com mulher e filhos, e tudo o mais quanto d' ahi lhe proviesse, seria incontestavelmente um mao discipulo de Christo, porque necessariamente havia de dedicar ao interesse dos seus todo o cuidado e solicitude que devêra empregar no interesse dos outros.

D' ahi resultarião todos os cuidados, desgostos, contrariedades e azedumes que absorvem a vida do pai de familias, e o que é peor, a ambição, com todo o seu cortejo de vis paixões, a avareza, o egoismo, e por conseguinte a falta de caridade, que são os vicios mais condemnaveis que pode ter um sacerdote, por isso mesmo que são os mais oppostos á moral evangelica. E se não, que nos citem, entre os mais virtuosos pastores da religião reformada, um São Carlos Borrhomeo, um Las Casas, um Santo Ambrosio e um Frei Bartholomeo dos Martyres.

Qual seria o sacerdote, pai de familias, cujo zelo apostolico o fizesse abandonar a esta para ir pelo mundo, converter os idolatras e selvagens, e para dedicar-se exclusivamente ao amor do proximo, ao bem da humanidade, com absoluto desprezo e esquecimento de si, como, São Vicente de Paula, São João de Deos e os padres, L' Epée e Sicard ?

Que santidade e independencia terião os bispos, vendo-se elles obrigados á se fazerem homens politicos e cortezãos do poder civil, só com a mira em arranjarem convenientemente os filhos ?

A esposa do padre é a Igreja e a sua familia a humanidade; curar de uma é curar de outra; mas são tão multiplos e arduos os deveres deste duplo consorcio, que aquelle que se distrahir delles mentirá á Deos e aos homens. Será causa da perda do rebanho que

lhe foi confiado, consentindo que elle se transvie por maos caminhos, sem guarda que o defenda da voracidade dos lobos, e tornando-se tambem elle o lobo mais voraz.

« Se aquelle que se quizer dedicar ao meu serviço (disse o Divino Mestre) não estiver disposto á deixar, seu pai, sua mãi, sua esposa, seus filhos, seus irmãos e irmans, a propria vida emfim, esse não pode ser meu discipulo.»

Esta e outras identicas passagens da Escritura não permittem accumular-se a temporalidade da familia com a espiritualidade do sacerdocio; e pois força é renunciar a este sacrilego matrimonio, como contrario ao mandato apostolico.

MEDITAÇÃO XLV.

N' uma casa onde reinava a tristeza, debuxada em todos os semblantes, agonizava uma mulher ja idosa, que era o amor e o amparo de todos os que a assistião no seu leito de dor; e aquelles que a cercavão dizião blasphemias, sem o pensarem, exclamando—O que seria delles, se lhes faltasse a sua boa mãi e avó!

Neste estado, entra, como que furtiva, uma figura feminina, palida, descarnada, semblante baixo, repassado de piedade, passos lentos, como quem medita, e cabellos soltos. Quemquer que a visse, ao entrar, sentiria certo terror involuntario e quizera fugir, como de uma apparição sobrenatural; mas ella tinha o dom de só ser vista, quando, cumprida a sua missão, se retirava.

Approximou-se do leito da enferma, levoulhe os dedos ás palpebras, e para logo cessarão os gemidos e agonias, porque aquelle contacto tinha uma virtude de que só Deos sabia o segredo.

Indo de caminho, entrou a peregrina no albergue de um pobre operario, e chegando-se de uma innocente que ahi morria de frio e de fome, porque seu infeliz pai não achava em que empregar-se, logo lhe fez cessar o frio e a fome.

Entrou, adiante, em casa de um mancebo, adorado de seus pais, que, sendo favorecidos da fortuna, tinhão á respeito delle aureos projectos. Estava elle sentado á uma mesa, com a cabeça pousada entre as duas mãos, mostrando estar entregue á penosos pensamentos. Uma avultada perda recente, feita ao jogo, suggeria-lhe á aquella hora uma infamia, como unico meio de remir o seu credito. A peregrina, que lia nos corações e no futuro, condoeo-se do desventurado mancebo e de seus pais e libertou-o da infamia que elle meditava.

D'ahi passou á outra casa, onde vio uma linda moça que fazia as delicias de sua velha mãi. Tinha ella, por unico dote, belleza, candura e uma educação moral sem reparo. Um miseravel a seduzira com promessa de casamento, e ella achava-se gravida, sem o saber, docemente embalada com a esperança de breve se ver esposa, esperança fallaz que nunca se realizaria. A desconhecida olhou para ella com um ar de compaixão indizivel, e houve neste olhar um tal encanto, que a joven adormeceo, sorrindo-se.

Tudo estava remediado. Nem mais deshonra, nem mais decepção horrivel, nem mais fi-

lho desgraçado do amor, que a sociedade teria de repellir.

Ao sahir, entrou a caminheira n' um palacete ajardinado, diante do qual estavão duas carruagens, de libré, cavallos e lacaios. N' uma sala, luxuosamente adereçada, cuja atmosphera trescalava odores, via-se uma formosa dama, vestida com o mais aprimorado gosto, descuidosamente reclinada ao longo de um sofá. Rodeiavão-na varios cavalheiros, cada qual mais empenhado em aprazer-lhe, cujo amor ella provocava com mil maneiras estudadas, com mil gestos e garridices de que só certas mulheres tem a perigosa sciencia.

Era uma celebre cortezan da epocha, em cujos salões havia naufragado a honra e a fortuna de muitos jovens inexpertos, victimas costumeiras dessas sereias de nova especie. Mas esta mulher, que tantas fortunas consumira, nunca se lembrara do futuro, porque tudo o que lhe pagavão os seus tributarios era sacrificado ao luxo desmedido, de que essas mercadoras de amor fazem uma necessidade indispensavel, para satisfazerem a sua vaidade e manterem a illusão dos seus adoradores.

Não estava porem longe a baixa desta soberania do vicio, porque a rainha ja se acercava de certa idade que é a meta terminal das paixões violentas que suscitão as mulheres; e depois, em troca das suas liberalidades, a esmola escassa e humilhante, e dos

fofos colxões de mola, a dura enxerga de um hospital.

Sentio-se a cortezan ligeiramente incommodada e este horrivel futuro deixou de realizar-se.

Continuando a sua eterna jornada, entrou a caridosa vagabunda n' outra casa de bella apparencia, onde enfermava um homem gotoso, possuidor de grande fortuna adquirida pelo commercio. Á essa hora estava elle calculando os lucros que esperava tirar de certas especulações arriscadas, nas quaes compromettêra avultados fundos, que á essa mesma hora se perdião em sinistros maritimos. D' ahi seguir-se-lhe-ia a fallencia, e a fallencia para um commerciante opulento, que ja gozou de illimitado credito, é peor do que a morte. Mas o enfermo pegou n' um somno profundo, e desde logo estava livre da gota e da fallencia.

Agora é um palacio de reis aonde chega a visitante. O luxo era ahi magnificencia. Uma turba de cortezãos desfazia-se em lisonjas e baixezas para com o soberano, a quem incitavão para empregar medidas de rigor contra o povo e aquelles que o protegião nas suas justas pretenções. A consequencia disto seria uma revolução armada, em que o rei teria de perder o throno e a vida, ou ir acabar no desterro com toda a sua familia, depois de grande effusão de sangue dos seus subditos.

No outro dia o throno havia passado ao seu successor; o reino era governado por um regente, de ideias liberaes e moderadas, que, despedindo os lisongeiros, e attendendo as justas pretenções do povo, prevenio a revolução e todas as suas consequencias. E os cortezãos dizião á Sua Alteza que Deos lhe protegesse os preciosos dias, para gloria da patria e felicidade da nação.

Entrou mais a errabunda n' uma modesta casinha onde morava um poeta. Amava elle a uma moça com aquelle ardor e delirio que só os poetas sabem sentir. Nessa occasião fazia-lhe elle versos divinos e apaixonados, na firme convicção de ser ella a mulher mais bella, mais digna e mais rara que ja se vira. E ella era uma perdida, uma miseravel, que o trazia illudido, só pela vaidade de ser amada d'um homem de genio, que chamava sobre ella as attenções. Quando elle viesse á saber a verdade, seria um assassino e um suicida, e estas desgraças acarretarião outras.

Apoderou-se do mancebo um somno igual ao que produz o hachich; vierão-lhe imagens risonhas ao espirito e ao cabo desta doce embriaguez elle estava curado da sua fatal paixão.

Proseguio a peregrina na sua missão bemfazeja, e sempre com o mesmo resultado, ainda que por meios varios; mas, quando ella se retirava e era visivel, ouvia-se sempre um clamor de choros e alaridos, de pragas e con-

juros, como de quem vira um phantasma sinistro, um monstro medonho, que ahi viera trazer a consternação e o luto; e no excesso do seu erro ou da sua ingratidão, dizião os presentes que tinhão visto um espectro pavoroso, igual ao esqueleto humano, e que trazia empunhada uma fouce para ferir e matar.

Assim são os homens. Maldizem muitas vezes a quem lhes faz o beneficio e ainda em cima calumnião o bemfeitor! Sabeis quem era essa pallida figura, que dia e noite não descançava, na pratica de tão boas obras? Era o anjo da morte, de quem os homens tanto se temem e a quem representão com tão horrida forma!

MEDITAÇÃO XLVI.

Creio ter dado do nosso estado politico e moral uma ideia essencialmente verdadeira; e este desprazivel trabalho emprehendi-o eu, persuadido de cumprir um dever de bom cidadão, despertando os animos amortecidos da inacção e indifferença de que se mostrão possuidos, quando tantos males nos opprimem e outros, ainda maiores, ameação opprimir-nos no futuro.

No numero daquelles para quem escrevi estas paginas, tão dolorosas! excusado é dizer que não se comprehendem esses homens *carpideiras*, habituados á se aviltarem, recebendo do governo o soldo duplamente vil, que este rouba ao erario para comprar-lhes o apoio e os louvores.

Estes miseraveis tem feito uma tal sciencia do sophisma e do descaramento, que não ha impor-lhes silencio. Atirão-se contra a razão, a verdade e a justiça, com a desenvoltura de uma cantoneira ou marafona de praça publi-

ca, e aquellas augustas imagens enrubescem de pejo e curvão, mudas, as frontes !

Ainda nenhum ministerio affrontou tanto a opinião publica de um paiz, como o que actualmente nos rege. Levanta dentro a gravissima questão religiosa, cujo paradeiro ainda ninguem sabe qual seja, apezar da iniqua e criminosa condemnação dos bispos; conspira abertamente contra a religião do Estado; trabalha para introduzir-lhe sacrilegas reformas; falta aos deveres de lealdade para com outros povos; quebranta a honra nacional nas suas relações com a Confederação Argentina; converte em debito publico debitos particulares; despende milhares de contos de reis sem estar autorizado; expede avisos á um alto funccionario, accusado de grave culpa, pedindo-lhe que lhe dê informações para podelo defender; declara em pleno senado que o não mandou responsabilisar, por ter elle acabado de prestar um importante serviço ao estado; confessa na mesma camara que paga os seus satellites e albanezes á custa dos cofres publicos; impõe-se á nação, que o repelle, porque diz que tem a confiança da corôa; e sendo accusado por uma voz, isolada, perante a representação nacional, quando muito *desce* á dizer « que, tendo a consciencia tranquilla do bem que tem feito, dos importantes serviços que ha prestado e da honra com que se tem havido, não se incommoda com o que delle diz a insignifican-

te minoria que o accusa por despeito e capricho ! »

E quando penso que esta omnipotencia do governo se exerce sem a força das bayonetas, sem effusão de sangue, sem cadafalsos, sem patibulos, sem confiscos, sem torturas, sem carceres nem masmorras, mas só pelos pacificos meios da corrupção; quando penso que o povo, propriamente dito, olha para tudo isto com indifferença e que, nem ao menos, tem a dignidade de queixar-se, não posso deixar de concluir que este povo está incuravelmente estragado e que não é digno das instituições de que goza, porque seria incapaz do minimo sacrificio para defende-las contra a effectiva oppressão.

A nação brasileira só consta de uma classe, que é a elegivel para os cargos de representação nacional, e ainda esta classe só fica restringida aos effectivamente eleitos; mas, se estes (fallo particularmente dos representantes do povo) se vendem ao governo, segue-se que a nação brasileira só é o governo e o Poder Moderador (e felizmente não é só o governo !) Tudo o mais é completamente passivo e indifferente.

Que remedio se pode esperar para este estado de cousas ? O remedio está no corpo legislativo e sobretudo na camara dos deputados, de quem principalmente é a culpa e dimana todo o mal.

Assuma ella a sua independencia, emancipe-

se da servidão em que voluntariamente se poz, mostre-se severa nas suas relações constitucionaes com o poder executivo, faça effectivos os orçamentos, não consinta no roubo e desbarato dos dinheiros do estado, trate de consolidar o credito publico, por meio da mais rigorosa economia, allivie a nação de tantos impostos que obstão ao desenvolvimento da sua prosperidade e riqueza, decrete a accusação dos ministros e conselheiros d' Estado que prevaricarem, constitua-se, emfim, em dictadura, como a Convenção franceza, se tanto fôr preciso, e necessariamente tudo mudará de face.

Mas pode esperar-se que a camara dos deputados assim proceda? Não; antes ha certeza de que o não fará, porque ja está muito acostumada ás doçuras da corrupção!

Ahi só ha egoistas e tartufos, salvo uma mingoada minoria, cuja opposição só serve para mais estreitar os laços de amizade entre os feirantes. A questão não é de principios, porque, depois do dominio da immortal *Liga*, ninguem mais se embaraça com elles; é unicamente de interesses e de factos, e resume-se no confortavel *Do, ut des.*

Se se falla em crise ministerial, todos estremecem, na incerteza, sem saber como se hão de haver, até que um, mais fino e atilado, contando ao certo com o apoio da sua moção, porque, adoptada ella, cessará a crise, propõe um voto de confiança ao governo,

e todos, jubilosos, se dão as mãos, como pessoas escapas de grande e imminente perigo.

Mas então que remedio se poderá dar á tudo isto, será a revolução? E quem a fará? o povo, indifferente ao que se passa, e que é incapaz dos necessarios sacrificios para batalhar uma causa contra os recursos do poder constituido? Ninguem o espere.

Demais, não ha revolução que regenere, quando aquelles que a fazem estão contaminados dos mesmos vicios. Quando o povo empunha as armas deve primeiro lustrar-se. Fazer do Baixo-Imperio uma Sparta seria cousa impossivel.

O remedio portanto só pode vir-nos de uma grande reforma na educação do povo, não essa reforma de artigos de gazeta e conferencias, com que cada um só tem em mira recommendar-se a si, indo no dia seguinte fazer ostentação daquillo que servilmente leo na vespera ou pôde formular com o que colligio em obras conhecidas, sem se importar de saber se as doutrinas expendidas podem, no presente estado, nos ser adaptadas.

A principal e verdadeira reforma de que carecemos não é a do ensino escholar, humanitario nem universitario; é a de crear para a grande massa da nação a educação industrial e artistica, que transforme os seus habitos e costumes, que inspire ao povo o amor das

artes e officios, que gere a competencia nos inventos e descobertas, que faça do povo brasileiro um contribuinte do bem geral e commum, e mais que tudo, que o faça independente, proporcionando-lhe faceis e seguros meios de vida, até poder aspirar á opulencia, pelo unico esforço do seu trabalho e industria.

Quaesquer reformas que não tendão á estes fins serão inuteis e improficuas. A que se pretende introduzir na educação litteraria, quando, muito faria do povo brasileiro uma nação de grammaticos, de philologos, de rhetoricos e de pedantes, com o que só lucraria a controversia; e a geração com ella educada seria mais uma praga para o paiz, porque só ficaria habilitada para viver das lettras e de empregos publicos. Nenhum desenvolvimento real e positivo; nenhum augmento da riqueza particular nem publica; nenhuma reforma nos habitos e meios de vida; a mesma dependencia das classes; os mesmos vicios, emfim.

Ja eu disse algures que nenhum povo tinha menos talento para a iniciativa do que o brasileiro: tudo aqui se reduz á macaquear e á imitar mal. Temos nesta provincia um estabelecimento de educação para os meninos pobres e desvalidos, chamado *Casa dos Educandos Artifices*, para o qual não ha elogios nem admirações bastantes, entretanto que, posta de parte a educação moral, elle

para nada presta, sendo aliás tão oneroso á provincia!

As artes e officios que ahi se aprendem são esses de que abunda todo o paiz, como os de, sapateiro, marcineiro, pedreiro, ferreiro, serralheiro, etc.; de modo que, quando de la sahem os meninos, quasi que nem tem de que viver, pela abundancia dos que exercem esses officios, e por isso vão todos ser musicos, e maus musicos, com o pouco que aprenderão para compor a banda militar que tem o estabelecimento.

Se o governo soubesse aproveitar o que gasta com os educandos supranumerarios e com mandar moços, amparados por suas familias, estudar direito, medicina, methodos de ensino e com outros patronatos e escandalos em que se vai o suor do povo, poderia com esta economia mandar contratar, em paizes estrangeiros, habeis mestres de industrias, entre nós não vulgares, e com elles crear alli escholas que servissem de maior utilidade tanto aos educandos como ao paiz.

O certo é que, sendo o Brasil um verdadeiro emporio de productos naturaes de toda a especie, e devendo por isso ser um paiz de grande industria, é não obstante o paiz de menos industria conhecido e em que a vida do povo é mais precaria, salvo os recursos naturaes da caça, da pesca e das fructas sylvestres.

O que é que faz da França a nação de mais

riqueza real, como agora o mostrou, com pasmo de todo o mundo, pagando em tão pouco tempo, sem vexames nem maiores sacrificios, sem recorrer á emprestimos estrangeiros nem á emissão de titulos de credito, a enormissima contribuição de guerra que lhe lançou a Prussia? A sua prodigiosa e admiravel industria, á qual pagão oneroso tributo todas as outras nações, e que permitte aos Francezes dizer com orgulho « *Nos riches riens.* »

É tambem esta a razão porque em nenhum outro povo está a riqueza tão bem distribuida; d' onde provem não soffrer ella o tremendo pauperismo que afflige a outras e que ja se vai manifestando no grande colosso norte-americano.

Ja leo Hippeau sobre a instrucção publica nos Estados-Unidos? Ha muitos hoje que entre nós fazem esta pergunta (e muitos mesmo sem terem conhecimento daquelle bicharoco). O interrogado, sorprendido, fita os olhos no interrogante, que se conserva de boca aberta e olhos arregalados, e não sabe o que responda; mas o interlocutor o tira deste embaraço, proseguindo: Oh! aquillo é que é povo! á ninguem é permittido ser ignorante; todos são sabios ou ao menos instruidos!

Mas agora, se por sua vez lhe perguntasse o outro—E porque isso acontece nos Estados-Unidos? elle não saberia atinar com a verdadeira causa, e attribui-lo-ia á um dom especial

daquelle povo para cuidar da sua instrucção, o que não honraria muito a sabedoria do pensador.

O povo é ahi geralmente instruido e o ensino publico tão bem regulado, porque, com o genio iniciador e activo que lhe é proprio, elle carece natural e necessariamente de aprender e estudar para applicar o que aprende ao que concebe, para adiantar o que ja é conhecido e ir sempre por diante, na investigação dos conhecimentos humanos.

A civilisação de um povo e o seu progresso depende do equilibrio das suas aspirações e dos seus conhecimentos. Cuidar só de instrui-lo com preceitos e regras escholares, com o ensino das bellas-lettras e as disciplinas academicas, sem ensinar-lhe aquillo de que depende o seu bem estar positivo, abrindo-lhe cursos de sciencias naturaes, onde elle aprenda e se familiarise com os segredos da natureza, de mathematicas applicadas, de agricultura pratica, por meio de fazendas modelos, e finalmente escholas de artes e officios, é ter uma ideia falsa das cousas e commetter um erro grosseiro, em desabono do governo que assim procede.

É por isto que, sendo os Brasileiros geralmente intelligentes e desejosos de saber, são tambem em geral tão ignorantes, apezar de tão presumidos de tudo! A maioria delles não passa de saber ler e escrever mal e de ler gazetas pouco ou nada instructivas e alguns

romances. Os proprios homens de lettras mostrão-se ás vezes ignorantes de cousas que n' outros paizes não lhes serião relevadas.

E quando chegará a epocha da regeneração tão desejada? Só muito tempo depois que o povo for assim educado.

Fique pois certo o povo brasileiro que essa reforma da instrucção com que hoje o embalão em cousa alguma lhe será util e em nada fará melhorar a sua sorte; e para fallar com toda a franqueza, o apparato e ostentação com que nisso se procede é mais uma immoralidade mal disfarçada. Esses que por ahi andão á fazer discursos e conferencias, á solicitar donativos para escholas, á fallar de escholas nocturnas, que o povo na sua meia lingua chama *necturnas*, esses o que querem é apadrinhar pretenções interesseiras, são titulos e commendas, é inculcarem-se por amigos do povo e das lettras, quando em tudo isto é o povo o que menos lhes interessa; e o mesmo povo, tão incapaz de conhecer as cousas! á servir de figurante de theatro nestas farças ridiculas, attrahido e chamado por aquelles mesmos que delle zombão!

Ao Brazil coube uma má infancia, isto é, ser educado por uma sociedade ja decadente e corrompida. Sem uma reacção energica e propriamente sua contra as más ideias que lhe vem de fora, não lhe será possivel uma completa regeneração; e disto convenci-me eu ainda ha pouco, vendo que um illustre

conselheiro, em uma de suas conferencias dissera « Que o christianismo havia prostituido a mulher! »

MEDITAÇÃO XLVII.

O espirito innovador, por de mais livre e essencialmente mercantil, da raça yankee tenta operar reformas sociaes inteiramente contrarias ás leis da natureza, tal como a emancipação da mulher, a quem se pretende roubar aos encargos da familia e á obediencia do pai e do marido, para faze-la cidadan, habil para todos os officios publicos e todos os generos de vida. Não bastavão ja os delirios do communismo; era necessario mais este para transtornar toda a moral e a politica!

Fazer a mulher *sui juris*, fôra a maior desordem que se poderia introduzir na sociedade! Que ella fosse libertada da escravidão em que vivia; que deixasse de ser um simples objecto de regalo brutal para o tyranno que a possuia; que fosse igualada em dignidade ao homem, isto era justo, e esta justiça ella a obteve perante a sociedade christan, onde todos os respeitos e homenagens lhe são tributadas, ja como rainha da belleza, ja como

o primeiro encanto da vida, ja como a creatura veneranda á quem todos devem o ser.

Ultrapassar porem estes limites; destruir para com ella a sugeição paterna e marital, ou a tutela necessaria para preserva-la das consequencias da sua fragilidade, e para que os estranhos a respeitem; faze-la arbitra das suas acções; reguladora da sua conducta; franquear-lhe todos os meios e generos de vida; deixar-lhe livre a escolha delles; tira-la do interior da casa e do recato da familia, para confundi-la indistinctamente com os homens, no turbilhão das praças e das ruas e na pratica de todas as profissões e industrias, é contrariar as leis divinas; é desmoraliza-la; é devassa-la em todos os seus pudores; é rouba-la á imaginação do homem, ao desejo febril da paixão, ao amor da familia, ao regime da casa; é mata-la, emfim, destruindo-a pela sua base moral.

Uma mulher, cura d' almas, bispo, medico, cirurgião, advogado, general, almirante, magistrado, representante da nação, ministro d' estado, professor publico, jurado, votante, eleitor etc., seria uma monstruosidade e uma caricatura social. E o que ficarião sendo os homens? Passarião á substitui-las no interior das casas, como acontece aos selvagens, que, quando parem as mulheres, recolhem-se, á ter por ellas o resguardo do parto?

Homens sacrilegos, que entendem dever

corrigir a obra de Deos, cuja sabedoria tudo adaptou para os seus fins!

Porque fez elle a mulher mais fraca do que o homem, senão para sugeita-la á este? Porque a fez menos apta para os varios misteres da vida em geral, e deo-lhe uma intelligencia menos vigorosa, senão porque elle a não destinou para os encargos externos da casa, mas unicamente para os doces cuidados da familia? Porque, ao contrario, deo-lhe uma alma mais branda e sensivel, senão por isso mesmo que elle a destinou para uma missão mais piedosa na vida? Porque a fez tão timida e pudica, senão para ella viver recatada e fora do trato frequente dos homens estranhos á familia?

E os homens querem violar estas sabias leis da natureza, suppondo corrigir um erro social! E á tal auge tem chegado o positivismo ou o mercantilismo desses homens, que ja se lêem em jornaes norte-americanos annuncios, como este: «Na rua.... quarteirão.... casa.... (todas estas indicações são feitas por numeros, para estarem de accôrdo com o espirito nacional) ha uma moça para casar, possuindo tanto de dote, nestes e naquelles bens.»

Publicado o annuncio, apresentão-se os pretendentes, que vão ver a casadeira, como se vai ver uma mercadoria, não para saberem se ella é de boa familia, se é feia ou bonita, se tem boa ou má indole, se é bem ou mal

educada, mas para certificarem-se dos seus teres, por meio da exhibição dos titulos; e entre os pretendentes, concorrem moços, velhos, tortos, aleijados, guapos mancebos e asquerosos besuntões!

Que abominação, meu Deos! Quererem fazer objecto de vil commercio o sentimento mais bello, mais nobre e mais delicioso do coração humano! Depois de ver-se isto, nada mais resta á ver na ordem dos desacatos á moral e á natureza. Se os maridos annunciarem a venda da honra de suas mulheres, e os pais pobres a das filhas sem dote, como se pratica entre povos barbaros, não haverá que estranhar. Só peço á Deos que livre o meu paiz do contagio de taes ideias!

Esta pratica tende á desnudar a mulher e á rasgar esse veo mystico atravez do qual ella deve ser vista, para exercer todo o seu encanto e poder. Se ella reflectir nas consequencias desta liberdade fatal, será a primeira á recusa-la. Gozar della, fôra a sua segunda queda, e para esta não haveria redempção. Os lirios brancos da sua capella de virgem murcharião crestados. Desappareceria o anjo, para dar lugar á impudente frequentadora das ruas; e a rainha dos corações veria descravarem-se-lhe todas as gemmas da sua corôa de dona.

A joia mais preciosa com que Deos enriqueceo a mulher foi o pudor, pois que sem elle a mais bella nada vale, qual a rosa, que,

aberta hontem, ja hoje está descorada, como indicio das lascivias á que se tem prestado.

Despoetize-se a mulher; fação-na encontradiça; abrão-se-lhe as salas de anatomia e os gymnasios; fação della uma sparciata, educada á moda yankee, e diga se á imaginação, diga-se á poesia, diga-se á musica, diga-se á tudo quanto faz parte do bello ideial: Nada mais tendes que fazer na terra. Os homens banirão-vos. Aqui não ha mais amor. Tornai ao ceo d'onde viestes, até que Deos vos mande á uma nova geração, mais digna dos seus favores.

Tal é a consequencia desta impiedade social, filha da impiedade religiosa. Positivismo e ouro, eis a sua moral, o seu credo, o seu Deos. *Comedamus et bibamus, cras enim moriemur.*

MEDITAÇÃO XLVIII.

O estudo do mundo physico e externo tem por tal forma occupado o homem nestes dous ultimos seculos, que elle esqueceo-se absolutamente do estudo de si mesmo, e abandonou o exame das suas faculdades, dom inapreciavel sem o qual elle não poderia dar um passo na indagação das verdades que tanto o preoccupão. Este esquecimento do mundo intimo, que é o verdadeiro caminho para a intelligencia chegar ao conhecimento e amor de Deos, tem infelizmente produzido nas ultimas gerações um resultado fatal, que é a tendencia para as reformas violentas, para as innovações arriscadas, para um conflicto permanente com toda a actualidade, e para o relaxamento de todos os laços tradicionaes do passado.

Desvanecidos por terem iniciado o conhecimento desse mundo infinito de causas e effeitos, chamado natureza, não sei por que logico caminho chegarão os modernos investigadores á concluir que nada existe no mun-

do que não seja combinação da materia, e possuidos da ideia de que Deos é um nome vão, revoltarão-se contra a sua passada credulidade, e parece quererem realizar a guerra fabulosa dos gigantes contra os deoses.

Por mais que eu queira comprehender a razão porque os modernos inventos e descobertas tem conduzido os homens ao atheismo, não me é possivel. Mais inconsequente não fôra um cego de nascença ou um paralytico, que, ao recobrarem, a vista, a sensibilidade e o movimento, gritassem: Não existe Deos!

A natureza, na sua forma visivel, mostra-se ao observador de modos tão varios e complicados, que não é possivel segui-la nas suas multiplas e successivas operações; mas, ainda que a sabedoria humana conseguisse algum dia descobrir-lhe o fio dos seus mysterios e por elle remontar-se ás causas efficientes, nunca conseguiria fazer-lhe quebrar o encanto, como se fez a Proteo, porque atraz dessas causas acharia o eterno problema da causa primaria, assim como aquelle que, vendo um bello machinismo, de autor desconhecido, ficasse sempre ignorando quem elle era.

Entretanto, o certo é que a incredulidade é geral, e pode-se até dizer que é um ponto de fé deste seculo de rebellião contra a fé. Sabemos de mais, dizem os loucos, para não crermos senão naquillo que podemos conhecer pela observação e o calculo, aquillo que

é positivo e real: tudo o mais é ficção, devida á fraqueza e á ignorancia! E é tão grande a indifferença por tudo quanto respeita á religião, que mais valera aboli-la, porque ao menos se pouparia o escandalo de a ter o estado unicamente como instituição politica, que mais serve para objecto de zombaria do que de veneração.

Mas este grave mal não teria invadido a grande massa do povo, e esta permaneceria fiel á sua antiga crença, se não fosse o escandalo constante dos proprios ministros da Igreja, que são os que mais contribuem na actualidade para este descalabro da fé.

Nunca a religião careceo tanto de ministros dedicados e possuidos do verdadeiro espirito evangelico, como agora que ella é seriamente ameaçada pelas ideias revolucionarias. No presente estado das cousas, não é mais possivel confundir-se a religião com a impostura, nem a linguagem da verdade com a do bonzo ignorante e interesseiro, que procura intimidar os animos com ridiculos temores, e previne-se em condemnar tudo quanto é o fructo das modernas investigações.

Entre o verdadeiro progresso e a Igreja não ha antagonismo senão o creado pela impiedade e a intolerancia. Portanto, o melhor meio que se pode empregar em defesa da religião é, abraçar esta os progressos da verdadeira sciencia, ensinar a verdade evangelica na sua simplicidade e pureza primitiva, e

empregar para este fim um clero illustrado, possuido do amor da sua missão, tolerante e de uma vida exemplar.

Ao revez porem disto, o clero catholico, em geral, quando não pecca por ignorancia, e falta de vocação, mostra-se intolerante e reaccionario, só dedicado ao seu bem estar, de costumes reprehensiveis, e de uma avareza e falta de caridade, que o tornão odioso e desprezado.

De todos estes vicios, nada escandaliza tanto como a cupidez do ouro e o desamor do proximo! isto da parte de ministros de uma religião, cujo divino instituidor deo o incomparavel exemplo do seu desapego aos bens terrenos e do seu profundo amor para com todos os homens! Como pode edificar aquelle cuja vida for um desmentido flagrante ás santas doutrinas que elle prega, quando para o bem não bastão cem exemplos, e para o mal um só exemplo é de mais?

É verdade que, para isto, talvez mais tenha contribuido o Estado do que os padres, pelo abandono que o poder civil tem feito de tudo quanto pertence á Igreja e ao culto, e sobretudo pela indifferença que mostra na educação do clero e na eleição dos bispos.

O que entre nós se observa é que o sacerdocio é mais um meio de vida para certa classe do que uma missão evangelica. A religião não é mais hoje do que uma antiga usança, que o Estado ainda mantem por certo respei-

to que inspira a santidade da sua moral, ou uma medida de conveniencia que a politica aconselha.

Costuma-se citar em favor da religião o pensamento de Voltaire: *Se Deos não existisse, fôra preciso imagina-lo.* E quanto á mim este dito, alem de ser uma grande impiedade, abalou profundamente o dogma fundamental da Igreja, aos olhos do maximo numero daquelles que são incapazes de pensar por si e vêem naquelle enunciado uma negação indirecta da Divindade e a religião convertida n'uma especulação social.

A respeito de verdades, como aquella, não é licito figurar hypotheses negativas. Pode-se, por exemplo, dizer—Se o sol não existisse, porque, sendo elle uma realidade visivel, tal hypothese á ninguem pode fazer duvidar que elle exista. Outrotanto porem não acontece com as verdades theologicas e metaphysicas, por mais respeitaveis e inconcussas que ellas sejão, por isso que, só se revelando ellas pela razão e o sentimento, nem todos são capazes de as conhecer, e a menor duvida arriscada pode abalar a fé, senão destruila, com grande prejuizo do individuo e do Estado.

Á nenhum homem intelligente é licito fallar de Deos senão como uma verdade dogmatica, inabalavel, que por si mesma se demonstra, e não pode provar-se senão pela intuição e o sentimento, mas verdade de que nem

por hypothese é possivel duvidar-se. Em caso nenhum pois devêra dizer-se—Se Deos não existisse, seria mister imagina-lo.

O que viria á ser, neste caso, o culto que se lhe rende, senão uma impostura de convenção, que só teria por fim refrear as paixões das classes menos illustradas para conhecê-la? E demais, seria possivel mante-la por muito tempo, sem que ella fosse pouco á pouco sendo conhecida? E neste caso, o que aproveitaria mais ella? Os illudidos cahirião então no extremo opposto, e aconteceria o mesmo que em 1789, cujo delirio irreligioso chegou ao ponto que se sabe.

A religião deve manter-se porque ella é um dever do homem para com o seu creador e bemfeitor, porque nos ensina santas verdades, porque tende á corrigir os nossos vicios e á fraternizar todos os homens pelo laço do amor e da caridade, e porque emfim é um balsamo consolador nos transes amargos da vida. E se ella é um dever, é como tal que deve ser pregada e sustentada.

Cumpre porem expurga-la de tudo quanto é erro, impostura e abuso, porque só assim ella se poderá sustentar contra o espirito pharisaico do seculo e tornar-se por fim bemquista de todos. Mas isto só se conseguirá com uma reforma completa do clero e a revisão de muitas praticas relativas á disciplina da Igreja.

Só assim haverá esperança de ver a Igreja

congrassada com o Estado e restabelecido o ensino religioso na educação da mocidade, como base da verdadeira moral.

MEDITAÇÃO XLIX.

Temos de novo um barbaro á dispor do imperio do Occidente em favor de Glycerio; mas ja de muito os imperadores do Oriente exercião nelle uma autoridade tutelar, que, depois da queda do imperio ostrogodo na Italia, converteo-se propriamente em delegação, sob o titulo de vice-reino ou exarchado de Ravenna.

Em consequencia disto, Leão I, do Oriente, irritado porque um principe burguinhão houvesse disposto do throno do Occidente, sem que elle nisso tivesse parte, deo o imperio á Julio Nepote; e Glycerio vê-se obrigado á renunciar a purpura e á contentar-se com o bispado de Salona.

Dous annos depois o patricio Orestes desthrona a Julio Nepote, e da-lhe por successor a seu filho Romulo Augusto, com o qual expira, no anno seguinte, o imperio do Occidente. E esta coincidencia homonyma dos dous primeiros soberanos de Roma e do ulti-

mo, á par do contraste do valor politico dos dous primeiros com este, a quem por zombaria depois chamarão Augustulo, é tal que desperta naturalmente a attenção e faz crer que ahi andou o proposito formal da Providencia.

Assim originou-se; assim constituio-se; assim permaneceo e assim deixou de existir o mais colossal imperio que homens ja formarão, depois de ter sugeitado ao seu dominio civilisador todos os outros povos conhecidos, que á final se rebellarão contra a sua autoridade praternal e forão com elle envolvidos no cataclysma da invasão barbaresca.

Mil duzentos e vinte e nove annos durou elle, ora sob a forma monarchica, temperada pela autoridade do senado, ora sob a forma republicana. Nenhum outro povo deo o exemplo de virtudes tão magnanimas nem de vicios tão torpes. O pudor de Lucrecia abrio praça ao impudor de Messalina; o patriotismo de Scevola á impia ambição de Sylla e Mario; a honradez de Fabricio á improbidade de Cepião; a pobreza de Cincinato ao regio fausto de Sallustio e Lucullo; o amor da liberdade de Bruto ao servilismo do senado, e a abolição dos sacrificios humanos, imposta aos Carthaginezes, ao cruento espectaculo dos circos.

Nada obstante, não ha negar que foi Roma a grande civilisadora do mundo. Aonde ella chegava, implantava logo a sua civilisação:

estradas e pontes magnificas, para facilitarem o transito e a communicação com os outros povos; canaes, diques, novas cidades, dessecamento de pantanos, postos militares, estabelecidos para o serviço dos correios, abolição de usos e praticas barbaras, e a introducção das suas leis, admiraveis em tudo quanto não respeitava aos escravos.

Mas ella havia cumprido a sua missão providencial; o mundo ja era outro; os povos sentião-se em via de regeneração; um novo mundo lhes surgira, desde que o christianismo lhes revelara o destino do homem. E quando Deos vê cumpridos os seus decretos na terra, dispensa logo a aquelles de quem se servio para seus agentes, sejão homens ou povos.

Assim, Roma, a gentilica, a peccadora illustre, tomada e saqueada por um barbaro Herulo, vê extingir-se esse fraco imperio do Occidente, que ainda era a sombra de todas as suas grandezas passadas. Ao imperio succede o reino d' Italia, fundado por Odoacro. Augustulo vai viver na Campania, comendo satisfeito as seis mil libras d' ouro de renda que lhe assigna o vencedor.

Não acompanharemos a historia do reino d' Italia, que dos Herulos passou aos Ostrogodos e destes aos imperadores do Oriente. Quando emprehendemos estes estudos historicos, foi com intenção de limita-los á historia romana, e, depois de findo o imperio do Occi-

dente, cingirmo-nos unicamente á historia de Roma, acompanhando-a em todas as suas vicissitudes.

Na luta que se seguio entre os imperadores gregos e os Ostrogodos, senhores da Italia, Roma foi successivamente presa de uns e outros, sendo tomada de assalto por Theodorico, Vitiges, Belisario e duas vezes por Totila, que é o primeiro que levanta contra ella a mão sacrilega, mandando-lhe arrazar as muralhas.

Comprehendia ella então, alem dos sete montes conhecidos, mais cinco, á saber, o Janiculo, o Celio, o Testaceo, o Citorio e o Pincio.

Roma era então a cidade mais populosa e magnifica que talvez houvesse existido, apezar do que de outras diz Herodoto. Sobre este ponto porem difficil se torna conciliar a tradição historica, que lhe dá não sei quantos milhões de habitantes, com o que se lê em Plutarcho.

Não ha duvida que Roma, nos ultimos tempos da republica, ja era uma grande e sumptuosa cidade; mas, admittindo-se que ella, durante o imperio, houvesse tido tão grande incremento, que chegasse ao triplo do que era d' antes, ainda assim, este prodigioso crescimento não justifica a enorme população que se lhe suppõe; porquanto diz aquelle historiador, *Vida* de Cesar, Capitulo IV, que mandando o dictador, ao voltar da sua expedição d' Africa, proceder ao recenseamento

da cidade, achou-o reduzido á cento e trinta mil almas, de tresentas e vinte mil que dera o ultimo censo: o que elle Plutarcho, nas suas reflexões, judiciosamente attribue aos perniciosos effeitos da assoladora guerra civil que assignalara o ultimo periodo da republica.

Ora, aceitando-se aquelle primeiro censo por base, temos que, triplicado elle, dá em resultado uma população de cerca de um milhão de habitantes, numero infinitamente inferior ao que lhe dá a exageração dos admiradores, que chega á attribuir-lhe cerca de sete milhões.

Roma era, sim, uma cidade immensa, em consequencia dos vastos edificios com que a dotarão os imperadores, como, thermas, aqueductos, mausoleos, arcos de triumpho, paços imperiaes; edificios que, todos elles, requerião extraordinario espaço; mas não se julgue da população por esta extensissima area, cuja terça parte era occupada por estes e outros monumentos, por amplas praças, jardins e outros lugares de recreio.

Da luta acerrima que na Italia travarão os Barbaros com os imperadores ou estes com elles, data a decadencia e ruina da veneranda cidade, a quem Byron chamou a *Niobe das Nações;* e aquella de cujo diadema imperial era cada gemma uma corôa conquistada, aquella que avassalara todo o mundo, via-se agora reduzida á cingir uma simples corôa ducal, dependente dos exarchas !

Agora vai aqui manifestar-se uma revolução de que ninguem até ahi tivera consciencia e ninguem soubera entrever no meio de successos tão varios e desencontrados, que, entretanto, dispostos e encaminhados pela Providencia, tendião concordes á um fim maravilhoso. Agora vai-se ver que, quando o principe dos Apostolos escolheo Roma, de preferencia, para ahi ensinar a nova doutrina e fazer della a cidade do espirito, não foi nisto guiado, nem por inspiração propria, nem pela cega casualidade, mas por vontade do Altissimo, que, depois de ter feito de Roma a capital do mundo pagão, com o fim de preparar por este meio os animos para a redempção, quiz, chegado o tempo, faze-la a capital do mundo catholico, despojando-a da sua corôa temporal, para dar-lhe a espiritual.

É a autoridade pontificia que agora surge para libertar-se da caduca dependencia do imperio grego, e depois, da dos Lombardos, mediante a ajuda dos reis francos, sob cujo protectorado ficou Roma e suas dependencias, como feudo do imperio, de quem os papas se reconhecião vassallos. Não durou porem isto muito tempo, pois, por morte de Carlos Magno, o soberano poder foi ora exercido pelos papas, ora por certos senhores, pertencentes á familias nobres e poderosas, e ora pelos imperadores, até que, durante o longo interregno que se seguio á morte de Conrado IV, a Santa Sé tornou-se definitiva-

mente independente e começarão os papas á exercer livremente a soberania temporal, no pleno gozo dos territorios que lhes havião sido doados. Entretanto, como até esta epocha Roma não fôra mais do que a residencia dos papas, e deixara de ser comprehendida nas doações feitas á Santa Sé, pode-se dizer que a soberania della houverão-na os Pontifices Romanos de Deos, pois que nenhum poder da terra tinha á ella um direito incontestavel.

MEDITAÇÃO L.

Erão dous mimosos d'Euterpe. A Musa os bafejara com particular amor, desde o primeiro instante em que elles palpitarão no seio materno: um, filho louro da nebulosa Gemania, em cujos olhos azues o ceo se retratava; outro, filho da terra da Vera-Cruz; queimado como um Numida; olhos negros, com os da vibora; cabellos crespos, como a superfice do lago, quando as auras o frisão.

Erão dous genios, nascidos em condições diversas, mui longe um do outro, que o capricho do accaso levara á encontrarem-se, para um repto artistico.

O astro silencioso da noite argentava ceos e terra. Os viventes resistião ao somno, para renderem culto á placida e benefica Deosa que os fazia gozar de espectaculo tão bello! e lhes coava nos membros um quebramento delicioso.

Estavamos n'um valle tapetado de verde e

macia relva, que se prestava o mais possivel á maravilhosos effeitos acusticos.

Ficamos todos sobresaltados com os sons maviosos de uma flauta que veio quebrar o silencio dominante. Este instrumento, tão simples, e o mais antigo de todos, parece ter sido inventado para ouvir-se á deshoras. É então que as queixas da nympha á cuja metamorphose deve elle o ser se fazem sentir mais tocantes e plangentes.

Os sons se reproduzião por aquellas concavidades, como se forão gnomos travessos que surgião da terra, e produzião depois um echo encantador. Era o mulato brasileiro que tangia o pastoril instrumento e lhe arrancava preludios desconhecidos, como se forão as entranhas ainda palpitantes de Sirynga, no acto da fatal transformação.

A musica tem duas potencias diversas, uma para agitar, outra para serenar e dominar; a primeira gera n' alma um estado de commoção e abalo, que, se não fosse passageiro, causaria o desarranjo mental ou a morte, como ás vezes acontece, quando a alma é sorprendida por uma paixão violenta; a segunda obra como um tonico, como um calmante reparador, como uma varinha de condão, á cujo toque magico cessa toda aquella agitação perigosa e o espirito entra no seu estado normal, conservando unicamente as delicias tranquillas e extaticas que se seguem ao mystico furor da exaltação.

O flautista se mostrava cadavez mais inspirado; e os ouvintes, silenciosos, indicavão por manifestações naturaes o seu agrado e prazer, sem comtudo chegarem ao enthusiasmo e ao delirio, porque os sons maviosos da flauta forão mais feitos para o ouvido do que para a alma, em cujos adytos se perdem esmorecidos, sem ousarem penetrar-lhe no sanctuario. Este privilegio só pertence aos instrumentos de corda de tripa e mais particularmente aos de palheta, em que o sôpro se combina com a cana, para produzir justamente a voz humana; e mais que nenhum delles, o incomparavel instrumento inventado por Christovão Denner.

Eis se não quando, da parte opposta á aquella d' onde partião os sons da saudosa flauta, em uma pausa que fizera o flautista, ouve-se uma jaculatoria de novos sons, que operão nos ouvintes o mesmo sobresalto que produzião os cistros nos flamines de Cybelle.

Calou-se a flauta. Chegara tambem a vez de ser o flautista arrastado por aquella torrente de melodias seraphicas, que se escapão dos concertos celestes e vem perder se na terra, onde Deos os conserva por amor dos homens.

Estes sons, potencias invisiveis! como podem elles ser o effeito de leis physicas casuaes, combinadas pela arte? Não; só Deos, Deos unicamente seria capaz de crear semelhantes leis, e fazer de um pedaço de pao

ouco, tangido pelo genio do homem, um agente sobrenatural, capaz de abalar a alma pelas suas raizes, como agita o temporal os abysmos do oceano.

O louro filho da Germania, iniciado, por dom commum aos naturaes do seu paiz, em todas as harmonias e segredos musicaes, como que sentira o seu amor proprio estimulado com o desafio que, sem o saber, lhe fizera o mestiço brasileiro, corrêra á casa e trouxera o instrumento querido dos Teutões, instrumento rude e ingrato para quem lhe ignora os mysterios, de uma difficuldade desanimadora, mas unico, divino, incomparavel, para quem o conhece e domestica, subordinando-o ao encanto cabalistico do genio.

Nunca no tubo de um instrumento de sopro forão jaculados caprichos tão originaes e phantasticos. Dir-se-ia que a alma material da clarineta se convertêra na mais sensivel e apaixonada alma espiritual, origem espontanea de todas aquellas melodias.

Fecunda Allemanha, só á ti e á Italia concedeo a natureza o segredo da arte eximia da musica!

Os ouvintes estavão debaixo da energica influencia da primeira impressão. Os peitos arfavão; a alma parecia querer-lhes escapar, como para fugir aos fortes repellões que a agitavão. Bravo! Bravo! gritarão todos, e um estrepito de palmas seguio-se á esta manifestação vocal.

O Germano, vendo-se tão estrondosamente applaudido, sentio escandecer-se-lhe o estro e parecia ter communicado ao instrumento o dom de exprimir-se por si mesmo.

Cada forame era um jorro d' onde partião farpas deliciosas, que ião certeiras ao amago dos corações. As notas desprendião-se como se fossem effluvios emanados do calice de uma flor. A doçura dos sons, a riqueza dos improvisos, tudo era condigno da nacionalidade do artista.

Meu Deos, porque me não deste o genio das bellas artes ! Que celeste jubilo não devem gozar aquelles que o possuem, quando produzem as suas obras primas e vêem o enthusiasmo das turbas que os applaudem!

Á febricitação succedera o estado d' extase. Ninguem mais tugia. As frontes inclinarão-se sobre os peitos. Todos parecião ceder ao narcotismo. Era uma sensação de meia embriaguez e meio envenenamento, em que o systema nervoso soffria toda a passividade e só elle a transmittia á alma.

Calou-se o insigne artista, e quando pudemos tornar á nós, involuntariamente nos encaminhamos ao lugar d' onde elle derramara aquellas fluencias de melodia, aquelles caprichos sem nome, que o seu genio inspirado convertera em sons. Quando la chegamos, chegava tambem o flautista, vindo de outro ponto, trazendo na mão uma coroa d' hervas e flores sylvestres.

O protegido das Musas estava sentado em um penhasco á beira do valle, e laborava ainda por libertar-se das ultimas pressões do *Deus* que o dominara. O flautista chegou-se á elle, e, pondo-lhe a corôa na cabeça, disse-lhe: Mestre, eu me confesso vencido! É um erro suppor-se que os filhos das regiões abrazadas e ridentes tem mais ardor no sentimento e mais phantasia na concepção. Nunca na minha vida esquecerei esta noite sem igual, cujas delicias eu não trocaria pelas dos numes! Recebei, como despojos do vosso triumpho, esta humilde flauta, que eu não ousarei mais tanger, depois de vos ter ouvido.

Não, senhor, respondeu-lhe o filho da Germania, guardai-a, que bem a mereceis. Eu mesmo hoje desconheci-me, e foi a vossa flauta que m' inspirou. Eu ainda não havia reptado com um competidor da vossa igualha!

MEDITAÇÃO LI.

Em um dos Circulos do antigo imperio germanico, havia um castellão, dos mais nobres e opulentos que compunhão a côrte do principe: caracter tão duro de nascença, como por effeito dos habitos feudaes.

Nessa residencia do egoismo e do orgulho, não havia, agazalho para o forasteiro, uma esmola para o pobre, uma palavra de consolo para os que soffrião, nem justiça para com os dependentes. No meio porem desta rudez semibarbara, nascera e medrava um ente angelico, como a madresilva entre espinhos e a giesta entre os cardos. Era a futura successora e unica herdeira desse solar tão temido de todos que o visinhavão.

Edwiges era o unico ser a quem os pais havião amado, não pelo muito que ella valia, em razão dos seus dotes, mas porque nella vião a futura representante dos seus foros e titulos heraldicos: tão imcompativel é a soberba e o orgulho com os doces e generosos senti-

mentos que a natureza imprimio no coração humano!

Edwiges chegara á interessante idade em que a menina de dia para dia vai se transformando em mulher e ja cora de confusão e de enleio: idade encantadora, em que a mulher entra, como rainha, na quadra dos amores.

Pretenderão-na logo varios morgados, futuros herdeiros de margraves e landgraves; mas ella, destinada para fins mais elevados, ia sempre adiando as instantes solicitações dos pretendentes, fiada na tolerancia dos pais, porque a piedosa creatura não nascera para o amor de uma só familia, nascera para o amor da familia universal, instituida por Christo, mediante a palavra e o exemplo: amor sublime! amor divino! a que nenhum outro iguala em virtudes, por isso que só elle se funda no amor de Deos.

A juventude, que outras empregão em frivolos prazeres, empregava-a ella em obras como as que se seguem.

Os valiosos mimos com que, no seu natalicio, a brindavão, os pais, parentes e estranhos, ella os convertia occultamente em dinheiro, por intermedio do mordomo da casa, e guardava o producto em dous cofres distinctos, pelos quaes o dividia igualmente.

Por isto a suppunhão avara aquelles que menos a conhecião e ignoravão o segredo dos seus actos, porque os homens, geralmente

dispostos ao mal, difficilmente acreditão no bem, e quando são forçados á reconhece-lo, sempre procurão desvirtua-lo, attribuindo-o á sentimentos menos honrosos e á interesses inconfessaveis, entretanto que, podendo elles fazer o mesmo, o não fazem.

O dinheiro de um dos cofres soffria todos os mezes um refluxo que ás vezes o deixava em sêcco, e qual a causa disto só ella o sabia.

O medico da casa, vendo-a tão delicada e mimosa, aconselhava que a deixassem dar longos passeios; e ella, aproveitando-se desta faculdade, sahia frequentes vezes ao amanhecer, acompanhada de um rafeiro que se lh' affeiçoara em extremo.

Leve como corça, vião-na summir-se entre as sebes, depois surgir alem, ao trepar uma collina, e desapparecer de novo ao desce-la.

Hoje é uma numerosa familia de servos a quem mina a indigencia que della recebe o pão de dous mezes e com que vestir a sua completa nudez, e mais que tudo isto, palavras consoladoras, emanadas de um coração singelo, que transmitte aos labios, puro e incorrupto, todo o amor que nelle nasce, sem preparo, sem estudo, sem cogitação, sem atavios.

Amanhan é uma virgem, orphan de pai e mãi, criada á suas expensas, á quem ella faz um modesto dote, para poder consorciar-se ao eleito do seu coração.

Agora é uma consternada esposa, mãi de familias, cujo chefe jaz em uma das masmorras do castello, por se ter atrazado nos seus pagamentos, á quem ella vai levar dinheiro bastante para remir a divida e as suas necessidades de um mez.

Logo é uma galante menina, que, sendo engeitada no castello, de la fôra repellida, e a quem ella mandara criar ás occultas, com quem vai repartir as suas deliciosas caricias, afogando-a de abraços e beijos, como se fôra uma verdadeira mãi.

Como estes, todos os outros actos desse anjo de amor e caridade, que fugia dos palacios, para exercitar as suas virtudes, na malhada do pastor, no tugurio do camponez, no pardieiro do mendigo.

Quando ella voltava, era sempre tão alegre, tão satisfeita, com a consciencia do bem que fizera, que sorria involuntariamente á todos quantos encontrava.

Nas suas orações, á noite, ella sempre invocava o perdão de Deos para as culpas paternas, para as suas e as de todos os peccadores; e para ser mais efficaz a sua supplica, sempre a dirigia ao throno do Altissimo, invocando a intercessão de sua Mãi Santissima.

Entretanto Edwiges completara vinte annos e força lhe era tomar estado. Quando as cousas chegarão á este ponto, uma grande tristeza se apoderou della, vendo que a ião roubar aos innocentes gostos da sua vocação, ao seu

unico bem estar, só por amor da vaidade dos homens, que não permittia á herdeira de um grande senhor deixar de casar-se, para perpetuar a successão da casa e a representação da familia ou antes do seu chefe.

Nestas circunstancias, quantas vezes lamentou ella não ter antes nascido n'uma cabana! Não teria riqueza, para matar a fome e vestir a nudez, mas teria livre o seu amor para o repartir com os infelizes. Não o quiz porem assim a fortuna, e agora o que lhe cumpria era resignar-se com a sua sorte e tirar della o melhor partido possivel em prol dos seus protegidos.

Alguma cousa passou-se entre ella e o mordomo da casa, com quem mais de uma vez fallou em segredo; e quanto á escolha do seu futuro esposo, deixou-a á arbitrio dos pais, com a unica condição de que a joia nupcial lhe seria dada depois do casamento e á sua escolha.

Por acaso recahio a preferencia naquelle dos pretendentes que mais amava a Edwiges, o qual da melhor vontade annuio á condição proposta. Era elle o filho segundo do fronteiro mor do Circulo, e por conseguinte do senhor mais poderoso delle.

Julgava-se no castello (e provavelmente isto influio no calculo dos pretendentes) que Edwiges ja possuia de seus alfinetes uma fortuna consideravel, consistente nos mimos que todos os annos lhe erão feitos, por occasião do seu anniversario.

Chegou finalmente o dia das bodas, e tão magnifica foi a festa que para ellas se preparara no castello, que o proprio principe a honrou com a sua presença. Quando a noiva, ja antes pallida e abatida, foi conduzida ao altar, quasi que desfallecera. Confortou-a porem a esperança de que o seu novo estado não a impediria de todo de continuar a sua missão evangelica.

Terminado o sacramento, começarão os folgares, que durarão tres dias consecutivos, e nos quaes tambem tiverão a sua pequena parte, graças á boa vontade d' Edwiges, os villões e aldeões enfeudados ao castello. Houve uma hecatombe de gado e aves de toda a especie, para regalar os festeiros, e as adegas se esvasiarão.

Depois de finda a festa e que se retirarão os convidados, foi que, tornando a familia á sua vida intima e privada, teve Edwiges que enunciar a sua escolha sobre a joia pronuba. Esperavão todos que ella escolhesse alguma custosa frioleira, propria do seu sexo e idade; mas ella, illudindo a espectação geral, preferio escolher uma obra pia, que foi a liberdade dos servos nos futuros dominios do esposo.

Os pais, contrariados, ião impugnar-lhe o pedido, quando Gonthram atalhou com manifesta satisfação, declarando que annuia á elle. E quando os castellões, julgando contrabalançar esta perda, appellavão para os alfinetes da filha, como um dote ja em si opi-

mo: Esses, disse ella, pertencem hoje aos pobres invalidos e ás orphans desvalidas; e apresenta os titulos de fundação de dous asylos que ella creara, mediante licença do principe e approvação do bispo da diocese.

Edwiges, apezar de mãi, continuou á ser o anjo tutelar dos engeitados da sorte, que ella adoptava como seus filhos, e neste santo encargo não descançou toda a vida.

A influencia de tanta virtude communicou-se á final aos pais, que, de duros que erão, tornarão-se compassivos e esmoleres.

Os santos e os anjos da côrte do ceo, invejando á terra a posse de creatura tão rara e peregrina em dotes, á custa de rogos, obtiverão de Deos que ella fosse chamada á gozar, quanto antes, da bemaventurança que lhe era devida.

MEDITAÇÃO LII.

Diante de uma formosa casa de campo, cujos amenos bosques e pomares não consentião que os olhos se distrahissem por muito tempo em se recrearem na belleza do sitio, estava estacionada uma bella carruagem, tirada por dous magnificos frisões.

Eis que por ahi chega um rapazinho, vindo á correr, cujo rosto indicava grande anciedade, e diz ao boleeiro: Acaso tereis de passar pela aldeia de...., que dista d'aqui tres leguas? — Sim, responde-lhe, condoido, aquelle homem, pertencente á uma classe naturalmente desaforada e pouco tratavel. Oh! ia dizendo o rapazinho comsigo, se elle me consentisse! quando sahe da casa, dirigindo-se para a carruagem, um homem de parecer duro e cenho carregado. « Senhor, lhe falla o pequeno, ides passar pela aldeia de..., para onde me dirijo ás carreiras, á ver se posso achar ainda viva e beijar a mão á minha mãi. Se me permittisseis que eu fosse até lá na vos-

sa boléa, Deos vos recompensaria tão boa acção!» Mas o homem olhou para o rapazinho com um ar de soberano desprezo e indifferença, e sem dar-lhe resposta, entrou na carruagem, e os cavallos partirão á galope.

Ao passar por uma ribeira, vio o boleeiro uma criança que se afogava, a qual facilmente podia ser salva, e saltando do carro, ia praticar este dever de humanidade; mas o amo, enraivecido, brada-lhe de dentro: Que te importa á ti a criança que se afoga? É ella que te paga os teus salarios? e o cocheiro, afastando os olhos daquelle triste espectaculo, tomou o seu lugar, e os cavallos continuarão no mesmo passo.

N' outro sitio, atravessa-se adiante um sexagenario, todo esfarrapado, com tres filhinhos, roxos de frio, á cambalearem de fome, e estendendo a mão, supplice, implora uma esmola. O conductor parou o carro, para não atropellar aquelles infelizes; mas o ricaço, que não sabia o que era miseria nem frio, gritou-lhe que seguisse; e os desgraçados mendigos tiverão que afastar-se mais depressa do que lhe permittião as forças, para não serem esmagados debaixo das patas dos cavallos.

Agora é uma pobre camponeza, cuja casa ardia, á beira da estrada, em ausencia do marido, que roga ao opulento viandante que deixe o seu criado ajuda-la á salvar alguns moveis e objectos do incendio; mas elle lhe não dá ouvidos, e a desgraçada fica só a luctar com

o furioso elemento, em risco de ser victima delle.

Havia adiante um campo aberto, semeado de pão, que era toda a esperança de um pobre lavrador. O trigo ja estava todo espigado, e este pequeno mar de verdura, matizado de papoulas e margaridas, era o namoro das brizas que por ahi brincavão. Passando-se por elle, conseguia-se abreviar um pouco o caminho que levava a estrada, e o nosso homem não poz duvida em mandar seguir pelo campo.

Chegou á uma pequena cidade e foi apear-se n' uma hospedaria, para tomar alguma refeição. A dona da casa era uma bella e amavel burgueza, viuva de vinte annos e sem filhos. Estava sobre a mesa da sala um papel e junto um tinteiro. Isto chamou a attenção do nosso conhecido, que, approximando-se da mesa, lançou um olhar sobre o papel. Era uma subscripção aberta em favor de outra viuva, carregada de filhos, que bem o merecia. Fôra ella a mulher de um honrado mechanico, que consumira a vida mais occupado do bem dos outros do que do seu, e por isso legara a miseria á sua familia, como sempre acontece aos bemfeitores da humanidade.

Assim que o curioso vio que se tratava de dar dinheiro, afastou-se da mesa e poz-se á passeiar. Persuadida a hospedeira que era elle algum homem rico e generoso, pelo que incul-

cava o seu tratamento, dirigio-lhe a palavra, dizendo-lhe: Foi Deos que aqui vos trouxe, senhor, para vos dar occasião de praticardes mais uma bella obra, distribuindo um pouco do muito que vos sobra, para matardes a fome dessa honrada familia. Estas palavras, ditas por uma bella moça, á quem todo o homem, dotado de certos sentimentos, deseja naturalmente agradar, parece que deverão prometter uma larga esmola; mas o homem á quem ellas forão amavelmente dirigidas respondeo com dureza que elle não dava esmolas e nem tambem as recebia.

Tres horas depois entrou elle n' uma ruidosa cidade, onde tudo era movimento e todos se occupavão de commercio e de adquirir dinheiro, unico meio pelo qual hoje tudo se consegue.

Para aquelles que amão as crenças d' outr' ora, que vão desapparecendo de dia para dia, ou ja desapparecerão de todo, eu não conheço um espectaculo mais contristador do que estes grandes focos da civilisação actual, onde não se acredita mais em Deos, na sua santa doutrina, na Providencia, que dá o pão quotidiano, em almas pias e bemfazejas, em corações nobres e generosos, nas paixões sublimes, que fazem a poesia da vida, e onde tudo é descrença, desamor, calculo e interesse, a que chamão positivismo e progresso.

Os meninos ja nascem hoje, repetindo certas phrases vans e pedantescas da geração

moderna, com que entendem dizer muita cousa, nada dizendo, como, por exemplo: « Mocidade, o futuro vos pertence! — Avante! avante! — O trabalho nobilita o homem. — A imprensa é a alavanca do progresso. — O tempo é dinheiro. — Acabarão-se os milagres; hoje tudo se explica pelo resultado das leis physicas; » e outras equivalentes. Entretanto, o certo é que o homem não é hoje mais feliz do que o era d'antes e que, se esse decantado progresso trouxe certos bens, tambem é a causa de enormes males, pelas suas inevitaveis consequencias: do que sirvão de exemplo os factos, ainda frescos, praticados pela communa parisiense.

Dizem que o pensamento vive, e eu digo que a alma é morta. Não ha mais futuro nem esperança; ha só presente e desengano, porque os homens querem mudar a obra de Deos e desconhecem as suas santas leis. Recusão acreditar no que elle ensina; negão-lhe fé; riem da esperança e zombão da caridade!

Ide por diante, livres-pensadores! Fazei dos homens uns brutos furiosos, sem Deos nem lei que os contenha! Destrui tudo quanto Deos destinou para a vossa felicidade! Chamai a isto progresso e applaudi-vos! Mas qual é o vosso Deos? Enchei com elle o vacuo que offerece a vossa philosophia. Não o podeis, não é assim? Oh! e podeis julgar-vos felizes com uma vida sem principio, sem meio nem fim moral? A quem amareis, como o vosso

creador e bemfeitor? Á quem dareis conta das vossas acções? Quem vos inspirará o amor do bem? Quem vos consolará, quando soffrerdes as injustiças dos homens? Quem premiará as vossas virtudes? A que fim aspirareis que seja digno do homem? E é com uma vida destas que tanto vos ensoberbeceis? E é este o vosso progresso? Impiedade! delirio e impostura!

Rodava o nosso homem por uma rua magnifica de opulencias, sem dar ouvidos aos miseros que lhe pedião uma esmola. Encaminhava-se á Bolsa, onde apeou-se com um semblante ja outro, risonho e cheio de aprazeres, porque ahi ja tratava com os seus iguaes, em fortuna, em sentimentos e habitos. Mal elle entrara, logo se vio cercado de corretores e agentes que lhe ião dar conta de certos negocios de que elle os incumbira. Os lucros da semana erão pingues, e comtudo nada era capaz de estancar a auricidia do nosso especulador. Ia fazer-se um grande leilão de salvados, em que era concurrente um estabelecimento de caridade, que nesse negocio muito teria de lucrar. Ao saber-se disto na Bolsa, facil foi remover todos os outros concurrentes, entre os quaes se contavão não poucos agiotas, de coração endurecido: não porque elles amassem a caridade, mas porque se temião de incorrer no odio do publico. Só o nosso homem foi indifferente á uma e outra consideração, porque estava persuadido de que o

dinheiro tudo pode affrontar impunemente e triumphante; e esmagando com o primeiro lanço a pia e modesta competidora, foi-lhe entregue o ramo, que elle atirou ao chão.

Quereis saber quem era este homem odioso, que parecia zombar de Deos e dos homens? era um egoista, caracter hoje muito vulgar e dominante. E sabeis o que é um egoista? É um monstro de insensibilidade moral, incapaz de uma só acção boa; um miseravel que julga que a humanidade é só elle e que o sol só foi feito para elle; um filho das ideias deste seculo, que tudo tem devastado no seu furacão revolucionario, más e boas doutrinas, e ameaça bestializar os homens, extinguindo nelles o amor de Deos e do proximo!

FIM.

ERRATA.

Erros.	Paginas.	Linhas, subindo.	Emendas.
creaçao	12	17	creação
por si só;	13	21	por si só,
terramotos	15	13	terremotos
devergentes	25	13	divergentes
semplices	26	29	simples
simpleces	39	8	simples
a sua sorte	45	2	a sorte do homem
canhonheio	46	5	canhoneio
inperial	47	7	imperial
outro tanto	48	21	outrotanto
ffeeitos	51	2	effeitos
eleijão	55	15	aleijão
devirgencia	57	12	divergencia
doto	58	3	dote
é a	62	29	é á
Shah Nadir	72	28	Schah Nadir
lybicos	81	5	libycos
nns	104	1	uns
paralello	109	10	parallelo
condemma	110	2	condemna
dominado, de	132	12	dominado de
Bouogne	164	1	Boulogne
a isto	165	29	á isto
aiargar	169	18	alargar

Erros.	Pagidas.	Linhas.	Emendas.
representar á	170	26	representar a
porque	170	9	por que
compromettidos polilicos	171	8	compromettidos politicos
salvas	171	25	salvo
como revela	172	8	como o revela
Orlens	182	2	Orleans
consciencia	191	18	consciencia,
a si	193	6	á si
Uuns	198	10	Uns
gão duque	205	12	grão-duque
a má sorte	231	13	a sua sorte
e não se sabe quantas mais	246	10	e não sei mais quantas
longuiquos	246	30	longinquos
materna	255	31	materia
prelaros proceres	269	9	preclaros proceres
por que	283	18	porque
indiferença	283	5	indifferença
honoraficas	291	14	honorificas
vultada	293	15	avultada
immundicie	296	14	immnndicia
a mão	301	19	amão
plocama	312	10	proclama
dominador da situação	313	27	senhor da situação
e nos seis raios divergentes	316	8	e nos sete raios divergentes
á quem	316	26	a quem
pratição	317	27	praticão
Indo Imperador	317	6	Indo o Imperador
drovincia	324	4	provincia
capoudan-pacha	333	3	capoudan-pachá
Dividade	339	23	Divindade
penições	340	3	punições
onoroso	359	11	oneroso
terramotos	364	9	terremotos

Erros.	Paginas.	Linhas.	Emendas.
Em quanto	369	32	Emquanto
a quem	380	20	á quem
se ha	386	23	se-á
apophtegma	386	18	apophthegma
salvas	406	24	salvo
ver-se á	406	19	ver-se-á
coup-de-graçe	407	15	*coup-de-grace*
quando, muito	426	21	quando muito,
diga se	437	12	diga-se
o clero catholico, em geral, quando não pecca	442	29	quando o clero catholico, em geral, não pecca
praternal	448	20	paternal
Gemania	455	17	Germania
com os	455	14	como os

Alem dos erros aqui apontados, muitos me devem ter escapado nesta ERRATA, os quaes deixo ao cuidado do leitor.

L-02
C-04

C/0021